Lisboa Antiga

JULIO DE CASTILHO

Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

Consideravelmente accrescentada

LISBOA

Antiga Casa BERTRAND — JOSÉ BASTOS

73 — Rua Garrett — 75

1904

A Exma Senhora
D. Josephina C. de Ordaz
como homenagem de muita
estima e grata amisade
respeitosa

O autor

Lumiar
12 de Maio
de 1904

LISBOA ANTIGA

Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

Consideravelmente accrescentada

LISBOA

Antiga Casa BERTRAND — JOSÉ BASTOS

73 — Rua Garrett — 75

1903

Typographia da Companhia "A Editora„ — Largo do Conde Barão, 50

O BAIRRO ALTO

DE

LISBOA

VOLUME IV

CAPITULO I

A egreja de S. Roque fazia esquina para a rua *da Torre de S. Roque,* e a esta seguia-se o largo *de S. Pedro de Alcantara.* Essas duas denominações foram encorporadas na de *rua de S. Pedro de Alcantara,* por edital do 1.º de Setembro de 1859.

Apesar de estar dito muito acerca d'esse sitio nos ultimos capitulos do volume antecedente, ainda temos que ver... e que devanear.

*

Passado o palacio Lumiares, de que tratei a paginas 306 e seguintes do meu volume I, encontra-se na outra esquina da travessa *da Boa Hora,* chegando até á *da Cara,* um grande e bello edificio, com todo o caracter de construcção nobre urbana do reinado do senhor D. João V. E' obra de mestre, está-se a ver: o celebre Ludovice, architecto de Ma-ra, de quem muito bem tratou, pelo

lado genealogico, o erudito Visconde de Sanches de Baêna.

A data de 1747 esculpida na frontaria oriental remonta o predio a oito annos antes do terremoto, ao qual conseguiu resistir, como as immediações proximas.

Ahi esteve em 1830 o quartel da Guarda Real da Policia (1), e em 1810 estava a officina da impressão da Bulla (2).

Este palacio era geralmente conhecido como *palacio do Frederico* (nome do dono e edificador).

*

Como ahi acabamos de ver o quartel da Guarda Real da Policia, duas palavras (apenas).

Calcúlo como seria a Policia em tempos muito remotos: um desamparo. Sem querer remontar alto de mais, isto é ás eras (quasi pre-historicas para nós), em que todos deviam andar armados, em que os odios das familias poderosas lhes acarretavam verdadeiras guerras de castello para castello, de quinta para quinta, desavenças de que o *Livro velho das linhagens*, o *Nobiliario* chamado *do Conde D. Pedro*, e outros tombos, conservaram vestigios, direi que se me figura ter sido a França quem deu

(1) Informação do nosso sempre lembrado, venerado, e querido amigo, o bom Major Francisco Zacharias Ferreira de Araujo, pae do nosso antigo amigo, e escriptor já illustre e consultavel, Francisco Zacharias Ferreira de Araujo da Costa Aça (Zacharias de Aça).

(2) *Gazeta* n.º 159, de 4 de Julho de 1810.

o alamiré no aperfeiçoamento (ou antes na creação) de um systema policial urbano. Parece que o genio de Carlos Magno entreviu no assumpto o que quer que fosse; mas isso não importa aqui. Tambem não me referirei ao tempo em que o Preboste *(Prévòt)* de Paris concentrava na sua mão muitos ramos da ordem publica, e superintendia nas companhias de quadrilheiros a quem competia a guarda das tenebrosas ruas, tão a miude infestadas de assassinos e ladrões.

Quando no seculo XVII se creou o alto cargo de Tenente geral da Policia *(Lieutenant général)*, foi Gabriel Nicolau, Senhor de la Reynie (ou Reinie), homem nobre e conceituado, magistrado honesto e trabalhador, o encarregado da instauração do pesado officio. Deveu-se-lhe muito; e, tendo que luctar com as fainas da iniciativa, sem exemplos que o encaminhassem, e obrigado a contrastar a influencia dos nobres, então desordeiros por indole e altivez, deixou este homem incançavel (como os proprios Francezes o denominam) ligado o seu nome a varios regulamentos de reconhecida utilidade.

Entre outras coisas, creou o *guêt,* ronda nocturna, prohibiu aos creados de libré das casas senhorís o uso até ali tolerado de porte de armas, espadins e bengalas, pois que essa classe assim armada era uma temivel milicia á ordem de patrões poderosos, e pôz por obra o principio de um singular melhoramento de interesse universal: a illuminação de muitas praças e ruas.

El-Rei Luiz XIV, que sabia apreciar os bons servidores, e os conseguia collocar onde melhor vales-

sem, estimou cordealmente este La Reinie, que ao morrer velho em 1705 era Conselheiro de Estado, e merecêra ao seu Soberano as maiores provas de affecto.

*

Entre os successores de tal funccionario menciono René de Hérault (1725, 1739), activo, energico, sagaz, mas cuja memoria ficou detestada pelo systema que inaugurou, e protegeu, da espionagem policial levada ao extremo. Tinha mil olhos com que espreitava os lares, o gyneceu, as cartas, quasi que a consciencia dos cidadãos; tinha mil garras com que os sustinha; o espião vivia de gorra com elle, tomava todas as formas; e o cadastro secreto da Policia era um canhenho negro, que maniatava a liberdade individual.

Fossem quaes fossem os seus serviços, o certo é que a exageração dos meios o prejudicou e o tornou odioso; não lhe levaram em conta o haver espalhado a illuminação, o ter dado lettreiros fixos ás serventias, o ter organisado a util rega do chão, o ter fundado, antes de mais ninguem, uma escola de veterinaria, tão proveitosa a todos; viram n'elle o chefe dos espiões, e abominaram-n-o.

*

Veio depois, desde 1754 até 1759, o bom e sabio economista Henrique Leonardo Bertin, a quem se deveram mais aperfeiçoamentos na illuminação publica.

*

Ha outro nome que por si mesmo se impõe: o de Antonio Raymundo João Gualberto Gabriel de Sartine. Nomeado em 1759, terminou a sua carreira em

1771, deixando immorredoira fama como habil funccionario. Via longe; previa tudo; creou boas leis, e punha-as em execução com bons regulamentos.

*

Emfim, foi o derradeiro Intendente Luiz Thiroux de Crosne, sujeito sizudo, prudente, zeloso, de alta valia moral e intellectual, e que, pelos seus sentimentos monarchicos mereceu as honras do martyrio á infame, á infamissima revolução. Foi executado a 29 de Abril de 1793.

*

A 17 de Fevereiro de 1800 foi creada, com attribuições amplas e novas, a Prefeitura da Policia.

Vamos agora a Portugal.

CAPITULO II

Da nossa Policia nos primitivos reinados pouco sei; mas tudo leva a crer que fosse quasi nulla. As ruas, escuras e tortuosas, viam-se infestadas de ratoneiros; e, assim como para os incendios não havia, como ha hoje, um valoroso e adextrado corpo de bombeiros, a manobrar como regimento de linha em batalha campal, assim tambem para a segurança dos cidadãos nada mais possuiamos, do que o valor pessoal d'elles, a sua prudencia, a sua previdencia, a grade, a tranca, a porta chapeada, a espada ao pé da cama, a espingarda aperrada ao canto do aposento, o apito para alarmar a visinhança, e a vella benta no Oratorio.

Sim; da propria devoção publica tiraram as auctoridades valioso auxilio. Que outra coisa foram os nichos allumiados n'este ou n'aquelle cruzeiro, n'esta ou n'aquella frontaria, n'esta ou n'aquella portaria de convento, senão o alto pensamento embrionario da illuminação municipal? N'outro capitulo desenvolverei o ponto até á saciedade, quando historiar

as porfiadas tentativas dos Governos para allumiar Lisboa.

Todos conhecemos as janellas das egrejas resguardadas de grossissimas grades, que hoje felizmente desappareceram; todos ouvimos a narração de assaltos em forma a palacios e estabelecimentos; todos nos condoemos dos ataques e roubos commettidos contra os transeuntes inermes, n'esta mesma Capital, onde hoje o gaz e a luz electrica, onde a cavallaria e a infantaria da Guarda Municipal, onde o numeroso exercito da Policia civil, e o regimento de ordenanças dos Guardas nocturnos, conseguiram dar-nos a plena seguridade dos passeios a deshoras, e tornar a Lisboa d'el-Rei D. João II verdadeiro e admiravel modelo de confiança publica.

Que esforços d'então até hoje! que diligencias! que luctas com o passado! que desenganos! mas que progresso!

A tranca da porta é instrumento tão anachronico já agora, como as thesoiras de atenazar na Inquisição, ou como o croque de dezasseis palmos nas lojas da Lisboa manuelina. Muitos estabelecimentos de modas e ourivezaria teem apenas uma vidraça grande cerrada sobre a rua, e continuam illuminados toda a noite, apesar de desertos; prova de que se pode descançar, e se descança, na auctoridade suprema, que vela por todos.

Duas palavras historicas em tão vasto assumpto; duas ao menos; e quem melhor souber (o que não será difficil) as accrescentará. São apontamentos fugitivos, que mal pude coordenar, alguns muito semsabores; outros de veras caracteristicos.

*

No tempo d'el-Rei D. Fernando o Formoso, que é o mais antigo aonde alcança o meu telescopio, já se pensava na Policia da Cidade; já havia *quadrilheiros,* isto é officiaes que intendiam directamente no policiamento da via publica.

Principiariam então? não sei dizel-o; mas como a nossa terra teve sempre o costume de imitar usos forasteiros, atrevo-me a suspeitar que esse emprego, e o seu proprio nome, nos viriam de França, onde nos torneios a turma de cavalleiros de um mesmo *esquadrão* se denominava *quadrilha* (do francez velho *quadrille), quadrella,* mais á portugueza. Segundo o *Elucidario* do douto Santa Rosa de Viterbo, quadrella, ou vintena, chamaram ao grupo de vinte visinhos encarregados de reparar determinadas porções da cerca de cidade ou villa; isso já em 1366.

Temos depois nas *Ordenações* do Reino o titulo LXXIII, que explica as attribuições dos quadrilheiros como mantenedores da policia local; e lemos:

«Em todas as cidades, villas, logares, e seus termos, haverá quadrilheiros, para que melhor se prendam os malfeitores.»

A nomeação era feita assim:

Juntavam-se em Camara os Juizes e Vereadores; tomavam o rol de todos os moradores do logar; e sobre cada vinte, que haviam de servir obrigatoriamente em quadrilha, nomeavam um Quadrilheiro,

que por tres annos os governasse. O Escrivão inscrevia-o no seu livro, e fazia-o jurar, dando-lhe a lista dos seus vinte homens. Cada qual usaria lança de dezoito palmos, e não poderia usal-a de menos de nove, sob pena de multa. O Quadrilheiro accusaria perante o Corregedor qualquer ladrão ou criminoso, e em Lisboa perante o Juiz do bairro, tendo alçada para entrar em casa de Prelados ou Fidalgos quando perseguisse os contraventores da ordem, etc.

*

Ordenou el-Rei D. Fernando, a quem acima me referi, que os quadrilheiros tivessem armas ás portas para promptamente acudirem ás brigas (1).

El-Rei D. Manuel, em seu alvará de 10 de Julho de 1521 ampliou essa providencia, e determinou que todo o official mecanico tivesse á porta da sua tenda, e casa em que vivesse, um *croque* em haste de dezasseis palmos, para acudir a qualquer arruido na rua, e que todos trabalhassem por filar os ladrões e malfeitores. Estes bichos bravos caçados a croque dão uma nota pittoresca aos costumes antigos; não a pude desprezar (2).

O mesmo Rei, sabendo que se mandavam cortar as orelhas aos ladrões (3), ordenou que se não pre-

---

(1) Cartorio da C. M. de L., Liv. 2.º d'el-Rei D. Fernando, fl. 42.

(2) Duarte Nunes do Leão, *Leis extr.* — Castilho n'uma nota do seu drama *Camões* intitulada *Policia*, refere-se a essa Lei.

(3) Cart. da C. M. de L., Liv. 2.º d'el-Rei D. Manuel, fl. 89.

gassem, como se usava, na forca, mas as enterrassem logo (1).

*

Com el-Rei D. Sebastião chegou uma providencia de subido alcance, e que deveu facilitar o exercicio policial. Achava-se em Monte mór o Soberano, quando a 6 de Outubro de 1569 determinou se dividisse Lisboa em bairros, com ministros de justiça separados (2).

*

El-Rei D. Filippe II de Portugal ordenou a divisão de Lisboa em dez bairros, com ministro criminal cada um d'elles, por alvará de 30 de Dezembro de 1605; e em carta de 3 de Outubro de 1615 estatue sobre as frequentes brigas e arruaças que se davam em Lisboa, movidas não só por gente popular, mas tambem, e talvez principalmente, pelos franchinotes da Nobreza, como n'outro capitulo demonstrarei.

*

Parece que o porte consuetudinario de armas motivava esses disturbios; por isso el-Rei D. Filippe III

---

(1) Ibid. fl. 59.

(2) Diogo Barbosa Machado — *Mem. d'el-Rei D. Seb.*, T. III, pag. 150.

por decreto de 10 de Janeiro de 1640 vedou aos cidadãos o trazerem espingardas, ou pistolas, podendo sim tel-as em casa; e mandou que os Corregedores e Juizes do crime acompanhassem cada noite as rondas dos Coroneis dos terços.

N'isso vejo eu (ou muito me engano) uma providencia de alcance politico, mascarada em determinação policial; vejo o receio de sublevação, o temor da insurreição nacional que já fermentava em Evora, em Villa-viçosa, e em Lisboa, e que, onze mezes andados, havia de explodir no memoravel 1.º de Dezembro. Portugal estorcia-se, mas lá ao longe velava na sombra o Conde-Duque.

*

O *Restaurador* não esqueceu a Policia da sua Côrte; em seu decreto de 16 de Março de 1641 manda prender os vadios, os jogadores viciosos, e embarca-os para a India. N'outro decreto de 11 de Dezembro de 1643 providenceia sobre a gatunagem e ladroagem que infestava a Capital renascida.

Nova Lei de 20 de Agosto de 1654 demarca ao certo os bairros para os juizos criminaes, declarando os mezes em que deviam ir tirar-se as devaças.

Parece que aos Juizes dos bairros não agradava o haverem de morar n'elles, limitando-se a terem ahi as suas casas de despacho (escriptorio, repartição, cartorio, secretaría, diriamos hoje). Foi-lhes determinada morada certa nos seus bairros respectivos, por decreto de 24 de Dezembro de 1665.

Talvez não fosse geralmente obedecida essa ordem, visto encontrar-se o decreto de 20 de Fevereiro de 1699 obrigando cada Juiz a habitar no seu Bairro, para o que, lhe faria dar casa o Aposentador mór.

CAPITULO III

Assumpto associado:

Pela estreiteza das antigas ruas, pela sua tortuosidade, pelos seus altibaixos, uma das difficuldades da Policia eram os atropellamentos, e os encontros forçados de dois coches ou duas liteiras, em sitios onde o recuo era extremamente penoso, e até impossivel o voltear ou tornejar. D'ahi se originavam contendas medonhas entre os lacaios de parte a parte, e até os proprios amos não lhes eram indifferentes. Da vozeria passava-se a vias de facto; e, por causa de dois coches embetesgados n'uma viella esconça, amotinava-se um bairro. As cabras da fabula achavam imitadores.

De tudo isso ha vestigios. O decreto de 13 de Setembro de 1686 manda a qualquer Juiz do civel, ou do crime, prenda quem se achar disputando sobre recuar de carroagem; e, como prevenção, logo o de 9 de Outubro do mesmo anno estatue o seguinte:

1.º — que em ladeiras recuassem os que fossem subindo;

2.º — que todos os pontos das ruas da cidade, cuja estreiteza tornasse tambem indispensavel recuar algum d'elles, fossem demarcados por pessoas praticas, e n'elles collocados pelo Senado padrões ou inscripções, que indicassem quem devia recuar n'esses pontos;

3.º — que os contraventores d'esta Lei fossem punidos com cinco annos de degredo para a Bahia, Pernambuco, ou Rio de Janeiro, e 2:000 cruzados de multa, salvo chegando a transgressão ao ponto de puxarem por armas, porque então lhes comminava as penas dos desafios.

*

E' interessante conhecer os sitios onde os referidos padrões se collocaram; vejamos:

1.º — *Na parede das casas da rua que ia da portaria do Salvador para as Escolas geraes.* Não a vejo. Na rua *do Salvador,* no predio n.ºs 26 e 28, lê-se isto:

- ANNO DE 1686 -
SVA MAGEST - ORDE
NA Q̃ OS COCHES SE
GES E LITR^{AS} Q̃ VIE
REM DA PORTARIA D
SALVAD^{RO} RECVEM P^{A}
A MESMA PARTE (1)

(1) Tratou d'esta lapide, e muito bem, assim como de alguns assumptos associados, o snr. José Maria Esteves Pereira

Na calçada *de S. Vicente,* casa da esquina meridional para a *Cruz de Santa Helena,* lê-se com algumas differenças impossiveis de reproduzir:

ANNO DE 1686
SV MAG^DE ORDENA Q̃
OS COCHES SEGES E LIT
RA^S Q̃ VIEREM DA P^TE
DE BAIXO RECVEM P^A
O LARGO DAS CAZAS DO D^OR
..... MOVZ^O DE ALBOQVERQ̃.

A continuação da mencionada rua *do Salvador,* chamada *Escolas geraes* (sem designação de *rua* ou *travessa*) foi alargada ha annos, á custa dos dormitorios do mosteiro das Dominicanas do Salvador.

2.º — *Junto ás Escolas Geraes.* Certamente essa rua foi alargada ha muito, talvez á custa do pateo chamado *dos quintalinhos.*

3.º — *No meio do parapeito da egreja de S. Thomé.* A demolição d'ella deixou ahi um largo.

4.º — *Junto ás casas do Grão Prior do Crato Manuel de Mello.* Essas casas, de todo desapparecidas, e transformadas, segundo julgo, deviam ser no actual largo *de Santa Luzia,* tendo uma frente sobre o pateo d'essa egreja, que era Commenda da Ordem de Malta; ahi moravam os Priores do Crato.

5.º — *Na parede da egreja de Santa Luzia.* Tam-

no seu folheto *Miscellanea historica, n.º 1 — A inscripção lapidar na rua do Salvador.* — Lisboa, 1896, pag. 10.

bem se vê houve alargamento, visto que a rua ahi comporta duas e tres carroagens a par.

6.º — *Mais a baixo, indo para o Limoeiro.*

7.º — *Defronte do beco do Bugio.* Ainda lá está o beco, mas, com a reconstrucção pombalina, a demolição de S. Martinho, etc., tudo isso levou volta.

8.º — *A baixo da egreja de S. Thomé.* E' um pouco vago; não percebo bem.

9.º — *A baixo do Aljube, na parede das primeiras casas.* Como isso foi remodelado, não se vê por onde corria a estreita rua.

10.º — *Na Correaria, vindo da Magdalena.* A *Correaria,* já mencionada na *Estatistica* de 1552, pertencia em parte á freguezia da Magdalena, em parte á da Conceição. Era, segundo Bluteau, «a rua em que se obram todas as coisas de coiro, excepto sapatos». O *Sanctuario Marianno* (1) diz: «Entre a *Correaria* e a rua *Nova da Prata* estava situada a ermida de Nossa Senhora da Conceição». E a estampa I do bellissimo livro do applicado e sagaz Engenheiro o snr. Augusto Vieira da Silva *As muralhas da Ribeira de Lisboa,* perfeitamente indicam a *Correaria,* rua estreita, que pelas differenças de nivel devia ser alcantilada, e cujo traçado desappareceu na reconstrucção posterior a 1755.

11.º — *Na rua das Arcas, da banda de S. Nicolau.* Essa rua, já mencionada na *Estatistica* de 1552, pertencia á freguezia de Santa Justa, e á de S. Nicolau. Era arruamento de carpinteiros de cai-

(1) T. I, pag. 120.

xas, caixotões, ou *arcas*, e d'ahi tirou o nome, segundo creio.

Um certo Antonio Antunes requereu em 1693 para ser Familiar do Santo Officio, e conseguiu o que tanto desejava, obtendo carta em 10 de Março do anno seguinte. No requerimento intitula-se *Mestre do offiçio de Carpint.ro da Rua das Arcas,* morador em Lisboa. N'outro, que fez ao Santo Officio em 1698 pedindo licença para casar, intitula-se *Mestre do officio de Caixeiro.* Na aproximação das duas designações não está clara a interpretação do nome da rua *das Arcas?* Arcas são caixas; o artifice de arcas, ou caixas, dizia-se *caixeiro.* Logo, ahi viviam arruados os operarios de bahus, mallas, caixotes, arcazes, caixas, caixotões, ou arcas.

12.º — *Na Porta nova, no canto do Pastelleiro.* Havia varios *Pastelleiros:* um *beco* da freguezia da Conceição, uma *rua* na de S. João da Praça, outra no do Sacramento, tambem chamada *beco,* e uma *travessa* na de Santos o velho. Este, junto á *Porta nova,* devia ser o da Conceição, freguezia limitrophe com a de Santa Justa, onde Christovam R. de Oliveira, Carvalho da Costa, e J. B. de Castro collocam a Porta nova, mencionada em 1552. Ahi morava em 1621 um Antonio de Almeida, e em 1658 um André de Barros, como se vê nas suas provanças para Familiares. Tudo isso mudou completamente.

13.º — *Indo de S. João da Praça para S. Pedro.* E' rua bastante larga hoje, que certamente foi alargada em 1755.

14.º — *Mais a diante, na mesma rua.*

15.º — *Na rua Direita das Portas da Cruz, na*

esquina do Pastelleiro. Seria o de S. João da Praça, ou ainda outro?

16.º — *Na rua Direita de Santo André.* Hoje, depois da demolição d'essa egreja, que ahi deixou um largo, pouca ideia se pode formar da estreiteza do sitio.

17.º — *No passo que foi da rua dos Cavalleiros.* Era algum dos passos da celebre procissão da Graça; ainda lá se vê um na calçada *de Santo André,* acima da rua *dos Cavalleiros.* N'esta havia, ainda em 1800, um Oratorio de Nossa Senhora da Piedade, cujo estudo não cabe aqui. Desappareceu.

18.º — *Na rua da Oliveira.* Qual d'ellas? havia tantas oliveiras onomasticas n'estes contornos, que é difficil, se não impossivel, a escolha. Vejamos: o *beco da Oliveira,* na freguesia de S. Christovão, a *travessa da Oliveira,* na de S. José (tambem chamada *rua da Oliveirinha,* ou *do Macedo),* a rua *da Oliveira,* na de S. Julião, que tirava nome da celebre ermida, cuja historia e analyse virá n'outro volume, a rua *da Oliveira,* a S. Lazaro, a rua *da Oliveira,* na freguesia do Loreto, o *beco da Oliveira,* na Padaria, freguesia da Magdalena, a *rua da Oliveira,* ou *da Oliveirinha,* na de Santa Marinha, a rua *da Oliveira,* ou tambem *da Oliveirinha,* na dos Martyres, a rua *da Oliveira,* na de S. Nicolau, a rua *da Oliveira,* ás Olarias, freguesia dos Anjos, a qual tirava o titulo de uma oliveira que ainda vivia em 1717, a rua *da Oliveira,* na do Soccorro, a *rua* e *travessa da Oliveira,* na de Santos, a *rua da Oliveira,* na do Sacramento, o *beco da Oliveira,* ou *da Oliveirinha,* na freguesia de S. Thomé; e quantas

mais haveria, que me não constam assim de prompto!

19.º—*Na rua Nova da Palma.* Esta rua era antiga, e já vem mencionada na Estatistica de 1552; nada tem que ver com a actual, e ficava na freguezia de S. Nicolau. A ermida de Nossa Senhora da Palma arruinou-se em 1755.

20.º — *No meio da rua dos Ourives do Oiro.* Na já citada estampa 2.ª do livro do snr. Vieira da Silva, *As muralhas da Ribeira,* obra que teem já obrigação de mencionar com louvor todos os escriptores de antiguidades lisbonenses, vê-se perfeitamente traçada a tortuosa rua *dos Ourives,* desde o largo *dos Doiradores* até á *Calcetaria.* Tudo isso mudou, se bem que a nossa actual rua *do Oiro,* ou *Aurea,* conserve no seu traçado recto e apurado uma parte da directriz da sua avoenga.

21.º — *No principio da mesma rua, da banda da dos Doiradores.* Era na freguesia de S. Nicolau, e ahi se arruavam os doiradores, bate folhas, e latoeiros de lima. A actual nada tem que ver com essa.

22.º — *Na Pichelaria.* A *Pichelaria,* ou *Pechelaria,* tambem chamada *dos Picheleiros,* em 1552, pertencia á freguesia de S. Nicolau.

23.º — *Na rua que ia de S. Thomé para Santo André.* Essa, actualmente chrismada em rua *do Infante D. Henrique* (não se sabe bem porquê), todos a conhecemos estreita e colleada. Foi alargada. Ainda me lembro de lá ver, perto da embocadura da rua *dos Cegos,* o padrão que determinava o recúo dos coches e liteiras. Essas lapides foram mandadas pôr nos sitios que indico, por decreto de 9 de Ou-

tubro de 1686 (1); e em 26 do mesmo mez sahiu uma Lei impondo penas aos contraventores e desobedientes. Como o *genus irritabile* dos cocheiros, lacaios, e liteireiros, os arrastava a contendas com os collegas, foi-lhes prohibido pela Lei de 18 de Novembro de 1687 o uso de adagas, bordões, ou quaesquer outras armas. Já alludi a isso.

A lapide da rua *de S. Thomé,* propoz o Vereador Dr. Alves em sessão da Camara Municipal de 28 de Julho de 1879 fosse remettida para o Museu do Carmo, onde certamente se encontra (2).

24.º emfim. — *Na rua dos Cabeiros.* Os cabeiros, ou fabricantes de cabos, viviam, como se vê, arruados; não posso porém n'este momento dizer onde ficava essa sua rua.

Basta do assumpto.

---

(1) A pag. 269 do vol. II do livro *Additiones aureæque illustrationes ad librum gratiæ Lusitanæ* de Feliciano da Cunha França, etc. Elle diz 22 de Outubro.

(2) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1879 — pag. 122.

Pois, senhores, não se encontra. Agora mesmo, 5 de Maio de 1903, acaba de me informar o meu velho amigo Visconde da Torre da Murta, officioso e diligentissimo Bibliothecario da Real Associação dos Archeologos, que não se acha lá tal inscripção.

CAPITULO IV

Lisboa, pouco antes do terremoto, crescia na sua area, no seu movimento, na sua importancia; isso transparece do alvará de 25 de Março de 1742, que a reparte por doze ministros criminaes, chamados Corregedores.

Tinham muito que fazer esses poderosos funccionarios, e eram amplas as suas attribuições e regalias.

O Senado auxiliava os exforços; e de 1755 em diante, á voz do grande chefe da administração portugueza, viu-se uma especie de renascimento no aspecto material e no aspecto social da Cidade. O vasto volume, largamente mencionado n'um dos antecedentes capitulos, aquella espantosa *Collecção de providencias,* tão rapidas, tão incisivas, tão acertadas, o demonstra a quem saiba ver e sentir a alma de um livro.

Pensava-se nas grandes linhas harmonicas do quadro, e meditavam-se os infimos pormenores.

As antigas serventias urbanas (todos o sabem)

eram atravancadas e desalinhadas; alinharam-se, e desatravancaram-se as novas.

Foi prohibido, pelo alvará de 15 de Junho de 1759, pôr fora das casas poiaes (tão frequentes, ainda hoje no campo, ao portão das quintas, como estribos de encavalgar), degraus que pejassem, escadas exteriores (aliás tão pittorescas muita vez, e muito nossas), córtes ou entradas para edificios subterraneos; foi prohibido alargar demasiado as frontarias prolongando os pisos em galerias sobre cachorradas.

Foi vedado pelo decreto de 5 de Novembro de 1760, nas ruas *nobres,* que tivessem cincoenta palmos de largo, edificar cavalhariças, cocheiras, e palheiros, ou fixar argolas nas paredes para amarrar ou limpar cavalgaduras.

Barracas de madeira, para tabernas, etc., foram condemnadas pelo decreto de 8 de Outubro de 1760; e as que á surdina se tinham amezendado, aqui, ali, mandou-as demolir o aviso de 24 de Outubro de 1763, e o de 25 de Novembro de 1769. Nas feiras das bestas foram proscritas pelo edital de 27 de Novembro de 1809; mas como eram uteis, e ás vezes indispensaveis, permittiu-as em determinados sitios o edital de 21 de Agosto de 1812.

*

Mais haveria que dizer, mas é forçoso abbreviar.

O que é certo é que, apesar de tantas e tão acertadas resoluções, a segurança dos cidadãos lisbonenses, antes e depois do terremoto, era duvidosa. *Antes,* porque Lisboa foi um dédalo desallumiado;

depois, porque os montões de ruinas, e a deserção forçada de muitos bairros, facilitavam esconderijo diurno e nocturno aos malfeitores.

Voltemos um pouco atraz.

*

A antiga policia das ruas de Lisboa, muito defectiva certamente, era feita, á ordem do Ministro, ou Corregedor do Bairro, pelos Meirinhos acompanhados dos homens da vara. Eram dez os Corregedores do crime da Côrte, segundo o alvará de 25 de Dezembro de 1608; cada Corregedor superintendia em determinado numero de freguesias.

Quanto ao Bairro alto, que estudâmos n'este momento, direi que tinha dois: um para as freguesias do Loreto e da Trindade, com dois Meirinhos e seus Escrivães, e impunha-se ao Corregedor obrigação de residir na rua direita *da Porta de Santa Catherina;* o outro, para as freguesias de Santos o velho e de Santa Catherina, com Alcaide e Escrivão, era obrigado a residir na rua *do Poço da Esperança* (hoje *Poço dos negros).* As prisões eram feitas por Quadrilheiros sujeitos aos Corregedores, e vigiando certo numero de ruas.

*

No tempo da senhora D. Maria I fez-se uma finta geral para o estabelecimento de um corpo de Policia regular, em virtude do decreto de 19 de Novembro de 1801; e o de 10 de Dezembro do mesmo anno, sendo Ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho,

creou a Guarda Real para a segurança de Lisboa e suburbios, com infantaria e cavallaria, sob a disciplina e commando de um illustre emigrado francez, o Conde de Novion, Coronel do nosso Exercito, nomeado Commandante da Guarda por decreto de 14 de Janeiro de 1802 (1).

Compraram-se umas casas, ou determinou-se que se comprassem, destinadas a quartel, segundo o decreto de 9 de Março do mesmo anno 1802.

O decreto do Principe Regente, de 26 de Maio, mandou fazer um augmento na Guarda, entrando mais 15 praças em cada Companhia de infantaria, e mais 6 em cada Companhia de cavallaria; tudo declarado *tropa de linha, e parte do Exercito portuguez*, por aviso de 16 de Dezembro.

Em 1803 compunha-se a Guarda Real de 8 Companhias de infantaria, e 4 de cavallaria; a infantaria aquartelava-se aos *Loyos,* á *Graça,* no campo *de Sant'Anna,* junto ao convento *da Trindade,* no beco *do Carrasco,* no largo *da Estrella,* ás *Janellas verdes,* e á *Boa-morte;* a cavallaria, no largo *da Estrella,* ao *Chafariz de Andaluz,* no *Salitre,* e junto ao convento *de S. Francisco.* Não posso dizer os sitios exactos. O estado maior tinha o seu quartel *no Carmo.*

*

Abstenho-me de continuar; limito-me a apresentar providencias tomadas ainda em vida de Pina Manique, e inspiradas por elle, que falleceu em 1805.

---

(1) *Gazeta* n.º 4, de 26 de Janeiro de 1802.

Lançaram-se mais tributos para a manutenção da Guarda, por decretos de 10 de Dezembro de 1803, e 14 de Abril de 1804; foi esta accrescentada com mais duas Companhias de infantaria, por decreto de 12 de Outubro de 1805; a sua organisação, os soldos, etc., constam do decreto de 4 de Novembro d'esse anno; e ha providencias sobre os cavallos de serviço das rondas, no aviso de 4 de Agosto de 1806.

CAPITULO V

Referi-me ao Intendente geral Diogo Ignacio de Pina Manique. Falemos d'elle.

Esse nome illumina como um facho toda a complicada machina da antiga e da moderna Policia em Portugal; e parece-me grave erro, e cruel ingratidão, isto de apresentar Manique ao nosso povo como um caturra, um teimoso, um obsoleto, um simples typo destinado a fazer rir no theatro, entre caricaturas da sua epoca. Manique não foi isso; foi muito grande.

*

O anonymo autor do curioso livro *Voyage en Portugal en 1796,* publicado dois annos depois em Paris *(1798 an VI)* é declarado e figadal inimigo do nosso notabilissimo Intendente. Porquê? ninguem o pode saber.

Estes odios, que assim veem á suppuração em livros, nascem menos vezes da convicção verdadeira e sincera, do que de qualquer má informação, ou

questiuncula de *lana caprina*. O auctor requereu em assumpto injusto, e não foi attendido. O auctor tinha pelo physico do accusado entranhada antipathia. O auctor soube de uma injustiça commettida contra um parente d'elle em nome de Manique. O auctor, caracter brando, discordou das severidades que o Intendente julgava necessarias. O Intendente foi uma vez grosseiro com uma parenta do auctor. Motivos d'estes, assim indirectos, actuam não raro em espiritos pouco equilibrados, pouco imparciaes.

Quem sabe se não proviriam de causas tão mesquinhas as diatribes do anonymo contra o Manique?

O modo como elle o trata, as accusações que lhe faz, até na sua honra, menoscabando-o lá de longe, e querendo fazer passar um homem d'aquella estatura por um inepto, um prepotente, e um concussionario, acharam talvez applauso em algum despeitado, mas não o acham hoje, a cento e tantos annos de intervallo, quando os odios pessoaes esfriaram, e o papel do funccionario pode estudar-se em toda a sua luz.

*

Eu não venho defender aqui Pina Manique, ainda que me agradam e me tentam mais que tudo as rehabilitações historicas. Mas a verdade é que a memoria d'elle não precisa da minha apologia; quero apenas assignalar as intenções malevolas do anonymo, que entendeu extravasar d'aquella maneira a sua bilis rancorosa; quero livrar Manique das impu-

tações grosseiras do auctor, que nos enxovalham, mais ou menos, a nós todos.

O forasteiro fez-se ecco das calumnias dos máslinguas da Lisboa de então; por si pouco poderia observar; tomou para informadores os descontentes, talvez os preteridos, talvez os rivaes, os opposicionistas que o poder tem sempre, e que assim desabafam torpemente os azedumes, endossando-os a um escrevedor adventicio.

Não vimos nós no nosso tempo a mesma coisa com livros muito modernos sobre Portugal? não andou um passaro de arribação a olhar para nós do alto do seu vôo, e a caricaturar-nos por suggestões alheias?

Quem fossem os cautelosos informadores do *passaro*, é que ninguem sabe; esses cobardes teem a artimanha tenebrosa da anonymia; riem, e fogem.

*

O mencionado Francez, encapotado no seu *dominó*, conta, com as suas phrases ironicas de conversador banal, que, estando Lisboa desde 1755 obstruida de escombros, verdadeiros valhacoutos da vadiagem, era perigosissimo transitar pelas ruas á noite, e accrescenta:

«A Policia, comtudo, nenhumas precauções toma para segurança da Cidade; é assumpto esse muito a baixo do Intendente da Policia. Ser-lhe-hia possivel guardar vida e bolsa a muita gente; mas isso é que importa pouco ao snr. Intendente, visto que

d'ahi lhe não provem a elle vantagem alguma especial.» (1)

São apreciações viperinas, e, de mais a mais, inexactas. A destruida e empobrecida Lisboa, bracejando entre escombros, que difficil seria de policiar! o anonymo não quiz descer a syndicar as difficuldades, e limitou-se a fazer o que hoje costumam as opposições: ralhar sempre.

*

Manique teria defeitos, certamente, porque são innatos á natureza humana; mas ninguem poderá negar a esse notavel homem uma energia excepcional, e um vehemente desejo de acertar, e de levar a cabo a ventura da sua Patria. Era feito do bronze dos grandes estadistas e administradores; tinha muita liga talvez? é possivel; mas esse *contra* provinha-lhe do seu tempo, e do meio em que viveu.

Prepotentes todos elles foram; não foi essa qualidade exclusiva de Manique. Sempre que era necessario, os nossos governantes desembainhavam n'um relance o *quero, posso, e mando,* e assim devia ser desde que estavam convencidos da rasão. Caminhar firme e direito é signal de força.

---

(1) La police ne prend cependant aucune précaution pour garder cette ville; cet objet est au dessous de l'intendant de police; il pourrait conserver la vie et la bourse à beaucoup d'individus; mais cela importe peu à monsieur l'intendant; il n'en résulterait pour lui aucun avantage particulier.—Pag. 124.

Manique fez muito; e se não poude tudo, a culpa não foi d'elle.

*

Ha mais, sem sahir d'esse praso.

Quando as patrulhas perseguiam um malfeitor, que tratava de se evadir, o caminho d'elle era indicado por certos homens, que estacionavam em determinados pontos, e se correspondiam por matracas, que agitavam ao passo que o fugitivo atravessava o caminho. O estridor d'esse instrumento communicava-se de rua para rua, e a pista da fera era logo aventada.

O anonymo auctor citado toma isto por motivo de galhofa, e faz espirito. Eu por mim não contesto a utilidade d'essa providencia; e vejo nos taes homens da matraca uma especie de predecessores dos nossos guardas nocturnos. A coisa acabou; talvez não prestasse; mas experimentar uma lembrança, d'onde pode provir o bem, nunca foi crime, nem merece censura.

O Intendente Pina Manique nada tinha feito (segundo ouvimos ao anonymo) para reprimir a gatunagem; como é então que o engraçado escriptor declara a diante que o mesmo estabeleceu patrulhas, a que chamavam rondas? invenção que lhe parece não menos singular que a das matracas. «*L'idée n'en est pas moins singulière.*» Porquê? *singular* porquê? — pergunta o leitor; e o homem responde: «E' que o encontrar a ronda mette medo; parecem antes quadrilhas de salteadores, do que patrulhas».

Vamos! quando se critíca assim, tudo é mau.

*

Antes de continuar, peço licença para um parenthesis:

Uma elegante senhora, muito conhecida e respeitada, hoje residente n'uma Côrte estrangeira, casou muito nova, sahindo, pouco antes, de um convento onde era educanda. O bulicio da sociedade incommodava-a; mas o que mais a desorientava eram as patrulhas, caladas, vagarosas, armadas de longa espingarda, envolvidas em enormes capas negras de oleado... oh! isso era horrivel. Sahia á 1 h. da noite de qualquer reunião do seu bairro, e pelo braço do marido caminhava cheia de medo. O passante que se cruzava com ella no mesmo passeio, mettia-lhe um susto immenso. Via a patrulha, e tranzida de terror dizia para o marido em voz tremula:

— Serão ladrões?...

— Não, minha filha, não vês que é a patrulha da Municipal?

— Talvez não seja; quem sabe se serão ladrões disfarçados!

E agarrava-se ao braço do marido, que ria a bom rir.

O estrangeiro, em vez de louvar a ronda de Pina Manique, diz que lhe mettia medo. Pobre innocente!

CAPITULO VI

Em que pése a esse e outros detractores do eminente magistrado, Pina Manique foi homem muito acima do vulgar, bom patriota, amante do progresso, activo, expertissimo, e de uma energia de ferro, que muito bem correspondia á do grande Ministro. Em qualquer tempo sobresahiria e deixaria nome.

O seu grande retrato por Domingos Antonio de Sequeira, no enorme painel que hoje admiramos na Galeria das Janellas Verdes, ressuscita-o: sereno. altivo, com a consciencia da sua grandeza.

*

Ha d'elle casos interessantes, de todo o ponto authenticos, por mim escutados a pessoas antigas. Aqui vão alguns.

*

Era tal a pratica d'este Intendente, era tal o seu uso dos ladrões e malfeitores, era tal o seu faro po-

licial, que os conhecia pela pinta. Um dia subia elle na sua sege de boleia pelo Chiado a cima. Com aquelles olhos severos, que viam tudo, avistou um fraca-roupa que descia por uma banda da rua. O trajo, o ademane, o porte desconfiado, o passo sinistro do ratoneiro... nada d'isso deixou de ser revistado de relance pelo terrivel Manique. Mandou parar a sege, chamou um soldado da Policia, e ordenou-lhe prendesse o transeunte.

— Preso eu? porquê? que fiz eu? que mal faço eu? quem me accusa?

Levado á Intendencia, averiguou-se ser um ladrão perigosissimo, de balde procurado desde annos.

*

Outro caso:

A mocidade doirada, os peraltas, teem ás vezes caprichos singulares e inexplicaveis. No tempo da senhora D. Maria I era a grande elegancia dos peralvilhos da platêa superior de S. Carlos patearem ruidosamente os serventes do palco, aquelles desgraçados, que, vestidos n'umas librés de phantasia, veem de vez em quando á scena trazer ou levar mezas e cadeiras, quando ha *quadro* em meio de *acto*. Era uma brincadeira semsabor, humilhante para os pobres diabos, e que desatava as gargalhadas alvares dos ociosos. Pateadas e apupadas... de vir tudo a baixo. O bom senso e a caridade christan reprovavam o uso; mas a tafularia continuava todas as *epocas*.

Uma noite, havia mutação de scenario, a scena tinha figurado um bosque, passava a figurar um sa-

lão; moveram-se os bastidores, cahiu o pano de fundo, e os serventes lá entraram cabisbaixos, trazendo uma meza doirada, e uns cadeirões estofados. Excusado é explicar: a tafularia pateou, apupou-os, em quanto elles, corridos de vergonha, cumpriam o seu mistér para ganharem dois patacos ou seis vintens.

No camarote da Policia achava-se o Intendente, que jurára aos seus deuses acabar com aquella selvajaria. Com os seus olhos de lince viu quem eram os seis ou oito pintalegretes, deu as suas ordens, com o gesto mandou parar o espectaculo, e tres minutos depois os petimetres achavam-se no camarote.

— Vossa Senhoria, snr. Intendente — diz um mais atrevido — mandou-nos chamar por este beleguim?

— Mandei.

— E que deseja de nós Vossa Senhoria?

— Eu não *desejo; ordeno* que vão ao palco vestir aquellas librés e mudar aquellas cadeiras e aquelle bufete.

— Vossa Senhoria está brincando?! eu sou o Conde de tal.

— Eu não lhes dou a confiança de brincar com Vossas Mercês.

— Eu sou o filho do Marquez de tal.

— Eu sou Dom Fulano de tal e tal.

— Eu sou...

— Sei muito bem quem são; mas isso não impede que em nome da Rainha nossa senhora eu lhes ordene que vão, e sem demora; a não ser assim, partem d'aqui para o Limoeiro.

Os rapazes, cabisbaixos e humilhados, acharam-se, como por encanto, no vasto palco de S. Carlos, entre uma escolta de soldados da Policia, com as ridiculas librés ás costas, e executando ponto por ponto as ordens de Manique.

Este virou-se então para a platêa, e gritou:

— Snrs. espectadores, pateiem, e apupem.

Manique mandou, os espectadores obedeceram.

O facto é que o uso ridiculo e brutal acabou n'esse dia.

*

Certa vez succedeu ao poderoso Intendente uma singular aventura. E' um reverso de medalha.

Achava-se no gabinete da sua secretaría, trabalhando ao bufete, quando entra o continuo com ar de caso, e diz:

— Snr. Intendente, está lá fora um homem, desorientado, aterrado, mas decente, que deseja com toda a pressa falar a Vossa Senhoria; diz que foi roubado...

— Que entre, que entre.

Depôz a penna, e olhou para a porta.

O homem entrou, sem chapeo, cabellos em pé, olhos esgaseados, voz tremula.

— Snr. Intendente — diz elle com palavras intercortadas — venho pedir justiça.

— Vamos, que foi? diga.

— Que foi, meu snr.?! como me custa a dizel-o!! Imagine Vossa Senhoria: achava-me eu no meu escriptorio, como Vossa Senhoria no seu; tinha a porta aberta, entra um desconhecido, e com todo o

desplante, n'um abrir e fechar de olhos, sem mais tir'te nem guar'te, chega ao pé de um tremó onde eu tinha uns castiçaes de prata, muito parecidos com estes, agarra n'elles, assim, tal qual como eu estou fazendo, mette-os debaixo do capote, e zás, tal qual como isto, enfia pela porta fora, e vão lá atraz do homem das calças pardas!

E o sujeito desappareceu por onde tinha entrado.

Manique, á espera do fim da scena comica, demorou-se, julgando que o ia ver entrar de novo; demorou-se, e nada! chamou o continuo, e soube que o homem tinha sahido com socego para o meio da rua.

Não imagino a cara do Intendente ao ver-se cassoado com tanta graça. Onde iriam parar os castiçaes?!...

*

Um erro grave, gravissimo, desorienta a critica moderna: é julgar que só de certo prazo para cá se vêem com sensatez as questões sociaes, administrativas, litterarias, artisticas, religiosas até. Todos se arvoram em condemnadores do passado, e exaltam o presente. Só nós temos juizo, só nós entendemos qual seja o caminho, só nós descortinâmos a verdade.

Ridicula preoccupação do nosso tempo! O livre exame, a livre imprensa, teem limites. Negar ao passado os seus fóros, as suas grandezas, os seus homens notaveis, as suas aspirações boas e rasgadas, é insultar o senso commum.

No nosso Portugal houve sempre tendencias altas

e sizudas; e se a mudança de instituições tem a sua defensa, o principio conservador, o respeito aos velhos, a justiça aos mortos, a veneração ao Portugal de outr'ora, são deveres imprescriptiveis da probidade dos criticos e escriptores. Amontoar epigrammas sobre o modo de ser das sociedades desapparecidas, soterradas no terreno de alluvião, é justificar as satyras dos vindoiros a nós, ao nosso modo de ser, ao nosso modo de viver, ao nosso modo de pensar.

Sejamos tolerantes sempre, tolerantes em nome do Christianismo, tolerantes em nome da rasão, da equidade, da justiça, para com os grandes nomes da nossa Historia.

*

Pina Manique, de quem vinhamos tratando, e que, no exercicio dos seus cargos, se contentou com providencias que hoje não bastariam, ou excederiam o alvo, Pina Manique mostrou sempre ter a mais poderosa iniciativa. E' isso pouco? não é um predicado de primeira ordem n'um administrador? E o que elle trabalhava, santo Deus! e como elle desejava o bem! e quanto elle forcejava acertar! e com que alma acompanhava, cá no nosso cantinho, o movimento europeu, modificando-o segundo os nossos usos e costumes!

Como obreiro, ninguem o excedia; os seus cargos não eram descanços; eram tarefas.

Vêmol-o Administrador geral da Alfandega grande de Lisboa, e Feitor mór de todas as mais; Desembargador do Paço; Chanceller mór; Intendente ge-

ral da Policia da Côrte e Reino; administrador da sua casa e dos seus morgados; mais ainda, que não cai agora sob os bicos d'esta penna de aço; mas não me digam serem esses logares sinecuras; não o foram para elle, que a tudo chegava, em tudo entrava, tudo queria ver por seus olhos. Manique era Administrador geral da sua querida Real Casa-pia do Castello, das de Força de Educação de Santa Isabel e Santo Antonio, e das Academias de linguas vivas, desenho, artes liberaes, e manufacturas, estabelecidas na dita Casa. Estudemos o ponto.

*

Foi durante o reinado da senhora D. Maria I, que a aviso de 18 de Setembro de 1778 creou a Casa-pia de correcção da Côrte. Alto beneficio publico esse, que a tantas creanças orphans e desvalidas valeu, e tantas lagrimas enxugou!

Muito bem compendiou um antigo Provedor, e meu amigo, o Digno Par Francisco Simões Margiochi, no Relatorio de 1895, a historia rapida de um estabelecimento que tantos desvelos lhe mereceu; e diz:

«O plano de organisação da Casa-pia foi traçado com uma largueza de vistas, que nos surprehende hoje. Dividia-se nas seguintes secções:

«Asylo de Santa Isabel, destinado ás orphans de tenra edade, e ás filhas innocentes das mulheres escandalosas;

«Casa de Santo Antonio, onde se ensinava instrucção primaria ás creanças orphans e desvalidas;

«Collegio de S. José, destinado a receber os pequeninos desamparados (como as modernas *créches).*

«Officinas onde se ensinava praticamente o fabrico dos brins, das lonas, dos cabos, dos tecidos de algodão, de seda, e de linho.

«Havia uma aula de commercio, com ensino de escripturação, e a primeira aula de allemão em Portugal.

«Do plano do ensino faziam parte as sciencias mathematicas e naturaes, a chimica, a artilharia, e a fortificação.

«Alguns alumnos aprendiam o latim, as linguas vivas, a pilotagem, e a pharmacia, em Lisboa; a medicina em Lisboa, em Coimbra, em Edimburgo, e a obstetricia na Dinamarca.

«Varios alumnos foram cursar os estudos artisticos em Roma nos annos de 1785 a 1792, por conta da Casa-pia».

Por estas succintas mas significativas palavras se vê o largo horizonte abrangido n'um relance pelo legislador, e se calculam os beneficios que espalhou, em centenas de lares mal avindos com a fortuna, uma tão vasta e bem dirigida instituição.

Inaugurou-se esta complicada machina no dia sempre memoravel 3 de Julho de 1780, n'uns restos do antigo paço da Alcáçova, nos edificios, hoje em ruinas, denominados os quarteis velhos. Era um asylo educativo para creanças de ambos os sexos, onde em casas de lavor apropriadas, e sob um regimen

paternal religioso, se lhes ensinavam artes uteis, e se instruiam.

Tudo delineou, tudo vigiava, a alta intelligencia de Pina Manique; e os educandos, que d'ali teem sahido nos cento e vinte e tres annos decorridos, são outros tantos testemunhos a encher de bençãos a Rainha, e o Intendente.

Seria util a lista dos alumnos da Casa-pia que se tornaram distinctos e proficuos em Portugal. Occorrem-me tres, e deve haver trezentos: Maximo Paulino dos Reis, pintor e desenhador; Domingos Antonio de Sequeira, um dos gigantes da pintura portugueza e europêa; Simão José da Luz Soriano, o laborioso e infatigavel historiador, cujos juizos não serão infalliveis, mas cujo trabalho é assombroso (1).

A lista completa dos alumnos distinctos e notaveis da Casa, deveria talvez o Provedor actual mandal-a expôr n'uma sala, com succintos dados biographicos, como despertadora de brios aos condiscipulos, e brasão das successivas administrações.

---

(1) Junto á casa em que habito, n.º 11 da travessa do Prior, no Lumiar, existe um pequenino predio de tres sacadas, sobre cuja porta se lê a seguinte inscripção:

> ESTE PREDIO FOI POR MUITOS ANNOS PROPRIEDADE E RESIDENCIA DE VERÃO, DO NOSSO NOTAVEL | HISTORIADOR SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO E A ELLE FOI COMPRADO PELO SEU ACTUAL PROPLIETARIO | O QUAL LHE MANDOU PÔR ESTA LAPIDA PARA PERPETUAR A MEMORIA DE TÃO PRESTANTE CIDADÃO | JULHO 9 DE 1889
>
> C. A. LEITE

*

Em 3 de Abril de 1782 ia grande festa no Castello; visitou a Rainha a sua Casa-pia, e concedeu-lhe o seu Real Beneplacito.

Em 1793 veio o Decreto de 26 de Fevereiro, applicando a tão util fundação os rendimentos da addição da Loteria.

No Castello se conservou até á invasão franceza de 1807; então, diz o snr. Margiochi, «a instituição, sem ser extincta, deixou de facto de existir».

Passados annos, ou por que se pensasse em fortificar melhor o Castello, como ponto estrategico, e levar para lá mais forças, ou por falta de espaço para as crescentes fainas dos collegios, foi a Casa-pia transferida para uma parte do convento dos Cistercienses no Desterro, onde parece já se tinham collocado algumas aulas de rapazes (portaria de 8 de Maio de 1812). Em 24 de Outubro de 1814 foi-lhe annexado o Collegio antiquissimo dos Meninos orphãos da Moiraria.

Em fim de 1818 ainda a encontro no Desterro; e creio que d'ahi é que foi transferida em 1834 para Belem, onde hoje floresce como nunca.

*

Alem de tudo isso, e de mais que ignoro, repito: Manique poude ter a gloria de dizer de si para comsigo:

— Criei a Policia em Portugal.

A Policia é uma grande aza protectora, que se

alastra sobre a Cidade, e defende os cidadãos; mas (coisa notavel!) em geral detestam-n-a. O Portuguez, e especialmente o Lisboeta, em avistando o policia, já tem vontade de infringir as posturas; sem se lembrar de que o conjuncto dos municipes deve gratidão a esse funccionario modesto, que tanta vez expõe a vida para nos conservar algumas immunidades. E' graças a elle, que atravessamos Lisboa a qualquer hora, que á meia noite passamos na Penha de França, no Aterro, nas viellas de Alfama. E' n'elle que encontramos o apoio necessario, sempre que o carecemos. E' elle o apasiguador dos disturbios. E' elle o temido dos malfeitores. E' graças a elle, que já não ha em Lisboa as nefastas e inqualificaveis *sociedades do delirio*. E' graças a elle, que, em vez das grades de ferro que tapavam as janellas baixas, e as janellas das egrejas, vemos hoje vidraças. A vidraça (perdôem-me a minucia; mas não as ha despresiveis n'este genero de estudos) é hoje uma prova de confiança publica, é um signal do credito que nos merece a Policia.

Todos, em tempos revôltos e de transição, se arreceiam da Policia? certamente; por uma rasão simples; porque a Policia tem motivos sobejos para se temer de todos. Mas não desconheçâmos o que lhe devemos; é um escudo de ferro sobreposto aos direitos individuaes.

Dorme a Cidade? que durma; vela a Policia. Se uma tem os olhos cerrados, tem-n-os a outra muito abertos, como pupillas de lobo a chammejarem na sombra.

Folga a Cidade? que folgue; vela a Policia; é um

Argus de cem olhos, um Briareu de cem braços; um Protheu de mil formas; um polvo colossal de mil tentáculos.

Para exercer o seu mistér difficillimo, tem de soccorrer-se a linhas tortuosas e ingratas, que a tornam odiosa; espreita no escuro; ladeia; disfarça; colleia como serpe; fita os olhos como lince; insinua-se como gato; arranca de um pulo como tigre.

Tudo isso faz, com o pensamento em todos e em cada um de nós, a quem não conhece; em nós, que muito a custo medimos a alçada dos seus serviços; em nós, cuja myopia não abrange o conjuncto dos seus planos.

Espreitam-se de soslaio, a Cidade, e a Policia. Esta vê na outra uma rebellião; aquella vê na outra uma tirannia. Ambas se enganam. A Policia tem de ser austéra, porque é a ordem; a Cidade tem de ser buliçosa, porque é a natureza humana. Harmonisem-se; na harmonia de ambas reside o progresso.

A Policia não é, nem pode ser, o ensino.

A Escola é a doutrina; a Lei é o castigo; a Policia é a prevenção. Liguem-n-as a todas tres, fundam-n-as todas tres no mesmo pensamento de ordem, e teem o ideal.

Comecem, porém, por uma base muita vez descurada: a educação do policia. Recrutados pela fome nas classes infimas, esses pobres servidores não teem sempre a noção da brandura; e como são homens, e como não raro os provocam as phalanges desordeiras, caem em lamentaveis represalias. Accusal-os? não posso. Se elles não sabem mais! Ensinem-n-os

pela moral; digam-lhes que o seu terçado não é o feixe de varas do lictor; que a sua auctoridade fortuita é apenas uma delegação; castiguem-n-os quando exorbitarem; mostrem-lhes o caminho, que elles muita vez ignoram, e bradem-lhes:

— A tua missão não é o castigo; é a paz. Impõe-te pela moderação, e serás amado.

Apreciando pois todo o ingreme e complexo da missão policial n'uma cidade vastissima, com as suas classes altaneiras, com as suas hordas transviadas, com as suas espumas frementes, com as suas crenças variadissimas, com os seus poderes occultos, com os seus fracos submettidos, com os seus fortes recalcitrantes, com a sua população adventicia, com os antros do seu sub-solo; e avaliando os melhoramentos milagrosos incontestaveis realisados n'este ramo da administração publica, honremos a sombra do que foi talvez o seu mais efficaz iniciador em Portugal; bemdigamos a memoria do homem severo e aspero, se quizerem, mas grande e benefico, ainda e para sempre lembrado, que se chamou DIOGO IGNACIO DE PINA MANIQUE.

Diego Sgml. de Pino Manrique

CAPITULO VII

Mais alguns traços no rapido desenho do nosso aperfeiçoamento policial. A diante desenvolverei duas importantissimas verbas: a limpeza, e a illuminação.

*

Isto dos nomes dos sitios variava immenso, e ao sabor do povo. Não sei quando se conseguiu começar a fixar taboletas com o lettreiro *official*. Em París foi em 1728; até esse anno reinava a tradição (1). Portanto cá em Lisboa deveu ser muito depois; provavelmente reforma pombalina.

*

Um dos passos grandiosos que então se deram, sob a presidencia do incançavel Manique, foi a nu-

(1) Mercier — *Tableau de Paris* — Amsterdam, 1785 — 8.° — 4 vol. — pag. 308 do 1.°

meração das casas. Já o *Almanak de Lisboa* de 1803 apresenta *algumas* indicações de numeros, mas não em toda a parte; o que prova ser uso incipiente. Os editaes de 27 de Outubro de 1807, e 2 de Abril de 1811, mandam numerar *todas* as portas. Progresso incontestavel.

Nossos bisavós limitavam-se a dizer:

— Moro na rua de tal, mesmo ao fim;

ou

— Moro na travessa de tal, quasi defronte do Desembargador Fulano, ou do Conde Beltrano, ou do Principal Cicrano.

Designações demasiado vagas.

Engana-se, segundo creio, Francisco Coelho de Figueiredo (1), dizendo que a numeração principiou em 1805 e 1806; é que não teria talvez presente a legislação, e citava de memoria. E d'ahi, talvez não se engane inteiramente; e direi o porquê. O opusculo *Letreiros celebres, que se vêem escriptos nas portas de varias lojas d'esta Capital* é de 1807, e n'elle se citam em muita parte numeros de portas. Seria uma tendencia no animo publico, um uso começado por certos proprietarios esporadicamente, codificado e legalisado depois pela auctoridade? é possivel; o que declaro é não conhecer providencia no assumpto, anterior ao citado edital de Outubro de 1807.

*

Modernamente, occorrem-me os editaes do Go-

---

(1) Tomo XIV do *Theatro* de seu irmão Manuel, pag. 608.

vernador Civil de 31 de Dezembro de 1855 e 15 de Março de 1858.

O de 1 de Setembro de 1859, que ordenou os numeros impares á esquerda, e os pares á direita, foi verdadeira calamidade, por sumir o rasto a milhões de sitios, e não compensou em utilidade pratica a desorientação que veio causar. Tambem os espiritos illustrados, como era o do digno magistrado que então presidia ao Districto de Lisboa, se podem enganar com as melhores intenções.

*

O *Codigo administrativo* de 6 de Maio de 1878 incumbe ás Camaras Municipaes muitas providencias uteis: pelo artigo 103, n.º 6, a abertura e conservação das ruas; pelo n.º 28, a denominação d'ellas e numeração dos predios; pelo 104, n.º 9, a conservação e limpeza das ruas, etc.; pelo 127, n.º 11, a despeza com o alinhamento das ruas e praças.

*

O decreto do 1.º de Julho de 1867 determinou um notavel melhoramento nacional creando corpos de Policia civil em Lisboa, no Porto, e n'outras capitaes de Districtos, guardas campestres, etc.

*

Assim, pois, o que vemos todos, com intima satisfação, é que os exforços de Pombal, D. Rodrigo

de Sousa Coutinho, Pina Manique, e outros, foram confirmados, ampliados, melhorados, pelos modernos legisladores da Policia, que plenamente demonstram ter havido «sempre com ella uma particular attenção do Governo supremo de todas as nações civilisadas» (alvará de 25 de Junho de 1760); e que a Policia «é um dos dois polos em que se sustentam a paz publica e a tranquilidade do Estado» (alvará de 21 de Outubro de 1763, § 5.º).



Soldado da Policia em tempo do senhor D. Miguel

Pena é que, intromettendo-se a Politica em tudo, a acção benefica das instituições policiaes tanta vez tenha sido desvirtuada e tirada do seu legitimo campo. Em quadras anormaes o agente da Policia é o esbirro, e o instrumento dos odios, instrumento inconsciente, sim, mas efficaz e rancoroso. Nos tristes cinco annos de 1828 a 33 foi, não raro, em nome do Governo, o aprisionador de muitos, cujo crime unico era... a crença constitucional! Triste, mas inevitavel. Cada facção procura a todo o transe sustentar-se no poleiro.

CAPITULO VIII

Os predios de uma cidade populosa (já o tenho dito mil vezes) teem uma linguagem sua especial; fazem revelações historicas de alto interesse, que só uns certos iniciados sabem ouvir, mas que nem por isso deixam de ser muito interessantes ao publico em geral. Quem as conhece deve contal-as, em quanto de todo se não somem no báratro do esquecimento.

Quando passo por este palacio dos antigos Ludovices, apparece-me no espirito a memoria de um dos maiores homens da nossa Arte musica, estro de primeira ordem, que tanto fez brilhar nas Côrtes estrangeiras o nome de Portugal: falo do celebre João Domingos Bomtempo.

Eu conto em duas palavras.

*

Não vem para aqui a biographia do notavel *maestro*. O snr. Ernesto Vieira, distincto artista e

professor do Conservatorio, conseguiu o mais que até hoje se tentou no assumpto; a poder de trabalho e investigação profunda, escreveu no seu *Diccionario biographico dos musicos portuguezes* a mais estudada chronica do illustre Bomtempo; e manuseando documentos authenticos, e escutando com critica severa as tradições oraes, teve a fortuna de rectificar datas e factos, fazendo reviver aos nossos olhos aquella personalidade tão talentosa, tão perseverante, e tão infeliz. Honra lhe seja!

Serve isto para explicar o por que me é excusado tentar pôr novamente o quadro no cavallete, a mim, que infelizmente não sou musico, a mim, que não poderia nunca julgar bem o papel civilisador do eminente artista portuguez. Quem se interessar pois n'esta materia, recorra ao consciencioso biographo.

Aqui só direi o que liga Bomtempo ao palacio Ludovice; é isto, com alguns rapidos antecedentes.

*

Filho de um musico Italiano morador em Lisboa, nasceu em Lisboa, na freguesia do Loreto, na rua *Larga de S. Roque,* predio hoje n.º 92, ou 100, em 28 de Dezembro de 1775; lar honesto, em que o estudo da musica era tradição.

O pae, como digo, era Italiano, mas por ora nada pude apurar das origens genealogicas da familia.

Aproximarei apenas uma circumstancia interessante, que me foi revelada pela *Historia da Musica* de Thomaz Busby (traducção alleman de 1822): houve um Alexandre Bontempo, compositor italia-

no, mestre de capella do Eleitor de Saxonia pelos annos de 1660; e publicou em lingua latina um Methodo seu para o ensino do canto.

Pergunto: seria avoengo d'este ramo domiciliado em Portugal? a identidade do nome e da profissão parece talvez persuadir-nol-o.

Estudou com o pae, mas viu-se o joven João Domingos, aos vinte e seis annos, já conhecedor dos segredos da sua arte, e desejosissimo de alcançar fama, que a mesquinha educação do nosso meio nunca poderia assegurar-lhe. Tendo perdido seu extremoso pae em 8 de Agosto de 1795, achou-se, mais que nunca, obrigado a trabalhar em proveito dos seus. A Fada, que segreda aos artistas mysteriosas confidencias, desconhecidas do vulgo, apontou-lhe para a brilhante París, renascida sob o influxo poderoso de Napoleão; e o mancebo, estagnado aqui, atreveu-se, com singular ousadia, a ir pedir á Arte franceza o que poucos alcançam n'este mundo: a gloria. Munido de cartas de recommendação de Geraldo Venceslau Braamcamp de Almeida Castello Branco, partiu.

Entrou em París, diz a tradição, com duas mesquinhas peças de oiro na algibeira; seria assim; não desanimou porém. Protegido e apresentado, cursou estudos com a mais incançavel perseverança, aperfeiçoou-se nas theorias da musica, e na pratica do piano, seu instrumento predilecto, enterrou-se até ao pescoço no trabalho mais arduo; e ao cabo de mezes tinha galgado um caminho enorme.

Ha uma lenda (se o é), que ouvi desde a meninice, e que pinta a inabalavel força de vontade

d'este homem. Diz-se que, para fugir ás distracções importunas e deprimentes de um centro grande como é París, se fechou com o seu piano n'uma pobre agua-furtada, mal se viu de todo senhor das theorias musicaes, que aliás já levava de Lisboa, e arrojando pela janella fora todo o calçado, reservou apenas uns chinellos caseiros. E assim, impossibilitado de sahir, e livre de tentações, eil-o entregue de corpo e alma ás suas ingremes tarefas. Dava lições em casa, e vivia. Quando a consciencia lh'o aconselhou, passados mezes, sahiu, e entrou no mundo. Era um mestre.

Esta historieta, que nos contavam quando eramos pequenos, para nos exemplificar a maxima *Se queres podes*, poderá ser lenda, mas é symbolo de probidade e perseverança. As lendas, na chronica dos grandes homens, teem sempre um fundo de verdade.

Nas altas horas da noite, ou nas viagens, usava de um estratagema singular para desenvolver os dedos: tinha um pequenino teclado sôlto em que fazia escalas complicadas, horas a fio; chamava-lhe *o piano mudo*.

Caminhou, caminhou muito, caminhou depressa; e passado certo prazo, era o enlevo da mais alta e cultivada sociedade. París, a caprichosa París, abriu-lhe os braços, e Bomtempo andava nas palminhas. Não havia concerto onde elle não figurasse; as primeiras salas orgulhavam-se de o saberem admirar; e o Portuguez, tendo tomado lições com Muzio Clementi, a quem o snr. Vieira não hesita em chamar «o creador da moderna escola de piano», exhibiu o



João Domingos Bomtempo

seu genio em grande publico, imprimindo varias obras, e reflectindo os raios da sua gloria sobre o nome da sua Patria querida. Os jornaes festejavam-n-o á porfia, o que mostra bem claramente uma coisa: n'aquella terra vaidosa, n'aquella sociedade cheia do prestigio do 1.º Consul, entre o fragor e os triumphos dos canhões de Bonaparte, o nome do nosso compatriota conseguiu impôr-se, como compositor emerito, e tambem como executante sem rival.

Era Bomtempo, segundo attestam os varios retratos que existem d'elle, e de que reproduzo essa copia de uma soberba gravura de Vendramini feita em Londres em 1813, um bello homem, alto, grosso, risonho, com magnificas feições, e maneiras verdadeiramente de Côrte, por ter vivido sempre na sociedade mais escolhida. Isto não o podem dizer os retratos, mas confirma-o a tradição. Nenhum predicado lhe faltava pois para brilhar este elegante aristocrata do talento entre as primeiras aristocracias da fortuna e do sangue.

*

Mas nada é eterno n'este mundo, e muito menos a sorte das armas. Começou a declinar a estrella de Napoleão, Imperador do mundo; os seus Generaes sentiram na campanha de Portugal os primeiros estremeções da decadencia. Ia baquear a Aguia.

«Em quanto o pianista portuguez — escreve elegantemente o snr. Ernesto Vieira — se fazia applau-

dir em París, as tropas de Napoleão deixavam-se bater em Portugal. Depois da expulsão de Junot e de Soult, ia caber a vez a Massena. Entretanto, os naturaes do pequeno paiz que derrotava os vencedores de toda a Europa, não podiam deixar de começar a serem mal vistos pelo amor proprio francez. Ao mesmo tempo, a colonia portugueza augmentava em Londres; o nome portuguez circulava em Inglaterra com admiração e sympathia, exaltando-se as virtudes do povo Lusitano, que estavam n'esse momento sendo tão uteis aos interesses britannicos.

«N'estas circumstancias, resolveu Bomtempo trocar Paris por Londres, partindo para esta ultima cidade no outono de 1810».

*

Esperavam-n-o lá triumphos novos; o publico, a alta sociedade, a Côrte, ouviram-n-o e applaudiram-n-o. Basta aqui um pormenor carecteristico; é este:

Uma noite tocava Bomtempo no paço. Assistia a Familia Real presidida por el-Rei Jorge III. A uma banda, em certa sala muito vasta, ficavam as cadeiras dos convidados, com a Familia Real na primeira fila. Ao outro lado o magnifico piano. Entrou Bomtempo, saudou profundamente os seus Reaes Hospedeiros, e tocou uma peça. Os applausos e elogios foram unanimes. Sentou-se de novo, para a segunda; senão quando, ao passo que elle preludiava. se ergueu do seu logar o Rei de Inglaterra, e caminhando de vagar, sem ruido, aproximou-se do mestre, e ali fi-

cou, de pé, todo o tempo, como em continencia, virando-lhe as folhas da partitura.

Diz mais que muitos elogios banaes esta homenagem prestada tão espontaneamente, a um expatriado artista, por um dos mais poderosos Soberanos da Christandade.

Passo por alto sobre os varios estádios do caminho, tão bem narrados, á vista de documentos, pelo snr. Vieira, e chego a 1815.

*

Entendeu Bomtempo, a quem as saudades da sua terra e dos seus atormentavam cruelmente, voltar para Lisboa. Aqui o esperavam desenganos amargos, que elle não podia prever. Abre-se-nos com esta sua chegada um dos periodos mais tormentosos da sua vida.

Com effeito, Lisboa sem Rei, com uma Rainha moribunda a duas mil leguas, vergava sob as prepotencias do jugo estrangeiro disfarçado em amigavel alliança. Centros de reunião, poucos ou nenhuns; desconsolo geral; dentro em pouco a morte da Rainha, e a triste acclamação de um Soberano bondoso, mas que nos preferia o Brazil. Ainda assim, raiou um clarão; esse clarão, porém, foi o das fogueiras do Campo de Sant'Anna. Na torre de S. Julião era garrotado o heroico Gomes Freire, levando comsigo para o outro mundo toda a esperança de libertação.

Foi n'estas circumstancias, que chegou para entre nós o genio musical do grande Bomtempo.

Vemol-o então, sempre irrequieto, emprehender

algumas rapidas viagens a Paris e a Londres, escrever obras de primeira grandeza, que felizmente existem, e sempre cheio de amor patrio, e sempre desejoso de se dedicar ao bem da sua terra, lançar as bases de uma grande aggremiação de amadores de musica, intitulada Sociedade Philarmonica, onde se uniram no mesmo intuito civilisador todas as phalanges da alta sociedade, da alta burguezia, do alto commercio, e onde, n'uma terra mortiça como era a nossa, a grande Arte musical conseguia cada mez proselytos novos. Orpheu, o civilisador pela Musica, o amançador de feras, não é um mytho; é uma realidade historica; é Bomtempo, o Orpheu lisbonense, o caloroso apóstolo de uma ideia luminosa, e (diga-se tudo) o martyr do seu pensamento e da sua dedicação.

*

Todas as noites se juntavam; tocavam em orchestra, executavam solos, e á voz do grande homem embebiam-se na Arte, e purificavam a alma com esses sacrificios incruentos nas aras do Bello.

De repente acabou tudo. A contra-revolução de 27 de Maio paralysou a Sociedade Philarmonica. As reuniões foram prohibidas pela auctoridade.

E observa eloquentemente o snr. Vieira, a quem sigo e a quem roubo em proveito dos leitores do meu livro:

«Um raio que tivesse estalado sobre a cabeça do insigne compositor, não lhe produziria maior abalo. Impediam-n-o de proseguir na empreza tão auspiciosamente iniciada; desfaziam-lhe os sonhos, que

durante tanto tempo alimentára, de desenvolver na Patria a sua bella energia e dedicação artistica; cortavam lhe, emfim, os meios de prover ao bem-estar da familia que elle tanto estremecia.»

Reclamou, barafustou, mas não foi attendido. O Governo, que não se compunha de ineptos, percebia bem toda a alta influencia dos intelligentes esforços do grande compositor, tudo quanto havia de dedicação no seu trabalho, tudo quanto o Paiz lucrava em ver a sua cotação intellectual levantada pela Arte ao nivel do que lá fora se praticava. O Governo entendia bem que essa revolução pacifica inaugurada pelo zelo de um só homem redundava em proveito das multidões. O Governo avaliava de certo o que significava, á luz do pensamento christão e ordeiro, aquella mistura de todas as classes, aquella communhão de tantos espiritos no mesmo intuito puro. Sim; tudo isso é verdade; mas n'aquelles duvidosos dias, o Governo temia tambem que essas reuniões podessem vir a servir de pretexto e ponto de união a ideias subversivas. Temia-o sem grande fundamento, creio eu, mas o certo é que entre os assistentes, ao par de muitos absolutistas convictos e dedicados, se contavam muitos dedicados e convictos adeptos de uma era nova. Em 1823 ainda não havia miguelistas, mas havia absolutistas e constitucionaes de 20. No Portugal velho, do briche e da saragoça, eram malvindas importações forasteiras. Uns queriam reformas; outros opinavam pelo *statu quo*. Os dois campos começavam a olhar-se entre si de soslaio.

Narra o snr. Vieira, que, além d'el-Rei D. João e

de suas Serenissimas Filhas, enthusiastas musicaes, como bons Braganças, contava Bomtempo dedicados protectores no Duque do Cadaval, no Duque de Lafões, no Marquez de Borba, no Marquez de Castello-Melhor, no Conde de Lumiares, e n'outros membros da mais genuina aristocracia, todos amigos d'elle e seus admiradores; as classes medias, que entravam por muito na constituição da Sociedade philarmonica, e eram poderosas, acompanhavam-n-o.

«Deu-se então — continua o meu bom informador, a quem peço desculpa de forragear tanto na sua obra — «Deu-se então um verdadeiro milagre, produzido pelo talento de um grande artista; n'aquelles calamitosos tempos de violenta agitação, em que na politica se jogava não só a fortuna, mas tambem a vida, membros activos das duas oppostas facções, inimigos irreconciliaveis e exaltados, juntaram-se em fraternal e civilisador convivio para prestarem culto á Arte.

«Duas difficuldades havia que remover n'esta conjunctura: dissuadir o mestre de se exilar voluntariamente, e dissipar as desconfianças da Policia. Da primeira encarregaram-se os amigos intimos; da segunda, os altos protectores.

«Resultado das diligencias empregadas, renovou Bomtempo o seu requerimento, que d'esta vez obteve mais favoravel informação do Intendente da Policia».

O Duque do Cadaval offereceu ao mestre, para

sua residencia, e para séde da Sociedade, parte do seu antigo palacio junto ao Rocio; e ahi principiou em 9 de Março de 1824 a 2.ª serie de tão interessantes e proveitosos concertos, onde se viram, como espectadores, e como executantes, o Duque do Cadaval, o Duque e a Duqueza de Lafões, o Conde e a Condessa de Subserra, o Marquez e a Marqueza de Palmella, muitos outros titulares, o corpo diplomatico, e muitissimos outros distinctos habitantes da Capital. Ali se ouviram numerosas obras do grande Portuguez, assim como de Haydn, Mozart, Cherubini, Beethoven, Boccherini, Hummel, Pleyel, etc.

Entre vicissitudes varias e incertezas causadas pelos sobresaltos politicos, a Villafrancada, o fallecimento d'el-Rei, etc., assim foram continuando estas reuniões, que, espaçadas e adiadas, acabaram em 1828, quando o senhor D. Miguel subiu ao throno.

«Não houve então mais pensar em Arte — pondera o snr. Ernesto Vieira. — Os liberaes fugiam ou escondiam-se, e a sua falta aniquilava a Sociedade.»

*

Prestes Bomtempo a ser perseguido, ou prezo, por aviso que recebeu de bons amigos, teve que homisiar-se. Onde? no Consulado da Russia, na casa de um dos seus mais devotados admiradores, Carlos Ivanoff de Razewitch. A nobre Bandeira da Russia protegeu aquelle homem, agora expatriado na mesma terra que o viu nascer. Ha singulares

contradicções na chronica dos successos humanos!

Este Razewitch, Conselheiro da Côrte Imperial, Cavalleiro da Ordem de Sant'Anna e da Fivella de ferro, esteve Encarregado do Consulado geral da Russia (em que já servia) desde 6 de Junho de 1828, data em que o Barão de Palença, Consul geral e Encarregado de negocios, se retirou de Lisboa, pela interrupção das nossas relações diplomaticas com o poderoso Imperio, até 10 de Abril de 1844, em que lhe foi confirmada a nomeação definitiva de Consul geral. Assistiu portanto, e muito de perto, aos tristes successos de 1828, e, apesar de subdito de um Governo absoluto, interessou-se pela causa legitima constitucional (1).

*

Ora justamente aqui, no palacio dos Ludovices, então n.º 2, no 2.º andar, é que morava o hospitaleiro Consul, que, n'aquellas eras de triste memoria, em que as opiniões politicas eram uma falta, em que o manifestal-as era um crime, e em que essas *faltas* e esses *crimes* levavam ás masmorras e ao patibulo, ousou homisiar Bomtempo, ousou defendel-o, ousou conserval-o para nossa gloria e nosso orgulho.

(1) Obtive essas datas do Ministerio dos Negocios Estrangeiros por favor do Conselheiro Director geral da Direcção politica, o meu sabio amigo José de Sousa Monteiro, a quem muito agradeço mais este favor. 25 de Abril de 1903.

Basta tal circumstancia para tornar altamente interessante esta casa notavel. D'aquellas paredes a dentro gemeu cinco annos, em silencio, obscuro, inutil, um homem celebre por tantos titulos. E não podia sahir, porque o prendiam! E não podia emigrar, porque não tinha meios; e pedir passa-porte era pedir a forca! E não podia expandir o seu talento, porque se denunciava! E não podia desabafar! havia de comer comsigo as suas amarguras, e em silencio!!...

*

Passo por alto o resto da biographia. Quando alvoreceu 1833, foi Bomtempo amigavelmente acolhido pelo Duque de Bragança, nomeado Professor da joven Rainha, Commendador da Ordem de Christo, e a final Director do Conservatorio.

No seu novo cargo, em cujo exercicio entrava inteiramente preparado por longos annos de estudo e meditação, fez symetria a Garrett. Em quanto este lançava as bases do Theatro portuguez, cavava Bomtempo o alicerce da Musica nacional.

Que pretendia elle? dotar o seu Paiz com a sciencia artistica, educar alumnos que viessem a ser grandes mestres, aproveitar para a civilisação as tendencias naturaes da alma portugueza, inocular n'ella o saber, que faz milagres. Continuou officialmente o fecundo plano da antiga Sociedade Philarmonica, e, já decadente mas ainda vigoroso, appareceu maior que nunca aos olhos dos seus contemporaneos. Era, porém, já tarde, e era ainda cedo. Era tarde, porque poucos annos lhe foi dado acom-

panhar , dirigir, bafejar, a sua creação. Era cedo, porque o espirito publico, sempre recalcitrante, não soube animal-o, e descomprehendeu-o.

*

Falleceu de um ataque de rins a 18 de Agosto de 1842, no 2.º andar do predio hoje n.º 148 da rua *de S. Bento,* esquina para a travessa *da Arrochella.*

Cumpre á nossa Camara Municipal mandar assignalar com uma lapide a casa da rua *Larga de S. Roque,* e esta da rua *de S. Bento.* Assim se honram os benemeritos.

*

Lisonjeava-se o Poeta romano com a ideia de não morrer de todo. Quem deixa obras como as deixou João Domingos Bomtempo, não morre. Tenho ouvido algumas no piano, mas não sei avalial-as ; sei que me encantam, e nada mais posso dizer. Só sinto a musica pelo coração, e isso não basta. Infelizmente não sei musica.

Mas o côro geral dos louvores e da admiração de uma geração inteira de contemporaneos, em Portugal, em França, em Inglaterra, é sobeja garantia de quanto valeu esse nosso conterraneo ; e o que dizem d'elle os criticos modernos confirma a cotoção excepcional em que foi reputado.

Dos seus trabalhos, e das suas glorias, ainda hoje escutamos ao longe um rumor enthusiastico. Se abrir-

mos o Diccionario de Fétis, lá encontramos menção minuciosa de Bomtempo, com muitos dados biographicos.

*

O *Musikalisches Conversation's Lexikon,* de Mendel e Reissmann (1880) menciona o alto conceito em que era havido o nosso patricio pelo Publico de Londres e Paris, e por professores da elevada cathegoria de Clementi e Kramer; e accrescenta:

«Deu provas da sua nobre orientação como compositor em numerosas producções sacras, grandes e pequenas, e nas suas muitas obras para piano».

*

Hugo Riemann no seu *Musik Lexikon* (1900) traz algumas notas biographicas do Mestre, e diz, enumerando-lhe as obras:

*

«Bomtempo foi compositor digno de consideração, e pianista distincto».

*

Platão de Waxel, sabio Russo, tambem se refere a elle na sua *Historia da Musica portugueza* (1883), qualificando-o de pianista e compositor eminente, e não regateia louvores aos serviços prestados pela

Sociedade philarmonica, de que Bomtempo foi fundador e alma.

*

Innocencio Francisco da Silva, que de certo o conheceu e o ouviu, refere-se em termos de muito apreço a «este nosso patricio, cuja memoria — diz elle formaes palavras — será sempre de gloriosa recordação para os Portuguezes nos annaes da Arte, que elle tão desveladamente cultivou» (1).

*

Outros honrosos testemunhos haverá, que não conheço.

*

Uma das melhores obras do grande João Domingos vive tambem, como as suas partituras, as suas sonatas, as suas symphonias; é seu filho, o meu velho amigo Fernando Bomtempo, que, na esphera de distinctissimo amador, mantem com brilho as tradições herdadas.

Graças á posição e ao valimento de seu illustre pae, teve Fernando a honra de contar por Padrinhos do Baptismo el-Rei D. Fernando e a Rainha a senhora D. Maria II; foi desde pequenino muito valído d'essas elevadas Personagens, e admittido á intimidade do Principe Real D. Pedro e do Infante D. Luiz. A senhora Infanta D. Isabel Maria distin-

(1) *Diccion. bibl.* — T. III, pag. 363.

guia-o immenso, mandava-o tocar na sua presença, e costumava dizer-lhe (recordação que elle repete com ufania enternecedora):

— Olha, Fernando, tu tocas bem; mas como teu pae, desengana-te, nunca has-de tocàr; esse era unico.

Tendo perdido seu glorioso progenitor aos cinco annos, não alcançou Fernando a ventura de ser directamente influenciado por tal mestre; mas, educado na Allemanha, e entregue a bons preceptores, sentiu acordar em si mesmo um attavismo irresistivel, e tornou se em poucos annos tocador de nome.

A carreira burocratica onde entrou no Ministerio das Obras Publicas, pelo qual varias vezes foi addido aos Commissariados portuguezes em diversas Exposições universaes lá fóra, e no dos Negocios Estrangeiros, onde serviu como Secretario da nossa Missão diplomatica em Marrocos, proporcionaram-lhe a grande instrucção de bonitas viagens pela Africa e por toda a Europa, desenvolvendo-lhe o gosto artistico, e fazendo-o conviver com grandes executantes. De tudo isso resultou possuir Fernando Bomtempo um estylo correcto, quente, affectuoso, sentimental, que é o encanto dos que o ouvem quando nos toca sonatas e symphonias de seu pae, ou composições d'elle proprio.

A execução é quasi tudo. O executante realça pela sua maneira as bellezas da partitura, como o bom recitador avigora o brilho dos versos. A mesma poesia recitada por um boçal, ou por um Bulhão Pato, ou por um Thomaz Ribeiro, produz effeitos diametralmente outros.

Como n'um quadro de eminente paizagista, fundem-se todas as tintas da palheta musical quando Fernando põe as mãos no teclado. O seu methodo suave, energico ao mesmo tempo, penetra no coração dos ouvintes, e consegue apresentar-lhes, entre primores de harmonia sabia, fios de verdadeiras perolas. Tem uma nitidez de traço, que não é seccura; tem um conjuncto de harmonias, que não é confusão.

Com elle, o piano chora ou ri. Com elle, o teclado tem enthusiasmo, tem reflexões profundas, tem adejos; entrevêem-se paizagens enormes, horizontes sem fim..

Não posso explicar, mas sei sentir.

Em tal filho, demasiado descuidoso e pródigo do seu talento, revive pela força do attavismo o genio paterno.

Se o filho é assim, o que não seria o pae!....

CAPITULO IX

Quem ha vinte e poucos annos (1880) passava pela insignificantissima travessa *do Conde de Soure;* quem lia na esquina de uma especie de pequeno largo sobre a rua *da Rosa* o lettreiro *Pateo do Conde de Soure;* quem encarava os restos de um palacio, cujas paredes altas, com janellas lavradas, ali campeavam sobre a dita travessa, amostra de passadas opulencias; não suspeitava estar junto de um dos logares, entre todos os do Bairro alto, mais cheios de memorias da vida publica e artistica de Lisboa, um dos sitios por onde melhor pululavam as anecdotas e noticias de todo o genero, desorientando a quem as desejasse dar a conhecer.

Ali se ergueu um sumptuoso palacio dos Condes de Soure, edificado ainda no seculo XVI.

*

Os Condes de Soure, raça forte e leal, illustre entre as mais illustres do Reino, são Costas; ramo

destacado da Casa d'onde sahiram os do Armeiro môr; este é hoje representado pelo snr. Conde de Mesquitella, D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo; o ramo Soure anda, por femea, na Casa do Redondo, representada hoje pelo snr. D. Fernando Luiz de Sousa Coutinho, Marquez de Borba desde Abril de 1903.

Ha muito em Portugal quem se interésse por assumptos genealogicos; aquelles a quem não agradarem, saltarão o que vou dizer; aos que vêem nas linhagens seguro alicerce da Historia, dedico a seguinte deducção.

Foi extrahida dos cartapacios genealogicos que me pareceram mais conceituados, e do riquissimo cartorio da Casa de Soure, hoje em poder do snr. Marquez de Borba, que, cheio de boa vontade de me ser util, me franqueou incondicionadamente os seus papeis. Receba esse prestante amigo os meus agradecimentos, e os dos leitores da *Lisboa Antiga*. A sua amavel espontaneidade, filha da sua alta polidez, realça o bom auxilio que me deu.

§ 1.º

1 — Alvaro da Costa, que era Lemos por varonia, vivia em tempo d'el-Rei D. João II e d'el-Rei D. Manuel. Foi muito valido d'este ultimo, que o fez seu Camareiro, Védor da fazenda da Rainha D. Maria, e lhe deu o titulo de *Dom* para elle e seus descendentes. Casou com Beatriz de Paiva, filha de Gil Eannes de Magalhães. Tiveram:

2 — *D. Gil Eannes da Costa,* com quem se continua;

2 — *D. Duarte da Costa*, progenitor da Casa dos Armeiros móres, de quem trataremos n'outro volume;

2 — *D. Manuel da Costa,* que tomou Ordens sacras, e falleceu novo;

2 — *D. Isabel da Costa*, mulher de Manuel de Sousa, Senhor de Miranda do Corvo;

2 — *D. Anna da Costa*, mulher de D. Fernando de Noronha, Mordomo mór d'el-Rei D. Manuel, Commendador de Villa cova na Ordem de Christo, e Alcaide mór de Azamor.

*

2 — D. Gil Eannes da Costa, Védor da fazenda d'el-Rei D. João III, Fidalgo da sua Casa, Embaixador junto ao Imperador Carlos V, foi nomeado Conselheiro de Estado por el-Rei D. Filippe I, carta de 19 de Abril de 1581, em attenção aos seus serviços, merecimentos, etc; (1) e em 25 de Outubro de 1582 obteve padrão de 300$000 reis de tença annual, que o mesmo Soberano lhe concedeu em attenção aos serviços que lhe havia prestado por motivo da successão do Reino (2).

Por aqui se vê uma coisa: nem todos os que em

(1) — Cartorio da Casa de Soure, hoje em poder do sr. Marquez de Borba — Pergaminho no 34 do Masso 14.

(2) — Devo confessar que no extrato que me foi confiado d'esse padrão de tença se lê *D. Jorge da Costa, do seu Conselho.* Ora *D. Jorge* não ha n'estas genealogias; imagino má leitura de *D. Gil Eannes*. O documento é um pergaminho, com o n.º 36 do Masso 14 do cartorio da Casa de Soure.

sua boa consciencia entenderam dever abraçar a causa filippina foram censuraveis; houve-os muito leaes, muito rectos, muito austeros no seu proceder. As interpretações da legitimidade dynastica são livres, e os factos consummados, contra os quaes não é dado reagir, são um predominio absoluto. Os que seguiram a el-Rei D. Affonso Henriques contra o Rei de Leão, os que seguiram el-Rei D. Affonso III contra el-Rei D. Sancho, os que seguiram a Rainha D. Beatriz contra o Mestre de Aviz e Nun'Alvares, os que seguiram a el-Rei D. Filippe contra o Prior do Crato e a Duqueza de Bragança, podem ser tão honestos, no fundo da sua alma, como os que seguiram a el-Rei D. Miguel contra el-Rei D. Pedro IV, ou como os que se reconciliaram com o Imperio de Napoleão, tendo-se manifestado adeptos da legitimidade indiscutivel dos Bourbons. Portanto, ninguem censure a D. Gil Eannes da Costa por ter sido *filippino;* e se isso foi mácula, veio um seu terceiro neto, que o vingou.

Logo o veremos.

Casou D. Gil Eannes em 1.as nupcias com Maria do Outeiro, filha do rico proprietario João do Outeiro, o qual parece ter dado nome á rua que ainda hoje existe com essa denominação, entre a Moiraria e o Colleginho; e é curioso aproximar que os Condes de Soure, padroeiros da capella mór de Santo Antão velho (o Colleginho), ainda no fim do seculo XVIII possuiam nos arredores, como a rua *da Amendoeira,* e a propria rua *de João do Outeiro,* varias casas, e fóros, e terrenos, que certamente lhes provinham da herança d'este ganancioso

avoengo por affinidade. Tiveram D. Gil Eannes e sua mulher:

3 — *D. Catherina da Costa*, mulher de Luiz da Silva, Senhor de Vagos.

Casou D. Gil em 2.as nupcias com D. Joanna da Silva, filha de D. Filippe de Sousa, Senhor do Calhariz. Instituiu com ella morgado de seus bens em 13 de Setembro de 1560 (1); e tiveram:

3 — *D. Alvaro da Costa,* com quem se continua;

3 — *D. Antonio da Costa*, que logo seguirá;

3 — *D. João da Costa,* progenitor dos Condes de Soure, e com quem logo se continuará;

3 — *D. Gil Eannes da Costa,* que tambem seguirá logo;

3 — *D. Filippa da Silva,* mulher de D. Fernando de Mascarenhas, Commendador do Rosmaninhal, Governador de Arzilla, morto na batalha de Alcacer-Kebir em 1578. Um filho sei eu que tiveram, chamado D. João de Mascarenhas, a quem breve vou referir-me.

3 — *D. Joanna da Silva,* mulher de D. Thomaz de Noronha;

3 — *D. Lourença,* Abadessa do convento de Almoster.

Casou D. Gil Eannes 3.a vez com D. Margarida de Noronha, como se prova por um documento de 16 de Janeiro de 1613 no cartorio da Casa de Soure, que trata do pagamento de 3:612$077 réis, que pertenceram a seu filho D. Alvaro, da fazenda que fi-

(1) Cart. da Casa de Soure — M. 1 — n.º 50.

cou por fallecimento do pae (1). D'esta senhora parece não houve geração.

3 — *D. Alvaro da Costa,* de alcunha o *Queimado*, por ter tido o rosto chamuscado com polvora durante a meninice. Por obedecer a desejo de seu pae, fez-se Clerigo. Teve illegitimos os filhos seguintes:

4 — *D. Antonio da Costa,* que administrou um morgado instituido por seu pae; casou com D. Maria Magdalena de Mendoça, filha de Luiz de Goes Perdigão de Mendoça; tiveram:

5 — *D. João da Costa,* Commendador na Ordem de Christo, fallecido sem geração.

5 — *D. Luiz da Costa,* Coronel de Cavallaria, Commendador na Ordem de Christo; serviu distinctamente nas guerras do seculo XVII; casou com sua prima D. Maria de Noronha, filha de D. Pedro da Costa, Armeiro mór; e tiveram:

6 — *D. Antonio da Costa,* Armeiro mór dos senhores Reis D. Pedro II e D. João V; casou com D. Magdalena de Mendoça, sua prima com-irman, filha de D. Antonio José de Mello; e tiveram, além de outros:

7 — *D. José da Costa,* Armeiro mór. Casou em Novembro de 1734 com D. Maria de Noronha, filha de D. Thomaz de Noronha, 4.º Conde dos Arcos, e de sua 1.ª mulher a Condessa D. Magdalena Bruna de Castro.

*

4 — *D. Alvaro da Costa* serviu na India, foi Com-

---

(1) Cartorio da Casa de Soure — M. 2 — n.º 129, onde existe a publica forma do documento.

mendador na Ordem de Christo, etc. Existe no cartorio da familia uma minuta por elle assignada, referindo todos os seus serviços no Estado da India desde 1601 até 1606, com certidões justificativas passadas pelos Vice-Reis e Governadores; tudo a fim de instruir requerimento da capitania de Sofala por tres annos, e da fortaleza de Rachol, quando esta vagasse por falta de D. Jorge de Castello Branco, e mais a mercê do Habito de Christo com 100$000 réis de tença annual (1); e existe tambem a publica forma de mais serviços do mesmo funccionario continuados até 1 de Abril de 1608 (2). Em 20 de Julho de 1612 obteve uma sentença de justificação, pela qual consta dever-lhe el-Rei um conto de réis, por cinco annos que se lhe não pagaram, e se lhe tinham concedido, por serviços de seu irmão D. Filippe da Costa (3). Casou D. Alvaro com D. Magdalena Pimentel, filha de Francisco Pimentel, Alcaide mór de Torres Novas, da qual teve:

5 — *D. Antonio da Costa*, Capitão de Infantaria; casou com D. Anna de Meneses, filha de D. Alvaro Coutinho, Commendador de Almourol, e tiveram:

6 — *D. Rodrigo da Costa*, que serviu na India, e morreu sem geração;

6 — *D. Vasco Luiz Coutinho da Costa,* Mestre de campo, Governador da India, casado com D. . . . . . de quem teve:

7 — *D. Luiz da Costa,* Governador na India, ca-

(1M — n. 3.
(2) Ibid. — n.º 4.
(3) Cartorio — M 1 — n.º 49.

sado com D. Bernarda de Sampayo; e tendo fallecido sem geração, herdou-lhe a casa D. Luiz Caetano de Almeida, Governador de Baçaim, filho do Almirante Lopo José de Almeida.

*

3 — *D. Antonio da Costa,* filho 2.º de D. Gil Eannes (n.º 2), herdou a casa de seu pae, por seu irmão D. Alvaro ter tomado Ordens sacras. Casou com D. Margarida de Castro, filha de Fernão Telles de Meneses, Senhor de Unhão, e tiveram:

4 — *D. Maria da Costa,* herdeira, mulher de D. João de Mascarenhas seu primo com irmão, tendo seu pae, o mencionado D. Antonio da Costa, em seu testamento de 4 de Novembro de 1624, ordenado que esta filha casasse com um descendente de D. Alvaro da Costa (n.º 1), como com effeito casou, segundo se acaba de dizer, com o supramencionado filho de D. Filippa da Silva.

4 — *D. Joanna de Vilhena,* mulher de Antonio de Saldanha.

§ 2.º

3 D. João da Costa (o velho) filho do mencionado D. Gil Eannes da Costa. Foi Commendador na Ordem de Aviz em dias d'el-Rei D. João III, D. Sebastião, e D. Henrique, vindo a extinguir-se, já sob a Dynastia filippina, em 31 de Janeiro de 1616, segundo se infere da abertura do seu testamento (1). Casou quatro vezes:

(1) Cartorio da Casa de Soure — M. 1 — n.º 44

a 1.ª com D. Joanna de Faria, filha de Luiz de Faria, Commendador de S. Nicolau de Carrazedo na Ordem de Christo, e Capitão de uma galé. Essa D. Joanna era já fallecida em 1570, quando a 27 de Junho se procedeu ao inventario dos seus bens immoveis, que parece terem sido consideraveis (1); e ainda antes de 19 de Maio do mesmo anno, quando se celebrou o auto de posse dada ao viuvo, D. João da Costa, como administrador de sua filha unica D. Luisa, da fazenda que lhe coube; a saber: umas casas em que viviam os conjuges, uma horta com casas perto do mosteiro da Annunciada, outras casas com quintal ás Portas do Sol, e outro quintal (2). Foi filha unica dos dois:

4 *D. Luisa de Faria,* Freira em Almoster, onde era Abbadessa a sua citada tia Lourença.

Casou D. João da Costa 2.ª vez com D. Antonia de Meneses, filha de Antonio Corrêa, Senhor de Bellas, e já fallecido em Fevereiro de 1616 (3); e tiveram:

4 *D. Gil Eannes da Costa,* com quem se continua;

4 *D. Francisco da Costa,* Padre da Companhia de Jesus;

4 *D. Alvaro da Costa,* Governador de Diu; s. g.

4 *Filippe da Costa,* morto no navio *Perola* em peleja com os Hollandezes;

4 *D. Maria de Meneses,* mulher de Gaspar de

(1) Cart. — M. 1 — n.º 22

(2) M. 1 — n.º 21

(3) M. 1 — n.º 55

Sousa, Commendador de Sinfães e de Trovões, Governador do Brasil, e do Conselho de Estado; c. g.

Ha um alvará original, de 15 de Novembro de 1605, em que el-Rei confirma a instituição de um vinculo pelo mesmo D. João constituido pela sua terça, accrescida da fazenda que houve de sua filha D. Luisa da Silva, a Freira, e permitte que o filho primogenito do 2.º matrimonio possa vincular ao dito morgado a fazenda que herdou da mãe, e a que houver a herdar do pae (1).

Casou D. João 3.ª vez com D. Maria de Aragão, filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide-mór de Faro; s. g.

Casou 4.ª e ultima vez com D. Joanna de Vasconcellos, já viuva de D. Rodrigo de Sousa; e tambem d'esta sua 4.ª e ultima mulher não teve geração.

Era illustre esta senhora por seu 1.º marido, e muito mais pelo pae, que foi o famigerado guerreiro D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, a respeito de quem peço licença para intercalar aqui uns paragraphos, tirados de outro livro meu, onde lhe compendiei a agitadissima existencia.

...«D. Luiz Fernandes de Vasconcellos... poeta, segundo deixa entrever Ferreira, é militar de grande renome, que nas chronicas occupa o merecido logar entre os mais valorosos. Tão desgraçado porém, como valoroso. E' uma d'aquellas vidas cortadas de dissabores, em que não se sabe o que mais

---

(1) Cartorio — M. 1 — n.º 43

se admire: se a pertinacia cruel da sorte, se o valor de animo da victima.

«Casou com D. Branca de Vilhena, de quem teve varios filhos.

«*Nomeado Capitão mór de cinco naus para a India* — diz Barbosa Machado *(Mem. d'el-Rei D. Seb.* — T. III, pag. 335) — *antes de sahir do porto se abriu a sua nau.*

«Mau presagio, que o não amedrontou porém, pois partiu para o seu destino.

«Encontramol-o surto em Moçambique desde 2 de Maio de 1558, ao tempo em que, em principios de Julho, ahi aportava a armada que levava ao governo da India o Vice-Rei D. Constantino. Foi acolhido do mesmo Vice-Rei com grande alegria, *por serem muito amigos*, como diz Barbosa, fazendo n'essa só phrase o elogio de ambos. Em 5 de Agosto partiram juntos para Gôa, aonde chegaram a 3 de Setembro.

«Voltando depois ao Reino, conta o mesmo Barbosa que naufragou junto á Ilha de S. Lourenço, salvando-se n'um batel com trinta homens.

«Passou tempo; voltou D. Luiz segunda vez ao Oriente, restituindo-se a Portugal *tão falto de cabedaes, como abundante de desgraças* (Barb. loc. cit).

«N'essa tornada de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos (ou quiçá na primeira) lhe dirige Antonio Ferreira a sua Elegia IV, onde lhe diz:

Rico vens de trabalhos e louvores.

«N'essa Elegia, se a relerdes com a lanterna que n'este artiguinho vos ministrâmos, achareis a menção

dos trabalhos, dos naufragios, dos combates, das desventuras de toda a casta, que atormentaram este benemerito, sem comtudo lhe alquebrarem o animo.

«Em 5 de Julho de 1570 sai de novo D. Luiz a barra de Lisboa, acompanhado de sete naus, e uma caravella, com destino ao Brazil, de que era nomeado Governador em substituição do grande Mem de Sá. Vamos a ver que novas ciladas lhe prepara a má fortuna.

«Chegado á altura da Madeira, ahi se encontra com um comboio de naus que regressavam da India. Vindo á fala, sabe o misero D. Luiz da morte de seu filho D. Fernando de Vasconcellos no grande cerco de Gôa.

«Demorou-se na Madeira, receioso das calmarias do equador, e aguardando monção para a viagem. N'esse porto ainda, recebe a triste noticia do perdimento da soto-capitania nau *Santiago* tomada pelos piratas francezes, sendo morto por elles o venerabilissimo Padre Ignacio de Azevedo com 39 companheiros. Sai logo o inquebrantavel Capitão com duas naus da sua conserva a vingar aquelle ultrage; na altura porém de Cabo Verde, o obrigam as tormentas a mudar de rumo, e a acolher-se em Guiné. Quando iam refazer-se de forças, começa a morrer-lhe a equipagem com as febres do inhospito clima de Africa. Póude emfim sahir. Passados muitos dias, avista as costas do Brazil, termo da sua viagem. Não logrou porém montar o cabo de Santo Agostinho, sendo rechaçada pelas ventanias e correntes uma das naus até á Ilha de S. Domingos, e a outra até á de Cuba.

«Reparada a sua nau, ahi se torna em demanda do Brazil; arrastam-n-o outra vez os vendavaes, mares em fora, e o põem nos Açores, onde acha guarida na Terceira. D'ahi sai em 6 de Setembro de 1571. Chegando com bom vento á altura das Canarias, avista a 12 quatro naus francezas, e uma ingleza, de piratas, que principiam a aproximar-se-lhe com medonha catadura. Exforça D. Luiz os seus soldados, e responde a duas bombardadas de polvora sêcca, atiradas por escarneo das naus inimigas, com uma banda inteira da nossa artilharia. Accendeu-se a peleja. Tres vezes aferram os piratas a nossa capitania, sem lograrem entral-a. N'isto o desventurado mas valente D. Luiz cai, varado de uma bala pelos peitos, e quebradas as pernas por outra; e, ainda assim, continua animando o combate, até que uma lançada deu com elle morto. Sepultaram-n-o os piratas na grande valla marinha.

. . . .

«Tal foi, em dois traços, a vida do valoroso Capitão D. Luiz Fernandes de Vasconcellos.» (1)

De tão notavel homem teve a gloria de ser filha a nossa D. Joanna.

Do 1.º marido tinha tido um filho muito estimado, D. Luiz de Sousa, que se está a ver foi a menina dos seus olhos, e cuja morte desastrosa e prematura a deixou triste para sempre. Vindo de servir na India, chegava á barra na nau *Conceição*, quando uns Turcos piratas atacaram os nossos, e

---

(1) *Antonio Ferreira, poeta quinhentista* = estudos por J. de Castilho — T. 1, pag. 103 e seg

na refrega lá se foi D. Luiz. Annos depois, em 1623 ainda a inconsolavel mãe institue suffragios por alma d'elle (1); e talvez fosse tambem a sua dor que a induzisse a fundar, como fundou, capella em Santo Antão o velho, acto cujos autos existem (2).

Era esta senhora irman carnal da Condessa da Castanheira, D. Maria de Vilhena (mulher do Conde da Castanheira D. Antonio de Ataíde); teve em 1591 demanda muito acceza com sua irman e seu cunhado sobre a posse de umas casas ás Portas do Mar (3). Argumentava D. Joanna serem essas casas praso de vidas foreiro á Sé; e havendo seu pae fallecido sem o nomear, e sendo ella filha primogenita, devia succeder n'elle conforme a Lei, assim como na quinta da Malveira. As desavenças forenses entre as duas illustres irmans acabaram emfim por composição, recebendo os Condes 2:0$000 réis, e declarando-se quites. (4)

De dote trouxe D. Joanna ao casal, quando se desposou com D. João da Costa, os seguintes bens:

a quinta da Malveira,
outra em Samora Corrêa,
as ditas casas ás Portas do Mar,
dois predios na rua das Manilhas,
dois pomares no termo de Collares,
outro á Vegeira, termo de Cintra,
um juro de 17$200 réis na Casa da India,

(1) Cart. da Casa de Soure — M. 1 — n.º 59.
(2) M. 2 — n.º 130.
(3) M. 1 — n.º 31.
(4) M. 1 — n.º 45.

uma divida do mercador Antonio Bocarro, de 800$000 réis em dinheiro,

a pretenção de dois casaes no termo de Alemquer, onde chamam, ou chamavam, Cabanas do chão, e emfim (o que sobretudo nos interessa agora),

as casas com suas pertenças ao Moinho de vento em Lisboa.

D'aqui se vê a linha por onde proveio á familia dos Costas o predio que n'este momento nos occupa; e á dita D. Joanna proviera de seu 1.º marido, visto que se encontra no cartorio uma carta de partilhas, de 25 de Junho de 1594, em que o Juiz dos Orphãos de Lisboa, Antão Caroto, mandando pagar-lhe o dote e as arrhas, que por fallecimento de D. Rodrigo de Sousa lhe tocavam, comprehende, além de outros bens, «um assento de casas em que o fallecido vivia, que estão n'esta cidade, no Bairro de S. Roque, pegado com o Moinho de vento, que tem um pateo grande com duas casas terreas, e da banda do norte uma horta com poço de nora e arvores de fruto, toda cercada de muro no valor de 1:600$000 réis.» (1)

E' o mais antigo vestigio que topei d'esta casa, onde no seculo XVI vivia D. Rodrigo com sua mulher, e que, pelas 2.as nupcias d'ella, e 4.as do novo marido, se transferiu para a linhagem dos Costas. Com effeito, além da quinta da Junteira, foi este assento urbano e rustico do Moinho de vento nomeado em 20 de Maio de 1602 por D. Joanna em sua filha e seu genro, os mencionados D. Gil Ean-

(1) M. 1 — n.º 36.

nes e D. Francisca (1); apetecivel morada, certamente, de que é pena não ficassem descripções, plantas, medições exactas, e que uma escriptura de 25 de Março de 1603 designa como «casas, terras, e pomares com seu cardal ao Moinho de vento. (2)»

Imagino que desde os fins do seculo XVI, ou principios do XVII tiveram os Costas o bom juizo de habitar a casa do Moinho de vento, transferindo-se para ahi de algum dos outros predios que possuiam: umas «casas com baranda e quintal» na freguesia de Santo André, outra na rua direita que ia para S. Thomé, outras em Mata-porcos, cuja posse tomou em 26 de Abril de 1622 D. Gil Eannes e sua mulher D. Maria (3), outras no Poço da Fotêa (4) etc.

O certo é que no seculo XVII se achava esta familia inteiramente ligada com o sitio campestre e aprazivel do Bairro alto; ahi morou; e em 24 de Julho de 1692 subrogou as mencionadas casas de Santo André e S. Thomé pelas grandes defronte do pateo do palacio da Rua da Rosa, que ainda lá estão, um tanto alteradas, na esquina da travessa da Estrella (5).

D. Joanna de Vasconcellos lavrou testamento a 9 de Abril de 1623, instituindo por seu herdeiro

---

(1) M. 1 — n.º 41.
(2) M. 1 — n.º 42.
(3) M. 1 — n.º 10.
(4) M. 1 — n.º 7.
(5) M, 1 — n.º 7.

universal a seu neto D. Rodrigo da Costa, com encargo de Missas em Santo Antão o velho (1).

Referia-se já, talvez, a este nobre predio do Moinho de vento uma pendencia judicial, que em 1613 teve D. Gil Eannes com uma visinha proxima, espreitadeira insaciavel (conjecturemol-o sem offensa da memoria d'ella), uma tal Beatriz de Faria, que a final foi obrigada a levantar a parede do pateo em tanta altura, que as janellas da *ré* não devassassem as immunidades do *auctor* (2).

Prosigâmos na lista genealogica:

§ 3.º

4 — D. Gil Eannes da Costa, filho de D. João da Costa, o velho; Alcaide mór e Commendador de Castro Marim, por carta de 14 de Março de 1614 (3), Conselheiro de Estado, etc. Casou com D. Francisca de Vasconcellos, filha de D. Rodrigo de Sousa, Alcaide mór de Thomar, e da madrasta d'elle D. Gil, que era a mencionada D. Joanna de Vasconcellos. Teve em 1 de Agosto de 1607 carta concedendo-lhe os privilegios de Desembargador do Paço (4). Lavrou D. Gil testamento em Madrid a 14 de Janeiro de 1623, e poucos dias depois morreria n'aquella Côrte, visto como é de 20 de Fevereiro seguinte a sentença de partilhas dos bens que

(1) M. 1 — n.º 66.
(2) M. 1 — n.º 51.
(3) M. 1 — n.º 52.
(4) M. 14 — n.º 38.

deixou, e que montaram a 8:733$300 reis (1). No seu testamento deixa os seus haveres a seu filho D. João, (2) tendo tido da dita sua mulher D. Francisca tres; a saber:

5 — *D. João da Costa,* 1.º Conde de Soure, com quem se continua;

5 — *D. Rodrigo da Costa,* fallecido novo em Damão, onde servia, e onde a 13 de Janeiro de 1631 fez testamento, deixando todo o seu haver, que não seria muito, a seu querido primogenito D. João (3);

5 — *D. Filippe da Costa,* que parece ter tambem fallecido muito novo (4).

D. Francisca de Vasconcellos fez testamento em 26 de Julho de 1616, annullando disposições de outro de 1612. Deixa por testamenteiros seu marido D. Gil e sua mãe D. Joanna, nomeia no filho D. João certos bens, e no filho D. Rodrigo, além de outras casas, «o olival do Moinho de vento.» A não menção de outros filhos prova que em 1616 só existiam dois (5).

Como ao fallecimento de D. Gil só viviam D. João e D. Rodrigo, uma sentença do Juiz dos orphãos, de 27 de Novembro do dito anno 1623 arbitra-lhes alimentos: ao 1.º, por estar então residindo em Madrid ao serviço da Rainha, 1:000$000 réis; ao 2.º, 100$000 reis (6).

---

(1) M. 1 — n.º 58.
(2) M. 8 — n.º 9.
(3) M. 1 — n.º 67.
(4) M. 1 — n.º 56.
(5) M. 1 — n.º 67.
(6) M. 1 — n.º 61

Julgo que D. Gil Eannes tambem casou (que esteve contratado para casar é certo) com D. Anna Henriques, filha de Pedro Anaya e de D. Isabel Henriques (1). Encontro a escriptura de dote e arrhas, de 13 de Maio de 1626, em que essa senhora se dota para casar com elle; morava ella, por signal, no coração da velha Lisboa, em casas suas ás Escolas Geraes, foreiras á Universidade de Coimbra, e partindo do nascente com terreiro das Escolas, e do poente com casas do Dr. André Alves Sanches (2). D'esse casamento não encontro mencionada descendencia.

Dos dois referidos filhos de D. Gil Eannes, o primeiro deu que falar. Vejamos:

§ 4.º

5 D. João da Costa, pessoa muito principal n'aquelle inquieto seculo XVII, merece duas palavras biographicas.

Nasceu em Lisboa, talvez n'este predio, em 1610 ou 11. Succedeu na Casa de seu Pae. Aos oito annos acompanhou d'esta cidade para Madrid a el-Rei D. Filippe II de Portugal, e creou-se na Côrte de Castella, sendo *menino de braço* da Rainha D. Margarida, e depois Veador da Rainha D. Isabel de Bourbon. De lá abalou para Tanger a servir Commenda, e pelejou valentemente contra os Moi-

---

(1) M. 5 — n.º 43

(2) M. 1 — n.º 65

ros ás ordens do 1.º Conde da Torre, D. Fernando de Mascarenhas.

Tornando para Lisboa bateu-se em duello com Francisco Moniz da Silva.

Em 1640 foi um dos maiores influentes da revolução restauradora, e realisou n'essa perigosa occasião prodigios de ousadia, a que soube unir prudencia e generosidade. Foi elle quem salvou das furias da plebe os Ministros filippinos dos Tribunaes. Occupou fortalezas na margem do nosso rio, rendeu os galeões dos Castelhanos, e com o seu prestigio levantou gente em Evora, batalhando como um leão no Alem-Tejo, onde foi 1.º Mestre de campo, e Governador. Tomou as praças inimigas de Valverde, Alconchel, Villa-nueva-del-Fresno, e outras. Na batalha de Montijo foi cruelmente ferido com uma espadeirada na cabeça, mas matou logo com outra o seu contendor. N'este aperto, percebe que os Castelhanos acabam de nos tomar dois canhões; não lhe soffre o animo desamparal-os; e a escorrer em sangue, e de cabeça descoberta, corre em pessoa, e, seguido apenas de um companheiro, consegue retomal-os.

Teve o talento de espalhar no Exercito o conhecimento do officio de artilheiro, e por todos estes serviços, tão denodadamente prestados, mereceu ser nomeado Tenente General, sendo elevado em 15 de Outubro de 1652 a Grandeza do Reino com o titulo de Conde de Soure, recebendo tambem as Commendas das Vargens de Soure e da Bezelga, na ordem de Christo.

Por morte d'el-Rei D. João IV, em 1656, nomeou

a Rainha Regente o Conde de Soure seu Embaixador junto a el-Rei Luiz XIV. Quando regressou a Portugal foi nomeado Presidente do Conselho Ultramarino, etc. Trouxe na sua companhia, contratado para dirigir o nosso Exercito, o celebre Marechal Conde de Schomberg. Por alvará de 25 de Junho do anno de 1659, obteve uma pensão de 200 cruzados imposta nos Bispados (1).

Com a subida d'el-Rei D. Affonso VI ao throno de seus avós, houve os disturbios que todos sabem; e antigos servidores, e leaes adeptos da Regente, cahiram no desagrado; pelas intrigas cortesans, o Conde de Soure, a quem tanto deviam o Paíz e a Dynastia, foi desterrado para Loulé. Doente, achacado de gotta, cançado de luctas, ainda se tornou para Lisboa, onde falleceu a 22 de Janeiro de 1664, n'este seu palacio da rua *da Rosa,* indo a sepultar á Graça, segundo uns, e segundo outros á capella mór de Santo Antão o velho.

Como se vê, foi dos homens mais notaveis do seu tempo, e até amigo das Lettras, mencionado por Barbosa Machado e Innocencio.

Casou o Conde de Soure com a Condessa D. Francisca de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa Verde, e de D. Juliana de Noronha; depois de viuva, teve o titulo de Marqueza de Soure, e o cargo de Aia e Camareira mór da Infanta D. Isabel Josepha. Tiveram:

6 — *D. Gil Eannes da Costa,* com quem se continua;

---

(1) Cartorio da Casa de Soure — M. 2 n.º 138

6 — *D. Pedro da Costa,* fallecido novo;
6 — *D. Alvaro da Costa;*
6 — *D. Rodrigo da Costa,* Vice-Rei da India; *c. g.*
6 — *D. Antonio da Costa;*
6 — *D. Juliana de Noronha,* Condessa de Aveiras pelo seu casamento com o Conde João da Silva Tello; s. g.
6 — *D. Helena de Noronha,* que morreu menina.

*

No meio do seculo XVII achava-se o palacio do Conde em todo o esplendor, e, segundo se deprehende de uma narração do *Portugal restaurado,* habitado pelos proprietarios, o Conde D. João, e a Condessa D. Francisca. Por signal, que certa noite, em 1657, ia ali custando cara ao Conde de Soure a sua dedicação ao serviço do Estado. Attentaram-lhe contra os dias os seus emulos da Côrte.

O caso foi assim; vou contal-o minuciosamente, porque se liga de perto com a historia e a topographia dos sitios que estudâmos:

*

Recolhia elle a casa, de volta do paço da Ribeira, onde estivera conferenciando com a Rainha D. Luisa, Regente, sobre negocios politicos. Eram umas 9 horas da noite. Ia de carroagem, apenas acompanhado de um creado fiel que lhe servia de arrimo ao apear-se, e ao ter de caminhar, achacado como era de gôtta nos pés. Parou a carroagem á

porta do pateo, veio o creado á portinhola, e inclinou-se o Conde para elle, a fim de lhe dar uns dinheiros, que, por signal, se haviam de levar a um soldado pobre seu protegido.

Pelo escuro da noite, não foram vistos dois embuçados a cavallo, que chegaram, e á queima-roupa desfecharam dois bacamartes na direcção da carroagem, fugindo logo logo a todo o galope. As balas atravessaram sem ferirem o Conde, pela posição muito curvada e retrahida em que elle por acaso tinha casualmente o tronco.

Ao estrondo, e na imminencia do risco, esqueceram-lhe os seus achaques, e correu como poude, de espada em punho, no encalço dos fugitivos; correu pouco, porque ninguem soube perceber a direcção que elles tomaram. Juntou-se gente, vieram luzes, houve alarido e commentarios; o Conde recolheu tranquillo ao palacio; mas todo o serão foi um affluir de visitas para lá, porque, não se sabe como, a noticia propagára-se a voar. No dia seguinte, a propria Rainha ordenou grandes diligencias, que ficaram infructiferas, para se alcançarem os rufiães.

As causas de tão extranho assalto a um cidadão illustre, rivalidades (segundo se julgou) por causa do governo das armas do Alemtejo, não veem para aqui, mas conta-as a quem o consultar o noticioso Ericeira. (1)

*

Este facto prova uma circumstancia topographica;

---

(1) *Port rest.*—T. II, pag. 17.

e por isso o mencionei; a saber: que em 1657 era o sitio muito deserto. Onde é hoje a travessa *da Estrella* e o *Moinho de vento* alastravam-se terras de semeadura e olivaes; por isso os aggressores escolheram estes ermos.

O palacio, com o seu pateo á frente da rua *da Rosa*, levantava a sua face nobre sobre a actual



travessa *do Conde de Soure;* e todo o terreno até á esquina do *Moinho de vento,* d'ahi até aos altos *da Cotovia* (Patriarchal queimada), e d'ahi descendo pela rua *Formosa,* era de certo o logradoiro, quintalão, jardim, ou cerca, da habitação.

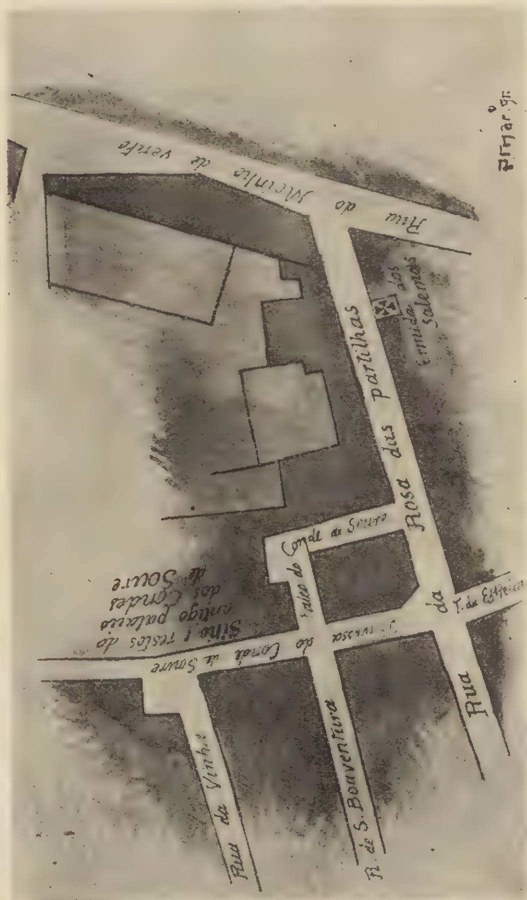
CAPITULO X

Na falta de descripção minuciosa d'este solar, direi o que me chegou, depois de apertados exames de plantas e documentos.

*

O pateo de entrada do palacio era situado sobre a rua *da Rosa,* isto é do lado do nascente. Á esquerda do portão de ingresso no pateo levantava-se uma casa com sua porta em degraus, certamente habitação de creados, ou porteiro. O pateo veio a chamar-se *da Opera* (logo veremos por que motivo), e como tal o encontro designado em documentos do primeiro quartel do seculo XIX. Hoje, que ha muito tempo communica livremente com a dita rua *da Rosa,* sem muro ou vedação de especie alguma, tem ainda a denominação de pateo *do Conde de Soure,* e liga a rua *da Rosa* com a travessa *do Conde de Soure.*

O plano junto mostra perfeitamente o que digo (1).



Ao fundo conheci ainda uma escada de pedra com

(1) Copiei-o de antigas plantas que vi nos titulos de propriedades, que n'este sitio possue o meu amigo o snr. Costa

seus anteparos da mesma lavrados, que levava... a coisa ñenhuma. Isso, e a parede mestra sobre a travessa, e certamente algumas outras lá por dentro, era tudo quanto restava das passadas opulencias.

*

Se os Condes aqui moravam n'aquella data, 1657, é certo que, trinta e seis annos depois, já ahi não estavam. Vejamos, continuando com alguns dados genealogicos:

§ 5.º

6 D. Gil Eannes da Costa, filho de D. João, 1.º Conde de Soure, foi 2.º Conde do mesmo titulo, Alcaide mór e Commendador de Castro Marim. Nasceu em 1653. Casou em 22 de Julho de 1671 com D. Maria Lourença de Portugal, irman de seu cunhado o Conde de Aveiras. Morreu com vinte e sete annos em 20 de Janeiro de 1680, deixando unico filho a

7 — *D. João José da Costa.*

*

7 D. João José da Costa, 3.º Conde de Soure, nasceu em 1678. Como Coronel de Infantaria e Marechal de campo, serviu brilhantemente nas guerras com a Hespanha. Desposou D. Luisa Francisca de

---

Trancoso, e me facultou com uma espontaneidade e uma bizarria que muito lhe agradeço.

Tavora, filha de Henrique de Carvalho Patalim, Provedor das Obras Reaes; a escriptura dotal é do 1.º de Julho de 1693 (1). Parece ter sido este casamento muito do agrado dos Soures, visto existir a doação original *inter vivos* e *causa dotis,* que fez a viuva Condessa de Soure, D. Maria Lourença de Portugal, a seu filho D. João, doando-lhe para as suas nupcias a legitima que a ella coubera por morte de sua irman a Condessa de Aveiras, D. Joanna de Portugal (2).

Ora com o nome da nova Condessa de Soure, opulenta herdeira dos Carvalhos, e mulher do Conde D. João, entra n'esta chronica de tão illustres familias um filão novo, que é indispensavel explorar.

Paremos; mas antes de proseguir conversemos.

*

Quem eram, e que representavam, esses Carvalhos? D'elles nos falam documentos velhos muito authenticos.

Em 6 de Outubro de 1558, por exemplo, appareceu-me uma petição de Pero Carvalho, e a necessaria provisão d'el-Rei D. Sebastião, para que seja válida a escriptura de dote e arrhas de 2:000$000 réis, que o mesmo Pero promettera a D. Maria de Castro para haver de casar com João Carvalho, filho d'elle. (3) Este filho foi nomeado em 30 de Maio

---

(1) M. 1 — n.º 82.
(2) M. 1 — n.º 83.
(3) M. 1 — n.º 18.

de 1563 Cavalleiro na Ordem de Christo, com a tença de 50$000 reis assentados no Almoxarifado do Paço da Madeira (1).

Parece ter sido o mesmo João Carvalho zeloso servidor d'el-Rei D. Sebastião, dispendendo no Real serviço muita fazenda propria, como se vê de um requerimento de seu filho Gonçalo Pires de Carvalho, com prova testemunhal (2). Com effeito, em remuneração dos serviços d'elle e de seu referido pae, obteve em 11 de Abril de 1614 uma tença de 20$000 reis (3).

Consolidados pelos haveres e pelo trabalho, gosavam estes Carvalhos muita preponderancia em Lisboa. Parece possuiam nos altos da Penha de França uma habitação, junto da qual se erguia uma capella antiga, que já se achava na Corôa desde 1305 (4), e foi possuida em tempos muito posteriores por um Francisco Rodrigues da Silva (5). O desejo de todos os proprietarios é arredondar; foi o que succedeu com estes; compraram em sua volta os terrenos que poderam.

Auxiliou-os muito um respeitavel tio, Lourenço Pires de Carvalho, Doutor em Canones, Arcediago de Santarem, Commissario da Bulla, etc., nascido em 2 de Janeiro de 1642, e fallecido a 16 de Dezembro de 1700. Seria homem douto e applicado?

---

(1) M. 1 — n.º 75.
(2) M. 1 — n.º 47.
(3) M. 1 — n.º 53.
(4) M. 7 — n.º 2.
(5) M. 7 — n.º 2.

é possivel; de um livro que lhe pertencia sei eu; é um exemplar da *Aulegraphia,* edição de 1619, hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Este homem adquiriu por aquellas immediações olivaes e terras, que foi accrescentando ao morgado de seus maiores. Apparece-me, por exemplo, em 1 de Agosto de 1686, a escriptura de compra a um Manuel Francisco de parte de um chão com oliveiras sito «á Fonte do canto de Santa Barbara, indo para o convento da Penha de França» por 40$000 reis (1); em 18 de Fevereiro de 1687 a de um olival na estrada da Penha, depois pomar, foreiro a S. Miguel de Alfama, comprado a João Monteiro por 90$000 reis, e que o comprador deixou a seu sobrinho Luiz de Mello filho de sua sobrinha D. Francisca de Vilhena (2).

Haverá mais, e muito mais, com que não topei.

O palacio, que da capella tomou nome, e se chamava *de Monte-agudo,* foi tambem muito ampliado n'este final do seculo XVII. Havia umas casinholas pertencentes á capella, que se subrogaram por um juro, e foram demolidas para accrescentamento do dito palacio, o qual juro se houve por vinculado em 1 de Maio de 1694 (3). Outras nas mesmas circumstancias tambem se subrogaram em 30 de Setembro de 1695, e ficaram encravadas no palacio, se assim quizermos chamar áquelle cahotico agglomerado

(1) M 7 — n.º 3.
(2) M. 1 — n.º 79.
(3) M. 7 — n.º 5.

de paredes com janellas dessymetricas, telhados agudos, e chaminés (1).

O facto é que em 26 de Fevereiro de 1699 baixou sentença civel para o Conde de Soure, das propriedades vinculadas ao morgado dos Carvalhos por 8:000$000 reis na sua quinta extra-muros á Penha, constante de casas nobres, pateo de entrada, jardim, uma cisterna, e ermida, tudo murado, com duas casas de recreação na parte rustica, vinhas, e arvores; a qual quinta edificou e vinculou Lourenço Pires de Carvalho, unindo-lhe uma propriedade comprada a D. Maria Henriques, levantando cocheira, cavalhariça, palheiro, e celleiro no sitio de terrenos comprados a Manuel Francisco, e annexando outra quinta comprada a Antonio Pinheiro da Camara; tudo competentemente murado e resguardado, com o encargo annual de 50$000 reis annuaes para a ermida (2).

*

Duas palavras a respeito d'esta:

Junto do palacio ergue-se ainda hoje, apesar das vicissitudes do tempo e da mudança nas instituições, a ermida da invocação de Nossa Senhora do Monte-agudo. E' um edificio singelo e sem adornos, nem exteriores nem interiores.

Ahi se mandou sepultar, por devoção, no meio do templo, o grande bemfeitor da Casa de seus maio-

(1) M. 7 — n.º 6.
(2) M. 7 — n.º 7.

res, o mencionado Lourenço Pires, com este epitaphio modesto:

SEPULTURA DE LOURENÇO PIRES DE CARVALHO,
INDIGNO CAPELLÃO DE NOSSA SENHORA (1)

*

Como disse, a capella tinha sido administrada por um Francisco Rodrigues da Silva e sua mulher Francisca Falcôa; por sentença de 22 de Dezembro de 1699 passou a administração para os Carvalhos (2), recebendo elles em 24 de Abril de 1700 um padrão de tença annual vinculada, de 50$000 réis assentados na folha do Almoxarifado de Thomar para as despezas da administração (3); mas em 17 de Fevereiro de 1715 D. Helena de Tavora, tutora do joven Conde de Soure, desistia da administração em favor do Padre Francisco Tinoco (4) (ou Francisco da Silva Tinoco), que em 23 de Março de 1726 instituia ali uma nova capella com o titulo de Nossa Senhora do Soccorro (5).

Em 7 de Abril de 1747 era concedido ao Conde de Soure D. João da Costa Patalim a tença de 2:574 reis de juro e herdade, que lhe pertenceram por Lourenço Pires haver dotado a Irmandade de Monte Agudo, com a expressa clausula de que, ex-

(1) Barb. Mach — *Biblioth. Lusit.* — T. III, pag. 33.
(2) Cart. da Casa de Soure — M. 7 — n.º 8.
(3) M. 14 — n.º 44.
(4) M. 7 — n.º 10.
(5) M. 12 — (Capellas) — n.º 4.

tinguindo-se ella, como se extinguira, revertessem os bens aos herdeiros e successores de vinculo (1).

*

Voltando annos atraz, tornarei a falar da Condessa de Soure D. Luisa Francisca de Tavora.

A geração dos Carvalhos representava-a ella exclusivamente, pela seguinte forma:

Era filha de Henrique de Carvalho e Sousa, que morreu n'uma pendencia (2) com D. Luiz de Lancastre, depois Conde de Villa Nova. Estando a bater-se com D. Luiz, foi traiçoeiramente assassinado por um lacaio (3).

Foi seu herdeiro Gonçalo José de Carvalho, o qual, morando, não em Monte-agudo, mas *pegado á egreja de Santa Catherina do Monte Sinai*, fez testamento em 1698, fallecendo de bexigas a 30 de Agosto d'esse anno, casado desde 9 de Agosto de 1694 com uma senhora franceza, D. Maria Clara Genoveva de Bretanha, filha de Claudio II de Bretanha, Barão de Avaugour, Conde de Vertus e de Goëllo, Senhor de Clisson, d'Ingrande, de Chantocé e de Montfaucon, e de sua mulher Anna Judith Le Lièvre. Existe o testamento d'elle e o inventario dos seus bens (4).

N'uma Miscellanea que possuo, e que pertenceu

---

(1) M. 4 — n.º 45-1

(2) Hist. Gen. da C. R. — T. XI, pag. 497.

(3) Ibid. — pag. 258.

(4) C. da C. de S. — M. 1 — n.º 89.

aos manuscritos da bella livraria de meu Pae, ha uma carta de um amigo a outro, dando minuciosas novidades lisbonenses dos annos 1697 a 1699; lá encontrei menção da morte de Gonçalo, n'este encaracolado estylo:

«Falleceu Gonçalo Joseph, filho de Henrique de Carvalho, sem deixar successão; deram-lhe umas bexigas, que, correios da morte, lhe trouxeram os ultimos desenganos; preparou-se com tal conhecimento, como se não fôra fidalgo, e moço (1); fez seu testamento, mostrando em tudo que os desenganos da vida o resgataram da mesma opinião em que o tinham posto as mocidades (2). Deram abalo n'esta Côrte os eccos da sua morte, por não serem repetições dos desmanchos da sua vida. Ficou sua mulher duas vezes peregrina: uma, por estrangeira; outra, por solitaria (3). Seu marido lhe deixou

---

(1) Allusão aos desmandos da mocidade doirada do tempo; e não eram poucos.

(2) Trocadilho; *mocidades* significa ahi estroinices, extravagancias de gente nova. Para estes é que nasceu o sublime verso de Bocage:

Saiba morrer o que viver não soube.

(3) Novo trocadilho; quer dizer: ficou *peregrina*, por ser Franceza, isto é de terra extranha á nossa; e ficou *peregrina*, por se achar sem marido, peregrinando sósinha na existencia; ou é talvez antes allusão á perola solitaria, a que se chamou por excellencia *a peregrina*, pescada nos mares de Panamá, tamanha como um ovo de pomba, e que valeu cem mil ducados. Vide Bluteau — *Vocabulario* — verb. *Peregrino*, e *Orfãa*. Essa preciosissima perola havia por força de ser muito no-

quanto poude; tem a sua sogra ao seu lado, ao mesmo tempo que lhe assistem com todo o cuidado Lourenço Pires de Carvalho (1) e seus cunhados.»

D. Maria Clara Genoveva de Bretanha passou a segundas nupcias em 17 de Novembro de 1704 (provavelmente já em França, para onde voltaria de certo) com o seu patricio Carlos Rogerio, Principe de Courtenay.

Pelo fallecimento de Gonçalo José, passou o vinculo de Monte-agudo para sua irman, que era já Condessa de Soure pelo seu casamento com o 3.º Conde; e é desde então que ficou o palacio de Monte-agudo pertencendo aos successores da Casa de Soure.

Ainda hoje, que sahiu para mãos inteiramente extranhas, pois pertence ao sr. Jacintho Augusto de Paiva de Andrade, por cabeça de sua mulher, que em 1873 o herdou de seu pae, que por compra o houve da Casa de Soure, hoje ainda, reduzido a um viveiro de gente popular de baixissimas rendas, comprova a sua primitiva origem com um escudo de Armas sobre um portal dentro no pateo, onde as quadernas de meias luas, a estrella de oito pontas, e o cisne por timbre, estão teimando em dizer: CARVALHO.

*

Achando-se o mencionado D. João, 3.º Conde de

---

meada; e tanto o foi, que a vemos tomada como protótypo de belleza e raridade pelos contemporaneos. Era o *Regente* e o *Kohi-noor* das perolas, como essa senhora seria a perola das mulheres bonitas.

(1) O Arcediago.

Soure, na guerra ás ordens do Marquez das Minas, morreu em Denia (Hespanha) aos vinte e oito annos, a 17 de Dezembro de 1706, tendo tido de sua mulher os filhos seguintes:

8 — *D. Gil Eannes da Costa;*

8 — *D. Gonçalo da Costa;*

8 — *D. Josepha da Costa,* fallecidos creanças; e

8 — *D. Henrique Francisco José da Costa,* com quem se continua, e que foi universal herdeiro da Casa de seu pae, menos da terça, que este deixou á Condessa viuva, D. Luisa (1).

Existe com a data de 21 de Fevereiro de 1702 o inventario dos bens moveis do casal (2); e vê-se terem sido avaliados em 4:564$515 reis as bemfeitorias das casas grandes sitas ao Moinho de vento (3).

Esta senhora, a Condessa D. Luisa, fez testamento em 18 de Maio de 1707, deixando testamenteiros sua mãe, e o Conde de Aveiras (4). O inventario dos bens pessoaes que deixou é de 30 de Maio de 1707 (5).

§ 6.º

8 — *D. Henrique José Francisco da Costa de Carvalho Patalim Corrêa de Sousa,* 4.º Conde de Soure. Ficou filho unico ao fallecerem seus paes. (6)

---

(1) Cartorio da Casa de Soure — M. 1 — n.º 91. Existe o inventario dos bens moveis — Ibid. n.º 95.

(2) M. 1 — n.º 94, e 95.

(3) M. 1 — n.º 93 A.

(4) M. 1 — n.º 96.

(5) M. 2 — n.º 97.

(6) M. 2 — n.º 100.

Foi Capitão de Cavallaria, Provedor hereditario das Obras Reaes, Alcaide e Commendador de Castro Marim, e das Commendas das Pias, Bezelga e Soure, Senhor da Azambujeira e do Esbarrondadoiro e Patalim, no termo d'Evora. Nasceu em Lisboa a 17 de Setembro de 1700. Casou duas vezes: a 1.ª, precedendo escriptura antenupcial e dotal de 7 de Junho de 1717 (1) com D. Theresa Ignacia de Moscoso, filha de Vasco Fernandes Cesar de Meneses, 1.º Conde de Sabugosa, Vice-Rei das Indias e do Brazil, a qual Condessa falleceu de parto nove mezes depois de casar; a 2.ª com D. Antonia de Rohan filha de D. José Rodrigo da Camara, Conde da Ribeira-grande, e da Condessa D. Constança Emilia Sophronia de Rohan-Soubise, da qual teve:

9 — *D. João da Costa,* com quem se continua;

9 — *D. Constança da Costa,* fallecida aos 12 annos em 1730;

9 — *D. José da Costa,* fallecido creança;

9 — *D. José da Costa,* nascido em 1722.

9 — *D. Gil Eannes da Costa,* nascido em 1731.

O Conde D. Henrique fez testamento em 15 de Outubro de 1755, deixando por testamenteiros seus filhos D. João e D. José, e seus cunhados o Conde de Aveiras D. Duarte, e D. Vasco da Camara (2). Em Julho de 1756 era já fallecido. Sua mulher a Condessa D. Theresa fez testamento a 9 de Janeiro de 1756. (3)

(1) M. 2 — n.º 102.
(2) M. 2 — n.º 114.
(3) M. 2 — n.º 115.

9 — *D. João da Costa,* nasceu em Fevereiro de 1717. Em 13 de Setembro de 1760 celebraram-se as escripturas do seu casamento com D. Maria José de Meneses (1).

*

Os Soures habitaram longos annos em Monte-agudo, sitio commodo por ser campestre e proximo de Lisboa. Desde quando, não posso dizer, mas imagino que desde a morte de Gonçalo, isto é, desde que, nos ultimos annos do seculo XVII, a Condessa de Soure tomou posse do palacio.

Em 1759 encontro vestigio de obras lá; é um contrato de 15 de Janeiro, do Conde D. João com o mestre Francisco da Costa, que se obrigava a reparações e construcções no palacio da Penha de França (2).

Em 1791 lá estavam os proprietarios; dil-o o *Almanak* d'esse anno; em 1803 (3); em 1814 (4); em 1815 (5); em 1818 (6); em 1820 (7).

D'então em diante, nada sei senão isto:

Para tornar mais accessiveis estes sitios, aos quaes antigamente não chegavam coches senão pela banda do sul, indo do lado da Graça, mandou o Ministro

---

(1) M. 2 — n.º 139.

(2) Cartorio da Casa de Soure — M. 7 — n.º 12.

(3) *Almanak* de 1803, pag. 96.

(4) *Gazeta de Lisboa* n.º 157, de 6 de Julho de 1814.

(5) *Gazeta* n.º 5, de 6 de Janeiro de 1815.

(6) *Gazeta* n.º 188, de 11 de Agosto de 1818, e n.º 249, de 21 de Outubro de 1818.

(7) *Almanak,* pag. 73.

do senhor D. Miguel, Conde de Basto, ahi morador n'uma casa que ainda lá está, fazer a estrada nova do Forno do Tijolo para Monte-agudo; desembocava perto da residencia d'esse alto funccionario, que tão repulsivo se tornou aos constitucionaes pelos maus conselhos que dava a seu Real Amo. O meu saudoso amigo Conde de Villa-Franca ainda se lembrava de lá ir uma noite com sua mãe, a snr.ª Condessa de Mesquitella, antes de 1834.

O *Diario de Noticias* de 9 de Março de 1896 escreveu:

«A ermida do Monte-agudo, que em tempo foi propriedade da casa dos Condes de Soure e de Redondo, estava completamente abandonada; e hoje acha-se restaurada com muito gosto, devido ao seu actual proprietario, o sr. Andrada, que muito tem concorrido para se lhe dar o devido culto; a imagem do seu orago acha-se actualmente em Bellas, na quinta do Bom Jardim (1). Hontem foi recebido pela primeira vez o Lausperenne a expensas dos romeiros do cirio da Atalaya, que estão dando o culto á capella.»

Voltemos ao Bairro alto. O salto não é pequeno.

*

O meu leitor tem certamente lembrança das fes-

---

(1) Quinta ainda hoje pertencente ao actual snr. Marquez de Borba, D. Fernando de Sousa.

tas do casamento da nossa Infanta D. Catherina, filha d'el-Rei D. João IV, com el-Rei Carlos II da Gran-Bretanha. Já descrevi tudo isso, com os seus antecedentes interessantissimos, no meu livro *A Ribeira de Lisboa;* e uma bella gravura alleman, que possuo, e reproduzo aqui, extremamente rara, nos mostra o apparatoso cortejo desfilando pelo Terreiro do Paço, a caminho da Sé, e depois o embarque na ponte da Ribeira das naus; scenas luxuosas e caracteristicas, que me exfórço por dar a conhecer aos apreciadores. São odiosos os monopolios. As minhas collecções estão sempre á disposição dos estudiosos que me visitam; assim, ficam á dos curiosos que me lêem.

São sempre as festas e alegrias dos Monarchas alegrias e festas para o Povo. As d'esse auspicioso casamento, que tanto nos custou, nos levou Bombaim, mas consolidou por uma alliança poderosa e opportuna a Dynastia de Bragança, ficaram lembradas longos annos nas memorias publicas da velha Lisboa. Quem examina cuidadosamente as duas estampas que apresento, obra de um gravador e impressor allemão cujo nome não consta, assiste, por que assim o digâmos, ao desfilar do cortejo pelo Terreiro do Paço, apinhado de gente, vê os terços formados, contempla os vistosos coches, onde vai o Embaixador da Gran-Bretanha, Conde de Montague, o Principe D. Pedro, el-Rei D. Affonso VI, a Real Noiva sua irman, entre fileiras de graciosos pagens, e presenceia o embarque das personagens na ponte do Tejo, ao retroar das salvas da artilharia nas arrogantes naus inglezas e portuguezas.



Sahida da Infanta D. Catherina de Bragança, do Paço da Ribeira para a Sé de Lisboa, onde vai desposar por procuração el Rei Carlos II da Gran Bretanha

Back of
Foldout
Not Imaged



Embarque da Rainha da Gran Bretanha, D. Catherina de Bragança na ponte da Ribeira das Naus em Lisboa

Back of
Foldout
Not Imaged

Passarei por alto sobre a estada entre extranhos d'esta Rainha, sempre nossa pelo coração, e de quem o meu fallecido amigo e antigo chefe Antonio da Silva Tullio foi consciencioso e elegante chronista. (1)

Desgostosa da Côrte da Gran-Bretanha, e muito saudosa do seu Portugal, voltou á Patria, depois de enviuvar, a senhora D. Catherina, como todos sabem, em tempo de seu irmão el-Rei D. Pedro II, em 1693. Primeiro, estabeleceu-se nos paços suburbanos do Calvario, preparados para tal hospedagem. Passado algum tempo, mudou-se para o palacio dos Condes do Redondo a Santa-Martha. Ahi parece não se ter dado bem, porque (eis aqui onde bate o ponto) passou para este dos Condes de Soure, onde ainda se achava em 14 de Fevereiro de 1699, dia em que lavrou testamento no palacio dos Soures, ou «dos Moinhos de vento», como lhe chamavam.

Julga Pinho Leal que a Rainha viuva morou no «palacio dos Condes de Soure á Penha de França». E' manifesta confusão do laborioso investigador. Os Soures tinham já então, é bem verdade, á Penha de França, o enorme palacio de Monte-agudo, que lá está, se bem que muito mutilado; mas o testamento da mesma Princeza não deixa duvida, porque é datado do palacio «sito ao Moinho de vento, na Côrte e Cidade de Lisboa.» Ora este não deve confundir-se com o de Monte-agudo, pois que nem esse logar se chamava *o Moinho de vento,* como o outro,

(1) *Archivo pittoresco.* — T. IX.

nem era em Lisboa, e sim no termo de Lisboa. Tomei a liberdade de rectificar este lapso de penna, porque, vindo de tão instruido compillador, podia induzir em erro os estudiosos.

CAPITULO XI

Tinhamos deixado a Rainha D. Catherina da Gran-Bretanha installada no palacio dos Condes de Soure, na rua *da Rosa*.

A circumstancia de uma hospedagem Real no Bairro dos Alteros, e de tão illustre e respeitavel Princeza, havia de nobilitar muito o sitio, e por isso não pude esquecel-a em livro tão minucioso. Nem todas as regiões de Lisboa se ufanam de terem dado hospedagem a testas coroadas; pois ás visinhanças da Casa professa dos Jesuitas nem essa nobilitação faltou.

*

Este paço devia ser então muito bem situado, quanto a hygiene, porque ficava mesmo no extremo do povoado; devia gosar extensissimas vistas, e dominar para nordeste e poente grande desafogo de terras de pão e pastios.

Ainda no tempo do terremoto os cumes da Patriarchal eram chãos de semeadura, desde o alto da

rua *de S. Bento* até á travessa *do Pombal* e *Cardaes de Jesus;* apenas uma ou outra rara habitação povoava a linha que seguia desde o Conde de Soure até ás Fabricas das sedas; menciono o solar de D. Rodrigo de Mello (hoje Imprensa Nacional), e a Casa do Noviciado da Companhia (depois Collegio dos Nobres, e hoje Escola Polytechnica) (1). Apenas existiria o bonito palacete que foi da Casa de Penalva, fundado depois de 1738 pela 4.ª Condessa de Tarouca, D. Joanna Rosa de Meneses para ahi passar a sua viuvez (2). Logo veremos melhor isso tudo.

O sitio era pois, como se está vendo, verdadeiro deserto, encantador pela magnificencia de variadas perspectivas. Teve bom gosto a Rainha Viuva.

O seu senhorio era então um rapaz de vinte e dois annos, o já mencionado 3.º Conde de Soure, D. João José da Costa e Sousa, que, pelas suas prendas de militar, e pela sua intelligencia e cordura, veio a deixar bom nome, e accrescentou o herdado. Melhor o deixaria, se não fallecesse novo.

*

Em Fevereiro de 1699 emprehendeu a Rainha

---

(1) Pode ver-se Ratton — *Record.*, pag. 26.

(2) E' na esquina da actual praça *do Principe Real* (Patriarchal queimada), para a rua *da Mãe d'agua.* Pertencia em 1879 ao snr. Francisco Ribeiro da Cunha, que o comprou, poucos annos antes, ao Marquez de Penalva Fernando Telles da Sylva Caminha e Meneses. Da Condessa de Tarouca, e de seu talentoso marido o Conde João Gomes da Sylva (Alegrete) trata a *Hist. Gen.*, T IX, pag. 693.



Sua Majestade A Rainha da Gran-Bretanha
D. Catherina de Bragança

D. Catherina uma viagem a Villa-Viçosa, certamente para matar saudades da meninice, alegre e descuidosa, vivída n'aquelles paços ducaes, tão bem descriptos pelo Conde de Villa-Franca, e tão superior e minuciosamente pintados por José Ramos Coelho! D. Antonio Caetano de Sousa (1) allude a essa digressão, e confirma-a um manuscripto anonymo que possuo, e tenho citado; diz o auctor, quem quer que fosse, pessoa curiosa e bem informada:

«A Serenissima Rainha da Gran-Bretanha se retirou por Fevereiro para Villa-Viçosa. Foi seu conductor Roque Monteiro Paim. Fica com ella té se restituir á Corte, ao palacio onde Vossa mercê a deixou. Bem afortunado Monteiro, que sendo em todos defeito ver pouco, só d'este se não pode murmurar mal visto (2).

*

N'um livro escripto em 1699, e que em 1700 se publicou em Londres (3) encontram-se acerca da Real Viuva irman do Soberano portuguez algumas informações; por exemplo, a pag. 125 e 126:

«Sendo hoje Sua Majestade, com grande pena da

---

(1) *Hist. Gen.*, T. VII, pag. 328.

(2) Fl. 216 do volume mss. de miscellaneas, lettra do seculo XVII, que existe com o numero 220 na minha *Olisiponiana*. Carta de um amigo a outro, dando-lhe noticias de 1697 a 1699.

(3) *An account of the Court of Portugal under the Reign of the present King D. Pedro II*, 8.º, 1 vol.

nossa nação, uma figura muito consideravel da Côrte portugueza, é-nos impossivel deixar de a mencionar.

«As circumstancias do viver de Sua Majestade differem hoje bastante do que eram em Inglaterra. Acha-se a sua Côrte reduzida quasi á condição de uma familia particular, pois que as poucas pessoas que de Inglaterra a acompanharam estão hoje pela maior parte licenciadas, com os seus ordenados por inteiro. Não ha apparato nem ostentação de grandeza no seu paço; tudo ali respira socego e paz, a não ser nos dias de gala, quando as pessoas mais qualificadas comparecem a saudar a Rainha; n'essas occasiões ha tanta frequencia quanta comporta a fidalguia portugueza.

«Em todo o resto do tempo, Sua Majestade convence o mundo de que as pomposas etiquetas não são inseparaveis da Soberania».

*

Do que fosse a mobilia d'este paço da Rainha da Gran-Bretanha, não me consta ficassem memorias. Apenas sei de uma peça riquissima que devia adornar certamente o oratorio da Augusta Princeza, e que vejo mencionada no catalogo de um leilão celebre, em Maio de 1901, realisado em Lisboa. Refiro-me ao relicario descripto sob o numero 524 do leilão da extraordinaria mobilia do snr. Marquez da Foz, Tristão Guedes de Queiroz, no seu palacio da *Avenida*, por esse senhor comprado á herança do Marquez de Castello-melhor.



Relicario que pertenceu á Rainha
da Gran-Bretanha

A descripção do movel é pouco mais ou menos como segue:

Sobre um embasamento de ebano adornado de pedras levantam-se a distancia de uns 25 centimetros duas columnetas lisas de agatha, com capiteis corinthios de prata. Sobre as columnas corre a architrave, de ebano, e sobre ella um lindo frizo ornamentado de tres cabeças de Anjo, em prata, entre meias espheras de crystal de rocha. As duas columnas referidas assentam sobre pedestaes de ebano, que, ressahidos uns millimetros, acompanham o embasamento, e teem correspondencia no ressahido do entablamento. Sobre este levantam-se uns pequenos acroterios rematados em ornatos vasiformes; e ao centro, entre elles, uma peça quadrada sobrepojada de um fastigio ou frontão triangular adornado de dois acroterios, eguaes aos outros, no terço inferior das empenas. Esse quadrado encerra uma figura do Salvador do mundo, em prata, alto relevo, a qual sustenta na esquerda a esphera terrestre coroada de Cruz, e com a direita abençôa.

No intervallo contido entre as duas columnas de agatha, o embasamento, e a architrave, vê-se a melhor joia d'este movel rico e artistico: é um quadro de João Mabuse (fallecido em 1562), representando o Redemptor, sentado, meio-nu, coroado de espinhos, e escarnecido por tres Judeus; a assignatura diz: *Joannes Molbodius Invenit, 1527*.

*

Se existissem inventarios do resto da mobilia,

hoje certamente destruida, ou dispersa sabe Deus por onde (talvez entre estrangeiros, que annualmente nos roubam o que apparece, e não sabemos apreciar), veriamos a magnificencia dos arrazes, a abundancia dos quadros ricamente emoldurados, a preciosidade das alcatifas, a elegancia dos cadeirões doirados, a sumptuosidade das camaras orladas de azulejo velho; e melhor imaginariamos entre tudo isso a saudosa figura, tão portugueza sempre, da Filha dos Braganças. Nada existe. Assim desapparecem as glorias do mundo.

CAPITULO XII

Parece que, apesar de todas as vantagens da sua residencia alugada, não se achava n'ella á vontade a Rainha da Gran-Bretanha, porque se transferiu d'ali, em 1699, para o palacio dos Condes de Aveiras em Belem, onde hoje é o paço.

Os Aveiras eram proximos parentes dos Soures por duas affinidades. O 3.º Conde de Aveiras, maniaco por obras, applicou-se com muita despeza a augmentar e embellezar este seu palacio da beira-mar.

Apesar d'esses adornos, a Rainha, já farta de vivendas particulares, que, por muito boas que fossem, deviam contrastar bastante com as residencias soberanas de Hampton-court, ou de White-hall, a que se habituára, passou-se de vez para o bello paço da Bemposta, que a propria Viuva de Carlos II fundou muito a seu gosto, e onde veio a fallecer em 31 de Dezembro de 1705. (1) Hoje é a Escola do

---

(1) *Hist. gen.* —. VII. pag, 333

Exercito; e ainda os Brasões bipartidos de Inglaterra e Portugal, sobre escudos *em lisonja,* lá attestam a mão feminina, e duas vezes Real, que levantou este palacio celebre, ainda hoje chamado *o paço da Rainha.*

Foi outra Rainha, a senhora D. Maria II, que o doou ao Estado; oiço porém duvidar da legalidade de tal doação, pois não se tratava de bens particulares de Sua Majestade, e só de bens da Corôa, que a mesma Augusta Senhora (apesar da optima intenção que presidiu á dádiva) não podia talvez alhear.

*

Ora bem; nos livros do genero d'estes meus o mais difficil é seguir caminho direito e rapido; ha tantas e tão boas amoras ao longo das sébes do caminho, que o não as apanhar é impossivel para quem d'ellas é guloso, e gosta de as repartir com os passageiros. Por que não hei-de eu dizer quatro coisas sobre o paço da Bemposta? por não ser o logar proprio n'este volume? não é motivo. Vamos pois a uma digressão, e logo tornarei a atar o fio com que vinha, apresentando o leitor aos inquelinos novos do palacio Soure depois da sahida da Rainha da Gran-Bretanha.

*

Diz-se que a Augusta Senhora começou em 1694 ou 1695 a mandar edificar esta casa, que veio a ser a sua morada derradeira. Assim seria; que levou annos a construir é verosimil, tão grande é.

Apresenta uma longa fachada de muita nobreza e imponencia, com janellas sacadas grandiosas, por cima de uma sobreloja de janellas de peitos, interrompida pelos dois enormes portões, que facultavam entrada e sahida aos coches n'uma vasta loja, para onde dá a escadaria. Do interior do palacio não conheço pormenores; lembro-me de que em 1857 ou 1858 ahi entrei uma vez, e ainda se viam enormes salões forrados de damasco (se me não falha a memoria); mas como então estava longe de pensar na *Lisboa antiga*, não tomei apontamento.

A quinta era enorme, e seguia ao longo da *Carreira dos cavallos*, e da azinhaga, hoje rua de *D. Estephania*, d'antes chamada travessa do *Pintor* (1). No jardim havia o bello tanque aproveitado muito bem pela Camara Municipal para adorno da alameda de S. Pedro de Alcantara.

*

Se a edificação do palacio é dos ultimos annos do seculo XVII, o indubitavel é que desde o 3.º quartel d'esse seculo a Rainha comprava a esmo, pela Bemposta, pela Carreira dos cavallos, e immediações de Santa Barbara, muitos predios e terrenos, grandes e mesquinhos, quintas e quintaes, em que planeava estabelecer e alastrar a sua propriedade (2).

---

(1) Que não foi, como se julgava, Pedro Alexandrino, segundo demonstrou muito bem o intelligente snr. Gomes de Brito.

(2) Consultei na Torre do Tombo, e percorri, as 820 folhas

As compras continuam em 1702, e ainda em 1706 (1).

Que em 1704 se achava residindo definitivamente n'este seu paço a Rainha, é certo. Em Março d'esse anno ahi a visitou el-Rei Carlos III de Hespanha (Archiduque de Austria), entrado no porto de Lisboa a 7 de Março (2), e hospedado no palacio do Conde de Aveiras no largo de Belem (3).

Em 14 de Agosto do mesmo anno recebeu Sua Majestade a visita official do Conde de Galloway, General commandante das armas inglezas em Portugal, acompanhado do Embaixador de Inglaterra (4).

Em Dezembro de 1705 achava-se a Rainha gravemente enferma.

*

A proposito: a essa doença da Real Senhora liga-se a seguinte tradição, que alguns repetem; diz-se que foi causa de se abrir a serventia publica chamada hoje *Bempostinha,* ou *Bemposta pequena*, que é a rua que liga o largo *do Metello* com o alto da calçada *do Conde de Pombeiro.* Eu explico.

Pela frente do paço havia um largo terreiro mu-

---

do tombo que assim se intitula: *Conthem este Livro | Os Titulos Originaes das Com- | pras das Propriedades, e Subro- | gaçõens de foros, que mandou fa- | zer A Serinissima | Senhora | Rainha | Da Grãa Bretanha.*

(1) O *Gabinete historico* traz minuciosa noticia de tudo isso no T. IX, pag. 296 e seg.

(2) *Hist. gen.* T. X, pag. 316.

(3) *Hist. gen.* T. VII, pag. 574, 575.

(4) *Gazeta de Lisboa* — Agosto de 1701.

rado, como vastissimo pateo (chamado hoje simplesmente *paço da Rainha,* sem mais designação de rua, ou largo), fechado ao poente e ao nascente, (por outra, do lado do *Metello*, e do lado do *Cabeço de bola)*, por muralha aberta em dois portões aos topos. Esse terreiro era *couto*, isto é, era privilegio da Mo-



Paço Real da Bemposta
ainda hoje chamado *Paço da Rainha*

radora; chamava-lhe o Povo a rua *da Bemposta,* ou só a *Bemposta;* e por espontanea concessão da Rainha, era facultado ao Publico o transito livre da Bemposta.

Durante a doença, para evitar que o rumor da passagem perturbasse a enferma, vedou-se, abrin-

do-se então em terras proximas o caminho ou estrada que se ficou chamando *a Bempostinha*.

Tudo isso é lenda. Um documento de 1673, que logo citarei, fala já da *Bemposta pequena*, muito antes que a Rainha ahi habitasse, e vinte annos antes que chegasse a Lisboa.

Assim se escreve a Historia.

CAPITULO XIII

Em 31 de Dezembro de 1705 acabou de padecer, depois de longa e penosa enfermidade, a neta dos Duques de Bragança, a filha do *Restaurador*, a viuva de um dos mais poderosos Monarchas da Christandade.

N'essas horas ultimas, com que saudade haviam de lembrar-lhe os dias alegres da sua meninice nos jardins de Villa-viçosa! os sustos e alvoroços da Restauração! as festas do seu casamento em Lisboa! a despedida na ponte do paço da Ribeira! as sumptuosidades da velha Londres!

*

El-Rei D. Pedro II não deixou de mostrar interesse por este paço de sua Real Irman. Existe uma carta de padrão pelas rendas da Alfandega de Lisboa, para pagamento dos capellães da capella (1).

---

(1) *Hist. gen.* — Provas — T. v, pag. 359.

*

Em 14 de Julho de 1707, dia em que subiu ao Throno, doou el-Rei D. João V este palacio, com a quinta annexa, a seu irmão o Infante D. Francisco, (1) que alternava esta residencia com o paço de Queluz (2). Foi esse senhor quem fundou junto á Bemposta, na *Carreira dos cavallos*, um hospicio para os Religiosos Capuchos da Provincia da Conceição (3).

Creio que antigamente a quinta e jardins da Bemposta eram dignos de ser vistos. Em Abril de 1725, por exemplo, ahi encontro passeando a Rainha D. Maria Anna de Austria (4).

Este vasto casarão parece ficou deserto por morte do Infante, e, segundo o nosso costume, desamparado. Os Governos portuguezes amam as ruinas. Em 1796 o anonymo auctor do *Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne* (5) diz:

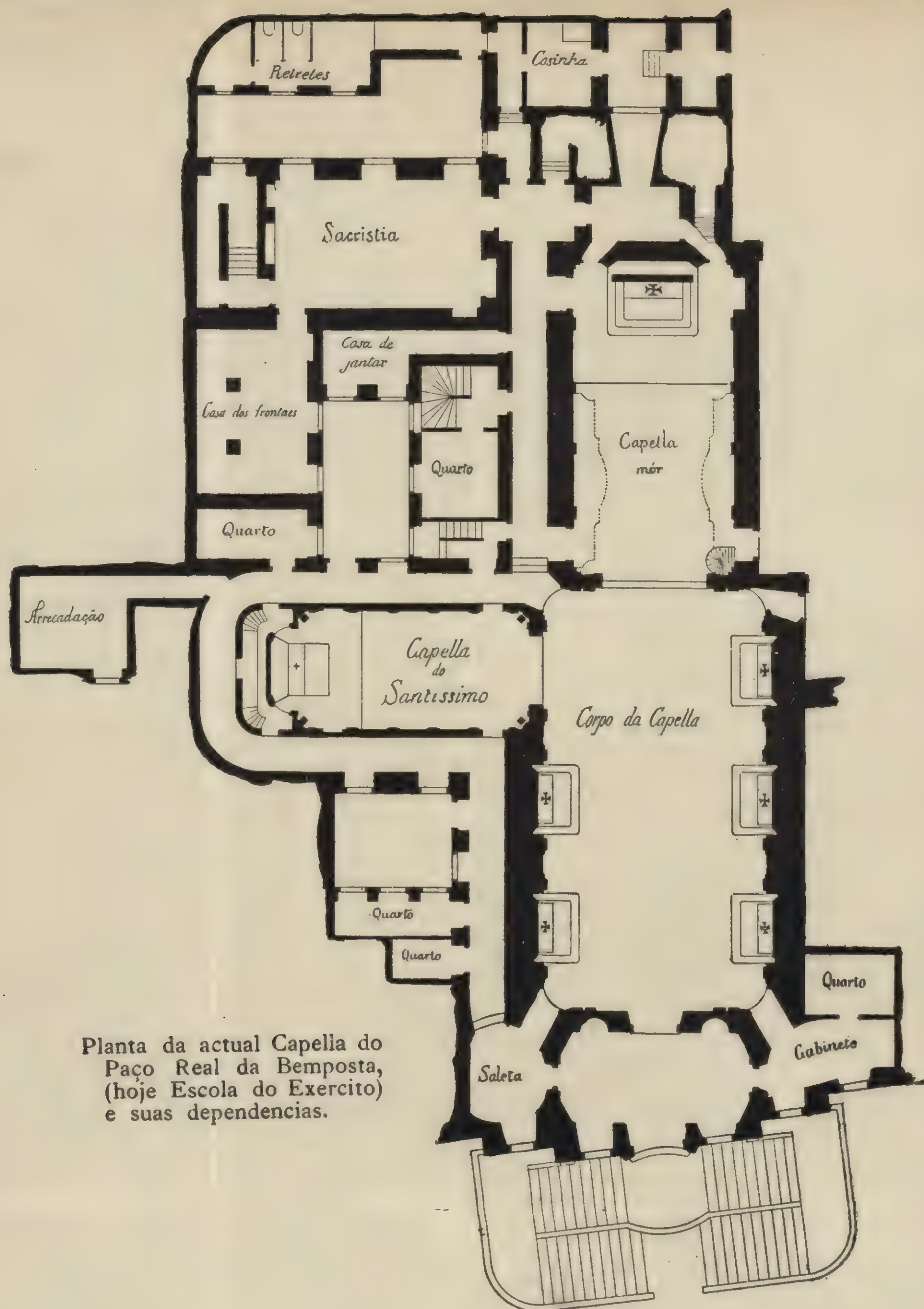
«E' um edificio vulgarissimo, abaixo de uma residencia particular. Desamparam n-o, deixam-n-o cahir, e só o habitam pessoas de classes infimas, que o tornam azylo de contrabando e contrabandistas.»

El-Rei D. João VI ahi habitou, e já parece que ahi se achava em 1804; pelo menos, ahi dava audiencia geral ás quintas feiras de manhan (6).

---

(1) *Hist. gen.*—T. VIII, pag. 415.—Provas—T. V, pag. 358.
(2) *Gazeta de Lisboa*—n.º 34. de 26 de Agosto de 1723.
(3) *Hist. gen.*—T. VIII, pag. 420.
(4) *Gazeta de Lisboa,*—n.º 15, de 12 de Abril de 1725.
(5) Pag. 108.
(6) *Almanack* do tempo, pag. 8.





Planta da actual Capella do Paço Real da Bemposta, (hoje Escola do Exercito) e suas dependencias.

N'este paço se deram as tenebrosas scenas da traiçoeira Abrilada. Resvalo por alto sobre tudo isso.

Em 1844 e 1845, quando cá esteve o Conde Raczynski, diz elle que lá se achavam os quadros da galeria do paço do Ramalhão (1).

Foi em 1849 que a nossa Camara Municipal deu principio, no mez de Outubro, á demolição dos dois arcos de que acima falei, que cerravam o terreiro na frente do Paço da Bemposta, dando para isso operarios as repartições das Calçadas, Aguas livres, Limpeza, e Obras (2). Esse terreiro tinha uma grande lomba, que se desaterrou; são d'ella vestigios ultimos os dois elevados passeios lateraes com gradaria (3).

*

Quanto á capella d'este palacio, direi que essa que lá está, e é muito bonita, não é a primitiva. A antiga parece era do orago de Jesus Maria José.

«Já não alcancei n'este sitio esta ermida — palavras do infatigavel José Valentim de Freitas, que as deixou consignadas em apontamentos manuscritos seus, hoje archivados no Museu do Carmo; — mas sim uma grande pedra em forma de arco, com volta perfeita, e inteiriça, que se conservou muitos annos encostada ao muro, e mais outras pedras por baixo

(1) *Les Arts en Portugal* — pag. 280.

(2) *Synopse dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1849 — pag. 24.

(3) Esse desaterro foi principiado em 1860, e seguiu.

da torre da Bemposta para o nascente. Por fim uma Camara Municipal deu cabo d'ellas.»

A julgar por certo indicio, figura-se-me que a Rainha se aprouve em ornar de bons quadros a capella antiga do seu paço. O indicio é este:

Viu Raczynski em 1844, na dita capella, por cima de um armario da sacristia, um quadro sacro datado de 1619, e assignado por João Holbein; tinha uns 2 metros de altura sobre 1 e 30 de largura. Achou-o este critico peça admiravel, e diz terem-lhe dito os Ecclesiasticos da casa, que fôra trazido de Inglaterra pela Rainha fundadora (1).

A moderna capella foi traça de Manuel Caetano de Sousa, de quem logo falarei, dono e auctor do palacio do Rato, hoje pertencente aos snrs. Duques de Palmella (2).

O tecto foi pintado por Ignacio de Oliveira (3), menos as flores, que são do pincel de Baptista Manuel Macario, pintor de perspectiva, architectura, e ornatos (4).

André Gonçalves pintou os quadros da sacristia antiga. (5)

Um escultor chamado Valentim foi o autor da estatua da Senhora Mãe dos homens (6).

As estatuas de Santa Isabel e S. João Baptista são obra do escultor José de Almeida, que as dei-

(1) *Les arts. en Port.* — pag. 295.

(2) Cyrillo *Mem.* — pag. 223.

(3) Id. — pag. 221.

(4) Id. — pag. 207.

(5) Id. — pag. 88.

(6) Id. — pag. 260.

xou por acabar, sendo concluidas em 1813 por Joaquim José de Barros Laborão (1).

O mesmo Joaquim José de Barros é auctor da esculptura de marmore em baixo-relevo no timpano da frontaria (2).

*

O adro, como vejo n'uma estampa da *Revista Popular* de 1849, (3) sahia um tanto fora, e constava de duas escadarias parallelas á face da egreja, convergindo ambas n'um patamar, resguardado da banda da rua por um anteparo abalaustrado, o que tinha certamente o defeito de mascarar a porta principal.

Encontro um officio do Presidente do Municipio Julio M. de O. Pimentel, ao Ministro das Obras publicas, segundando o conteúdo n'outro officio de 27 de Dezembro de 1855, para que o Governo expedisse as suas ordens a fim de que o adro fosse composto e arranjado, de modo que não prejudicasse os melhoramentos que a mesma Camara mandava fazer no largo (4).

Em portaria do dito Ministerio de 14 de Abril de 1860, é a Camara auctorisada á reconstrucção do dito adro, e concorreu para isso com 3:377$000 réis; pelo que foi resolvido començal-a logo (5).

---

(1) Id. — pag. 254.
(2) Id. — pag. 274.
(3) Vol. II, n.º 11, de 19 de Maio de 1849.
(4) *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859 — n.º 64 — pag. 523.
(5) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1860 n.º 16 — pag. 123.

Começou-se, mas interrompeu-se. Em sessão de 3 de Setembro de 1860 resolveu a Camara explicar ao Governo os motivos, que eram difficuldades na execução do plano enviado pelas Obras publicas (1).

Em 1862 e 1863, quando frequentava o sitio, conheci o adro por acabar.

Só em sessão de 1 de Maio de 1865 foi approvado o desenho de duas portas de ferro para a escada do adro, na importancia de 98$000 reis (2).

A Escola do Exercito foi estabelecida no palacio por Decreto de 9 de Dezembro de 1850; e é curioso relatar que, em quanto era Academia Real da Fortificação, e tendo sido installada no palacio da Regencia, ao Rocio, passou depois para o palacio do Duque de Palmella no Calhariz; d'ahi para o Collegio dos Nobres; e ahi se achava quando o edificio ardeu em 23 de Abril de 1843; passou então para o extincto convento de Rilhafolles; d'ahi para um palacete no pateo do Pimenta, ás Chagas; d'ahi para o palacio do Conde de Murça na calçada de Santo Antonio dos Capuchos; d'onde a final foi transferida para a Bemposta (3).

Deixemos por agora a Bemposta, e volvâmos ao palacio do Conde de Soure, que deixámos vago quando vimos a Rainha da Gran-Bretanha mudar-se d'ahi para Belem em 1699.

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1860 — n.º 37 — pag. 290.

(2) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1865 — n.º 280 — pag. 2:236.

(3) José Silvestre Ribeiro.—*Hist. dos estabelecim.*—T. XII, pag. 150.

CAPITULO XIV

Estes altibaixos, estas digressões, estes saltos de um bairro para outro, talvez cancem a attenção de quem me lê; mas peço licença para observar de novo: a *forma* em livros assim, e o *methodo*, é difficillimo achal-os com segurança; entrelaçam-se uns nos outros os assumptos, por forma que não ha modo de os separar completamente.

*

Pela sahida da augusta Inquelina e das pessoas do seu sequito, ficou provavelmente deserto o casarão dos Condes de Soure, até que, em 19 de Março de 1712, entraram a habital-o outros hospedes muito illustres: os senhores D. Miguel e D. José, filhos illegitimos d'el-Rei D. Pedro II, e então muito novinhos. Nascera D. Miguel em 15 de Outubro de 1699, e seu irmão em 1703 (1). Não sei até quando durou esta estada dos Principes no pa-

---

(1) *Hist. Gen. da C. R.* — T. VIII — pag. 480.

lacio Soure; mas como D. Miguel casou em 29 de Janeiro de 1715 com a Duqueza de Lafões, D. Luisa Casimira de Sousa, calcúlo que então passasse a habitar o seu palacio do Carmo. O que é tristemente certo é que, ou d'esta casa ou d'aquella, sahiram os dois irmãos na manhan de 13 de Fevereiro de 1724 com destino á Outra-Banda, onde passaram o dia caçando; e á tarde, quando recolhiam n'um escaler, e se achavam já perto do desembarque, cahiu ao mar o patrão do barco, deixando sem governo o leme. Com uma aragem que de repente soprou, voltou-se o escaler. Confusão horrorosa! D. José poude trepar á quilha do escaler, chamando de balde seu infeliz irmão, que mergulhou e não tornou mais a apparecer; nem elle nem ninguem da comitiva, a não ser o cadaver de um musico da Capella, que depois veio a achar-se no barco virado. Levado na corrente do Tejo, poude D. José agarrar-se á amarra de um navio; de cima atiraram-lhe um cabo, que enrolou á cintura, conseguindo salvar-se a grande custo.

Mais de vinte dias andados, pelas 2 horas de sabbado de 5 de Fevereiro, appareceu junto á ancora de uma galera estrangeira chamada *Aurora* o corpo do pobre afogado; reconhecido officialmente, foi conduzido ao mosteiro de Santa Catherina de Ribamar, de que era padroeira a Casa de Arronches, acompanhado ao longo do rio por um grande sequito de barcos levando a Côrte (1).

---

(1) *Gazeta de Lisboa* — n.º 3, de 20 de Janeiro de 1724, e n.º 6 de 10 de Fevereiro do mesmo anno.

*

Em 1 de Julho d'este mesmo anno, 1724, annunciava a *Gazeta* estar-se esperando a creadagem do novo Embaixador de França, o Abbade de Livry, para quem se achava alugado o palacio do Conde de Soure.

Com effeito, sabbado 16 de Setembro, chegou a Lisboa o dito Embaixador. Esperava-o o Conde de Coculim, D. Francisco de Mascarenhas, n'um coche da Casa Real, acompanhado de tres coches seus com gentis-homens, e levou-o a installar-se no palacio Soure, aonde concorreu muita Nobreza a comprimentar o Abbade, que era homem de talento, e agradabilissimo (1).

Quinta feira 25 de Janeiro de 1725 sahiu o Abbade Embaixador para França, acompanhado até Aldeia Gallega pelos seus collegas Ministros Estrangeiros em Lisboa (2).

Não chegou a aquecer o logar; é o que se vê. Viria talvez em missão extraordinaria; e preenchida ella, retirou-se para o seu paiz.

*

Em Janeiro de 1730 esteve o palacio a pique de ser destruido por um incendio, mas atalhou-se, ardendo apenas uma parte do salão (3).

---

(1) *Gazeta* — n.º 38 de 21 de Setembro de 1724
(2) *Gazeta* — n.º 5 de 1 de Fevereiro de 1725.
(3) *Gazeta* — n.º 1 de 5 de Janeiro de 1730.

*

Alugou-se, annos depois, a grande casa, ou parte d'ella, a emprezarios de theatrinhos de bonecos e de presepios. Entrava a sua phase de decadencia.

Ahi se representou o animado e caracteristico repertorio theatral do fecundo e faceto imitador e traductor Nicolau Luiz, e o do talentoso e mallogrado legista judeu Antonio José da Silva.

«Aquelle engenho — diz o anonymo auctor da *Carta a um amigo* inserta no n.º 9 das *Noites de insomnia* de Camillo Castello Branco — «Aquelle engenho, infeliz pela forma das suas composições dramaticas, e mais ainda pela miseravel sorte que teve, de ser condemnado a morrer queimado pelo Santo Officio, foi comtudo o primeiro que viu as suas operas representadas no theatro do Bairro-Alto, o primeiro que houve em Lisboa, e onde os representantes eram bonecos, que se moviam por arame, e que falavam pelas vozes dos interlocutores, que se mettiam por entre os bastidores. Tal era o estado em que se achava a arte dramatica em Portugal, quando já Molière brilhava em França!»

Começou isso, creio que em 1733. O theatrinho floresceu; os *títeres* tiveram fama, que soube egualar a dos actores de maior merecimento; e pelos *títeres* suspiraram, e derramaram muita lagrima, nossas sensiveis bisavós. È engraçado esse pranto; prova da infantilidade innata no homem.

Desde tempos remotissimos se viram os *bonifrates* entreter os ocios dos povos mais cultos da Europa. Houve-os na Grecia, houve-os em Roma, ha-os em

toda a parte(1); e os que o maganão sublime do Cervantes nos apresenta no *D. Quichote* não são, quanto a mim, dos menos saborosos, ainda hoje.

*

Nem só n'esse tal theatrinho houve títeres; houve-os n'outras partes de Lisboa, por exemplo na rua dos Condes; mas esses não nos importam agora; limitemo-nos aos do Bairro alto, que, segundo creio, e se é exacto o que diz a advertencia da collecção do *Theatro comico,* (2) só principiaram, como apontei pouco acima, no anno de 1733, e duraram muitos annos(3). Ahi se deram as seguintes peças, todas do judeu Antonio José, e todas por bonecos:

Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança. – Outubro de 1733.

Esopaida ou a vida de Esopo. — Abril de 1734.

Os encantos de Medêa. — Maio de 1735.

Amphitrião ou Jupiter e Alcmena. — Maio de 1736.

Guerras do Alecrim e Mangerona. – Carnaval de 1737.

As variedades de Protheu. — Maio de 1737.

---

(1) Pode ver-se, entre out as, a curiosa obra de Charles Magnin *Histoire des marionettes en Europe.*

(2) *Theatro comico portuguez.* — Lisboa, 1744, 8.º

(3) Julgo menos exacta uma asserção de J. M. A. Nogueira no seu interessante estudo intitulado *Archeologia do theatro portuguez* (Jornal do Commercio de 5 de Abril de 1866 e numeros seguintes). Diz o erudito auctor que as primeiras recitas no theatro do Bairro alto datam de 1742, quando ja nove annos antes houvera theatro ali.

O precipicio de Phaetonte. -- Janeiro de 1738.

Pouco depois desabava sobre o auctor e sua triste familia a perseguição iniqua da intolerancia, em nome da mais tolerante, da mais dôce, da mais maternal das Religiões; e em 19 de Outubro de 1739, no Campo da lan, em Lisboa, com trinta e quatro annos apenas, no viço do talento e da mocidade, aquelle inoffensivo homem expiava com a vida n'um auto de fé inquisitorial o crime nefando de... de ter sido judeu!!

O theatro não fechou, ainda assim; e vejo que se deram lá as peças:

Adolonymo em Sidonia. — (Sem data).

A nympha Syringa. — 1741.

Adriano na Syria. — opera traduzida de Metastasio, recitada, e com arias de vez em quando.

Semiramis — do mesmo auctor — 1741 (1).

Além d'estas peças da collecção, encontro ainda vestigio authentico da representação de outra opera de Metastasio n'este theatro; foi o *Achille in Sciro* traduzido em verso portuguez; (2) talvez o canto do cisne.

*

Chegou o anno fatal de 1755, e com elle o terremoto do 1.º de Novembro. Cahiu grande extensão de Lisboa, e arruinou-se em muitas partes o nobre

(1) Vide *Theatro comico.*

(2) Temol-o na collecção dos librettos da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

palacio dos Condes de Soure (1), ficando comtudo outras em bom estado. Ninguem por então pensava em obras, mas só em salvar a pelle. A possivel repetição da catastrophe aterrava todas as imaginações.

Serenada a tormenta, socegados os animos, recomeçou o movimento social na grande cidade portugueza; e, ao passo que se restauravam predios, e ao passo que a iniciativa do eminente Ministro ia traçando os alinhamentos novos, e chamando á colmeia as abelhas espavoridas, e ao passo que o lapis de Reynaldo Manuel riscava nas Hortas da cera um Passeio para distracção e hygiene dos Lisbonenses, e ao passo que as *assembléas* e *funcções* viam já dançar menuetes os peraltas de mais nome, e ao passo que o alto Commercio principiava a secundar com a convivencia das classes a obra da civilisação, houve quem ousasse pensar a serio, e de vez, na distracção artistica do Publico por meio de um theatro. No derrocado paço dos Condes de Soure entraram as Musas scenicas, e penetraram com ellas actores de carne e osso. Reanimaram-se, graças a elles, as solidões da casa da Rainha Viuva.

Foi assim o caso:

*

João Gomes Varella, boticario em Lisboa, homem activo, talvez deslocado na sua profissão, e que parece preferia as glorias brilhantes da rampa ás receitas da melhor pharmacopêa, associou-se com os seus amigos João da Silva Bairros, entalhador, e

(1) Moreira de Mendonça — *Hist. dos Terrem.*

Francisco Luiz, mestre pedreiro. O triumvirato arrendou o palacio á Casa de Soure; fizeram-se obras; construiu-se nos profanados salões aristocraticos um theatro; e aquelles obscuros homens dotaram com elle a Capital, já sequiosa de diversões d'aquelle genero.

Quem traçou e ornamentou a sala dos espectaculos e suas dependencias, e pintou para ella alguns scenarios, foi o melhor especialista que havia então: Lourenço da Cunha, pintor de architecturas, e scenographo distinctissimo, pae (dil-o hei entre parenthesis) do celebre José Anastacio da Cunha (1).

O panno de bocca, representando Apollo entre as Musas, e onde se admirava «um bellissimo Tejo», foi pintado em 1760 pelo eminente Joaquim Manuel da Róxa (assim é que elle assignava, adivinhando já os *sonicos*,) discipulo do notavel André Gonçalves (2).

*

Ás obras de Lourenço da Cunha, que de certo deram brado na Capital, dedicou certo anonymo um bombastico Soneto que passo a transcrever textualmente, não como amostra de poesia boa, mas como prova do alvoroço da opinião publica perante a nova installação theatral, que ia alegrar as estiradas noites de inverno.

---

(1) Cyr. Wolk. Machado — *Coll. de mem.* — pag. 197 e 198.

(2) Ibid. pag. 116. — Possuo nas minhas collecções dois desenhos de Róxa, copias de Vieira Lusitano.

Ao magnifico
Theatro,
que no plano do palacio do Illustrissimo, e
Excellentissimo Senhor Conde de Soure, novamente erigio
o senhor
João Gomes Varella
pela idea do insigne arquitecto o senhor
Lourenço da Cunha,
Offerece
O Bairro alto
este
soneto.

Outra Sala do Sol n'esta se apura;
Oh quanta gloria della se desata!
Quando em Cesar *João* mais se retrata,
Em Dedalo *Lourenço* se figura:

Deste assombra a famosa Arquitectura,
Daquelle o generoso se dilata:
Ambos são harmonia de luz grata,
Egregio mixto, que o primor segura:

Qualquer de vós Atlante primoroso,
Já nos hombros do brio sem segundo,
Sustenta hum globo de Safir vistoso;

E este *Bairro* tão *Alto,* e tão fecundo,
O parabem vos dá, não duvidoso
De que os vivas tereis de todo o Mundo (1).

---

(1) D'este Soneto me offereceu em 4 de Dezembro de 1903 um raro exemplar o meu amigo snr. Annibal Fernandes Thomaz, a quem muito agradeço, pois a generosidade de um colleccionador é dobrado obsequio.

Não me atrevo a acreditar que os vivas do mundo inteiro acompanhassem a inauguração da obra; mas de certo a acompanhou o enthusiasmo da Lisboa peralta, que disputou ás rebatinhas os bilhetes de forçuras, camarotes, e platêas.


REAL THEATRO
DO SALITRE.
6.ª Feira 28 d'Outubro de 1831,
Em Beneficio,
Se exporá hum magnifico Espectaculo.
SUPERIOR,

E como foram os bilhetes de entrada? agradavel me seria reproduzir algum; mas não os conheço. Como assumpto associado, porém, aqui deixo um do antigo theatro do Salitre em 1831 (1).

(1) Foi me offerecido para a minha collecção Olisiponiana pelo meu amigo o snr. Augusto Cardoso Pinto de Queiroz em 7 de Junho de 1903.

CAPITULO XV

Houve tambem (como tudo isto se liga!) houve n'aquelles annos, e ali proximo, outro theatro denominado *a Academia*, arranjado n'uma sala da praça *da Trindade*, hoje largo *da Abegoaria*. A casa era um palacio (que tambem foi de Fernão Alvares de Andrada, a quem me referi no volume I) e cujos cunhaes e embasamento de forte cantaria brutesca ainda lá estavam em 1879, na esquina norte, como se fossem muralha de castello feudal. Aquillo deveu ser edificação grandiosa, que o terremoto destruiu, e vasta; sim, tão vasta, que se deram ali, n'essa Academia de musica, dramas adornados de riquissimo scenario.

Começaram em 1735 estes espectaculos, que a provisão de 15 de Setembro de 1738 (1) caracterisa

(1) Citada pelo fallecido José Maria Antonio Nogueira no seu minucioso escrito intitulado *Archeologia do theatro portuguez*, serie de artigos publicados em folhetins no *Jornal do Commercio* de 5 de Abril de 1866 e seguintes.

de «opera representada e cantada por musicos italianos em casas que para isso alugaram defronte do convento da Trindade.»

Em 1736 deu-se o *Alexandre na India* do melodioso Metastasio, com musica de Gaetano Maria Schiassi, de Bolonha, musico do Principe de Darmstadt. O scenographo era Roberto Clerici. Os actores eram a bolonheza Helena Paghetti; o milanez Gaetano Valetta, musico da camara do Grão Duque da Toscana; a bolonheza Angela Adriana Paghetti; o cortonense Domingos José Galetti; o urbinense Alexandre Veroni; e o pistoiense Felizce Checcacci.

Deu-se tambem o *Artaxerxes* do citado poeta, mas não sei se n'esse anno; calcúlo que sim; são identicos os nomes dos seis actores do drama, assim como os do musico e do scenographo.

Em 1737 subiu á scena a sentimental *Olimpiade* do mesmo auctor, com musica não sei de quem. Entravam os mesmos cantores, e o scenario era de egual pincel.

Além d'estas operas tambem acho rasto da *Semiramide riconosciuta,* musica de Nicolò Porpora; o decorador foi o nosso já conhecido Clerici (1).

Os cantores tinham alguma differença dos que

---

(1) Peça representada pela primeira vez em 1729 em Veneza no theatro de S. João Chrysostomo, e em Brescia em 1795. *Andava então muito em voga* — diz o snr. Fernandes Costa, n'um artigo erudito com que teve a bondade de apreciar a *Lisboa antiga,* acrescentando-a n'este ponto — *e o theatro de Lisboa primava no traser o seu repertorio em dia como bom fôra que o trouxesse agora.*

Vide *O Atlantico* de 28 de Janeiro de 1880.

citei: eram Helena Paghetti, Angela Adriana Paghetti, provavelmente sua irman, Francisco Grisi, Giaccoma Ferrari, Felix Checcacci, e Thereza Zanardi. Havia danças, em que entraram Bernardo Gavazzi, Gabriel Borghesi, José Fortini, Anna Ronzi, e Lourença Fortini.

Eis tudo que sei da Academia de musica do largo *da Trindade,* que fez as delicias da illustrada *fidalguia de Portugal,* a quem eram dedicadas as representações (1). Creio terem sido estas de curta duração, porque já no anno de 1739 havia opera italiana de canto no então chamado *Theatro novo da rua dos Condes,* entrando na companhia, senão todos os actores da Trindade, pelo menos alguns d'elles (2).

*

Certo periodico parisiense de 1781, *Journal de la littérature, des sciences et des arts,* visto, traduzido, e citado pelo intelligente pesquizador José Ribeiro Guimarães no seu interessantissimo opusculo *Biographia de Luisa de Aguiar Todi*, traz noticias, que não posso desprezar, sobre o antigo theatro do Bairro alto.

Fala de João Gomes Varella, e chama-lhe «emprezario de quasi todos os divertimentos publicos».

Descreve a sala do theatro assim:

---

(1) Colhi estas noticias á vista dos proprios librettos das operas que citei, encontrados por mim no volume de papeis varios da Bibliotheca nacional de Lisboa, collecção *Cabrinha* n.º 2814.

(2) Collecção de *librettos* da Bibliotheca nac. de Lisboa.

«O theatro *do Bairro alto* é o mais antigo (dos de Lisboa) (1), e o seu nome vem-lhe do bairro em que está situado. Pertence (2) á familia dos Condes de Stern (3). E' espaçoso. A platêa divide-se em duas (4); tem uma ordem de camarotes no nivel da platêa, a que dão o nome de *forçuras;* é raro ver mulheres n'estes camarotes, a não ser em noites de enchente real. Tem mais duas ordens de camarotes, sendo onze de cada lado, e cinco no fundo. Da quarta ordem somente metade, do lado da scena, tem camarotes; a outra metade forma galeria. O ponto, como é costume, está na bocca da scena, mas em logar elevado, de modo que de toda a parte se vê.»

Que o *vejam,* não importa muito; agora que o *oiçam,* como succede em alguns theatros, isso é que é terrivel.

As obras principiaram em Outubro de 1760; e oito dias antes do carnaval de 1761 foi a inauguração, com uma companhia mandada buscar a Londres.

Um anonymo, pessoa certamente illustrada, escrevia em 3 de Fevereiro de 1815 uma *Carta a um amigo,* impressa no n.º 9 das preciosas *Noites de insomnia* de Camillo Castello Branco.

Diz o autor:

«Alguns annos depois, — (de 1758) — um novo

(1) Parece-me engano. O da rua dos Condes era anterior.

(2) O edificio; a empreza não.

(3) Soure; os estrangeiros teem um dedo especial para trocarem os nossos nomes.

(4) Provavelmente a *superior* e a *geral.*

emprezario estabeleceu um theatro no Bairro alto, não onde havia o dos bonecos em tempo mais antigo, mas nas ruinas do palacio do Conde de Soure, cuja abertura foi com uma companhia que foi buscar a Londres. Esta empreza não durou muito tempo, e aos Italianos succederam os Portuguezes, com o mesmo successo que tinham os da rua dos Condes, que podiam chamar-se actores de arraial. Este theatro do Bairro alto de todo acabou, e succedeu-lhe o do Salitre (1).»

*

A primeira empreza dramatica era composta de João Pedro Tavares, e José Duarte, ex-emprezario das representações de bonecos na rua dos Condes. Oito dias depois da inauguração do theatro, isto é no entrudo de 1761, falleceu José Duarte, o capitalista; em seu logar entrou seu irmão, Silverio Manuel Duarte, pintor, discipulo de Bento de Sousa, e a quem coube a direcção artistica.

O homem, segundo parece, tinha pouco dinheiro; Melpómene exigia-o; Melpómene é insaciavel; foi necessario refundir-se a empreza dramatica, entrando para socios os rendeiros da casa, primeiros donos das obras do theatro; e assim continuaram, como poderam, até ao carnaval de 1762, mas com grandes perdas. Varella, entrando para socio, comprou então aos companheiros o recheio todo, e ficou senhor absoluto d'aquelle tempestuoso imperio de papelão e lentejoilas.

---

(1) Citada *Carta* nas *Noites de insomnia*, n.º 9 — pag. 56.

Falleceu por 1762 o socio Silverío Duarte; seguiu-se-lhe Antonio Stoppani, bolonhez; e a este, pelos annos de 1767, Joaquim dos Santos Araujo; d'ahi a pouco tornou a entrar Stoppani (1).

*

Em quanto Silverio e Stoppani trabalhavam de scenographos no theatro do Bairro alto, regia na rua dos Condes o mais acreditado artista de Lisboa (depois de Lourenço da Cunha), que era Simão Caetano Nunes, architecto decorador; mas quando, pouco depois, as duas companhias se fundiram n'uma só, foi elle o preferido, e ahi deixou nome nas recordações publicas, como auctor applaudido dos scenarios e *tramoias* das peças *O magico de Salerno*, *D. João de Spina*, e outras magicas (2).

Em 1762 esteve o theatro fechado quasi dois mezes, porque o Publico fugiu de Lisboa, com susto dos terremotos de Março d'esse anno.

A empreza continuou com fortuna varia, até que em 1764 já era outro o dono d'ella, um tal Agostinho da Silva, e perco-lhe o rasto.

Havia causa sulapada, e incuravel, dos transtor-

---

(1) Pode consultar-se Wolkmar Machado, *Coll. de mem;* pag. 197 e 198, e além d'este noticioso escriptor, o manuscrito da Biblioth. Nac. de Lisboa *Contas do principio do theatro da casa da Opera do Bairro alto,* d'onde extraio a maior parte das asserções que ahi apresento, fugindo quanto posso a carregal-as de citações.

(2) W. Mach., pag. 202.

nos da casa da opera. Explique-a o livro das contas, livro manuscrito que tenho aqui presente, e que por certas paginas serve para a historia dos costumes da Côrte, assim como para a physiologia do *calote* elegante. Transcrever aqui essa lista aristocratica poderia offender melindres hereditarios, mas não deixava de ter graça.

Não foram porém só os lucros cessantes que paralysaram as sociedades gerentes; mais contribuiram, creio, para a sua ruina as desavenças entre os socios, desavenças que foram verdadeiras guerras nos tribunaes, e inteira ruina no theatro.

*

Entre os nomes dos melhores frequentadores e *dilettanti* figuram os dos negociantes nacionaes e estrangeiros, que o sagaz Marquez de Pombal começava a querer considerar, e mesclar com a sociedade antiga, tendo já, na sua pasmosa previsão, o traçado completo da nossa agradavel e variadissima sociedade contemporanea. Esse elemento dos *homens de negocio* (como se dizia) classe em que se contavam poderosos argentarios e animos nobilissimos, concorria sempre que havia empreza util; e por isso certamente eram elles assiduos á nova opera. No principio do seculo XVIII, dos mercadores estrangeiros domiciliados em Lisboa aquelles que mais extensamente commerciavam eram os Inglezes; depois os Hamburguezes; depois os Italianos; depois os Francezes; e emfim os Hollandezes; ás suas bolsas deveram muito, sem o saberem talvez,

a maior parte dos commettimentos uteis da nossa terra (1)

Quando se escreve a nossa Historia de certo periodo, encontram-se em tudo os vestigios do Marquez de Pombal, nos grandes traços politicos, e nos minimos pormenores administrativos. Até a sociedade frivola das salas se animava á sua voz; e essa animação, esse buliçoso ir e vir do enxame doirado é sempre civilisação, é a electricidade dos commercios, é o acordar do bello, é a fecundação da moda, é o reinado da polidez e da mutua bemquerença, é a elevação do nivel moral e intellectual da Nação.

Lisboa, restaurada dos destroços, ia, sem o suspeitar, experimentando as influencias do grande Homem, cujas crueldades são resgatadas até certo ponto, aos olhos indulgentes e conciliadores da posteridade, pelas extraordinarias qualidades do seu genio. O commercio animava-se; os altos commerciantes entravam na ordem da Nobresa, e da Fidalguia; a sociedade, isolada até ali por falta de centros, via desde 1764 transformar-lhe Reynaldo Manuel as *Hortas da cera* no lindissimo bosque de freixos do seu vasto *Passeio publico* (onde, no verão de 1879, assistimos todos aos admiraveis concertos instrumentaes regidos com tanta mestria pela graciosa e talentosissima madame Ahmann); as companhias, os concertos, e as funcções, irmanavam as classes; e o Theatro portuguez não tardaria em receber da mão do Ministro omnipotente a sua mais liberal no

(1) *Explication de l'estampe de Lisbonne, avec une description succincte,* etc. folheto.

bilitação, com o alvará de 17 de Julho de 1771, primeiro passo dado para a elevação da Arte scenica, e justa rehabilitação dos actores, que são cidadãos e não párias, e cidadãos dos mais uteis quando o querem ser.

*

Tornando porém ao theatro do Bairro alto, em cujos progressos não poude deixar de influir, directa ou indirectamente, o Marquez de Pombal, continuarei a observar que se luctava ali com apertadas difficuldades pecuniarias; pelo que, a empreza lançava mão de todos os meios para realisar fundos; por exemplo: como o palacio era grande de sobra, os seus arrendatarios sublocavam dependencias d'elle a diversos inquelinos, o que já diminuia a crueza dos 288$000 réis do aluguel ao Conde de Soure, que hoje equivaleriam a 352$200 réis.

Trabalhava muito a empreza; forcejava sinceramente por agradar. Só no anno de 1764 se representaram os dramas seguintes:

O creado astucioso,
Codro,
O lavrador honrado,
Amor de patria;

e os vistosos bailados:

O engenho de assucar,
A dança chineza,
A dança do serralho,

A dança hollandeza, e
As quatro partes do mundo.

Mas isso ainda é pouco; só no anno de 1769 subiram á scena pela primeira vez:

O hypocondriaco (seria o de Rotrou?),
O tambor nocturno,
As inconstancias da fortuna,
O creado de dois amos,
A escola das mulheres,
Zara,
A escola dos casados,
A beata falsa,
A herdeira venturosa,
O avarento,
A Probiana,
O doente fingido,
Alzira,
A serva brilhante,
A constante Colmene,
O doente imaginativo (boa versão do titulo *Le malade imaginaire*, mas que assim mesmo não chega a *O doente de scisma*),
A segunda parte do D. João de Spina, e
Demetrio na Russia (drama que foi prohibido pela auctoridade).

*

Não creio que do elenco apresentado se possa inferir que na *opera* do Bairro alto fosse grande a influencia das ideias classicas, que a Arcadia, fundada

em 1756, tentara introduzir no decadente Theatro nacional; influencia apontada, e com fino criterio, por Trigoso de Aragão Morato, no seu estudo (1); assim como não creio que a Arte poetica do bom Candido Lusitano, repetindo desde 1748, e em alta voz, os preceitos scenicos de Horacio, se podesse já fazer ouvir no tablado do Conde de Soure. Essas propagandas levam muito tempo. A influencia ali era decididamente moderna, franceza e italiana, como a companhia; as peças vinham de fóra, como as lentejoilas e as actrizes; o grande poeta da *Ericia* estava por nascer.

Trabalhava-se porém, como se vê; é innegavel; mas as despezas eram grandes. Só no artigo ordenados encontro verbas avultadas para os preços do seculo; vejamos:

O dançarino Orlandi recebia em 1767 a quantia de 576$000 réis, que seriam hoje 704$400;

A dançarina castelhana Pepa Olivares tinha, além de bons honorarios, casa paga, viagem paga, etc.;

Cecilia Rosa e sua irman ganhavam entre ambas 708$000 réis, ou 865$825 réis de hoje;

Maria Joanna e seu pae 500$000 réis, ou 611$452 réis;

José Felix 288$000 réis ou 352$200 réis da nossa moeda actual.

Tudo isso era muito, e levava aos capitalistas bom cabedal, que junto aos apertos e pobrezas da era, arrastaram o theatro pela agua abaixo, apesar de

---

(1) *Memoria sobre o Theatro portuguez*, nas *Mem. da Acad. R. das Scienc.* Tom. v.

que o paladar dos frequentadores encontrava theatro portuguez, e theatro italiano, com boa musica, e scenario do melhor, e a melhor sociedade, e dança... em hespanhol. Já não é mau. (1) N'uma povoação grande estes centros de reunião tornam-se utilissimos; e quem os promove é benemerito.

*

Varella, ou João Gomes Varella, emprezario, de quem falei pouco acima, foi um homem activo, segundo pode calcular-se, e official de sete officios. O seu costume de misturar drogas diversas, como boticario, habituou-o a misturar emprezas. Não geriu só o theatro do Bairro-alto; foi director de arlequinadas e outros entretenimentos populares, academias de musica, etc.

«Ah! notavel João Gomes Varella! — exclama o seu contemporaneo Francisco Coelho de Figueiredo — tu foste, em quanto vivo, o saboiardo d'esta Nação, com a mesma propriedade. Nós bailámos, tu levaste o dinheiro, e nós pagámos. Ficou em casa, sim, posto que em diversas algibeiras. Tiveste

---

(1) Não encontro mencionada uma actriz celebre do tempo, a *Escamilha*, a quem allude o *Anatomico jocoso* (T. 1, pag. 59), dando conselhos a um peralta sobre o modo de viver; e fal-o n'estes termos epigrammaticos:

«Fale nas comedias, dizendo que a Escamilha é a melhor mulher que se pôz em tablas, e que representa tão bem, que até a muita edade representa, e que o melhor papel que faz é de velha.»

Talvez representasse n'outra parte.

perspicaz vista; foste encyclopedico, toireaste, brigaste, e foste applaudido.» (1)

N'outra parte o mesmo annotador, que é um gosto ouvir na sua conversação noticiosa em tom ligeiro, escreve:

«Oh! notavel João Gomes Varella! quanto nos seriam uteis hoje os teus grandes talentos em conheceres o genio e gôsto d'esta Nação, e o modo de a divertir, e de a entreter, conseguindo d'ella o que querias, chamando-a com a rhetorica dos teus eloquentes editaes nas esquinas, e espalhados pelos comparses com muita franqueza e generosidade! Com elles persuadias logo os mesmos ressabiados do Domingo antecedente, para a grande funcção do Domingo seguinte, que não só se esqueciam da logração passada, mas protestavam d'ali logo o não faltarem! (2)

«Nas lojas, sentados nas tripeças, liam e reliam o edital; e n'aquella tarde, e no dia seguinte, não falavam em outra materia, contentissimos.

«Que não farias tu, no fim d'aquelle passeio do Campo Grande, pondo-lhe uma praça com um theatro para dançarinos de corda, para bailarinos com a maroma e sem ella, voltando-se, e assustando as gentes com as suas quedas falsas! fazendo as suas comedias repentinas, que ordinariamente são bem

---

(1) *Theatro de Manuel de Figueiredo* seu irmão — annotação — T. XIV, pag. 617.

(2) José Osti, o insigue e imaginoso fogueteiro, D. José Serrate dos cavallinhos, e outros, tiveram o mesmo invejavel talento de despertar a attenção publica aos seus espectaculos.

sem sabor, mas sempre o ha n'aquella lambuja do palhaço, que tantas vezes atira com a cabelleira ao chão, e diz: *Dá-me la cabellera!* Quantas rizadas obrigadas saca pelos equilibristas, quando assustam voltando sem maroma! pelos Nhemnharos, que sempre tiram rizada quando guincham e dão carolos!

«Quando alguma dama e as creanças se fingem santollas, ou caranguejos, fazendo-se em um novello, já com a barriga para baixo, já para cima, voltando a mão direita a pegar no pé esquerdo, e chegando a metter a ponta do pé na bocca, voltando a cabeça, e finalmente,.................... etc...

«Que interesse não causam sempre as melancolicas galantarias dos ursos, os dos vivos e graciosos macacos, os bem instruidos, doceis, e amorosos cães, e outros bichos (menos os filosofos gatos), com que aqui nos veem tirar o dinheiro em metal! Que fina não foi a empreza do canario douto, que aqui nos trouxeram ha cincoenta e seis annos (1), respondendo aos principios da geographia, se lhe perguntavam pelas cidades capitaes da Europa, o conhecimento das horas no relogio, pelos numeros que ia buscar, que estavam em dois meios circulos em pequenos cartões, a distincção das côres dos vestidos nas amostras que estavam sobre a meza, e ia buscar o conhecimento das lettras para formar o nome de qualquer pessoa! (2)

---

(1) Em 1758?

(2) Em 1834 tambem cá houve no Corpo Santo canarios sabios; não sei dizer as suas habilidades, porque... não assisti aos espectaculos.

«Sendo aqui rusidente n'aquelle tempo a grande actriz e cantorina Zamparini, que a tantos filosofos tirou do seu affectado caracter, poucas pessoas deixavam de pedir ao canario o nome de Zamparini. O abcedario estava repetido em dois meios circulos sobre a banca em pequenos cartões, que elle ia buscar, a uma e outra lettra, para o charlatão formar o nome, que ás vezes, quando o canario se equivocava, elle repetia o nome para trazer a lettra propria; e perguntando-lhe qual era a era de Cesar, elle foi ao meio-circulo dos numeros buscar as duas cifras, e aos abcedarios buscar um O (eu parece-me quero tirar o ganho ao grande Varella); o canario andava sôlto sobre a banca, mas o dono não lhe fiava as janellas e portas abertas. Bem empregados doze vintens por cada pessoa, que queria ver e examinar o canario douto á Boa-Vista, defronte do Paço da Madeira, 2.º andar (ainda não tinham numeração as casas).»(1)

*

Tudo isso que ahi transcrevo, e que para muitos será digressão excusada, é valioso como informação e côr local. A forma do annuncio antigo, o *bando,* os entretenimentos de nossos maiores, a critica loquaz de um espectador intelligente, oh! que accessorios preciosos para este quadro do theatro velho!

---

(1) *Theatro de Manuel de Figueiredo*. T. XIV, pag. 605 e seg.

CAPITULO XVI

Se o observador d'estas regaladas minucias quizer continuar a saborear-se n'ellas, dê uma vista de olhos ao quadro dos actores que pizaram as taboas do palco do Conde de Soure; verá em 1762, por exemplo, *Monsiur* Antonio, mestre de dança, que esteve cá até ao carnaval de 1763; ouvirá no verão de 1765 a bellissima *Didone* do grande Metastasio... (Falemos baixo, que não nos entendam; Metastasio hoje é reputado, por alguns modernos *sabios,* creio que um pessimo sujeito, um fossil, um inutil; negam-lhe até a qualidade de poeta! a elle! ao auctor do *Artaserse* e d'*Il Palladio conservato!* concedem-lhe, quando muito, a prenda de *metrificador;* é o que succede a muita gente boa; miserias!); mas, como ia dizendo, ouviria a *Didone* de Metastasio em italiano, com musica do insigne David Peres, cantada por Angiola Sartori (Dido), Antonio Mazziotti (Eneas), Gaetano Quilici (Jarba). Veria a Cristiani e a Gertrudes, cantoras em 1764; a Petraia dançarina em 1765; a Cecilia Rosa e sua


PIETRO METASTASIO
ROMANO
Poeta Cesareo

irman, a Maria Joanna, o José Felix, e *Monsiur* Pasabiló, e outro dançarino mestre Orlande, e a formosa Pepa Olivares, e o Nery, e o Barrade, e a Vicencia pequena, e outros mais, cujos nomes nada nos dizem, mas que tanto fizeram palpitar a mocidade doirada que usava guinguetas e rabicho!

No verão de 1770 assistiria ao divertido drama de Goldoni *Il viaggiatore ridicolo,* musica de Giuseppe Scolari cantada pela Cecilia Rosa de Aguiar, Maria Joaquina, Luiza Todi, e outras.

No outono d'esse mesmo anno de 1770 applaudiria *L'incognita perseguïtata,* com musica de Nicolò Piccini, cantada pela Cecilia Rosa, Angiola Brusa, que fazia papel de homem, Luiza Todi, e outras.

*

Esta grande Luisa Todi, ou Luisa de Aguiar Todi, foi uma verdadeira estrella de primeira grandeza no theatro do seu tempo, e amotinou as capitaes, como Lisboa, Madrid, Paris, Londres, Berlim, Vienna de Austria, S. Petersburgo, e Napoles. Formosa, boa, sympathica, virtuosa, cheia de talento, dotada pela Natureza com uma voz vibrante e apaixonada, entregou-se toda á Arte, e subiu até onde o genio pode subir. Honrou lá fora a Patria portugueza, e mereceu, trinta e nove annos depois de morta, a consagração de um bello estûdo biographico-critico ao douto investigador e conhecedor José Ribeiro Guimarães.

Nascida em Setubal a 9 de Janeiro de 1753, estreou-se em comedias no theatro do Bairro alto, em

1768; achando-se-lhe recursos vocaes notaveis, começou a estudar o canto, e casou aos dezasseis annos, a 28 de Julho de 1769 com Francisco Xavier Todi, rabequista italiano do seu theatro. Amestrada nos segredos da musica por seu marido, pratico distincto, cantou no Bairro alto com muito exito, nas épocas de 1768 e 69, até 1771 em que findou a opera italiana n'esse theatro.

D'ahi abriu as azas, e, em todo o viço da edade e do talento, percorreu a Europa em successivos triumphos, avassallando ao seu carro os artistas, o Publico, os Principes, os Soberanos, as Soberanas até. Irresistivel, dominando inconscientemente pela graça, assim se nos apresenta esta sublime mulher durante a sua longa existencia theatral. Quem ler o opusculo de Ribeiro Guimarães, terá d'esta creatura privilegiada o melhor retrato litterario que se pode desejar.

Pois as taboas do theatro lisbonense do Bairro alto foram o primeiro estadio das suas victorias.

*

A proposito:

«As irmans Aguiar — escreveu o sr. Alberto Pimentel no seu notavel livro sobre Setubal, livro que li com muito gosto e proveito — «As irmans Aguiar podem, com propriedade, chamar-se as tres Graças de Setubal. Ao formoso jardim do Sado, tão fecundo em talentos das mais variadas aptidões, nem sequer lhe falta a gloria de ter sido berço de tres mulheres, que se tornaram notaveis no theatro, n'uma epoca em que os talentos femininos como que tinham

medo de queimar as suas azas melindrosas na luz da ribalta.

«As tres Setubalenses a que nos referimos, chamavam-se Cecilia Rosa, Luisa Rosa, e Isabel Iphigenia, e eram filhas de Manuel José de Aguiar e de Anna Joaquina de Almeida. Todas ellas encetaram no theatro do Bairro alto de Lisboa a sua carreira artistica, sendo Luisa a que maior colheita de louvores poude realisar, não só em Portugal, mas na Europa toda.

«Cecilia, que nasceu a 23 de Agosto de 1746, estreou-se aos 19 de edade no theatro do Bairro alto. Pouco depois de ter apparecido na scena, onde se distinguiu especialmente pela correcta interpretação dada ao papel de Ignez de Castro, em que punha tanta alma, que chegava a enfermar depois da representação, começou a figurar tambem na opera(1). Depois de 1771 perde-se porem o rasto dos seus passos, sabendo-se apenas que em 1777 ainda existia na freguezia de S. José.

«Isabel nasceu em Setubal a 5 de Novembro de

---

(1) «Lembra-me ha annos ver representar no theatro do Bairro alto uma tragedia de D. Ignez de Castro tirada de uma comedia hespanhola de Don Calderon de la Barca, intitulada *Reynar despues de murir.* Esta peça foi geralmente applaudida e gostada, pela energia e força de alma, com que uma actriz, chamada Cecilia, representou o papel de D. Ignez de Castro; mas esta peça deveu ao genio e aos talentos d'esta actriz o bom successo que teve.»

Carta... a um amigo em 3 de Fevereiro de 1815, mss. anonymo reproduzido no n.º 9 das *Noites de insomnia* de Camillo Castello Branco. — pag. 47.

1750. Em 1770 e 71 apparece com suas irmans, Cecilia e Luisa, cantora de operas, e n'este ultimo anno dá a mão de esposa a Joaquim de Oliveira, tenor e cantor da Patriarchal. Suppõe-se que depois do seu casamento se retirára da scena. Morreu já depois de 1822, e deixou uma filha, que veio a desposar o Tenente Coronel de Engenharia, João Evangelista Torriani, academico e pianista insigne.

«Luisa foi das tres irmans a que teve mais assignalada carreira artistica, como já fizemos notar. Depois de haver sido admirada em Lisboa, depois de ter recebido na fronte o osculo da gloria, quiz, predestinada para maiores triumphos, percorrer os paizes estrangeiros. Casou em 1769 aos 16 annos, pois que nascera a 9 de Janeiro de 1753, com Francisco Xavier Todi, rabequista da Real Camara, e do theatro do Bairro alto. Rendida a homenagem devida ao amor, podia entregar-se dedicadamente á gloria. Assim fez. A sua vida foi um continuo triumpho. Teve como rivaes nos palcos estrangeiros as mais celebres cantoras da epoca, incluindo a Mara, e sahiu victoriosa. Em Madrid é-lhe destinado um quarto na residencia Real de Aranjuez. Em Paris toma parte nos *concertos espirituaes,* e vê curvar a seus pés a primeira critica do mundo. Em Potsdam canta em allemão, perante Frederico II, n'uma festa da Côrte. Em Vienna a Familia reinante digna-se recebel-a para a ouvir. Na Russia a Imperatriz Catherina convida-a para ser professora da Princeza. O Eleitor de Colonia põe á disposição de Luisa Todi as suas equipagens brilhantes, e convida-a para os seus banquetes. A Italia, a patria da musica, en-

canta-se de ouvil-a. Em 1792 a saudade da patria, chama-a por ventura a Lisboa; chega, e toma parte nas festas da Côrte, que celebravam o nascimento da Princeza da Beira D. Maria Theresa. Depois parte de novo, para voltar breve, e em Madrid é preciso abrir as portas do theatro, para que a multidão, agglomerada na rua, possa escutal-a. Um ou dois annos depois regressa a Portugal, onde estabelece definitivamente residencia. Falleceu cega em Lisboa em 1 de Outubro de 1833.

«O leitor que desejar ter mais amplo conhecimento da historia d'esta mulher distinctissima, leia o opusculo publicado em 1872 pelo fallecido Dr. José Ribeiro Guimarães, e intitulado *Biographia de Luisa de Aguiar Todi*, com o retrato e o fac-simile da cantora. O producto d'esta obra foi destinado ás bisnetas, filhas de Francisco Xavier Todi.»

*

Pertenceria talvez mais ao riquissimo genero litterario que se chama *romance de costumes historicos*, do que propriamente a este livro-borboleta, a pintura animada de um serão da *opera* do Bairro-alto. Pode ser que algum estudioso a emprehenda qualquer dia; dava-lhe uma galeria de retratos á maneira de Reynolds, ao mesmo passo que uma gravura á maneira de Crafty.

Quando estiver para a delinear, passeie primeiro algum tempo, ao luar, na travessa do *Conde de Soure*, que foi no seculo XVIII chamada travessa *da Opera*. O luar é um grande poeta, e um grande

pintor. Detenha-se a contemplar o sitio, que ainda ha vinte e dois annos era uma ruina pittoresca, e dizia muito a quem a sabia escutar (porque toda a ruina fala; o grande caso, a difficuldade litteraria, é sabel-a ouvir). Hoje tudo ali foi renovado, mas, ainda assim, andam no ar não sei que effluvios do tempo antigo.

Se o observador chamar em seu auxilio as memorias do theatro velho, as genealogias dos Condes de Soure, os escandalos de sala, os esforços da Musa scenica para romper, as chronicas minusculas do mundo cantarino e choreographico; se passar em revista esse panorama variegado, ouvirá falar as paredes, e verá resuscitada toda a existencia feliz e brilhante do palacio que ali campeou.

Verá á porta do theatro a guarda de soldados que o policiam (1).

Verá, ao cahir da noite, virem chegando as seges, que por ordem da empreza conduzem á recita as damas e dançarinas (2), melindrosas creaturinhas feitas de alcorce, santantoninhos onde te porei, cuja saude se traduz em metal, cuja garganta tine como oiro, e que dão tanto que fazer a quem nos seus sorrisos só vê prosaicamente o lucro do fim da *epoca*.

Verá rodar pela rua *da Rosa* uma fila de coches, mais ou menos doirados, e apear-se uma turba elegante, empoada, emproada e affavel ao mesmo tempo, a turba que é o reddito das commendas e

---

(1) Historico.
(2) Historico.

dos vinculos, e que é o privilegio do sangue; que é o presente, e que é a tradição.

Verá apear-se uma ou outra vez do seu estufim de vidraças, precedida de um esquadrão, e escoltada de tudescos, a figura altiva, nulla, e descontente, d'el-Rei D. José (1), para quem a *opera* do Bairro alto é um desenfado, e que vem da Ajuda pressuroso ouvir gargantear as celebridades da Italia de Clemente XIII e Ganganelli.

Entrará na casa do botequim do theatro, mantida por um tal snr. José Alexandre (2), e onde os grupos dos peraltas desdenhosamente envolvidos nos panejamentos dos seus capotes, e discutindo, de tricornio ao lado e em alta voz, os bemoes e sustenidos, lhe lembrarão os grupos buliçosos do antigo Marrare, ou os do Martinho, ou os do Suisso, discutindo, entre chascos espirituosos, e de charuto ao canto da bocca, a balela politica da tarde, a chegada de um Principe estrangeiro, ou a ultima edição da casa de Antonio Maria Pereira, da de Henrique Marques, ou da de José Bastos.

E contente-se o observador com essas visões do que passou. Não tenha (dou-lhe este conselho), não tenha a veleidade de penetrar no palco; tive-a eu, curioso incuravel, *insanabile vates,* examinando a lista dos objectos comprados pelos socios para a gerencia da empreza; tive o mau gosto de correr os roes das olandilhas, os roes das cassas para nuvens e azas de genios, os roes das tijelas de barro

(1) Historico. Vide a pag. 332 do citado volume de *Contas*.
(2) Historico.

para fogos de Bengala, arreboes, glorias, e incendios de Troia, os roes das lentejoilas e tafetás para fadas e rainhas, os roes das espadas de madeira e dos capacetes de papelão para monarchas e heroes; e arrependi-me. O ver um theatro pelo avêsso é dos maiores desenganos que se podem dar. Não ha fé que lhe resista.

No capitulo illuminação tambem me cahiu a alma ao encontrar sómente cebo, cera, e azeite! Oh! horror! nem sequer um bico de gaz, senhores! (já não falo de luz electrica; não exijo tanto).

*

Sim; e apesar d'essa pobreza relativa, imagino bem que, visto cá de fóra, dos camarotes e da platêa, em noite de enchente, em noite de furor, devia deslumbrar com os seus setins, as suas plumas, os seus guardinfantes, os seus enormes toucados, e os seus sorrisos de boa franqueza lusitana, esta Côrte portugueza, para quem o theatro do Bairro alto, mesquinho como era, figurava então mais do que para nós S. Carlos de Lisboa, a Scala de Milão, ou a grande Opera de Paris.

Devia deslumbrar, e deslumbrava. Correr o elenco dos frequentadores é correr o almanach de Valdez, ou o livro dos Grandes de Portugal; é ver aquellas physionomias doces e finas da aristocracia lisboeta, ora comprimentando-se de camarote para camarote, ora voltadas para o palco, e apreciando as piruetas voluptuosas da Petraia, os passos arrojados de *monsiur* Antonio ou de *monsiur* Pasabiló, dançarinos

que Londres applaudira tambem, ou emfim os garganteados tão florídos da Gertrudinhas ou da Cristiani!

— Tudo isso morreu, meu querido Julio, não te exaltes; — me dizia, interrompendo-me, um bom e saudoso amigo, a quem eu contava enthusiasmado os meus descobrimentos. — É triste, mas tudo isso é pó: tanto as dançarinas, que fizeram andar a cabeça á roda aos casquilhos de ha cem annos, como as cantoras, que transportavam as Duquezas em raptos ideaes ao setimo ceo da Arte. Vê tu a que chegam as coisas humanas! o palacio dos poderosos Condes de Soure, o paço da Rainha de Inglaterra, o templo brilhantissimo das musas scenicas, é hoje um quarteirão heterogeneo, pobre, chato, e pouco bem habitado; tem umas carvoarias, uns ferreiros, umas lojas, e não sei que mais.

E eu respondia com os meus botões:

— Destinos!...

CAPITULO XVII

Com o acabamento do theatro, a inauguração de S. Carlos, e a expansão de Lisboa em todos os ramos da vida social, o casarão do Bairro-alto não tornou a lembrar. Provavelmente deixaram-n-o cahir aos pedaços; é costume muito nosso; e no fim do seculo XVIII tudo aquillo era um agglomerado de ruinas. Ouvi a descripção d'ellas, como eram nos primeiros annos do seculo XIX, a pessoa que as conheceu.

Um montão de escombros, d'entre os quaes ressahiam paredes a aluir, com as suas janellas cegas mirando ao longe! A uma banda, uns quartos habitaveis ainda, onde se albergava a mendicancia mais desamparada; á outra, o resto de uma escada interior, que levava a um precipicio; aqui os hombraes recortados de um elegante portal; acolá um acervo de telhas e madeiramento estafado.

Em 1850 e tantos, quando eu por ahi passava, e observava, julgava achar-me em Pompeia. Quem me falaria então na minha querida *Lisboa antiga!*

*

Nos principios do seculo XIX os Condes de Soure, que não tencionavam reedificar o palacio, barbaramente arruinado pelo terremoto, e viam improductivo todo aquelle extenso trato de terreno, deram-n-o de aforamento em lotes; até então eram alugados, havia por ali barracas humildes, que os alugadores não beneficiavam, e, pelo contrario, deixavam estragadissimas, o que impedia ulteriores alugueis. Os rendimentos d'este vinculo da Casa de Soure perdiam muito com isso; ao passo que os emphyteutas, tomando o terreno como seu, beneficiavam as edificações, e valorisavam o sitio, o que, na reversão dos prazos, era de grande vantagem para o directo senhor.

Isto tudo motiva e explica um aviso do mesmo Conde (então residente no seu palacio de Monte-agudo) em 1818, quando tudo serenára, quando renascêra a esperança no coração dos Lisboetas, e quando parecia um sonho aquella catastrophe de sessenta annos atraz; annunciava elle dar de aforamento a quem os quizesse os terrenos «onde esteve o quartel de Peniche, junto á Patriarchal queimada» (1). D'onde se conclue que todas essas ruas eram meio campo em 1818, e só d'então para cá se povoaram a valer.

È comtudo averiguado, que já no anno de 1800 um Antonio das Neves Coelho ahi possuia, na proxima rua *dos Jasmins*, «ao pé do quartel de Peni-

---

(1) *Gazeta* n.º 249, de 21 de Outubro de 1818.

che,» uma fabrica de fitas n'uns barracões, com seus nove teáres. Desejava então traspassal-a (1).

Assim é que vamos encontrar muitos particulares levantando por ali barracas de todos os tamanhos e feitios, e litigando judicialmente entre si sobre servidões. Relatar tudo isso levar-nos-hia longe, e era de uma semsaboria mais que forense; basta dizer, que a Provisão Real, permittindo ao Conde o aforamento, estatuia que os diversos predios que ahi se edificassem tivessem as suas sahidas livres, sem por forma alguma se empecerem reciprocamente. O levantamento de um tapume bastou não raro para sobre elle se acastellarem demandas, em que todos ralhavam, e todos tinham razão. A harmonia das abelhas ou das formigas não foi concedida ao homem.

*

Em 25 de Setembro de 1804 o Conde de Soure, D. José da Costa, e sua mulher a Condessa D. Marianna Delphina José de Mello, aforam a João Paulo Antunes «um terreno de casas de pavimento humilde, quasi reduzido a pardieiro, que faz frente nas duas ruas *da Rosa das Partilhas* e *do Moinho de vento,* e esquina em ambas as ditas ruas nos lados do nascente e norte», então arrendado tudo em 208$800 reis por anno, pelo foro da mesma renda. Esse terreno ia desde a esquina das ditas duas ruas até á do pateo *da Opera.*

Em 22 de Novembro de 1823 a Condessa D. Ma-

---

(1) *Gazeta de Lisboa*, n.º 3, de 28 de Janeiro de 1800.

rianna, viuva, e tutora de seu filho o Conde de Soure D. Henrique José da Costa, aforou outros terrenos confinantes na mesma localidade ao dito João Paulo Antunes, terrenos varios, que elle encheu de casas, e legou ao seu enteado Miguel Antonio Trancoso, Tenente-Coronel do corpo dos Privilegiados de Malta; d'este passaram para seu digno filho, e meu amigo, o snr. Antonio Cypriano Eleutherio da Costa Trancoso.

Com effeito é o snr. Trancoso um dos proprietarios maiores do sitio; e andando a fazer uma obra, encontraram os seus trabalhadores não sei onde, entre o entulho, dois grosseiros leões de pedra, que parece tivessem pertencido aos acroterios inferiores de uma escadaria. Mandou-os o novo proprietario transportar para a Ameixoeira, e collocou-os no alto do portão do pateo da sua bella quinta de Sant'-Anna, na travessa de Santo André. Ahi estão, hoje pintados de amarello escuro, aos dois lados da entrada; d'onde succede que muita gente chama a esta propriedade *quinta dos Leões*.

Acharão alguns meticulosos desacato á Mãe da Virgem Maria o substituirem-lhe o nome pelo de dois bicharôcos? talvez não tenham razão, se se lembrarem de que o exemplo vem de alto: vem das nossas Camaras Municipaes, nossas mentoras e nossas guias. Essas não teem tido escrupulo em analogas metamorphoses: desterraram Santa Isabel (uma Princeza! uma Rainha! uma Santa!), desterraram S. Miguel (um Archanjo!), e substituiram-lhes o nome de um ex-Ministro; desterraram S. Francisco de Assis (o grande! o incomparavel!) e

substituiram-lhe o nome de um Official de Marinha.

Basta. Fique pois a quinta de Sant'Anna com os seus novos adornos, e prosigâmos nós na investigação.

*

A pouco e pouco, pelas immediações, no alto *do Longo*, no pateo *da Opera* (hoje *do Conde de Soure*), no principio da rua *Formosa,* e na *do Moinho de Vento*, foram-se por ali engenhando, sem alicerce, casinholas vilissimas, que ainda na minha mais tenra meninice conheci habitadas de desgraçadas creaturas; e até uma serração de pedra ali tinha achado logar, entre a rua *da Vinha* e a *do Loireiro.* A travessa *do Conde de Soure* era conhecida para muita gente, ha cincoenta annos, como *calçada da serração da pedra.*

Além d'esses predios, sem nome em architectura, uma ou outra habitação de mais porte se levantou, principalmente sobre a rua *da Rosa.*

O sr. Antonio Trancoso possuia entre outros prazos o terreno inteiro do antigo pateo do palacio, ou pateo *da Casa da Opera,* ou pateo *da Opera,* ou pateo *do Conde de Soure,* pois com todas estas designações se encontra nos titulos. Em Julho de 1880 vendeu uma boa parte a Manuel Innocencio Borges, que ahi construiu o predio da esquina da travessa para a rua *da Rosa,* onde era um pardieiro com uma carvoaria, que parecia dos tempos prehistoricos.

*

Emfim, soou de novo uma epoca mais propicia para as paredes que albergaram a Rainha de Inglaterra.

O Conselheiro Anselmo José Braamcamp phantasiou edificar ali uma residencia; comprou um terreno aos herdeiros de Vidal, marceneiro, que possuiam ali bastante área, onde se comprehendia a parede da frente sobre a travessa, com janellas e cunhal, e a parede em angulo recto sobre o jardim, de silharia bem aparelhada. Arredondou a sua propriedade comprando em 1 de Agosto de 1879 uns 100 metros quadrados a outro grande proprietario, o sr. Antonio Trancoso, por 600$000 réis, e levantou um predio nobre, com jardim, lindissima vista, e entrada por um pateo ao fim de uma serventia chamada *pateo do Tijolo,* que dá para a rua *do Moinho de Vento,* chrismada insensatamente em rua *de Dom Pedro V* pelo edital de 17 de Novembro de 1883.

As obras principiaram em Julho de 1879, lembro-me bem; respeitaram-se as paredes mestras. Do edificio antigo conservou-se tambem um cunhal e parede com janellas sobre a travessa.

Anselmo José Braamcamp, depois do incendio a que me referi a pag. 362 do volume III, foi morar provisoriamente na visinha rua de S. Boaventura n.º 101, d'onde facilmente vigiou as obras, se teve tempo para isso; e quando as viu concluidas, mudou para a nova casa, da qual pouco se gosou, pois ahi falleceu em 13 de Novembro de 1885, com grande dor

dos seus respeitadores e amigos, que eram todos os que o conheciam.

Ha coincidencias singulares! depois da morte do chefe do partido progressista, para essa mesma casa entrou de aluguel o Conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, chefe do partido regenerador, e ahi falleceu em 22 de Janeiro de 1887.

*

Terminada a chronica do antigo palacio dos Condes de Soure, pouco me resta para accrescentar.

Direi apenas, que entre a travessa *do Conde de Soure* e a calçadinha *do Tijolo* havia, ainda no seculo XVII, uma viella, que ligava a travessa *da Cruz de Soure* (antiga travessa *das Parreiras)* com a rua *Formosa*. Essa viella, considerada quasi inutil, foi aforada ao subdito inglez John Rider. O sitio ainda se conhece, e é marcado pela porta hoje n.º 13. (1)

Esse John Rider exerceu em tempo d'el-Rei D. João IV o cargo de Consul da Gran-Bretanha em Lisboa; affeiçoado á nossa terra, casou com a portugueza Guiomar Barreiros. Tiveram filho, não sei se unico, Antonio Rider, natural da freguezia das Mercês, capitão, e abastado negociante no Rio de Janeiro, onde habitou mais de cincoenta annos. Ca-

---

(1) Esclarecimentos tirados dos archivos da Camara Municipal, e dados ao auctor por José Ferreira Chaves.

sou com Mecía de Pina, natural de Villa Nova de Portimão, e ainda vivia no anno de 1720. (1)

Por aqui se demonstra, mais uma vez, quanto vale, quanto diz, quanto suggere, a papelada velha. Todos os documentos authenticos jogam uns com os outros, e são materiaes para a Historia. Conserval-os é dever de todos nós. A's estações officiaes incumbe a sua guarda; a nós outros, os rabiscadores curiosos, o estudal-os; ao Publico, o tirar d'elles ensinamento e illustração.

(1) Essas noticias constam do processo de habilitação de Maria Josepha de Oliveira como mulher do Familiar do Santo Officio André Martins de Sequeira em 1720. — Torre do Tombo — Familiares — *Antonios*, n.ºs 114 a 123.

CAPITULO XVIII

Ahi deixo laboriosamente conglobado, com a maior authenticidade que pude conseguir, o que me constou da historia do notavel palacio dos Condes de Soure. Mais não sei; pode ser que no futuro se me deparem novos materiaes.

Agora voltarei um pouco atraz; e, visto ter falado da *Bemposta,* e do paço da Rainha de Inglaterra, n'aquelles logares, então campestres, vou conservar n'este livro mais algumas noticias interessantissimas, que se referem ao mesmo sitio. Bem sei que o assumpto d'estes volumes é o Bairro Alto, e assim extravaso muito para fora do meu ponto; mas sei não menos que estes livros são mariposas, que por sua indole poisam em todas as flores.

Releve-se-me portanto a digressão.

Vou falar do largo *do Metello,* e do palacio que foi dos Viscondes e Condes da Lapa, hoje pertencente, por compra, á senhora Marqueza de Pomares. O que vou dizer foi por mim cuidadosamente extrahido dos titulos, emprestados em Dezembro de

1901, com a mais captivante espontaneidade, por uma Dama Camarista de S. M. a Rainha, a senhora D. Maria de Menezes, cuja distinctissima intelligencia percebeu (o que nem todos percebem) que facultar documentos authenticos aos pesquizadores é serviço publico, é collaborar na historia de Lisboa, é salvar memorias de gerações desapparecidas, é prestar homenagem ao passado de Portugal. A S. E. agradeço pois, respeitosamente e do fundo d'alma, a bondade com que me auxiliou e aturou.

*

N'este masso enorme de papeis velhos, o nome mais antigo que topei foi o de uma senhora, D. Guiomar Coronel, possuidora de uma pequena casa nobre ali mesmo.

D. Guiomar Coronel, ou Guiomar Nunes Coronel, que vivia na 1.ª metade do seculo XVII, era filha de Belchior Gomes de Elvas e de Brites Nunes; neta paterna de Jorge Fernandes, natural de Elvas, e de......; materna de Gonçalo Rodrigues e de Guiomar Nunes Angel. Era viuva de seu parente Duarte Mendes de Elvas Coronel (irmão de Luiz Gomes da Matta Coronel, que por 70:000 cruzados comprou a el-Rei D. Filippe III o rendoso officio de Correio mór), filho de Antonio Gomes de Elvas Coronel e de Brites Nunes; neto paterno de Luiz Gomes de Elvas Coronel e de outra Brites Nunes; materno de Sebastião Mendes de Azevedo e de...... (1)

(1) Vide a arvore Nota III no fim do volume.

O mencionado Duarte Mendes de Elvas Coronel era sujeito de vulto, certamente pelejador na India, pois herdou o direito a 7:500 cruzados «da venda de uma fortaleza». Sua viuva Guiomar possuia, além d'este citado predio, uma quinta em Sacavem, no sitio da Fonte; constava de duas courelinhas de vinha, com arvores de fruta e de espinho, casas nobres de sobrado, com seu pateo de recebimento, onde eram as estrebarias, o palheiro, e o poço; partia com o caminho que segue para Camarate, e com quinta de D. Joanna de Sousa, e por de traz com quinta do Prior da Azambuja. Salvo qualquer engano, imagino que seria a que hoje se chama *de S. José,* que foi do Major Barão do Pomarinho, Estevam da Costa Pimenta de Sousa e Meneses, e sua mulher, a Baroneza D. Henriqueta Branco de Meneses; foi depois do sr. Rodolpho Behr, e hoje (1904) é do sr. Alfredo Ribeiro.

Sobrinha de D. Guiomar Coronel (mas não sei dizer como) foi D. Anna de Sousa, casada em primeiras nupcias com Francisco Carneiro de Crasto, de quem lhe ficaram dois filhos, e em segundas com Manuel de Sousa Mascarenhas, que parece administrava um vinculo em Aviz.

*

Duas palavras acerca do primeiro:

Francisco Carneiro de Crasto requereu em 12 de Julho de 1645 a mercê do Habito de Christo, allegando ser neto de Brites de Crasto, e esta ser irman de Luiz de Lemos de Crasto, Cavalleiro na mesma

Ordem. Do seu processo na Torre do Tombo não consta a sua filiação, mas deprehende-se que a voz publica o maculava de sangue infecto e *christãno-vice*. O seu Crasto (e não *Castro)* era da mesma estirpe do dos Barbacenas. (1)

*

Duas palavras tambem acerca do segundo:

Manuel de Sousa Mascarenhas serviu na restauração da Bahia, e depois nas armadas de guarda-costa, foi Governador da Ilha da Madeira, e Commendador de Santa Maria de Alcofra na Ordem de Christo. Falleceu depois de 1666. Era filho unico de Francisco de Sousa Pereira, que serviu aos Reis D. Sebastião, e Filippes I e II; foi Commendador dos Oitavos, de Thomar, e dos Vinhos, de Villa Franca de Xira, e Capitão em Pernambuco e em Mombaça, onde morreu. Era casado com D. Maria Mascarenhas, filha de Manuel Mascarenhas e de D. Maria Corrêa. (2)

O dito Manuel de Sousa Mascarenhas casou duas vezes: a 1.ª, com Martha de Mesquita, filha de Christovam da Fonseca, do Lumiar, e de Margarida de Mesquita, da Charneca; 2.ª, com D. Anna de Sousa Pereira já viuva de Francisco Carneiro de Crasto. Do 1.º matrimonio houve successão; do 2.º não houve.

---

(1) Vide a arvore Nota IV no fim do volume.

(2) Vide a genealogia Nota V no fim do volume.

*

As casas nobres do Campo *do curral* (que assim se chamava o Campo *de Sant'Anna,* hoje chrismado em qualquer outra coisa), doou-as D. Guiomar Coronel a sua sobrinha D. Anna, na constancia do primeiro matrimonio, e ahi habitou a nova proprietaria, constituindo a casa parte do seu dote.

Além d'este predio, possuia D. Anna outros no Campo de Sant'Anna, nos Anjos, em Monsarás, etc., e duas quintas em Sacavem: a da Fonte, e a do Mar.

Viuva duas vezes, entendeu D. Anna de Sousa vender o seu predio, tornado livre pelo fallecimento do segunco marido.

Em 25 de Agosto de 1672, n'uma sala de sua casa, declarou essa senhora, perante tabellião e testemunhas, que a vendia a Manuel Francisco Mendes, marchante d'el-Rei, pelo preço de 360$000 reis, a fim de solver a divida em que estava ao Desembargador Manuel de Tovar de Vasconcellos, de 200$000 reis que este lhe emprestara para os gastos do casamento de seu filho, o morgado João Ribeiro de Vasconcellos, em moveis e galas d'elle e de sua mulher D. Isabel Maria de Mello. Tendo fallecido o filho sem pagar o debito, porque os seus bens eram vinculares, a boa mãe desapossou-se do que era seu para illibar a memoria do defunto. Assistiu ao acto Diogo de Brito de Vasconcellos, ou Carneiro de Vasconcellos, filho segundo, de vinte e cinco annos, que por sua parte approvou e ratificou o contrato, e subsequentemente veiu a succeder no vinculo.

Constava o predio, a esse tempo, de casas nobres, com pateo de entrada, estrebaria, e palheiro, cinco casas altas, por baixo d'ellas tres outras de sobreloja, lojas, e seu quintalão. O chão da habitação era foreiro em 1$700 reis ao convento das Inglezas de Santa Brizida do Mocambo (actual rua *do Quelhas),* e o do quintal em 450 reis á casa de Santo Antão da Companhia de Jesus.

A mãe e o filho ainda tiveram licença de ahi habitar até ao S. João de 1673, em que haviam de despejar.

*

Se a insaciavel curiosidade litteraria dos leitores quizesse penetrar comigo no lar modesto e nobre da vendedora, em quanto ella não transportasse para outra parte as suas alfaias, muitas d'ellas hereditarias, as cartas de partilhas, que tenho á vista, seriam para nós guia seguro e prompto.

Veriamos uma sala armada de seis pannos de raz muito velhos, avaliados em 15$000 reis, com seu reposteiro na entrada, ou *guarda-porta,* de tafetá almado e azul (800 rs.). Ao meio um bufete de pau santo de Angelim, velho, com gavetas (1$000 rs.). A um lado um contador pequeno de teca, com seis gavetas (3$000 sr.) Sobre um canapé, quatro almofadas de velludo azul adamascado, velhas (2$000 rs.). No chão uma alcatifa pequena mal tratada (3$000 rs.). Á outra banda um bufetinho e um contador de quatro gavetas, forrado (talvez por dentro) de papel aprateado (2$000 rs.). Sobre o bufete um panno de damasco azul bordado de oiro de palinha (?) (4$000

réis). A um canto um escritorio *(secretária* diriamos agora) de nogueira, com seus pés de almario (2$000 réis).

Entrariamos na outra sala armada de pannos velhos vermelhos e amarellos (10$400 rs.) e notariamos nas paredes seis paineis ao Divino (assumtos sacros) em papel (600 rs.). O chão recobria-se de alcatifa grande de estrado de quatro varas de comprido e duas de largo (30$000 rs.). Junto ás paredes campeavam hirtas seis cadeiras de coiro de Moscovia atamaradas (?), com pregaria miuda (9$000 rs.). A um lado escritorio de Allemanha (ainda a referida *secretária)* muito velho e mal tratado (1$500 reis); ao outro um escritorio de nogueira, com seu pé de gavetão (2$000 rs.); ao meio um bufete de pau de Angelim, obra indiana, já velho (1$000 rs.). Sobre as cadeiras seis almofadas de tela de uma parte, e da outra de damasco vermelho, cheias de lan (12$000 rs.).

Penetrariamos n'uma camara, onde observariamos uma cama de panno vermelho, com sobrecéo, cobertor, e cinco cortinas, tudo antigo (5$000 rs.); n'ella sua colcha grande de setim amarello de uma banda, e da outra vermelho, com franja de oiro e seda (8$000 rs.); para o frio lá estava de reforço um godrim de cotoricia (?) de meias velas (500 rs.). Por sobre a cama um pavilhão (ou docel) de tafassira (tafacira, ou taficira) verde, fazenda da India ás listas, com seu capello da mesma droga (3$000 rs.); travesseiros de Hollanda lavrados a retroz verde com suas respectivas almofadas (1$500 rs.).

Entrariamos n'outra camara, onde veriamos um

bello leito de pau santo guarnecido de latão doirado (25$000 rs.), com cobertor de greze (500 rs.), colcha de setim (2$000 rs.), pavilhão de tafetá azul com capello (2$000 rs.), godrim de coxonilla de seda (500 rs.). Junto á parede escritorio pequeno de teca (3$000 rs.); e junto ao leito um berço de pau santo guarnecido de latão doirado (2$000 rs.). A um canto um Oratorio de pau de bôrdo pintado, com tres devotas Imagens de vulto, e um Menino Jesus (2$000 rs.).

Para essas camas, e para as mais, poderiamos contar nada menos de dez colchões, seis grandes, de nove bastas, e quatro de seis, de panno de linho recheados de lan (20$000 rs.).

No outro quarto, que nos resta dos cinco do andar superior, achariamos ainda um escritorio com perfis (embutidos) de pau de laranjeira e seus pés de gaveta (3$000 rs.), duas mesas de madeira, uma de bôrdo, a outra de pau santo (1$500 rs.), dois caixões grandes de Angelim (12$000 rs.), tres arcas encoiradas (2$000 rs.), uma arquinha de toucador de coiro de Moscovia com pregaria doirada (2$000 rs), e duas arcas encoiradas velhas (1$000 rs.). Ahi certamente se conservava a roupa da casa, e outras coisas, como: seis recheios (?) de panno de linho cheios de lan, e seis almofadas (1$500 rs.), doze guardanapos atoalhados de panno de linho (720 rs.), dezoito guardanapos de linho chãos (lizos) (720 rs.), duas toalhas de mesa adamascadas de Flandres (3$000 rs.), seis outras da terra (fabricação nacional) (3$600 rs.), oito toalhas de mãos de panno de linho com rendas da terra (2$400 rs.), oito toalhas de li-

nho chans (1$000 rs.), uma colcha branca com suas bolotas aos cantos, marca mean (4$000 rs.), doze travesseiros chãos de panno de linho com doze almofadas (2$400 rs.), doze lençoes novos de linho, de tres ramos cada um (12$000 rs.), quatro de estopa novos (2$400 rs.), cinco camisas de homem, cinco *silouras* de panno de linho (3$000 rs.), e doze lenços de linho (960 rs.).

Para a historia do trajo dos seiscentistas, tambem nos serviriam as guarda-roupas do defunto Mascarenhas e de sua viuva; ahi topariamos com um vestido d'elle, de panno acanellado, e gibão de chamalote de flores (4$000 rs.); outro de pelle de camello, calção, roupeta, e gibão (2$000 rs.), e o seu capote de barregana cabellada, forradas as dianteiras de tafetá dobre furta-côr (1$500 rs.); e mais um vestido d'ella, de tabim azul e negro, guarnecido de renda negra, gibão, e saia (4$000 rs.), outro de felpa negra guarnecido de um passamane de renda, saia, gibão, e saio (15$000 rs.); chapins de chamalote com flores de oiro, e cada um com duas barrinhas de prata (1$500 rs.); e emfim manto de escomilha com grande renda de Flandres (8$000 rs.).

No artigo oiro e prata chamar-nos-hiam a attenção: uma cadeia de cabrestilho com 155 peças esmaltadas de branco e preto, com seus fusís (21$250 reis); uma cadeia de oiro sobre o grosso (22$050 rs.); um jarro antigo de prata com azas em volta, uma confeiteira ovada com sua tampa doirada, um fruteiro ovado transparente, de meio relevo, com as Armas dos Castros (visivelmente provindo do espolio de Francisco Carneiro de Crasto); tudo pesando

9 marcos, 3 onças, e 4 oitavas, ou 34$000 reis., a 3$600 o marco.

O capitulo das miudezas mostrar-nos-hia dois candieiros de latão, um de tres lumes, e o outro de bola, redondo (1$000 rs.); dois tachos de arame, uma caldeira de cobre, outro tacho maior, uma bacia de lavar, e um almofariz (2$000 rs.); artigos varios de cozinha e dispensa (1$000 rs.); um mosquiador (?) de tafetá com cabo de pau e engaste de prata (400 rs.); e finalmente, como o sitio era deserto e pouco seguro, uma espingarda portugueza de seis palmos (3$000 rs.), e uma escopeta de cavallo de quatro palmos, para as jornadas (1$500 rs.).

Todas estas minucias, que a muitos parecerão importunas, são para muitissima outra gente estudiosa saborosas no mais alto grau. Por ellas recompomos bastante dos haveres e do teor de vida de uma familia lisboeta apenas nobre, a physionomia do lar, os requintes modestos do luxo cidadão, que nos lembram as expedições indianas, e as valentes sobriedades de nossos avós, as suas devoções, as suas minguas, o seu luxo apoucado.

*

Devo comtudo uma declaração a quem me ler: no inventario a que me refiro, todos esses objectos appareciam sem ordem, n'uma miscellanea completa; parece que adivinhavam a futura feira da ladra do campo de Sant'Anna; permitti a mim mesmo a liberdade de agrupar tudo segundo se me figurou melhor, distribuindo a meu talante as mobilias e al-

faias nos varios aposentos da habitação de D. Anna de Sousa.

Creio ter assim prestado algum serviço aos curiosos. Fui apenas o arrumador do variado mobiliario.

Ora tudo isso, que decerto custou caro, e representava o recheio de uma casa mantida *á lei da Nobreza,* somma pelas avaliações 353$300 reis. Reduzi essa quantia a cruzados, e achei 883 e uma pequenina fracção. O cruzado d'el Rei D. Affonso VI equivalia a 692 réis de hoje. Logo, todo o espolio não excedia a modesta somma de 611$036 reis. Suppondo mesmo as avaliações muito rasteiras, quem lograria comprar hoje isso tudo, ainda usado como estava, por 800$000 ou 1 conto?

Isto e o que diz a minha arithmetica, na qual aliás me fio menos que mediocremente.

CAPITULO XIX

No dia de S. João de 1673, em quanto estrallavam entre algazarra as fogueiras do *Campo do curral*, em quanto gemiam as guitarras por toda a parte, em quanto as proximas Monjas do mosteiro de Sant'Anna celebravam com festa rija o Precursor, ao som dos foguetes e das bombas das alegrias populares, desamparava a triste e honrada D. Anna de Sousa a sua casa, e ia estabelecer-se não sei onde; nem isso nos importa agora, visto que não temos tenção de a visitar, nem averiguar-lhe a existencia.

O que nos interessa é o seguinte:

O comprador Manuel Francisco Mendes fez algumas obras. De cinco salas, ou casas, que havia no sobrado, ficaram sete, e dois corredores; cinco casas no de baixo; cocheira, cavallariça, palheiro, pateo de entrada, e o quintal, com seu poço, nora, parreiras, e arvores. Partia o predio pelo norte com «o largo da entrada da Bemposta *grande* e *pequena*;» (e aqui vê o leitor a verdade do que acima lhe

disse (1); isto é: ser a *Bemposta pequena*, ou *Bempostinha,* muito anterior á morada da Rainha de Inglaterra n'esses mesmos sitios); pelo sul com casas que foram do Dr. Henrique da Costa, e então eram de Valentim da Veiga da Fonseca, Porteiro do Conselho Ultramarino, casado com a viuva do dito Doutor; pelo nascente com o quintal; e pelo poente com o Campo de Sant'Anna.

Fallecido Manuel Francisco Mendes, ficou sua viuva Maria dos Anjos; esta, quando se recebeu, era já viuva de um André da Cruz, de quem houvera tres filhos, que falleceram com descendencia; e do mencionado segundo matrimonio ficaram quatro: Soror Catherina de Santo Antonio, Religiosa professa em Santa Martha, Joanna Maria Theresa, Francisca Luisa Helena, e o Licenciado José Mendes Ayres.

José Mendes era fallecido ao tempo da morte de sua mãe Maria dos Anjos, a qual, a 20 de Março de 1706, deixou a sua terça (estas casas em que todas viviam) á filha Joanna, que parece era muito valída dos paes. E assim continuaram até 1737.

*

N'esse anno habitava em Lisboa um sujeito ambicioso e feliz, que nos vai obrigar a outra digressão, e a abrir paragrapho em sua honra: o Desembargador Alexandre Metello de Sousa e Meneses.

Nasceu na villa de Marialva, Bispado de Lamego,

---

(1) Na pag. 122.

a 19 de Outubro de 1687, filho de Manuel Cardoso Metello e de D. Bernarda Feliciana Telles de Meneses, elle natural da freguezia de Santo Estevam de Alfama, onde foi baptisado a 2 de Julho de 1661, sendo seu padrinho o Escrivão do Paço Antonio Rodrigues de Figueiredo, ella da de S. Pedro de Marialva; neto paterno de Gaspar Cardoso Metello, do logarejo do Sorval, termo de Pinhel, Bispado de Viseu, Juiz dos orphãos e Escrivão da Camara de Pinhel, baptisado a 11 de Fevereiro de 1624, sendo seus padrinhos Gaspar Metello, de Vallongo, e Maria Alves, mulher de Balthazar Vaz, do Sorval; e de Maria dos Reis Moniz (tambem chamada Maria de Figueiredo), de Santo Estevam de Alfama, baptisada a 15 de Janeiro de 1643, filha de Sebastião Machado, Tabellião de notas, e de Maria Moniz, sendo padrinho Antonio de Torres; neto materno de Christovam Ferreira de Sousa, Capitão mór de Marialva, Familiar do Santo Officio, e de D. Maria Antonia de Meneses, ambos moradores em Marialva. A mãe de Alexandre Metello era irman do Capitão mór de Marialva Luiz de Sousa de Meneses, Familiar. (1)

Alexandre, formado em Coimbra, teve Carta de Familiar em 11 de Agosto de 1719.

Entrou na magistratura; o alvará de 13 de Janeiro de 1721 nomeia-o Provedor de Lamego. Depois, tendo já exercido na diplomacia o cargo de Secretario do Embaixador Extraordinario a Madrid, Pedro de Vasconcellos, acceitou a Embaixada á China. Para apparecer vistoso entre os Mandarins

---

(1) Torre do Tombo — Familiares e Nota VI.

do Celeste Imperio, obteve pelo padrão de 5 de Abril de 1725 o Habito de Christo; e a 17 do mesmo mez e anno sahiu para a China, como Representante d'el-Rei D. João V, a bordo da fragata *Nossa Senhora da Oliveira.*

Tendo os pilotos reconhecido ser já passada a monção propicia, arribaram ao Rio de Janeiro; foi logo a bordo buscar o Embaixador o Governador Luiz Vahia Monteiro com toda a Nobreza; ao desembarque achavam-se formados os regimentos; e tendo-se Metello alojado provisoriamente no palacio do Governador, passou logo a hospedar-se em casa do Coronel Manuel Pimenta Tello, aonde o acompanharam o Governador, dois filhos do Visconde da Asseca, os Mestres de Campo, os Nobres, etc. (1)

Creio que se sahiu bem da sua missão, porque o vejo subido em breve aos mais altos postos. Querem ver?

O alvará de 20 de Maio de 1729 fal-o Desembargador supranumerario da Casa da Supplicação; a carta da mesma data, Desembargador do Conselho Ultramarino; o alvará de 5 de Setembro d'esse anno concede-lhe 300$000 réis de ordenado; em 30 de Maio de 1732 teve a Commenda de Santa Maria de Almeida, na Ordem de Christo, com supervivencia n'ella por dez annos; o alvará de 11 de Janeiro de 1735 eleva-o a Conservador das fabricas de seda, oiro, e prata; em 1 de Abril de 1743 começou a servir de Presidente do Conselho Ultramarino; e a carta de 22 de Agosto de 1751 dá-lhe o alto titulo

(1) *Gazeta de Lisboa*—n.º 5 de 31 de Janeiro de 1726

do Conselho d'el-Rei. Foi tambem Fiscal das mercês, Deputado e Chanceller da Bulla da Cruzada, Secretario do Infante D. Manuel, Fidalgo da Casa Real; tudo cargos elevados, que deviam satisfazer e lisonjear as suas vaidades (que as tinha como poucos, está-se a perceber.)

Casou nobremente com D. Luisa Leonor Maria da Mattos e Vasconcellos, filha de Belchior de Mattos de Carvalho e de D. Theresa Maria de Goes. Sem geração.

Essa senhora era irman do Monsenhor Gaspar Antonio de Mattos e Lacerda, Prelado da Santa Egreja Patriarchal.

*

O Desembagador Alexandre Metello, guindado pelo seu merecimento (quero crel-o), e pela sua fortuna, a tão elevados postos, desejou possuir em Lisboa casa condigna da sua posição; e em 1737 realisou o seu sonho. Cubiçou a casa do Campo do curral, entendeu-se com as donas e, adquiriu-a.

Morava elle na então concorrida rua commercial *de S. Bento da saude;* a 23 de Março do dito anno vemol-o recebendo um tabellião, que lavrou a escriptura de compra. O caso foi assim:

Appareceu Francisco de Sousa de Castel-branco, procurador de suas tias Joanna Maria Theresa e Francisca Luisa Helena, orphans de pae e mãe, donas do antigo predio do Mendes; e na presença do Capitão Pedro Rodrigues da Costa, curador do demente D.or Antonio Pereira de Azevedo, e estando tambem o D.or Luiz Manuel de Oliveira, Curador

do mesmo demente pelo Juiz dos Orphãos, declarou Francisco de Sousa que elle e suas tias possuiam umas casas em que viviam, herdadas por ellas de seus paes, que as tinham havido por compra de D. Anna de Sousa, viuva de Manuel de Sousa de Mascarenhas, em 25 de Agosto de 1682; que por fallecimento da mãe, Maria dos Anjos, se partira a torna, adjudicando-se á dita Joanna 877$880 reis, e á dita Francisca 613$507 reis, ficando o predio pertencendo ás duas. Passados annos fizeram doação de tudo a elle Francisco de Sousa de Castel-branco; depois do que, hypothecaram o mesmo predio ao D.or Antonio Pereira de Azevedo, que, por falta de pagamento, o pôz em praça. A essa praça se oppôz Castel-branco; o Juiz do civel deu os embargos por não provados, e a Relação confirmou a sentença do Juiz; mas indo esta a passar pela Chancellaria, saltou o Castel-branco com embargos novos, que lhe foram recebidos por accordam da mesma Relação. Lavrou-se então escriptura amigavel de composição, a 6 de Fevereiro d'esse anno de 1737, pela qual todos os interessados concordaram na venda da casa, pagando-se ao demente 4:000 cruzados do principal, assim como tambem os juros vencidos. Castel-branco cedeu dos seus embargos, comtanto que tivesse effeito a doação; o que tudo foi julgado por sentença de 27 de Fevereiro. Á vista de tudo isso, ajustou-se a venda com o Desembargador Metello por 7:000 cruzados (2:800$000 reis), que elle pagou, tomando posse judicial a 2 de Abril seguinte.

Achou o sitio optimo, mas a habitação mesquinha, e ampliou-a, correndo-lhe o primeiro andar sobre o

pateo, que se converteu em loja (ou *logea)* de entrada, e dando-lhe approximadamente a feição que tem hoje. Ahi viveu este homem, que veiu a impôr nome ao largo, sobre o qual cahia a frente principal do palacio: largo *do Metello*.

*

Outro melhoramento, maior que todos, conseguiu o novo proprietario para a sua bella residencia: o accrescentamento de uma capella. Querem saber como?

Vigorava, parece-me que na parochia dos Anjos, a Irmandade do Senhor Jesus dos Perdões, sem capella nem ermida propria onde celebrasse o culto e os exercicios piedosos da Via-sacra. Entendeu-se com ella o Metello, e ajustou ceder-lhe uma parte do quintal para edificação de casa apropriada.

Com effeito, a 10 de Setembro de 1751 reuniu na sua residencia o Juiz, o Thesoireiro, o Escrivão, e o Procurador da Irmandade, Francisco Pinto de Miranda, Manuel de Brito e Silva, Padre Luiz Xavier Dias Ventura, e os Irmãos Francisco Barradas Lobo, Antonio de Barros, Estevam Ferreira dos Santos, Bento Antonio da Silva, Christovam Xavier de Almeida, João Antonio da Silva, e Caetano José; e ahi foi dito por elles acharem-se sem capella onde decentemente collocassem a veneranda Imagem, pedindo ao Desembargador lhes cedesse um pouco de terreno para a edificação. Este e sua mulher annuiram a tão justo desejo, e doaram chão para ermida, sacristia, casa de despacho, etc, com as condições

seguintes: que nunca a Irmandade abriria porta ou janella que devassasse as casas, podendo sim abril-as sobre a rua; que elles, senhorios, teriam para o templo um commungatorio gradeado, e poderiam romper tribunas, ter duas sepulturas no chão, deixar obrigação de Missas, etc. Até ao S. João de 1752 havia de estar edificado este sacello, dando os senhorios 120$000 reis para ajuda da obra do tecto. Tudo se reduziu a escriptura publica em 24 de Setembro de 1755, sendo testemunhas o Capitão Manuel de Macedo Pereira, e Octavio Gregorio Nebbias, ambos moradores em casa de Metello.

A ermida existe, perfeitamente conservada, e com culto publico.

*

Quatorze annos gosou o Desembargador Alexandre Metello de Sousa e Meneses o beneficio d'esta visinhança, até fallecer com pouco mais de setenta e nove annos, no 1.º de Setembro de 1766. Sua viuva passou a habitar n'outra propriedade que possuia á entrada do Campo-grande.

O palacio do Campo do curral, avaliado então, era como segue:

Ostentava, como hoje, duas frentes: uma para a Bemposta pequena (hoje rua *da Bempostinha),* outra para o lado do Campo. A entrada principal era, como hoje, por uma loja grande, com sua escada de dois lanços com corrimões de pedra vermelha que subia para o andar nobre. Ahi havia, como hoje, dezasseis casas, entre grandes e pequenas, com seu oratorio, e tres tribunas para a ermida. Por cima tinha accom-

modações para creados, com doze casas e aguas furtadas. Á parte direita de quem entrava na loja, subia, como hoje, uma escada de pedra em dois lanços, serventia para o quarto baixo, ou sobreloja, com dez casas e oratorio. Do lado do Campo havia outra entrada, serventia de dois quartos, um com sete casas, e o outro fronteiro com cinco. Em baixo do palacio, mais treze repartimentos para creados, cavallariça com manjadoiras de pedra, palheiro, cocheira, um armazem, e um poço de agua nativa. O jardim mostrava ao centro sua fonte e lago de pedra com canos de repuxo, poço de nora, com pilares, ruas de parreiras sobre columnas de pedra redonda. Ao norte possuia este jardim uma casa de refresco estucada, com assentos em volta e mesa de pedra; e abriam-se ao fundo mais tres casitas, uma para forno, com porta para a Bemposta pequena. Do quarto alto descia para o jardim uma escada com varanda. As salas do andar nobre nobilitavam-se com tectos de estuque em relevo; e todas as portas e janellas eram de madeira do Brasil; tudo com bellas grades de ferro historiadas.

O chão do predio e da ermida era foreiro ás Religiosas de Santa Brizida do Mocambo em 1$730 réis, laudemio de vintena; o do jardim, ao Collegio de Santo Antão em 450 réis, e igual laudemio.

Tudo foi avaliado em 20 contos de réis; o que demonstra a importancia das obras ali realisadas pelo Desembargador, se compararmos esse preço com o que elle deu em 1737. A metamorphose da antiga casa nobre de Guiomar Coronel era completa.

*

Ha ainda para accrescentar uma importante noticia:

O testamento de Metello, que tenho á vista, lavrado em 8 de Junho de 1759, e aberto no dia do fallecimento, é uma bella peça, onde a sua muita piedade se casa com as suas ambições e veleidades genealogicas.

São frequentissimos os exemplos do entranhado gosto, com que estes homens, elevados pelo seu trabalho, se compraziam em fundar estirpe, e em se imaginarem avoengos ao longo dos seculos. Metello não escapou ao microbio, e institue do remanescente de seus bens «um morgado, capella, ou fideicommisso, como melhor nome haja», de que seria 1.ª usufructuaria e administradora sua viuva, com a obrigação unica de ficar dando á irman do marido, D. Marianna Jacintha Telles de Meneses, Religiosa no convento de Moimenta da Beira, 4$800 reis por mez.

E' curioso observar como o instituidor encara com terror a possibilidade da vacancia do morgado; nada lhe esqueceu; previu tudo com faro de legista.

Depois de sua mulher, succederia como 2.º administrador seu primo e afilhado, Alexandre Luiz de Sousa e Meneses, Governador no Brasil; depois d'elle, seu filho mais velho e seus descendentes, segundo a Lei dos morgados; na sua falta, os descendentes legitimos de sua prima D. Antonia Rosaura de Meneses e seu marido Manuel Carlos Pimentel; na sua falta, os descendentes legitimos de sua

prima D. Cecilia Theodora de Vasconcellos e Meneses, e do marido Jacintho de Araujo e Vasconcellos; na sua falta, os descendentes legitimos de sua outra prima D. Theodora Luisa de Vasconcellos e Meneses, e do marido João Antonio de Beja e Noronha; na falta de todas essas descendencias, o parente mais proximo do instituidor; se o não houvesse, passaria o vinculo para o administrador do dos Metellos de Vallongo, se se conservasse ainda tal geração; no caso contrario, seria chamado o administrador do vinculo da Casa da Ponte da Barca, caso andasse na geração dos Meneses; se não andasse, passaria a administração para a descendencia do cunhado do instituidor, Diogo Botelho de Mattos de Carvalho e Goes; e se acaso não a houvesse, iria para os Capitães mores de Marialva.

*

Se esta instituição vincular chegou a realisar-se e consolidar-se, o que é duvidoso, herdou-a, segundo a disposição testamentária, o dito Alexandre Luiz de Sousa e Meneses, primo e afilhado baptismal do instituidor.

Diz-nos o minucioso Feo (1), ter este Alexandre nascido em Marialva, onde foi baptisado na egreja de S. Pedro a 6 de Fevereiro de 1720; ter sido Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Coronel da 1.ª plana da Côrte, Governador da praça de Santos,

(1) *Os Duques*, por J. C. Feo e o Visconde de Sanches de Baêna, pag. 662 e seguintes.

e militar da de S. Paulo, no Brasil, em 1757; e, além de muitos mais pormenores apresentados no mesmo livro, ter fallecido nos Arcos de Val de-Vez a 25 de Outubro de 1785, sendo sepultado no mosteiro de S. Bento. Tinha casado no Brasil a 4 de Fevereiro de 1742 com D. Caetana Maria Brandão, nascida em 1726 em Pitanguy, fallecida em Lisboa no 1.º de Janeiro de 1813, sepulta em Santa Isabel; filha de Luiz de Sequeira Brandão, Cavalleiro de Christo e Capitão mór de Pitanguy, e de Isabel Pires Monteiro de Campos.

A descendencia de Alexandre Luiz de Sousa e Meneses, onde creio dever encontrar-se a representação do Desembargador Metello, consta do alludido livro *Os Duques*.

CAPITULO XX

Voltemos um pouco acima.

Fallecido Metello, fixada D. Luisa Leonor no Campo-grande, não sei se se alugaria o palacio. Sei que, tendo pertencido á meação, essa senhora fez execução n'elle para pagamento das tornas que lhe pertenciam; pelo que, por escriptura de 26 de Setembro de 1771, foi o palacio vendido ao Almotacé mór do Reino, Lourenço Gonçalves da Camara Coutinho, que morava de aluguer na rua *direita de Santo Antonio dos Capuchos,* e ambicionava ter em Lisboa residencia em casa propria. O preço da venda foi de 32:000 cruzados, ou 12:800$000 reis. Assistiu ao acto o primogenito do Almotacé mór, e immediato successor no vinculo, João Francisco Gonçalves da Camara Coutinho.

*

Vejamos n'um relance de olhos quem vinha a ser este Almotacé mór.

Pertencia a um dos ramos em que se dividiu o tronco plantado por João Gonçalves Zarco. Foi o primeiro do ramo Pedro Gonçalves da Camara, filho 2.º de João Gonçalves da Camara, e neto do fundador da estirpe. D'esse Pedro foi 6.º neto Lourenço Gonçalves da Camara Coutinho.

Entre os bens da casa figurava o morgado instituido no seculo XVI pelo celebre Balthazar de Faria, cuja filha, D. Lourença, desposou um dos Camaras. Balthazar de Faria, de quem tratei largamente n'outro livro, foi Almotacé mór, e d'elle entrou o cargo na linhagem d'estes Camaras, hoje representados pela Casa da Asseca.

Ao morgado dos mesmos Farias pertencia uma quinta no suburbio de Lisboa, adeante do chafariz de Arroyos, quinta que João Gonçalves da Camara Coutinho, pae de Lourenço, subrogou em 3 de Maio de 1704 por um fôro de 150$000 reis no Estanco do Tabaco, ao Padre Jesuita Francisco Sarmento, Procurador geral das Provincias da India pela Companhia de Jesus, a fim de n'ella se fundar um Noviciado para os Missionarios das partes indianas. Com effeito fundou-se em 1705, com o titulo do orago da capella, Nossa Senhora da Nazareth (1).

Talvez por ter sahido do vinculo a quinta de Arroyos, é que o Almotacé mór appeteceu possuir o palacio do Campo do curral.

---

(1) O requerimento acha-se no masso 818, de documentos do Ministerio do Reino na Torre do Tombo. Communicação de José Ramos Coelho em 27 de Junho de 1902, que joga perfeitamente com o que diz o *Mappa* de Castro, freguezia dos Anjos.

*

D. Luisa Leonor, viuva de Metello, deixou o Campo-grande, e voltou a habitar no Campo de Sant'Anna, nas casas contiguas com o palacio, á banda do sul; e d'essa visinhança lhe provieram contendas porfiadas com o Almotacé mór, que parece tinha sua bossa de demandista. Este predio, que hoje pertence á senhora D. Joaquina da Silva Azeredo Cardoso Castello, estava avaliado em 3:200$000 reis, e tinha-se arrendado por 293$300 reis annuaes. Mas deixemos essas desintelligencias, que não importam aqui.

*

O que não percebo bem é o motivo por que o Almotacé mór não se contentou com a cocheira e cavallariça do palacio para morada dos bucéphalos de seu uso; vejo que em 28 de Julho de 1777 tomou de aforamento á Camara um chão fronteiro, encostado á muralha que sustenta o Campo, a fim de construir cavallariça e cocheira.

Ainda, até ha poucos annos, conheci essas barracas, que foram destruidas para aformoseamento do sitio.

Quando falleceu o Almotacé mór, não sei. Foi seu filho o Principal da Santa Egreja Patriarchal de Lisboa D. Luiz da Camara, que, recebendo em partilha, por carta de 16 de Novembro de 1789, o palacio de que estou tratando, o vendeu ao Barão de Mossamedes, José de Almeida e Vasconcellos do

Soveral de Carvalho da Maia Soares de Albergaria, por 14:000$000 réis, segundo escriptura de 24 de Novembro, nas notas do tabellião Lucas Evangelista Pereira de Sousa Valente.

Este barão era em 1791 Coronel da 1.ª plana da Côrte, e fôra Governador de Angola desde 1784 até 1790 (1).

D'elle passou a posse do predio para seus filhos e netos, os Viscondes e Condes da Lapa.

No verão de 1810 os Viscondes da Lapa requereram licença para terem na capella a Sagrada Eucharistia. Foi-lhes permittida essa honra por despacho do Nuncio, e outro do Arcebispo de Lacedemonia, Vigario do Patriarchado, o 1.º de 11 de Agosto, o 2.º de 24 de Outubro do dito anno.

*

Ultimamente, fallecendo o Conde da Lapa, seu filho o Conde de Mossamedes, a quem este palacio coube em partilhas, vendeu-o por escriptura de 15 de Junho de 1900 (Tabellião Cardoso) á senhora Marqueza de Pomares, D. Maria Manuela de Brito, que tem mandado fazer grandes embellezamentos nas salas.

---

(1) *Almanack* de 1791, pag 112.

CAPITULO XXI

O novo salto a que obrigo agora o leitor d'estas paginas é grande. Tudo isto são sollavancos medonhos que lhe dou; mas peço perdão; os assumptos encadeiam-se, e todo o meu empenho é ir aproveitando os apontamentos que possuo.

Vamos agora passar do largo *do Metello* ao nosso Bairro alto outra vez.

*

Quem desce a travessa *do Conde de Soure*, encontra-se no lanço superior da rua *Formosa*. Na esquina sueste da rua *dos Cardaes de Jesus* (hoje *de Eduardo Coelho)*, topa uma grande egreja; é a do antigo convento de Nossa Senhora da Conceição das Freiras Carmelitas descalças. O convento desappareceu, transformado, por piedosa metamorphose, no commovedor Asylo das cegas, gerido pela Associação de Nossa Senhora Consoladora dos afflictos.

Quem n'essa encruzilhada embocava pela rua *dos*

Cardaes, via á sua esquerda uns muros altos e nus. Janella ou varanda, nenhuma. Porquê? porque determinavam as severissimas Constituições da Ordem carmelitana, que os seus mosteiros não haviam de devassar a rua publica. O transeunte sabia que lá dentro habitavam Monjas de um instituto austero; mas tão recatadas, tão alheias ao mundo, que ninguem as via, quasi que não as suspeitava sequer, ali, a dois passos, amortalhadas no silencio...

....

*

Sobe alto a origem das Carmelitas, e ennevôa-se em piedosas lendas; não tenho que as discutir aqui. Ha assumptos para mim acima de toda a discussão; curvo o joelho, inclino-me, e passo.

Direi apenas, que a reforma das Carmelitas, e o novo aperto da disciplina claustral, os emprehendeu em 1568 a virtuosa, a inconcebivel Mulher, que veiu a ser Santa Theresa de Jesus.

Foi Santa Theresa uma das almas mais poeticas do mundo. O seu mysticismo é feito de sinceridade; os seus anhelos para o Céo respiram poesia. E' um espirito puro, que da terra procura adejar para as regiões ethéreas, e, graças aos esforços de especial talento, consegue incutir a quantos a rodeiam as convicções da penitencia e da regeneração moral. Personifica o genio ao serviço da virtude.

Era uma filha segunda de certa casa nobre da cidade de Avila, na Castella velha. Seus paes, D. Affonso Sanchez de Cepeda, e D. Beatriz de

Ahumada, fidalgos de provincia, brilhavam entre os seus eguaes ainda mais pela piedade, do que pelo esplendor dos brazões. Gente san, pura, recatada, em quem as praticas religiosas eram convicção, e costume herdado. Ao serão costumava o bom de D. Affonso ler a seus filhinhos vidas de Santos, sem suspeitar que a luz mortiça d'aquelle candieiro de latão estava, no silencio geral, abrasando em mysticismo salutar a alma de sua filha.

Aproveitaram os pequenitos aquellas lições, exageradas pelos devaneios dos annos tenros; e um bello dia abalaram do lar paterno Theresa de Cepeda e seus irmãos, sem dizerem para onde. Não custou a achal-os; trazidos ante os paes, confessaram que toda a sua ancia era correrem para a Africa, em busca de martyrio ás mãos da barbara Moirama.

Frustrados no seu proposito, resolveram fazer-se ermitães na quinta de seus paes; construiram umas cabanas de canniço, e para lá se retiravam a ermar e a orar.

Falleceu D. Beatriz, quando a juvenil Theresa apenas contava doze primaveras. Acordava a adolescencia com os seus sonhos de mundanidades; a companhia de outras donzellas, a frequencia de sociedades frivolas, operaram em Theresa um reviramento gradual; só lia romances; só pensava em festas. Internou-a seu pae como educanda n'um mosteiro de Agostinianas, d'onde passou para o da Encarnação das Carmelitas de Avila. Formosa rapariga, elegante, cheia de engenho e saber, ia a resvalar toda para as profanidades do seculo, quando

se sentiu tocada da Graça, e com vinte e um annos, a 2 de novembro de 1536, professou.

Professou; mas, depois de se reformar a si mesma, emprehendeu a reforma da sua casa adoptiva, que no luxo, na liberdade, na dissipação, corria parelhas com as mais ruidosas salas da cidade.

«Tudo sai perfeito das mãos da Natureza; tudo se corrompe e degenera entre as do homem» — escreveu Rousseau no introito de um dos seus livros memoraveis. Grandissima verdade! A' Ordem Carmelitana chegára a cabo de seculos a corrupção.

Viu isso tudo Theresa de Jesus; e ella só, animada do sopro divino, ella, pobre monja sem forças, consegue transformar a Ordem. Auxiliaram-n'a n'esse empenho o Padre João de Yépez (ou João da Cruz), e o Padre Heredia, ambos Frades Carmelitas.

Apesar dos rigores impostos, entre elles a pobreza e a descalcez, prosperou a reforma; ao tempo do passamento da gloriosa Matriarcha, floresciam já quinze conventos masculinos reformados, e dezesete femininos; e foi o Santo Padre Gregorio XIII quem lhes confirmou os estatutos em 1580.

*

Tenho-os deante de mim n'este momento, impressos em Madrid no anno de 1680, antecedente á fundação do mosteiro dos Cardaes. Curioso documento, graças ao qual devassamos em todos os pormenores o viver das Monjas, o seu horario, os seus entretenimentos, o seu serviço domestico, o seu

afastamento do mundo dos vivos, os seus anhelos para o Céo.

Ficaram exemplares de reformação severa as Casas novas da Ordem. Ver uma, era ver todas.

No seio da povoação da cidade, aquellas santas creaturinhas, arrastadas de um mysticismo talvez exagerado (vá dito de passagem, e sem veleidades doentias de *espirito forte),* mantinham verdadeiro ermo de montanha sertaneja: a residencia claustral, occulta em muros altos; uma cêrca, onde passeavam e oravam; e uma egreja, onde louvavam a Deus.

As paredes exteriores (mandavam-n'o os Estatutos), haviam de ter 19 ou 20 pés acima do chão da rua. Nenhuma janella se abriria sobre a serventia publica; e as mesmas que sobre a cêrca, ou jardim, houvessem de cahir, haviam de ter *réchas* ou rótulas. Adornos de architectura, nenhuns tanto na casa como nas officinas. Queria-se ali apenas o estricto necessario, e nunca o superfluo.

Tudo isso, tal qual, se observava, como indiquei, n'este mosteiro lisbonense, que, ao tempo da sua fundação, ficava encravado em solidão campestre, entre cardaes solitarios, e ás abas dos olivaes e terras lavradas dos altos da Cotovia.

*

Espreitemos agora o viver interior, que nos mosteiros de Lisboa se manteve até ao fim.

Ao toque da sineta despertavam e erguiam-se as Monjas: desde Domingo de Paschoa até 14 de setembro (Exaltação da Santa Cruz), ás 5 horas da

manhan, tendo logo oração mental até ás 6. Depois d'esse dia, levantavam-se ás 6, e faziam oração mental até ás 7. Logo depois, rezavam horas menores: prima, terça, sexta, e nôa. As vesperas rezavam-se em todo o tempo ás 2 horas da tarde, com excepções em algumas festas.

Lembro ao leitor, que eram sete as chamadas horas canonicas; a saber: Matinas e laudes, prima, terça, sexta, nôa (ou nona), vesperas, e completas.

No regimen caseiro evitavam-se quaesquer desegualdades de classe; todas, até a Prelada, se consideravam eguaes; todas varriam, esfregavam, e cozinhavam, á vez.

O trajo era sem differença: um saial, ou xerga escura, uma saia, e o habito, apertado, de mangas estreitas e sem pregas; tudo redondo e descido até aos pés. Os pés descalços, apenas resguardados inferiormente por alpercatas. Escapulario collocado sobre o véo, e quatro dedos mais curto que o habito.

Sendo-lhes vedado pedirem esmola, acceitavam o que se lhes desse, ou mandasse por caridade, e viviam principalmente do seu trabalho.

O trabalho, que n'outros mosteiros se transformava n'um genero de diversão, e se alegrava com as conversações amigas em commum, com a gazetilha de novidades urbanas, com o delicioso papear feminino, com os curiosos commentarios, e com os conselhos mutuos, era ali geral, sim, mas silencioso; novo tormento, que acceitavam sem discussão. A tarefa, toda para lucro da Communidade, e que n'outras casas era tão risonha e muita vez tão artistica,

não passava ali dos lavores mais humildes e semsabores: fiavam, cosiam boreis, remendavam esfregões da cozinha. Negava-se-lhes qualquer entretenimento aprazivel, como bordados de oiro, prata, ou matiz, a não ser para os adornos do templo; e isso mesmo não era, como digo, em sala de lavor, onde as praticas femininas e fraternaes as pudessem espairecer. Nós cá... lemos e escrevemos o que nos apraz, e quando nos apraz; desenhamos; tocamos; alegramos e alimentamos o espirito; ellas não. Cada uma trabalhava sósinha, sem tirar do trabalho contentamento pessoal. As suas obrasinhas, completamente anonymas, d'onde nenhuma satisfação vaidosa lhes podia provir, vendiam-se para fora. Assim ficavam sabendo, que o lavor de uma a todas aproveitava. Calada, isolada cada qual sobre si, ou deitava passagens em roupa de pobres; ou ás vezes compunha, matizava, doirava, sem estimulo nem elogio, a seda das casúlas, o brocado dos manipulos, dos corporaes, dos frontaes, dando então largas aquellas comprimidas intelligencias á imaginação artistica, e comendo só comsigo, e sem applauso, as innocentes vaidades de brosladoras.

Com essa reclusão cenobitica levada ao excesso, maceravam-se; padeciam os appetites corporaes e as expansões intellectuaes; mas lucrava a alma, só apascentada de abnegações e privações. Tanta sobriedade physica desatava-se em forças moraes.

A reunião no côro era sempre ao som da campa. Começados os officios, nenhuma Freira podia sahir sem licença da Prelada; e se alguma, por insignificante que fosse a demora, entrava depois do prin-

cipio, ajoelhava, como em penitencia, até a Prelada lhe fazer signal; depois beijava humilde o chão, e sentava-se no seu logar.

A Missa conventual era solemne em todos os Domingos e festas de guarda, nos dias de Nossa Senhora, de S. José, e dos Santos de 1.ª e 2.ª classe da Ordem. Nos outros, rezada: de inverno ás 8 horas da manhan.

Commungavam as Monjas, por obrigação, á Missa conventual em cada Domingo, em todas as festas de Nosso Senhor Jesu-Christo, da Virgem Maria, de S. José, de Santo Alberto, de Santo Elias, de Santa Theresa, do Corpo de Deus, e Quinta feira maior; e por devoção, se o quizessem, cada quinta feira e n'outros dias solemnes.

Das 5 ás 6 horas da tarde outra hora inteira e silenciosa de oração mental em commum; depois lia uma algum trecho escolhido, que as movesse á meditação. Devia haver á mão livros serios, recommendaveis como moralisação, unicos que podiam ler; taes como: Vidas de Santos, obras de Frei Luiz de Granada, de S. Pedro de Alcantara, do Padre Francisco de Avila, e sobretudo as de Santa Theresa.

Duas vezes por dia tinham meio quarto de hora de exame de consciencia; para esse exercicio, como para os outros, tangia a sineta; a 1.ª vez era um pouco antes da refeição; a 2.ª, depois das Matinas.

Rezavam-se estas no côro ás 9 horas da noite, exceptuando no Natal, que eram á meia noite, na Paschoela ás 3, etc.

Terminada a hora do recreio, rezavam-se Completas, seguidas da Antiphona de Nossa Senhora; e depois guardava-se rigoroso e absoluto silencio até acabar Prima do dia seguinte.

Eis ahi, no seu traçado geral, o viver d'essas pobres Carmelitas dos Cardaes, e o de todas as suas congéneres nas demais casas da Ordem.

*

Quando ali passavamos, de caminho para alguma visita ou para algum theatro, nós outros, descuidosos e frivolos, nem suspeitavamos, sequer, que a dentro d'aquellas paredes negras, altas, e escuras, se professavam com tamanho rigor, e tão aspera pontualidade, os dictames mais austeros da penitencia!

CAPITULO XXII

Duas palavrrs historicas; mas antes d'ellas uma declaração:

Devo á bondade da senhora Marqueza viuva de Rio Maior tudo (pode-se dizer) quanto me occorre escrever sobre o mosteiro das Carmelitas. Com a bondade que a distingue, com o seu desejo de ser util, com o seu perspicaz talento, quiz S. E. fazer-me a honra de collaborar na *Lisboa antiga,* confiou-me livros e codices preciosos, que extratei, encaminhou-me espontaneamente em buscas, e animou-me nas asperezas da tarefa. Declaro-o alto e bom som. Respeitadora das tradições, instruidissima, Portugueza amante da nossa terra, sabe S. E. que sem o auxilio documental ninguem pode escrever a serio obras d'este genero. A senhora Marqueza fica pois o leitor devendo o que ahi lê; eu sou apenas o secretario. N'isto não vai lisonja, que seria impropria n'este logar; brilha a verdade.



D. Luisa de Tavora
fundadora do mosteiro das Carmelitas dos Cardaes

*

Foi fundado o mosteiro das Carmelitas descalças de Lisboa em virtude da escriptura de 18 de dezembro de 1681, por D. Luisa de Tavora, Commendadeira do mosteiro de Santos o-novo.

Quem vinha a ser essa senhora?

Filha primogenita de Alvaro Pires de Tavora, senhor do morgado da Torre de Caparica, e de sua mulher D. Maria de Lima.

Alvaro Pires era filho segundo de Ruy Lourenço de Tavora; entrou como porcionista no Collegio de S. Pedro em Coimbra em 31 de outubro de 1608, deixando os estudos para succeder na casa paterna depois do fallecimento de Lourenço Pires, seu primogenito. Foi Commendador das Entradas, dos Padrões, e das Pias, etc.

Sua mulher D. Maria de Lima era filha de D. Lourenço de Lima e Brito Nogueira, Visconde de Villa Nova da Cerveira, e de D. Luisa de Tavora.

A mencionada filha de Alvaro Pires e D. Maria casou com Luiz Francisco de Oliveira e Miranda, senhor dos morgados de Oliveira, Sobrados, e Patameira, Commendador de Santa Eulalia na Ordem de Christo, etc.

Enviuvando d'elle, determinou-se D. Luisa de Tavora em deixar o seculo, e retirar-se a uma clausura. Na sua dor, no seu desapego das mundanidades, pareceu-lhe pouco mortificado o viver de Santos, onde entrára, e escolheu Ordem mais austera; por isso fundou para as Carmelitas des-

calças recem-reformadas esta casa em terreno que doou. (1)

Edificado o predio, escolheram-se fundadoras tiradas dos mosteiros de Santo Alberto de Lisboa, de Jesus de Aveiro, e de Santa Theresa de Carnide.

*

Tenho á vista o antigo tombo do convento, intitulado:

J. M.ª J.
LIURO DO
DOINGRSO E PRO-
FISÕIS DAS RE-
LIGIOSAS CAR-
MELITTAS DESCALÇAS
ANO DE 1681.

E' testemunha authentica do primeiro movimento da casa.

A Madre Michaella do Santissimo Sacramento, vinda de Aveiro, recebeu o officio de Priora; foi Sub-Priora a Irman Maria de Christo, vinda de Santo Alberto das Janellas verdes; foi Mestra das Noviças a Madre Maria Theresa de Jesus, vinda de Carnide; e uniu-se-lhes a Irman Umbellina Theresa de Santa Maria, vinda de Aveiro.

Juntas todas em Santo Alberto, sahiram para a nova casa dos Cardaes na vespera da Conceição de 1681; e ahi, no templo certamente por concluir, mas adornado das possiveis galas, celebrou-se no

---

1) *Hist. gen. da C. R.* — T. XI. pag. 227.

dia 8 a festa da Immaculada Conceição, com Missa solemne e exposição da Sagrada Eucharistia, assistindo a tudo D. Luisa de Tavora.

Segundo prescreve o ritual, são muito significativas as cerimonias da profissão: a benção do véo branco e dos habitos, depostos previamente no altar; a Missa cantada pelo Bispo; a entrada das novas Monjas no templo, logo depois do *Gradual*, cada uma empunhando uma tocha accesa; a sua iniciação nos rigores da Ordem, pelo mesmo Prelado; todos os pormenores, emfim, que tantas lagrimas excitavam nos assistentes, e tanto as edificavam para a sua vida nova de desprendimento.

Tudo isso viu este templo das Carmelitas, presidindo certamente ás cerimonias o notavel Arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa, da Casa dos Condes de Miranda.

Depois da benção, cerrou-se a clausura. Momento solemne!

*

D'ahi em deante começaram a entrar mais Monjas. As primeiras que se me deparam são:

Antonia da Cruz, em 9 de dezembro de 1681; em 11, Maria da Natividade;

Helena Ignez do Espirito Santo (chamada no seculo D. Helena de Lancastre, filha de João de Saldanha e Sousa e de D. Ignez Antonia de Tavora), em 8 de dezembro de 1687;

Francisca Theresa do Espirito Santo (chamada até então D. Francisca de Mendoça, filha de D. João de Mascarenhas, Marquez de Fronteira, e da Mar-

queza D. Magdalena de Castro), em 20 de novembro de 1688; d'ella falarei logo.

Em 19 de fevereiro de 1692, Leonor Maria da Apresentação (chamada no mundo D. Leonor Theresa Manrique de Mendoça, filha do Conde da Ponte, Garcia de Mello de Torres); e depois muitas mais, da Nobreza e das outras classes; mas é impossivel enumeral-as.

*

Está-me tambem agora á vista outro tombo interessante; intitula-se:

LIVRO
DAS ACÇÕIS MEMORAUEIS E MORTES FELESSISSIMAS
DAS
RG.AS CARM.TAS
DESCALÇAS DESTE CONV.TO DE NOSSA
S.RA DA CONCEIÇAO DOS
CARDAES

Ao passo que o outro volume era o registo das entradas, este é a nobiliarchia do Mosteiro, a chronica das virtudes das moradoras.

Começa pela vida da Religiosa Magdalena Maria de Sant'Anna; segue na da Fundadora, de que apenas estão escritas nove linhas escaças. Logo depois vão muitas folhas em branco destinadas á continuação, que nunca se escreveu. Seguem na pagina 25 outras vidas, que terminam na 86 com a Irman Anna de Jesus, fallecida a 7 de abril de 1841.

Tudo humilde, chão, sereno como um regato em

areia branca; tudo adstricto e restricto ao pensamento christão, alheio a mundanidades, desabroxado na monotonia do mysticismo.

E assim viveram entregues a Deus as boas Monjas, até que o malfadado terremoto do 1.º de novembro de 1755 veiu abalar a casa. Resignadas abarracaram na sua pequenina cêrca, até se reparar o mosteiro.

*

De algumas senhoras, não professas mas recolhidas, resta memoria. Especifico apenas a snr.ª Marqueza de Angeja, D. Marianna de Castello Branco, 7.ª filha dos 1.ºs Marquezes de Bellas, presa aqui por ordem do Governo do senhor D. Miguel, graças ás suas idéas liberaes, e visto constar communicava com presos de Estado *constitucionaes*. O seu crime era esse. Veiu a fallecer a 4 de janeiro de 1862.

CAPITULO XXIII

Vou tentar descrever a egreja, que felizmente se conserva intacta, e o resto da casa, onde ha consideraveis alterações e melhoramentos.

Templo de uma só nave, orientado approximadamente de norte a sul.

Desde baixo até ao arco cruzeiro contei vinte e seis passos meus, fora o tamanho da capella mór, já se vê.

A capella mór é vasta e desafogada; o retabulo, que, segundo diz Cyrillo (1), é obra de José Caetano Syriaco, fallecido em 1800 com 60 annos, representa Nossa Senhora da Conceição, e em plano inferior Santa Theresa offerecendo-lhe o coração (lado da Epistola), e Santo Elias na banda opposta, entre outras figuras. Deante d'este quadro ergue-se o Sacrario, que representa um monte; não o vi por se achar encoberto n'um envoltorio de damasco, e não me atrever a tocar-lhe. Aos dois lados duas

---

1) — Coll. de mem. — pag. 116.

Imagens: a de Santa Theresa, que é lindissima, e S. José; duas boas esculturas.

N'esta mesma capella mór, levantada uns poucos de degraus acima do plano do chão do templo, e resguardada por uma grade com sua portinha ao meio, ha dois altares: um de Santa Philomena, e do lado esquerdo Nossa Senhora Consoladora dos afflictos, bonita Imagem em vulto, mandada fazer em França por uma *anonyma* (que não tenho licença para tornar a nomear); resguarda-se dentro de uma lindissima machineta antiga, comprada pela Direcção da Sociedade hoje ahi estabelecida.

Nas paredes pinturas emmolduradas ricamente, assim como o altar mór, que é todo doirado, com seis columnas salomonicas muito lavradas de folhagens, sustentando a volta inteira das archivoltas tambem opulentamente decoradas.

Para baixo do arco ha mais dois altares: da esquerda Nossa Senhora do Carmo; da direita o Senhor Crucificado.

O corpo d'este bonito e agradavel templo contém azulejos dos mais bellos de Lisboa, vigorosamente desenhados a azul, e emmoldurados em cercadura de arabescos azues e brancos sobre fundo amarello. Representam passos da vida de Santa Theresa, expressos com alto sentimento da forma e do pensamento; verdadeiros primores, e, por felicidade, muito bem conservados. Por baixo d'estes nove quadros, que são de grandes dimensões, corre junto ao chão outra ordem de paineis menores, tambem com molduras de azulejo, servindo de embasamento á parede, e representando Anjos com

insignias da Paixão, e outros assumptos symbolicos.

Quem, interessado em descobrir o mestre que para ali pintou estas admiraveis composições, percorrer com attenção o sopé da parede que deita para a rua *Formosa*, isto é, a do lado da Epistola, verá, como que sumida, uma pequenina moldura, ou *cartouche*, e lerá:

I VAN OORT:
AMST: FECIT

Temos pois a certeza de serem hollandezes os azulejos, pintados em Amsterdam por medidas mandadas de cá. Falta-nos porém a data, que o auctor não se lembrou de escrever. Procurando nos Diccionarios de Arte, toparemos com um Van-Oort, celebre pintor; esse está excluido, porque se chamava *Adão*, e, nascido em 1567, e fallecido em 1641, é anterior á fundação d'esta casa; mas bem pode ter tido um filho, ou outro parente, cujo nome começasse por I ou J, e que nos fins do seculo XVII ou começos do seguinte, traçasse os notaveis azulejos das Carmelitas.

O pulpito é muito bello, todo de talha doirada.

Pegados com os azulejos, lá no alto, em volta da nave, correm, de meia parede para cima, seis quadros maiores, a oleo, emmoldurados em talha rica, e dois menores dos dois lados do côro alto, que faz frente á capella mór. Contando de baixo vê-se:

1.º — a adoração do Menino pelos Reis;



D. Ignez Antonia de Lima
filha da fundadora do mosteiro dos Cardaes

2.º — a dos Pastores;
3.º — a Annunciação;
4.º — o casamento da Virgem;
5.º — a Visitação;
6.º — a apresentação no Templo.

O tecto é de estuque, antigo mas banal.

O solo pode ser que tenha sepulturas; lá deve jazer a illustre fundadora, e jaz o Marquez de Vallada, pae do ultimo Marquez; mas não lhes vi as lapides, se acaso as teem, porque o chão são taboas, e para cima do arco ha esteira e alcatifa. Nada posso dizer.

Este templo, recolhido e devoto, illumina-se por janellas pequenas collocadas em cima junto ao tecto: cinco do lado da rua, quatro e mais uma fingida do lado fronteiro.

Em frente do altar-mór, no topo meridional da egreja, abre-se o côro alto, gradeado, todo adornado de quadros devotos, entre os quaes vi o retrato da fundadora representada no seu leito de morte, D. Luisa de Tavora, e o de sua filha D. Ignez Antonia de Oliveira e Tavora, em trajo mundano, com um cordeirinho entre as mãos.

Resta-me dizer, que no recinto da capella mór, á parte do Evangelho, se abria a grade do commungatorio das Monjas, que é uma sala escura, hoje communicada com o templo por uma porta. Sobre essa porta pende um chapéo de Cardeal, cuja origem e significação se ignora.

CAPITULO XXIV

Como indiquei, o templo, o convento, e a sua pequenina cêrca, formavam *ilha* sobre si, entre a rua *Formosa*, a *dos Cardaes*, a travessa *da Conceição*, e a *da Horta*. A entrada do templo e a da portaria são pela rua *Formosa;* a actual entrada para o Asylo é pela *dos Cardaes.* Sobre esta mesma rua erguiam-se os altos muros, contiguos a um dos dois pequeninos claustros da casa, certamente o mais antigo, o mais pobre, o mais caracteristico: uns singellos arcos de alvenaria pintada de oca amarella ennegrecida dos invernos, em volta de um acanhado recinto com alegretes cheios de plantas.

O outro claustro, mais interior, é tambem muito caracteristico. Tem tres arcos de cantaria, de volta redonda, singellissimos, e em roda dos quatro lanços azulejos ornamentaes singellos. Ao centro um antigo tanquesinho, hoje atulhado de terra, e todo viçoso de plantas; e aos quatro lados alegretes al-

tos, quasi em forma de cruz de Malta ✠, tambem cheios de plantas e arvores, entre as quaes quatro laranjeirinhas. N'aquelle recinto encantador o silencio é quasi completo; emquanto eu ali passeava, apenas se ouviam ao longe os pregões da cidade, e umas vozes de mulher, algures, na cozinha.

Na escada em tres lanços, que do andar superior conduz a este claustro, ha dois oratorios na parede dos dois patamares, e ambos envidraçados: o 1.º, vindo de cima, é de Nossa Senhora do Loreto, entre duas Santas; o 2.º é do Menino Jesus Redemptor.

Por cima dos lanços espalmam-se quatro terrados descobertos. No topo de uma das arcadas inferiores ha um altar com retabulo fechado por portas.

O chão d'este claustro é tapisado de sepulturas, que só se reconhecem no humilde ladrilho por numeros gravados em pedra. Epitaphios, apenas se lêem dois: o 1.º é assim:

AQUI JAZ MARG.^{DA} JOZEFA FR.^{E} VE
VVA DE JGNACIO RIBR.^{O} DE SAMP.^{O} Q
SE QUIZ SEPULTAR NESTE LVGAR
POR SVA DEVOCÃO P.^{A} O Q TEVE
LIÇ^{A} DO NOSSO DEFENITR^{O} POR
BEMFEITORA DESTE CONU.^{TO} FAL.^{O}
A 17 DE SETR.^{O} DE 1725

Ignoro quem fosse esta senhora, D. Margarida Josepha Freire, e não conheço seu marido Ignacio Ribeiro de Sampaio.

A 2.ª inscripção diz:

AQUI IAS A M.E FR.CA TH
R.ZA DO ESPIRITO SA
NTO FALESEV
EM 20 DE AGOSTO DE 1727.

Esta Freirinha já a mencionei na pagina 216. Occorre a qualquer perguntar o por que a distinguiram e honraram assim, com uma campa especial. Talvez ninguem saiba responder. Seriam as suas grandes virtudes, que a elevaram tanto no conceito geral? seriam beneficios raros obtidos da sua poderosa familia? Não sei, e ella nada responde.

O resto do chão é tambem completamente mudo.

Quando, nas noites calmosas de Julho ou Agosto, o luar illuminasse aquelle claustro, recortando no ladrilho a sombra das arcadas, que devaneios mysticos não seriam os d'aquellas inoffensivas emparedadas, regando os seus vasos de manjaricões, passeando silenciosas nos eirados, e ouvindo longe, muito por longe, o rumor vago da povoação!

Uma coisa desejaria eu saber: como se reflectiriam ali os successos politicos? que parte tomariam as monjas no que ia cá fora no mundo das mesquinhezes? como é que se avaliavam ali as mutações dynasticas, os vai-vens das coisas publicas? Provavelmente nada, ou só um ecco sumido, lá chegava; e em quanto foguetes e musicas alvoroçassem Lisboa, e em quanto ribombos de artilharia atroassem os sete montes da cidade .. aquellas mortas-vivas continuavam orando, velando, e pensando nas glorias das celestes regiões.

Não, não custa a crer. Perguntemos ao sabio, quando no silencio do seu gabinete de Physica, do seu laboratorio de Chimica, estuda, espreita, devassa, um segredo da Natureza, se lhe importa o que perpetram na Russia os nihilistas, ou o que planeiam os diplomatas? Esses Curies do *radium,* esses Archimedes da quadratura da parábola, esses Platões da melodia das espheras, ou do quadrado da hypotenusa, lembram-se tanto do mundo, como se lembravam aquellas monjas.

O pensamento fixo e absorvente é um ermo.

*

Um dia, ha vinte e sete annos, fallecendo a ultima Freira professa, o Governo deitou a garra ao edificio. E' meu; chamo-me leão.

Das antigas habitantes viviam ainda as senhoras D. Maria José de Barros de Castro, e D. Maria de S. Francisco de Assis, muito mais nova, ambas mencionadas nas entradas como *pupillas* apenas, por não terem já chegado a tempo de professar.

A primeira, que ainda felizmente vive, entrou para a Ordem Terceira de S. Domingos, acha-se recolhida no convento de S. Domingos de Bemfica, onde é Vigaria, muito respeitada e querida de toda a Communidade; a segunda, fallecida em 1901, foi a 1.ª Directora do Asylo das Cegas, do qual falarei em breve.

*

Contra a apropriação do edificio dos Cardaes

pelo Estado, protestou um 5.º neto da fundadora, o Marquez de Vallada, D. José de Meneses da Silveira e Castro; e no *Diario illustrado* de 2 e 3 de maio de 1876 encontro as seguintes palavras suas, que foram (aposto) escritas de um jacto, e de memoria. Para mais era o Marquez: datas, nomes, circumstancias genealogicas, ditos agudos da velha aristocracia, tudo armazenava n'aquella notabilissima retentiva.

Oiçam:

«O Marquez de Vallada vai perante os poderes publicos fazer valer os seus direitos á propriedade sita na rua Formosa, que outr'ora foi o convento das religiosas carmelitas dos Cardaes de Jesus, como pertença do seu antigo morgado de Caparica, e que n'essa qualidade, fez em tempo devidamente registar, em vista dos documentos que se guardam no seu cartorio, e especialmente da escriptura de fundação de 18 de dezembro de 1681, pela qual se demonstra o direito á posse da propriedade dos Cardaes. O que assim se declara para conhecimento do Publico e mais effeitos devidos. E porque o dito Marquez muito respeita as tradições de familia, por isso deseja conservar na posse d'ella esta egreja e convento, a que seus antepassados consagraram tamanho affecto, e tributaram singular respeito, dispendendo, não sómente, a fundadora largas quantias na fundação e dotação, mas outros ascendentes seus, grossas sommas no embellesamento da egreja e convento, do que possue os documentos e provas. E' na egreja d'este extincto convento que está enterrado

seu muito respeitavel e prezado pae o snr. Marquez de Vallada, D. Francisco, e muitos de seus ascendentes, além de sua quinta avó a illustre fundadora D. Luisa de Tavora, senhora e administradora das casas de Caparica e Patameira, que por casamento d'ella se uniram á casa de Vallada.

«A fundação d'este convento tem uma historia especial, que muito honra a familia da fundadora e do nobre varão bem conhecido nas chronicas antigas, Garcia Rodrigues de Tavora, de quem foi herdeira a fundadora, e que n'essa qualidade de herdeira realisou esta fundação.»

*

«O Marquez de Vallada, em additamento ao annuncio acima, publicado no *Diario do Governo* de 28 de Abril, declara que todos os objectos do culto existentes do convento dos Cardaes lhe pertencem, e lhe estão hypothecados por escriptura de 18 de dezembro de 1681.»

*

Enganava-se porém nas suas conclusões finaes o douto Marquez de Vallada. A linha genealogica provou o seguinte:

Do seu matrimonio com o supra-referido Luiz Francisco de Oliveira, Morgado de Oliveira, houve D. Luisa de Tavora por filha herdeira:

D. Maria de Oliveira, nascida em 1635, casada com D. Diogo de Meneses, Commendador de Vallada; de quem nasceu

D. José de Meneses e Tavora, herdeiro e representante das casas paterna e materna. N'este D. José

nomeou sua avó, D. Luisa, o padroado do recem-fundado mosteiro dos Cardaes.

Até aqui vai tudo bem; e sendo D. José de Meneses antepassado directo do Marquez de Vallada, parece que o padroado viria com effeito a caber a este. Comtudo, ha que objectar:

1.º — Verdade é que D. José falleceu com sessenta e quatro annos a 2 de outubro de 1725 na sua quinta de Caparica, sendo sepultado no proximo convento dos Arrabidos, de que era padroeiro (1), sobrevivendo assim muitos annos a sua citada avó D. Luisa, de quem herdou o padroado (2).

2.º — Esse *padroado,* porém, não era mais que da *capella mór* da egreja do convento das Carmelitas, e não do convento.

D'onde se vê que a argumentação do Marquez de Vallada peccava pela base. Elle teria direito ao padroado da dita capella, se existisse vigorando a antiga legislação; mas não o tinha á reversão do edificio todo do mosteiro, que passou a ser propriedade do Estado.

Uma ultima palavra:

Lê-se no mencionado logar da *Chorographia*, ao falar-se de D. Luisa de Tavora:

«Está (1709) sepultada no claustro commum, em

---

(1) *Gazeta de Lisboa,* de 18 de outubro de 1725

(2) A data approximada da morte de D. Luisa deprehende-se da *Chorographia* do Padre Antonio Carvalho da Costa, vol. III, pag. 509, onde se diz que esta senhora fallecera quinze annos atraz. A data das 1.as licenças do volume é de 18 de abril de 1709; logo, marca-se implicitamente 1694.

Communicação de Anselmo Braamcamp Freire.

quanto seu neto D. José de Meneses e Tavora a não manda trasladar ao côro baixo, onde era vontade de sua avó a sepultassem; e se depositou no claustro, por não estar acabado o côro; e um arco que está defronte da grade do côro baixo é para o dito D. José de Meneses lhe mandar fazer a sua sepultura, que só a capella mór deste mosteiro é sua, de que é padroeiro.»

Peço attenção para essas derradeiros expressões, que Anselmo Braamcamp Freire me fez notar com muito criterio, e que a pleno confirmam o que acima escrevi.

CAPITULO XXV

Voltemos um pouco atraz.

Florescia em Lisboa, desde longos annos, luctando sempre com agudas difficuldades, uma agremiação particular, a benemerita Associação de Nossa Senhora Consoladora dos afflictos, fundada em 28 de março de 1848, por uma senhora activa, influente, e de bonissimas intenções, D. Maria Miquelina Pereira Pinto, mulher de José Isidoro Guedes, depois 1.º Visconde de Valmor.

Figuravam n'esta Associação, e trabalhavam com fé, muitas das principaes senhoras da sociedade; e as caridosas obras que espalhavam valiam a grande numero de familias pobres. Beneficios em theatros, subscripções ordinarias e extraordinarias, foram accrescentadas por legados varios, que a thesouraria das nobres associadas administrava com consciencia e zelo. Um pensamento arrojado as desvelava comtudo, que ainda não podéra realisar-se: vinha a ser a compra, ou edificação, de casa apropriada para asylo de cegas pobres.

N'isto, tendo fallecido na freguesia da Lapa um abastado proprietario, por nome Luiz Antonio Esteves Freire, sua viuva doou á Associação a quantia de um contó de reis em metal para ajuda da almejada compra. Era muito, mas não chegava. Pôz-se o dinheiro a juros, e alguns outros donativos o foram a pouco e pouco accrescentando.

Em maio de 1877, realisou-se, no Passeio publico, um bazar, com venda de sortes, e conseguiu-se comprar um conto de *coupons* da Junta do credito publico; mas como as sommas angariadas estavam longe do desejado fim, entendeu a Direcção recorrer ao Governo.



Em julho d'esse mesmo anno (1877), sendo Ministro da Fazenda o Conselheiro Carlos Bento da Silva, deferiu ao requerimenro, em que a Associação pedia para si o edificio do recem-extincto mosteiro das Carmelitas dos Cardaes, concedendo-lhe a mais todo o recheio da casa, as alfaias e imagens do templo, os paramentos, etc. Tudo entregou pontualmente o Reverendo Padre Manuel Antonio Alves, depositario d'esses restos. D'este Ecclesiastico diz o Relatorio de 1878:

«Não só zelou com o maior interesse e cuidado pela conservação dos objectos que lhe foram confiados, mas, pela sua piedade e devoção, evitou que se fechasse a egreja, e conservou sempre no Sacrario o Santissimo Sacramento.»

Assim pois, vemos que, por irrecusavel interven-

ção divina, o culto religioso não foi nunca interrompido na casa desde 1680.

Quanto ao edificio, n'esta data memoravel entrado em phase nova, força é dizer que o seu estado, pela pobreza das freiras, era lamentavel.

«O convento — conta o dito Relatorio, redigido pela talentosa, instruida, e tão benemerita senhora Condessa de Rio Maior, fallecida em 24 de abril de 1890, com grande dor de quantos a conheceram — estava quasi em completa ruina. Foi necessario fazer de novo e emmadeirar todos os telhados. Os sobrados, as portas, as janellas, tudo estava no estado mais lastimoso.»

Como não podiam adiar-se as obras, venderam-se cinco *coupons* de conto de reis, e começaram ousadamente os trabalhos, confiando sempre em Deus e na caridade publica.

*

A caridade publica não afrouxou. Além de outros legados, menciono o de Seraphim José de Sousa Bastos, de tres contos de reis em inscripções, e em 1892 o de José Fernandes de Sousa, livreiro lisbonense. Este homem legou á Associação a importante collecção dos seus livros, que se foram vendendo em parte a pouco e pouco, como vou dizer, sendo os ultimos apresentados em hasta publica no mez de janeiro de 1893.

Tenho aqui o catalogo; acabei de o percorrer. *Lisboa — Typographia do Diccionario universal portuguez, Rua de S. Mamede (ao Caldas, 26) 1892.*

E' uma miscellanea sem orientação definida, em que as obras apreciaveis se acotovellam com as insignificantes; acervo de volumes, cuja valia bibliographica seria longo e difficillimo estabelecer; impressos, e manuscritos; theologia, historia, litteratura; em todas as linguas, em todos os formatos; um verdadeiro chaos.

Todos conhecem, porém, que n'uma cordilheira de livros velhos, como era esta, topa o entendedor que saiba *herborisar* com attenção, muita planta medicinal entre pedregaes, muita orchídea rara entre malmequeres de vallado, muita amora de silva entre espinhos, muita raiz substanciosa afogada em ortigas.

Percebeu isso tudo o cultivadissimo espirito das Directoras; mas todas essas senhoras hesitavam na maneira pratica de valorisar o donativo. Delegaram na sua collega a actual senhora Marqueza de Rio Maior o difficil encargo, com uma abnegação e um acerto, que as honra sobre-maneira.

A mesma senhora Marqueza, vendo que os mil oito centos e setenta e cinco massos de volumes, de que se compunha a livraria de José Fernandes de Sousa, eram avaliados em globo na modesta quantia de 500$000 reis, resolveu de si para si accrescental-a, diligenciando, com muito zelo e muita dedicação, a venda a retalho de alguns d'esses livros, e disse para as suas illustres companheiras:

— Descansem em mim; estes quinhentos mil reis hão-de produzir muito mais na minha mão.

E principiou a trabalhar.

Pela sua palavra insinuante, pela sua caridosa in-

fluencia, dirigindo-se a varios colleccionadores, conseguiu que fossem pagos por preços altos alguns volumes, e teve a gloria de accrescentar a poder de diligencias junto de altissimas Personagens, a somma que se tivesse obtido por qualquer outra forma na venda dos livros do generoso legatario.

*

Eis ahi o que ouvi a varias pessoas de alto crédito, e publíco, até com o risco de ferir a modestia da senhora Marqueza de Rio Maior.

Com o que se alcançou, pôde a Sociedade, em 1896, construir dormitorios novos, e uma sala de recreio para as ceguinhas.

Architecto não houve; tudo perfez, e muito bem, o habil *mestre de obras* Antonio Moreira, homem excellente, coração bem orientado, e intelligencia cultivada pela pratica do seu mistér. Como trabalhou sempre de coração n'estes encargos piedosos e uteis, nobilitou-o a ironia popular, tantas vezes ingrata, com a alcunha invejavel, que elle decerto não renegaria, de *Mestre Antonio das beatas.*

Essa alcunha diz tudo: pinta a dedicação do excellente homem ás ideias sans, o seu zelo, os seus empenhos caridosos, a sua constancia em auxiliar aquellas nobres *beatas,* que assim se entregavam á faina improba de salvar para o bem o que ainda restava das Ordens religiosas infamemente extinctas em 1834.

Reformou-se o edificio, deixando-lhe porém o seu cunho religioso. Sem alterar nem destruir a porta-

ria antiga, a baixo do templo, na rua *Formosa,* abriu-se ao Asylo nova entrada pela rua *dos Cardaes de Jesus;* romperam-se janellas onde convinham; já havia muita agua no convento; deu-se-lhe mais.

Os dormitorios, claros, alegres, presidido cada um por uma Irman Dominicana, são hygienicos e commodos. A casa dos banhos é bellissima. O refeitorio, sem perder o seu feitio vetusto, sem se lhe demolir a *ministra*, abertura por onde da cozinha contigua passam os alimentos, sem lhe arrancar o pulpito velho, d'onde outr'ora se ouvia durante a refeição alguma leitura piedosa, respira asseio e hospitalidade. Conservaram-se os quadros e alfaias que tanto recordam o primitivo destino do edificio. Mantiveram-se as tradições vetustas, adaptando-as ao destino moderno da casa; e onde reinava a penitencia escura e austera, reina hoje, brilha, sorri, a mais desinteressada caridade christan.

*

A historia completa da Associação de Nossa Senhora Consoladora dos afflictos não cabe n'este logar; levar-nos-hia longe, tantas são as admiraveis provas de desinteresse e dedicação, apresentadas no correr de longos annos pelas Directoras.

Entre as figuras mais proeminentes e sympathicas das bemfeitoras da corporação, figura em logar primacial a senhora Condessa de Rio Maior, D. Isabel Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, da Casa de Villa-Real, que em 1854 substituiu

na presidencia a fundadora, a senhora D. Maria Miquelina Pereira Pinto, e n'aquelle cargo se manteve até á morte, com uma abnegação e um zelo superiores a todo o commentario. O seu papel relembra os antigos exemplares que as chronicas piedosas nos mostram; a sua bondade realça-se pela maneira como sabia exercer a sua missão caridosa; o seu talento natural, e a sua bossa administrativa, nobilitam tudo que fez.

Os relatorios da Associação, todos de sua lavra, são primores de altruismo, de modestia, de intelligencia pratica. O Rev. Padre Antonio da Costa Cordeiro, proferindo em 23 de maio de 1890 o elogio funebre da nobre e santa Condessa de Rio-Maior, compendiou eloquentemente o que valia aquelle coração de mulher.

«Pode assegurar-se com verdade – diz elle — que, se a senhora D. Miquelina foi quem primeiro fundou essa benemerita Associação, foi a senhora Condessa de Rio-Maior quem lhe deu vigoroso impulso, quem a desenvolveu e levou á perfeição que todos lhe reconheceram.»

*

Uma nota derradeira:

A grande Condessa falleceu, depois de penosa enfermidade, e rodeada de todos os seus, no palacio da Annunciada, n'um pequenino gabinete junto á actual livraria. O sitio onde ficava a cabeceira do seu leito mortuario acha-se hoje assignalado piedo-

samente, pelos filiaes sentimentos de sua dignissima nora a senhora Marqueza. Um Crucifixo pendente na parede ainda hoje está dizendo: D'aqui levantou vôo para o Céo aquella alma pura.

CAPITULO XXVI

Foi no dia 19 de dezembro de 1903, um sabbado, que, pelas 3 horas da tarde, tive a honra de ser recebido por S.S. E.E. as senhoras Marqueza de Fronteira e Alorna, Presidente da Associação, D. Theresa de Saldanha de Oliveira e Sousa, Madre Geral das Dominicanas, Marqueza de Rio-Maior, Marqueza de Avila, e D. Maria Emilia Brandão, no edificio do Asylo das Cegas.

Tudo me foi dado ver minuciosamente, graças á bondade d'estas senhoras, que me informaram, responderam ás minhas perguntas, me deixaram tomar apontamentos, e admirar a maneira verdadeiramente christan como ali são já agora albergadas e mantidas trinta e duas ceguinhas, pelo inexcedivel zelo, pela dedicação sem limite das boas Irmans, presididas pela Superiora, a Irman Maria de S. Thomaz de Aquino de Macedo.

Entre as mais venerandas preciosidades do convento mencionarei duas, que ainda felizmente não foram parar á feira da ladra:

Primeiramente, a pintura do S. José milagroso, muito antiga, e com muito cuidado conservada. É uma agradavel obra artistica, de tons quentes que



S. José e o Menino
Imagens veneradas no convento das Carmelitas da rua dos Cardaes

lembram talvez a maneira de Vieira Lusitano, e grande uncção no pensamento.

Em segundo logar, o corpo de S. Peregrino, que ainda se venera n'um altar do antigo commungatorio das monjas.

E se me atrevesse, tambem mencionaria (e por que não?) um cravo, ou espinheta, muito pobre e humilde, em que as antigas freiras ensaiavam talvez nas horas do recreio os seus psalmos, com a mestra das noviças ou a cantora. Quiz ouvir uns

sons ao menos n'aquelle teclado; foi impossivel; o instrumento está sem cordas.

Se isto me entristeceu, como symbolo das ruinas de tudo que é mundano, exultei ao pensar, de mim para mim, que esta vivenda religiosa ainda hoje porfia em ser santa. Sahiram as freiras, e entraram as pobres ceguinhas. Estas, como aquellas, continuam a louvar a Deus; a Sagrada Eucharistia está onde esteve sempre desde 1681; a abobada do templo resôa ainda hoje com as festas religiosas; a caridade publica tem ali onde se exercer.

*

Uma senhora que muito me honra com a sua amizade sincera, uma senhora modelo de senhoras, e cujo coração é um thesouro de benevolencia, chama á cegueira *saudades da luz*. Esta phrase, tão verdadeira e tão linda, é um mundo de sentimento.

Se as infelizes albergadas do Asylo da Conceição entendem bem o que em seu favor se tem realisado, se do fundo das saudades da luz, e do carcere das trevas physicas, pode a sua alma ver a luz moral que tão desinteressadamente as illumina, exultem ao pensar que, apesar das crueis vicissitudes dos tempos, apesar das guerras, apesar das desavenças d'el-Rei D. Affonso VI com seu Irmão, do terremoto de 1755, das invasões francezas, das revoluções liberaes, das desordens de 1828 a 34, apesar das luctas caseiras de 1846, não souberam ainda aquellas paredes desaprender o espirito christão; lembrem-se de que tudo ali se acha im-

pregnado de bons desejos de beneficencia; sintam que as orações austeras do antigo viver das Carmelitas ainda hoje aquecem aquelle recinto, e que d'entre os espinhos da penitencia de outras éras, brotou para ellas uma flor de suavissimo perfume: a caridade.

As senhoras da Associação de Nossa Senhora Consoladora dos afflictos são as vestaes de um fogo sagrado que illumina a pobreza de Lisboa. Honra a quem assim emprega o seu tempo, os seus haveres, o seu coração, em beneficiar os desamparados. Deus lh'o pague, que só Elle o pode.

Feliz a *Lisboa antiga,* se por acaso algum leitor (ou, melhor, alguma leitora), depois de percorrer estas ultimas paginas, sentir no coração um rebate caridoso, e quizer ir alistar-se com qualquer óbolo, por modesto que seja, entre os subscriptores. Por esse motivo, ficará este pobre livro valendo mais a meus olhos do que valeria por todos os primores de forma, com que um talento maior que o meu o soubesse adornar.

NOTAS

Nota I — Pag. 70

FERNANDO BOMTEMPO

CERTIDÃO

Certifico que no livro 19 fls. 92 dos baptismos da freguezia de Santa Isabel se acha o seguinte:

«Em 16 de Novembro de 1837 me foi apresentada uma certidão authentica de baptismo, que fica n'este cartorio, cujo teor é o seguinte:

— «Aos 7 dias do mez de Outubro de 1837, n'esta Capella Real do Paço das Necessidades, baptisou, e pôz solemnemente os santos Oleos o Ill.mo e Rev.mo Snr. D. Marcos, Arcebispo de Lacedemonia, Esmoler mór de Sua Majestade Fidelissima, a Fernando Maria, nascido aos 23 dias de Agosto do mesmo anno, filho legitimo de João Domingos Bomtempo, natural de Lisboa, e baptisado na egreja de Nossa Senhora do Loreto, e de D. Maria das Dores Bomtempo, natural de Lisboa, baptisada na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, recebidos na freguezia de Nossa Senhora de Belem. Foram Padrinhos Sua Majestade el-Rei D. Fernando, e Madrinha Sua Majestade a Rainha a Senhora D. Maria II. Tocaram com as procurações dos mesmos Augustos Senhores o Ex.mo Sr. Coronel Simão José de Calça e Pina, Ajudante de campo d'el-Rei, e a Ex.ma D. Anna de Sousa Coutinho, Dama de Sua Majestade a Rainha, e filha do Ex.mo Marquez de Santa Iria. Do que tudo fiz este termo, que com o mesmo Ex.mo Prelado assignei. — Arcebispo Eleito de Lacedemonia. — O Beneficiado

Joaquim Eleutherio de Sousa Negrão, Capellão da mesma Real Capella.»

Esta é a forma da dita certidão, que fielmente copiei para este livro. Declaro que os paes do baptisado actualmente são meus parochianos, por morarem na rua Nova da Piedade n.º 11. Do que tudo fiz este termo, que assignei. — Freguezia de Santa Isabel, 17 de Novembro de 1837.

O Prior, Antonio Simões.

Segue o reconhecimento

Nota II. — Pag. 129

OS TUMULTOS DA ABRILADA

Extracto do livro *Mémoires et souvenirs du Baron Hyde de Neuville* — Paris, 1898 — Tomo III, cap. IV. pag. 150 e seguintes. —

N. B. — O que vai ler-se é obra do célebre Barão Hyde de Neuville, Embaixador d'el-Rei de França Luiz XVIII junto a el-Rei de Portugal D. João VI. Com o relatorio do Embaixador entremeiam-se fragmentos de um diario intimo escripto por sua mulher a Embaixatriz, conservado em poder de sua sobrinha Paulina Hyde de Neuville, Viscondessa de Bardonnet, pessoa de elevada intelligencia e grande illustração. Foi esta senhora a redactora e editora das *Mémoires et Souvenirs,* obra coroada pela Academia de França e galardoada com o premio Bordeu. Em sua honra foi cunhada de proposito uma medalha, tendo a snr.ª Viscondessa setenta e quatro annos.

J. de C.

*

TRADUCÇÃO

. . . .

«A 29 de Abril de 1824, pela noite, correram em Lisboa atoardas sinistras. A' vista do movimento desusado de tro-

pas, e da passagem rapida de ordenanças disfarçadas no escuro, não tive já duvidas ácêrca dos successos que iam dar-se.

«Achamos n'uma carta de Madame Hyde de Neuville a narração da agitada noite de 29 de Abril, que só algumas horas precedeu a revolução que ia ter Lisboa por theatro; eis a carta:

...«*No mesmo dia 29, anniversario d'el-Rei de Inglaterra, dava sir Edward Thornton um grande jantar e um baile, festejando o natalicio do seu Soberano* (1).

«*Encontravam-se na Embaixada ingleza todo o Corpo diplomatico, Lord Beresford, e os Inglezes de mais distincção.*

«*Foi demorado o jantar, e como que perturbado por certo engano casual nos logares, contrario á categoria diplomatica; a frieza que reinava, forcejava eu disfarçal-a conversando agradavelmente com o amavel Barão de Binder, Ministro de Austria.*

«*Depois dos brindes a Sua Majestade Britannica e aos outros Soberanos, descemos todos para as salas do rez-do-chão, com muita elegancia decoradas para o baile. D'ahi vimos os preparos para a illuminação, e formaram-se grupos, consolando-se cada qual do peso da etiqueta com uns instantes de liberdade.*

«*Principiaram as dansas; mas como cresceu o calor, desci para o jardim pelo braço do Conde de Lebzeltern. Lindissima noite! uma noite de Veneza, muito serena, e azuladamente luminosa!*

«*Notámos o silencio que reinava entre os arvoredos, interrompido apenas pelos accordes longinquos da orchestra. Quem nos diria que tão perto de nós se achavam emboscados conspiradores e assassinos? Quando me tornei para as salas, fiquei*

---

(1) Morava o Ministro de Inglaterra na rua de S. Francisco (hoje alcunhada rua Ivens), no palacio da esquina da calçadinha onde se acha ha muitos annos o Gremio Litterario. Vê-se que as salas de baile eram no rez do chão sobre o jardim, e a sala da mesa no 1.º andar.

. de C.

impressionada com o aterrador aspecto da physionomia da Condessa de Subserra. E' disse-me ella: «Andava á vossa procura; onde está o Barão? vinde, vinde ambos, temos que falar.» Contou-nos a Condessa então, que seu marido estava ameaçado de ser morto n'essa mesma noite, que tinha sido d'isso avisado, e acabava de partir para o paço, a fim de convencer el-Rei a tomar certas providencias severas, que em vão solicitava desde a morte do infeliz Marquez de Loulé.

«Que terrivel confidencia, e que sitio para ella! uma sala de baile, onde sem cessar eramos interrompidos por pessoas que nos dirigiam a cada momento aquelles lindos nadas, a que é devéras difficil responder quando se está, como nós estavamos, absorvidos em idéas tão terriveis!

«Era indispensavel resolver.

«Cheio de cuidado no perigo que ameaçava o Conde de Subserra quando sahisse do paço da Bemposta, propôz meu marido á Condessa, que, logo que a hora permittisse deixar o baile sem levantar qualquer suspeita, mandassemos apresentar ao mesmo tempo as nossas carruagens. Para evitar reparos, a Condessa entraria na sua com a filha, (1) *e a pouca distancia subiriam para a nossa, que seguiria a poucos passos.*

«Foi acceito o plano, mas era preciso esperar a occasião; e emquanto esta não chegava, dissimular os cuidados que nos atormentavam. Tinha a Condessa de Subserra um caracter firme, dos que não succumbem, antes se levantam, com os perigos; disfarçou comsigo mesma os seus sustos, e nem quiz sequer prevenir a filha, que dançava, do perigo que então corria o pae e o marido, porque o snr. Lopes de Sousa, (2) *genro dos Subserras, tinha acompanhado o sogro ao paço.*

---

(1) A snr.ª D. Maria Mancia de Lemos e Roxas de Carvalho e Meneses, que depois casou com o Conde e Marquez da Bemposta-Subserra, sobrinho de Monsieur Hyde de Neuville. Foi a mãe da actual snr.ª Marqueza de Rio Maior.

J. de C.

(2) Fradique Lopes de Sousa de Alvim e Lemos, Moço Fidalgo com exercicio, Commendador na Ordem de Christo, 16.º Senhor da Casa de Bordonhos, Tenente Coronel de Cavallaria, e 2.º Conde de Subserra pelo seu casamento.

J. de C.

«Decorridas duas longas horas, cujos segundos tinhamos contado a um e um, despovoaram-se um pouco as salas, e pudémos despedir-nos do nosso hospedeiro.

«A Condessa narrou tudo á filha.

«Tudo se fez como se tinha planeado. A pequena distancia da Embaixada, sahiram da sua carruagem as duas senhoras, e tomaram logar na nossa; a manobra executou-se ás escuras, visto que, para maior segurança, tinham-se apagado as lanternas; tudo aquillo era lugubre e medonho. O trajo de baile formava contraste com o estado de alma de cada um de nós; por isso, o silencio exigido pela prudencia ninguem o quebrou; e a Condessa e sua filha tomaram logar ao pé de mim. Só um aperto de mão exprimiu o que padeciamos.

«A carruagem seguiu, e o cocheiro recebeu ordem de não apressar o andamento, a fim de que pudesse ser bem reconhecida a libré do Embaixador de França; precaução bastante necessaria, porque era para temer que de um sitio elevado que ali dominava uma rua comprida e estreita, fizessem fogo sobre a carruagem da Condessa, que nos ia precedendo.

«Nada mais vimos, porém, a não serem alguns vultos que se escoavam ao longo das paredes. O fiel Bouquet, nosso estribeiro, tinha desembainhado o terçado, prompto a soccorrer-nos, caso fôsse preciso. Lobrigou homens armados de escopetas, disfarçando se por entre os vallados de piteiras das quintas; mas, tomando viellas afastadas, pudémos, depois d'esse perigoso passo, chegar a casa da Condessa de Subserra.

«Algumas horas andadas, tambem lá chegou o Conde, tendo enganado os conspiradores com as voltas que deu.

«São enormes as distancias em Lisboa; nós só depois das 3 horas da manhan conseguimos entrar em casa, anciosos pela sorte das pessoas que acabavamos de deixar.»

Agora fala o Barão:

«Comprehendi que o meu dever como Embaixador era proteger o Throno, que certos facciosos e impios intentavam derribar. Fiado no prestigio que tinha então a França, sobre tudo desde que o seu victorioso Exercito tinha vencido a re-

volução em Hespanha, resolvi tomar para logo as providencias necessarias para fazer respeitar na minha pessoa a Bandeira franceza, e valer ao Monarcha ameaçado dos maiores riscos.

«Encarreguei o sr. Gros, Secretario da Embaixada, (1) e cujo talento, bem affirmado pela sua subsequente carreira, me foi dado fazer conhecer, de communicar ao snr. Visconde de Châteaubriand os primeiros acontecimentos realisados em Lisboa, e de providenciar para segurança da Embaixada.

«Feito isto, o meu desvelo unico foi chegar junto d'el-Rei D. João VI, e não o deixar antes de saber reconhecida a sua auctoridade, e de o ver livre de todo o perigo.

«Mandei aparelhar o meu coche de gala, e corri para o paço da Bemposta acompanhado pelo Visconde de Flavigny. (2)

«Dois boatos giravam: um, de que uma tentativa contra el-Rei acabava de ser frustrada graças ao Infante; a outra, mais espalhada, accusava este senhor de querer depôr seu pae, a fim de subir ao Throno.

«A tornada da Rainha a Lisboa dava forças a esta segunda versão.

«Eis-me agora chegado ao fatal acontecimento que tanto amotinou este Reino, e esteve a pique de o sossobrar.

«El-Rei, que via as coisas quasi sempre acertadamente, quando julgava por seu livre alvedrio, não tardou em reconhecer aonde punham mira os assassinos do Marquez de Loulé.

«Dizia el-Rei a um dos seus servidores de Salvaterra: *Tu bem sabes onde principiou o dia 30 de Abril: foi no paço de Salvaterra.*

---

(1) Depois Barão Gros, e diplomata de elevados meritos, que chegou a ser figura proeminente na scena politica moderna.

J. de C.

(2) — Um dos Addidos á Embaixada de França. Foi casado com a excellente Madame de Flavigny, auctora de um *Recueil de prières* e de uma Preparação para a primeira Communhão. Foi elle o iniciador da grande obra da Cruz Vermelha depois da sangrenta batalha de Solferino.

J. de C.

«O alvo dos conspiradores era aterrarem o Soberano, assassinando os homens que elle considerava, e muito bem, como os seus mais dedicados amigos, e induzirem-n-o assim a abdicar, por fas ou por nefas.

«Havia plano de o encarcerarem em Mafra. Só Deus sabe onde tencionavam parar os miseraveis que secretamente dirigiam o movimento.

«A abdicação seria em favor do herdeiro legitimo, D. Pedro. Ao Infante (ou antes á Rainha governando por elle a metrópole, tornada colonia) seria mistér uma força superior para comprimir o espirito publico, que tenderia sempre a oppôr-se a um estado de coisas tão humilhante para Portugal.

«Emfim: n'esta conspiração mal urdida, e na qual se digladiavam interesses bem contrarios, via-se a Rainha seguir um plano, que ella aliás nunca abandonou.

«Querendo só chegar aos seus fins por meio da intriga, mas não dissimulando a difficuldade de levar o Infante pelo attractivo unico do poder, e, ainda mais, de o constranger a tornar-se instrumento docil de uma conspiração ascorosa e cobarde, visto que ella devia convencer-se de que o Infante a não acceitaria desde o momento em que visse claro o fundo de taes enredos, deveu aquella sagaz Princeza reconhecer que outros incentivos eram indispensaveis, além dos que bastam ás almas vulgares, para agitar e commover aquelle coração juvenil e impetuoso, que até então só tinha parecido submetter-se ao dever, e só reconhecer a paterna auctoridade. Tinham-lhe pois incendido e imaginação; tinham rodeado de phantasmas a sua mocidade inexperiente; tinham-n-o enganado, seduzido, embriagado; tinham feito d'elle um seíde. (1)

«Aquelles mesmos, que, n'outros intuitos politicos, deixavam livremente proceder a Rainha, e até em segredo a auxiliavam, a fim de conseguirem mais depressa transformar a metropole em colonia, deveram talvez assustar-se com a direcção dada á conspiração; e isso pode explicar a incer-

---

(1) — Assassino fanatico entre os Arabes.

J. de C.

teza d'esses taes, os seus temores, o seu comportamento inhabil no dia da acção.

«A tomada de armas não se teria talvez realisado, ou pelo menos teria havido tempo de amadurecer e combinar bem tudo, se os assassinos de Loulé não fôssem informados de que, por ordem d'el-Rei, iam a final ser presos.

«Tinham assumido toda a responsabilidade do crime atroz de Salvaterra, e evitavam confessal-o ao Infante, mas não cessavam de repetir-lhe que não só se queria fazel-os auctores do facto, talvez resultado de uma vingança particular, mas comprometter por ahi a elle Infante, e á Rainha, e encarceral-os.

Que mais era necessario para transtornar as idéas do infeliz Principe, cuja indole o haveria podido fazer homem superior, mas a quem a falta de educação tinha deixado perder-se na categoria d'aquelles entes cegamente apaixonados, que só almejam perigos, só reconhecem a sua espada, e são tão improprios para salvar os Estados, como para os perder?

«O ponto capital para chegar á projectada abdicação, era: afastar os realistas provados e animosos, sobretudo os chefes militares, que decerto nunca se prestariam a secundar tão ominoso attentado, e que talvez tivessem pegado em armas em defensa do seu Rei.

«Quanto ao Infante, parecia achado o unico meio de o obrigar a consentir na abdicação de seu pae: repetia-se-lhe que o Monarcha andava cercado de traidores, de inimigos do Throno, e que a vida da Rainha corria perigo; que toda a Casa de Bragança, a Monarchia portugueza, o proprio Rei, se viam sobre o abysmo; em summa: que o risco era imminente, e D. João VI demasiado fraco para salvar o Estado. Portanto, era no proprio interesse do Soberano, que elle devia abdicar, e entregar o poder a mãos robustas.

«O assassinio do Marquez de Loulé havia de ser seguido do do primeiro Ministro. Tudo faz crer no projecto de apunhalar o Marquez de Palmella. Comtudo, o crime de Salvaterra tinha inspirado tamanho horror, que o susto dos conjurados lhes paralysou a mão.

«El-Rei, derrotado pela angustia, ordenára aos Ministros que buscassem cuidadosamente os auctores, os fautores, os cumplices, do attentado. Primeiro, pareceu que as devassas corriam activas; mas não tardou que amainassem; e quanto mais a opinião publica teimava em apontar a dedo os culpados, menos e Governo parecia perseguil os.

«No emtanto, o Conde de Subserra e o Intendente geral da Policia, Barão de Rendufe (1), acabavam de persuadir a el-Rei que fizesse cessar o escandalo, e permittisse a arrestação dos indigitados, e, antes de mais, a da alta Personagem tida e havida por ter meditado e dirigido o assassinio.

«Resolveram logo os conjurados jogar as ultimas, e foi escolhido o dia 29 de Abril para a morte do Conde de Subserra.

«Com toda a probabilidade, fôra escolhido esse dia, por ter a Côrte em peso de achar-se em casa do Ministro de Inglaterra, que celebrava o dia de annos do seu Soberano. O que é evidente é, que a certa hora da noite todas as carruagens, dirigindo-se para o bairro opposto ao paço da Bemposta, deixavam por isso mesmo campo livre aos sicarios emboscados na passagem do primeiro Ministro. O dever do seu cargo chamava-o cada noite ao paço, d'onde, ás vezes, só sahia ás 2 e 3 horas da madrugada.

«Pelas 8 horas, foi o Conde de Subserra avisado do perigo que o ameaçava; tomou as suas providencias, e sem dizer palavra a quem quer que fôsse, apresentou-se a Sua Majestade ás horas do costume. (2)

«Sua mulher é que sabia do caso, e devia combinar co-

---

(1) O original chama-lhe *Benduite*, visivel erro de imprensa.

J. de C.

(2) O Conde de Subserra teve que entrar no paço da Bemposta pelo jardim, abrindo-lhe a porta furtivamente um particular d'el-Rei, Bruschi, pae do talentoso e honrado miguelista Manuel Maria da Silva Bruschi. Quando o Conde chegou á presença d'el-Rei D. João, achou-o em grande abatimento. El-Rei pesaroso de o ver arriscar a sua vida, pediu-lhe por tudo quanto havia fugisse, e accrescentou: «Eu por mim talvez possa escapar; comtigo não succederia o mesmo». O Conde porém ficou emquanto pôde no seu posto de honra. Foi o Capitão Antonio Ferreira Galhardo, seu antigo Ajudante, quem primeiro avi-

migo o modo de sahir do baile, e voltar para os seus lares, para onde o marido tencionava ir quando deixasse el-Rei. (1)

«A crer o que nos disseram, achámo-nos no meio da espera; mas como não procuravam o Embaixador de França, cujas librés foram reconhecidas, passámos.

«Outros affirmam que não se tratava de assassinar Subserra, mas só de o prender, começando por essa importante captura o movimento.

«A mim tudo me leva a crer que os malfeitores desejavam desfazer-se do primeiro Ministro... Era o sujeito mais temivel aos facciosos; a morte d'elle havia por força de acabrunhar de terror a el-Rei D. João. Digo mais: se esse novo crime se tivesse realisado, parece-me que tudo teria findado sem a revolta de 30, e á vontade dos conspiradores, porque o Rei, desorientado pela dor, teria provavelmente prevenido os seus culposos designios.

«No dia 30 de Abril, desde as 4 horas da madrugada, foi visto o Infante, cego instrumento de oito ou dez miseraveis, percorrer as ruas, e andar de quartel em quartel gritando: *Morram os traidores*, procurando levantar não só a tropa mas o povo, e até o populacho, com persuadir a todos o perigo que ameaçava a Casa de Bragança e a Monarchia.

«Logo depois, compareciam os regimentos no sitio que lhes fôra indicado: o largo do Rocio; o povo porém conser-

---

sou o Conde do que se estava tenebrosamente passando em Lisboa. Pouco depois da sahida do Conde para o paço, e da volta da Condessa do baile do Ministro de Inglaterra, chegaram ao palacete do Arco do Cego homens mascarados em busca do Ministro; correram a casa toda; e tendo pesquisado de balde todos os quartos, a Condessa, cheia de presença de espirito, disse-lhes ironicamente:

— Senhores, falta examinarem a cozinha e a carvoeira.

Elles retiraram.

J. de C.

(1) Era o palacete hoje n.º 74 a 78 na estrada do Arco do Cego para o Campo pequeno; sitios então perfeitamente ermos e campestres. Esse palacete ardeu em 1833 e foi reconstruido. Ahi nasceu a senhora Marqueza de Rio Maior, e ahi se creou; é neta do honrado e cavalheiresco Barão de Hyde de Neuville.

J. de C.

vava-se tranquillo, e só a custo correspondia ao vozear da soldadesca. (1)

«N'este entrementes, isto é, em menos de duas horas, mais de tresentas pessoas foram arrestadas. O proprio Rei estava já captivo no seu paço, (2) e a praça do Rocio, quartel general do Infante, apinhava-se a mais e mais de baionetas.

«Como este movimento inicial pouco actuou nos animos populares, imaginou-se uma fabula atroz, que, pelo affecto que em geral se consagra a el-Rei, poderia ter causado a sangrenta destruição dos presos.

«Na sua proclamação, o Infante só falára de uma facção dissolvente, ameaçadora do Throno, e na urgencia de a esmagar, de a aniquilar.

«De repente correu o boato de que na propria noite de 29 tinham intentado apunhalar o Soberano; propalavam-se muitos pormenores; davam-se até os nomes dos assassinos; que tinham ido mascarados; que tinham conseguido introduzir-se até á camara d'el-Rei; que elle só por milagre escapára a tão execrando attentado.

«Logo a noticia do assassinio do Soberano corria em todos os bairros; dava-se a coisa como certa; o Infante tinha felizmente salvo seu Pae e o Paiz; e o medonho grito de *Morram os pedreiros-livres* echoava por todas as bandas, com aquella furia, que nas crises populares é as mais das vezes precursora das vindictas e dos crimes.

«Entretanto a Rainha, a quem, desde o romper do dia, o

---

(1) O senhor Infante D. Miguel dirigiu-se ao palacio da extincta Inquisição, no Rocio, coração de Lisboa; e ahi compareceram, entre outros conspiradores, o Marquez de Abrantes, D. José, os Tenentes Generaes Francisco de Paula Leite e Manuel de Brito Mousinho, os dois Paivas Raposos, o Desembargador José Antonio de Oliveira Leite de Barros, o Capitão mór de Albufeira Sebastião Duarte da Ponte de Almeida Negrão, e o Doutor Joaquim Gomes da Silva Belfort.

J. de C.

(2) El-Rei habitava o paço da Bemposta, fundado pela Rainha D. Catherina da Gran-Bretanha.

J. de C.

Infante tinha mandado o regimento de cavallaria n.º 1, acabava de chegar a Lisboa entre as acclamações de *Viva a Rainha! viva o Infante!* Para sondar o povo, espalhava-se que ao meio-dia essa Princeza havia de ser pelo Exercito proclamada Regente, e receberia no paço da Ajuda as homenagens dos Portuguezes fieis.

«Nomeara-se no Rocio um ministerio; assoalhava-se que el-Rei era tão fraco que não podia governar, e devia ser deposto a bem ou a mal. Ia desencadeada a audacia dos conjurados, senão quando appareceu em scena o Corpo diplomatico. Ninguem n'elle pensára; a sua apparição, segundo se vai ver, foi um verdadeiro estrallar de raio.....

«Desde manhan cedo tinha eu tido noticia do movimento, por certo subdito francez, que de tudo soubera por um Capitão do 18, seu amigo, militar valente e leal, que não tardou em ser preso por ordem do Infante.

«Este Francez, Monsieur Lefèvre, cujo comportamento foi exemplar, escreveu-me isto assim: *Se por acaso o movimento tomasse aspecto que fizesse recear algum insulto ao palacio de Vossa Excellencia, ver-me-ha Vossa Excellencia comparecer com todos os Francezes, para defender a sua Pessoa, e a séde da Embaixada.*

«A minha primeira lembrança foi apresentar-me ao Monarcha. Um membro do Corpo diplomatico, vizinho meu, a quem julguei dever prevenir do que passava, tentou com alguns argumentos fraquissimos demover-me da minha resolução; dizia que ia comprometter o meu caracter, talvez receber insultos, o que se tornaria então negocio muito mais grave. N'uma palavra: segundo esse diplomata, o melhor seria esperar por alguma notificação official da parte do Governo portuguez.

«Confesso que me não demorei em considerações d'esse jaez; e devo affirmar aqui, que toda a Embaixada de França ardia em desejo de me acompanhar sem detença ao posto de honra. Eis aqui pois o que resolvi no intuito de conciliar o dever e as conveniencias. Mandei Monsieur Gros correr as casas de todos os membros do Corpo diplomatico, aprazando-os para d'ahi a meia hora na Nunciatura. Sem deixar de

tencionar ir ter com o Rei, encontrava assim o meio de proceder de accôrdo com os meus collegas. Ademais, bem convencido estava eu de que varios membros do Corpo diplomatico não poriam em duvida, como eu não punha, que o nosso dever era comparecer no paço; digo apenas *varios,* porque me era licito temer que outros, por politica, por hesitação, por fraqueza, haviam talvez de procurar fazer vingar outra opinião.

«Emquanto Gros percorria Lisboa, recebia eu do Encarregado de negocios da Russia (1) uma carta perguntando-me se não achava urgente reunir sem demora o Corpo diplomatico em minha casa. Communicava-me que já o Embaixador de Hespanha, (2) e o Encarregado de negocios de Dinamarca se achavam em casa d'elle á espera da minha resposta.

«Estava eu a subir para a carruagem, a fim de ir a casa do Nuncio, quando a interessante Marqueza de Palmella (3) nos chegou toda chorosa; disse-nos que seu marido acabava de ser levado para a Torre, sem ter podido mandar-lhe a ella outro recado senão este: que fôsse logo procurar o Embaixador de França, e o Ministro de Inglaterra. Tinham usado de malicia para surprehender o Marquez: chegára um Official dizendo que o Infante, n'esse momento a caminho de Belem, desejava falar-lhe. Palmella levantou-se logo, e seguiu o Official. Não tardou muito que lhe desse a voz de prezo, e assim o conduziram para a Torre de Belem.

«Quanto podiamos, a Baroneza Hyde de Neuville e eu, tudo fizemos para animar a Marqueza de Palmella; conven-

---

(1) — Chamava-se Francisco de Borel, e morava a S. Pedro de Alcantara.

J. de C.

(2) — O Duque de Villa-Hermosa, que morava no palacio dos Condes de Almada, ao Rocio.

J. de C.

(3) — A virtuosa e santa snr.ª D. Eugenia Telles da Gama, da Casa de Niza, depois Duqueza.

J. de C.

ci-a a que não procurasse o Ministro de Inglaterra, que habitava no interior da cidade, (1) e a que esperasse a minha volta, promettendo eu mandar-lhe quanto antes o snr. Thornton.

«Quando eu ia descendo a minha escada, um Portuguez, pessoa muito estimavel, o sr. Setaro, (2) vinha subindo. Por certo signal que me fez, percebi que desejava dar-me uma palavra. Afastámo-nos, e elle então disse-me ao ouvido: *Está salvo o Conde de Subserra; acha-se em minha casa, e pede com instancia que o procureis.* Fui tirar a farda, e, sahindo pela porta do meu jardim, fui a casa de Setaro.

«*Ia para vossa casa* — me disse o Conde; *mas no caminho occorreu-me que talvez fossem convenientes alguns disfarces, por causa da gente da Embaixada, porque no que vos diz respeito bem sei que nada vos demove quando se exige valor.*

«O que só respondi ao Conde, foi isto: *Levantae-vos, tomae a carruagem, e eu irei a pé, a deante, para vos abrir a porta do meu jardim; em minha casa é que deveis estar. Ficae certo de que estareis lá seguro, e bem defendido, aconteça o que acontecer.* (3)

Deixei Subserra com a Marqueza de Palmella e minha mu-

---

(1) — Sir Edward Thornton habitava, como acima se disse, na rua de S. Francisco.

J. de C.

(2) — Miguel Setaro, morador na proxima rua do Sacramento da Lapa, n.º 60.

J. de C.

(3) — A Embaixada de França achava-se em 1824, e nos annos proximos, no palacio onde se acha hoje (1904) e ha já talvez cincoenta annos, ou mais, a Legação de Inglaterra, na travessa de S. Francisco de Borja, com a esquina do norte para a rua do Prior, e a do sul para a rua da Arriaga, e um vasto quintalão. O barão Gros pintou do palacio um quadrinho a oleo, visto do lado do jardim; pertence á senhora Marqueza de Rio Maior, que o herdou de seu tio *le Chevalier de La Rue*, que o houvera do Barão. A reproducção aqui annexa foi feita, com licença da senhora Marqueza, pelo photographo amador, e meu amigo, o sr. José Arthur Barcia, em 22 de Janeiro d'este anno 1904.

J. de C.



Palacio da Embaixada de França em 1824 (lado do jardim)

lher, e depois de ter dado as ordens necessarias em casa, passei com os snrs. Gros e de Bellune (1) á Nunciatura. Meu sobrinho (2) ficou para velar por tudo, e responder a qualquer pessoa que na minha ausencia me procurasse.

«O Nuncio, Monsenhor Franzoni, ao deante Cardeal, era excellente pessoa, muito ameno, cheio de exemplar piedade, mas dotado de caracter timido. Pois n'esta conjunctura mostrou-se admiravel. Annunciei-lhe a minha determinação de ir sem demora ao paço.

«*Seguir-vos-hei por toda a parte, senhor Embaixador,* foi a sua resposta. Acabava eu apenas de entrar, quando se annunciou o Embaixador de Hespanha, mais os Encarregados de negocios da Russia (3) e da Dinamarca. Nenhum d'elles hesitou em cumprir os seus deveres.

«*Partamos! partamos!* foi o que se ouviu a todos.

«Durante cêrca de meia hora estivemos aguardando os outros diplomatas; mas como cada minuto de tardança accrescentava os perigos de Sua Majestade, resolvemos abalar, deixando recommendado dissessem a quem viesse, que tinhamos sahido para o paço. Abalaram as nossas carruagens na costumada ordem: a do Nuncio precedendo a minha, e seguindo-se a esta a do Embaixador de Hespanha.

«Quando largavamos, chegava o Ministro da America. Para poupar a esse ancião o incommodo de se apear, dirigi-me á sua portinhola, e contei-lhe em breves termos o que passava, e o para onde iamos.

---

(1) — O Marquez e Duque de Bellune veiu a casar com uma filha do Visconde de Juromenha, irman do illustre auctor da *Vida de Camões*.

J. de C.

(2) — Era Monsieur le Chevalier de la Rue de Villaret (Henri Armand), Addido á Embaixada, intimo amigo do Barão Gros, e irmão unico do Marquez da Bemposta-Subserra. Foi Consul de França no Porto, depois no Cairo, onde cegou, vivendo mais quarenta annos. Santo homem.

J. de C.

(3) — O já citado Borel, depois Barão de Palença em Portugal.

J. de C.

«Respondeu-me o General Dearborn:

— «*Sabeis, snr. Embaixador, melhor que ninguem, que a nós cá, os republicanos, pouco se nos dá das vossas mudanças de governo na Europa; somos enviados para junto d'aquellle, ou d'aquelles, que teem, com direito ou sem elle, a auctoridade.*

— «*Sim, General; mas no caso actual trata-se de valer não só a um Rei, mas a um pae, e a um perfeito homem de bem.*

— «*Oh! lá isso é bem verdade* — respondeu o annoso companheiro de Washington.

«Não podendo prolongar discussões, disse então ao Ministro da America: — *Em todo o caso, General, fazei o que entenderdes, na certeza de que nós vamos.*

«Este General Dearborn vem a ser o que nos Estados-Unidos se chama um republicano *da têmpera velha;* pessoa respeitavel sob todos os aspectos. Os melindres politicos cederam todos no seu animo perante a moralidade do nosso proceder; não hesitou em acompanhar-nos.

«A pouco espaço, encontrámos o Ministro de Inglaterra. Vinha sem farda, e tencionava apenas entender-se comnosco ácêrca de qualquer resolução.

— «*Vamos* — lhe disse eu — *para junto d'el-Rei.*

— «*Seja assim,* — respondeu o Cavalheiro Thornton; — *nada mais acertado; acompanho.*

«Convenci o snr. Ministro de Inglaterra, que apenas tinha um *cabriolet*, a subir para a minha carruagem; acceitou, e essa circumstancia imprevista augmentou ainda a força moral ao Corpo diplomatico, porque os facciosos perceberam que a França e a Inglaterra haviam de unir-se na salvação do Rei legitimo.

«Todos os elogios que eu der ao snr. Thornton são poucos; no seu primeiro movimento não figurou o diplomata; revelou-se inteiro o homem de bem. Ver-se-ha que nunca n'esta crise se desmentiu.

«Atravessámos o Rocio, de proposito para que os facciosos vissem bem o Corpo diplomatico. (1)

---

(1) De caminho para a Bemposta pela rua Nova da Palma.

J. de C.

«Algumas pessoas houve (quem poderia suppôr tal?) que insensatamente julgaram que iamos ligar-nos aos insurgentes. Até elles chegaram a julgal-o; breve se desenganaram; e para os cabeças dos rebeldes foi certamente uma descarga electrica ver desfilar através das baionetas insurrectas a Europa inteira, de caminho para junto do Real Captivo... Toda Lisboa sabe que n'esse momento se olharam os conjurados principaes, e descoraram... Desde esse instante, consideravam-se perdidos; confessaram-n-o depois. Parece que esses conspiradores imprevidentes nem sequer tinham sonhado na possivel intervenção dos representantes estrangeiros.

«O Corpo diplomatico, já accrescido no trajecto pelo Ministro de Austria e pelo Encarregado de negocios da Hollanda, chegou completo ás portas da Bemposta. (1)

«Foi-lhe recusada a entrada, sob o pretexto de que não penetravam carruagens.

«Apeámo-nos, o Ministro inglez e eu; todos fizeram o mesmo, porque ninguem pensava em pontos estreitos de etiqueta, ou de conveniencia, em tão critico momento.

«Caminhámos a pé, entre a soldadesca. Atreveu-se uma sentinella a segurar pela golla o sr. Ministro de Inglaterra; vinha sem farda, e diziam-lhe não poder passar.

«Arrancámol-o ao furioso, e elle collocou-se entre mim e o Nuncio. D'este modo chegámos juntos á escadaria grande do palacio, apinhada de militares

«Um sujeito com cara de Arabe, bigodes negros e arrebitados, entendeu dever dizer-nos, com maneiras algo desceri-moniosas, que era prohibido entrar, quem não levasse ordem do Infante. Até se atreveu a mostrar-nos um bilhete entregue na vespera aos conjurados, perguntando-nos se tinhamos passe egual.

«Respondi-lhe eu, em voz alta e clara, que a Europa, ali

---

(1) O paço da Bemposta (Escola do Exercito) que hoje não tem pateo, tinha-o n'esse tempo: era um vasto recinto *coutado*, fechado por dois enormes portões gradeados, um sobre o largo do Metello, e o fronteiro sobre o largo do Conde de Pombeiro.

J. de C.

representada por nós, só reconhecia a el-Rei D. João; que o Infante era um simples subdito, e não podia dar ordens no paço de seu Pae; que nós outros queriamos entrar, ou retirar-nos se el-Rei assim nol-o ordenasse; que emfim nós tornavamos esse sujeito responsavel por toda a demora que houvesse em ir receber ordens de Sua Majestade, pois só el-Rei as podia dar.

«Repeti em mau portuguez isso que tinha primeiro dito em francez, e conclui assim:

— «*Se a um infante criminoso se pode perdoar, os cumplices d'elle merecem fôrca.*

«Varios membros do Corpo diplomatico approvam as minhas palavras. É-nos respondido, que em breve se irão receber ordens do Infante, ao Rocio. Retorquimos que só entraremos com ordem do Rei. Então percebi n'um recanto do vestibulo alguns cortesãos; estavam pallidos, silenciosos, e desejariam tudo menos intervir n'uma discussão, que lhes podia a final trazer consequencias desagradaveis.

«Chego-me a esses senhores, e digo ao snr. Visconde de Villa-Nova da Rainha: (1)

— «*Sois vós, snr. Visconde, que ordinariamente nos introduzis junto a Sua Majestade; caminhae na nossa frente, e levae-nos a vosso Augusto Amo. Se estes facciosos se atrevem a repellir-nos, podeis ao menos dizer-lhes, e repetir-lh'o na sua propria lingua, que respondem com as suas cabeças por este ultrage feito á Europa inteira*

«Algumas palavras balbuciou o Introductor; nenhuma auctoridade tinha; havia ordem de não deixar passar pessoa alguma, sem licença do Infante.

«Insisto com maior energia; cede, e vamos. Um Ajudante de ordens do Infante, que vinha de estar com elle, D. Thomaz de Mascarenhas, bradou logo em voz alta:

— «*Não; el-Rei não se acha preso; e nada déve impedir o Corpo diplomatico de chegar até Sua Majestade.*

---

(1) Era então Ajudante de Ordens do senhor Infante D. Miguel.

J. de C.

«Continuamos a subir. A pouco e pouco abrem-se as fileiras, e chegamos ao alto da escadaria, por assim dizer entre tropa. Emfim, atravessamos tres salas desertas, e vamos dar na do Throno com o desgraçado Monarcha aniquilado de amargura.

«Sua Majestade só tinha junto a si o seu Mordomo mór, Marquez de Torres Novas, (1) que nunca desamparava a Real Pessoa, e o Marechal Beresford, (2) que tinha apparecido na Bemposta. Mas como tinha este conseguido penetrar até ao Soberano, ao passo que os principaes Officiaes da Corôa eram repulsos pela guarda? Isso ainda hoje não percebo. Teria recebido licença do Infante para se approximar do Real Captivo? N'esse caso, que intuito movia aquelle Principe? E se não alcançara permissão, como é que as renques de tropa que impediam passo ao Corpo diplomatico se tinham, sem difficuldade, aberto a um estrangeiro detestado pela milicia, e de quem os conjurados deviam temer-se, no caso do Infante não contar com elle?

«Ser-me-hia custoso pintar o estado deploravel em que achámos el-Rei; todas as suas faculdades pareciam mortas.

«A nossa presença, ainda assim, pareceu reanimal-o um pouco. Até esse momento, só recebêra conselhos timidos, ou pérfidos; e todos os receios, ou, melhor, todos os terrores, habitavam n'aquella alma. Pensava o Soberano que todos os seus Ministros jaziam presos; e, a despeito das suas amarguras pessoaes, o seu pranto era pelo pobre Pamplona (assim é que elle chamava ao Conde de Subserra. — «*Ai!* — dizia el-Rei — *esse é que está em risco.*» Vi aquelle bom Monarcha tão atormentado por esse receio, que não resisti ao gosto de o alliviar logo.

---

(1) D. Alvaro Antonio de Noronha Abranches de Castello Branco, 1.º Marquez de Torres Novas, 7.º Conde de Valladares. Homem então de 48 annos.

J. de C.

(2) Este tirannete inglez, eminente disciplinador das nossas tropas, exercia aqui poderes quasi absolutos. Sabia impôr-se e falar alto.

J. de C.

— «*Senhor,* — respondi — *esse fiel servidor está a salvo.*

— «*Ai não, snr. Embaixador, está preso.*

— «*Senhor, não,* — repliquei com força; — *o Conde de Subserra não se acha em poder dos facciosos; posso segural-o a Vossa Majestade.*

«Difficillimo me seria expressar a alegria que n'aquelle animo cahido acordaram as minhas phrases. Foi como o relampago de uma terna alegria seguido de um clarão de esperança.

«Eu encarava fitamente o Rei; a sua dor profunda absorvia as minhas ideias, e excitava toda a minha indignação. Ao vel-o tão infeliz, tão grato, e tão bondoso, sentia cá dentro o desejo de dar por elle a vida.

«Pareceu-me então que sahia do seu espasmo. Com a affabilidade que lhe era tão natural, agradeceu ao Corpo diplomatico, pediu-nos conselhos, e disse-nos, mas baixinho, que se via preso no seu paço, e ignorava os projectos do filho.

«Travou-se conversação deante de Sua Majestade; cada um dava um parecer, e confundiam-se os alvitres; escutava calado o Soberano; e quando parecia tomar parte no colloquio, apressava-se Lord Beresford de responder por el-Rei.

«Perguntei ao Marechal se era a um membro do gabinete que eu tinha a honra de falar; ficou um tanto embaraçado, disse que o Monarcha se dignava honral-o com a sua confiança, mas que não era Ministro seu. Notei então ao Lord, que entre o Rei e o Corpo diplomatico só havia como intermediario o Ministro dos Negocios estrangeiros; que em qualquer outra occasião me seria agradabilissimo ter com o Marechal relações; mas que nas actuaes circumstancias só as palavras de Sua Majestade podiam e deviam dar-nos a conhecer os seus desejos e a sua vontade.

«Repetiu-nos então Sua Majestade, que tudo quanto se fizera era contrario ao seu querer; que tinham sido presos os seus creados mais dedicados, e que estava certo de que ninguem durante a noite havia querido matal-o, segundo se atreviam a propalar. Accrescentou achar-se preso no seu paço, e tinha toda a necessidade dos conselhos e do auxilio do Corpo diplomatico. Então communicou-me Sua Majestade a carta

que lhe escrevêra o filho; leu-a o Encarregado de negocios da Russia; e el-Rei segredou-me ao ouvido: «*A Rainha acha-se ali dentro; chegou ao paço uma hora depois da revolta das tropas; ella é quem incita o meu filho...*» Depois dignou-se Sua Majestade perguntar o que eu achava que fizesse, e accrescentou estar prompto a tomar-me os conselhos. Retirou-se el-Rei uns passos para traz, e fez-me signal que me approximasse: repetiu que tinha mais que nunca precisão dos meus avisos.

Respondi a el-Rei: «*Pode Vossa Magestade, se o quer, recobrar a sua auctoridade em menos de duas horas. O Exercito e o Povo estão enganadissimos; julgam que vos quizeram assassinar; e a maioria só pegou em armas por amor que tem a Vossa Augusta Pessoa; a resolução tomada pelo Corpo diplomatico desarranja certas combinações; mandae immediatamente a vosso filho ordem de se apresentar aqui; se recusar, iremos todos ao Rocio com Vossa Majestade; e uma só palavra da vossa Real bocca fará entrar o Exercito nos seus deveres. No caso de vir o Infante (e vem, tenho d'isso quasi a certeza) recebei-o na presença do Corpo diplomatico.*

«Tinham as minhas palavras a força que brota da convicção, e concilía a confiança. «*Pois bem*—disse-me el-Rei—*assim falarei com meu filho, e em presença de todos vós.*—Repetiu a ordem, já dada a tres dos Officiaes da sua Casa, de irem buscar o Infante.

«Pouco tardou que chegasse annuncio de que Sua Alteza obedeceria á determinação do Pae.

«Esperava eu o Principe com a mais viva anciedade. Acabava Lord Beresford de se acercar novamente do Monarcha; e comecei a temer que esse Marechal recebesse confidencia do conselho acabado de dar; temia sobretudo que elle não conseguisse suggerir alvitre diverso do meu.

«Convidou Lord Beresford el-Rei a retirar-se para o seu gabinete, afim de que os senhores do Corpo diplomatico pudessem sentar-se. Nada disse o bom Monarcha, retirou-se, levantou por sua mão o reposteiro da porta ao lado do Throno, e desappareceu. Lord Beresford foi logo atraz de Sua Majestade. O meu primeiro movimento foi fazer outro

tanto; mas querendo, por causa dos meus collegas, guardar certos resguardos, dirigi-me ao Embaixador de Hespanha, e disse-lhe:

— «*Senhor Duque, é-nos empalmado o Rei; é indispensavel trazel-o outra vez á sala do Throno; a não ser isto, gorou tudo, e o Rei não se atreverá a dirigir a minima phrase firme a seu filho, se o não sustém a nossa presença. Vós que sois Embaixador de familia,* (1) *entrae, e trazei-nos Sua Majestade.*

O Duque de Villa-Hermosa, cujo caracter nobre tanto se evidenciou em toda a crise, deu-se pressa em seguir o meu parecer, penetrou até ao Monarcha, e insistiu energicamente no sentido de el-Rei só receber o Infante na presença do Corpo diplomatico.

«Annunciaram então a immediata entrada do Infante. O Embaixador de Hespanha convida Sua Magestade a descer á sala do Throno; el-Rei dá uns passos para seguir o Embaixador; um signal de Lord Beresford, duas ou tres palavras do Ministro do Reino, Leite, (2) ancião cuja longa edade é a unica desculpa da sua fraqueza, paralysam o Monarcha.

«Fica indeciso, encara o Embaixador, encara Lord Beresford. O Lord está a pique de vencer; el-Rei recúa um passo. O Duque de Villa-Hermosa levanta a voz e diz: — *Senhor, por quem sois, vinde!* No mesmo momento apparece D. Miguel. El-Rei torna para o seu gabinete; seguem-n-o seu filho, e o Lord, e lá ficam todos tres.

«Deu á costa o nosso plano.

«Entretanto, el-Rei e o Infante voltam á sala do Throno; segue-os Lord Beresford.

---

(1) Em linguagem diplomatica assim se chama o Chefe de missão, que representa a familia da Soberana. A senhora D. Carlota Joaquina era Bourbon de Hespanha; portanto o Duque de Villa-Hermosa era *Embaixador de familia.*

J. de C.

(2) José Antonio de Oliveira Leite de Barros, depois Conde de Basto.

J. de C.

«Sua Majestade communica-nos que seu filho acaba de prometter-lhe submissão inteira á sua auctoridade... O tom, as palavras do Monarcha, de sobejo provam que nem convencido nem seguro está do que diz. Faz-nos uns signaes, approxima-se do Nuncio e de mim, e diz-nos muito baixinho: *Falae a meu filho.*

«O Nuncio pronuncia algumas palavras dirigidas ao Principe; digo-lhe ao ouvido que só se dirija ao Rei; elle assim faz.

«O Nuncio não fala portuguez, e só com muita difficuldade consegue expressar-se em francez. Depois de duas ou tres phrases, que em termos geraes affirmam a nossa dedicação á Pessoa de Sua Majestade, pede-me seja eu interprete dos sentimentos do Corpo diplomatico. A vista d'aquelle Principe tão novo, e já causador de tamanhos disturbios, a presença d'aquelle respeitavel Rei, d'aquelle pae tão desgraçado, tudo concorria para excitar em mim a commoção mais viva, e a mais funda indignação.

«Sem faltar ao devido, consegui ser inteiramente, me parece, Embaixador do Rei *Christianissimo,* e achei palavras persuasivas. Reanimou-se el-Rei; o Infante abaixou a cabeça; o Corpo diplomatico e as outras pessoas presentes não puderam esconder a sua ternura, e declararam-me os meus collegas ter eu sido digno interprete de todos elles.

«Tinha-me o Infante escutado com a maior attenção; el-Rei não cessára um momento de manifestar-me nos olhos o seu reconhecimento; diversas vezes se voltára enternecido para o filho; diversas vezes fôra eu interrompido pelas lagrimas de Sua Majestade, ou por estas palavras, que escapavam ás suas profundas maguas intimas: *E' verdade; é verdade.*

«Respondeu-me o Infante com boas palavras, mas acanhada convicção. Falou de conspiração, de papeis acabados de entregar por elle proprio a seu pae; declarou estar prompto a submetter-se a todos os castigos que Sua Majestade entendesse infligir-lhe, se, depois de examinar o seu comportamento, o achasse digno de censura. Apresentou desculpas ao Corpo diplomatico, e segurou-nos ser alheio ás difficuldades que encontráramos para a entrada no paço. Lembrou a

morte do Duque de Berry, e quiz dar a entender achar-se pouco mais ou menos na critica situação em que se encontrava aquelle Principe antes do fatal acontecimento de 13 de Fevereiro, isto é, sob os punhaes dos inimigos da Realeza (1). O meu olhar e o meu silencio provaram ao Infante que muito acertadamente haveria podido dispensar-se de tal comparação. Pôde aliás reconhecer com facilidade, que nenhum de nós acreditava nos perigos que dizia ameaçarem-n-o.

«Tinha eu insistido com energia em que fôssem recolhidas as tropas; ao que, o Infante declarou, que, se seu pae o ordenava, ia sem demora mandar os regimentos para os quarteis.

«Accrescentei então, que, visto achar-se livre Sua Majestade, o Marquez de Palmella, preso por ordem d'el-Rei, devia ser logo restituido á liberdade.

«Nada respondeu o Infante, dobrou o joelho, beijou a mão de seu pae, e partiu rapido, para se ir em pessoa mandar retirar as tropas.

«Insisti, segundado por todo o Corpo diplomatico, a favor da libertação do Marquez de Palmella; era, confesso, era mais que a ninguem a Lord Beresford, que eu dedicava indirectamente estas palavras, visto haver-se elle constituido interprete e advogado do Infante, e alardear-nos a sua submissão e as suas boas intenções.

«Curioso estava eu de ver como conseguiria o Marechal conciliar a pretendida liberdade do Rei, e a submissão do Principe, com a prolongada detenção do Ministro dos Negocios estrangeiros; porque de sobra se percebia que n'isso nada podia o Monarcha, e que até ali só obtiveramos palavras insignificantissimas como penhor da restituição á ordem.

«No emtanto, esperavamos impacientes a abalada da soldadesca. A tropa que rodeava a Bemposta nem sequer se mexia, e os gritos de *Viva o Marquez de Chaves!* tinham várias

(1) Em 13 de Fevereiro de 1821 foi o Duque assassinado por Louvel á sahida da Opera em Paris A paridade entre o Duque de Berry e o senhor D. Miguel parece um tanto forçada.

J. de C.

vezes sido repetidos com um tanto ou quanto intencional. Verdade seja, que esse General acabava de percorrer as fileiras do 11.º batalhão de caçadores que fazia guarda ao paço. Não deve comtudo collocar-se o Marquez de Chaves no numero dos conjurados. (1) Tinha seguido a parcialidade do Infante, sem atinar com o que fazia nem queria.

«A final soubemos que tinha retirado do Rocio a tropa, recebendo ordem de ficar em quarteis prompta á primeira chamada; e accrescentava-se (o que infelizmente era bem certo), ter o Infante ordenado aos Coroneis não obedecessem senão a ordens d'elle mesmo.

«Já por aqui se percebe de que maneira entendia esse Principe a sua submissão á paterna auctoridade. Devo porém confessar, que tudo me leva a crer que ao deixar-nos tinha verdadeira tenção de obedecer e entrar nos seus deveres; mas ao chegar ao Rocio encontrou o Marquez de Abrantes (2) e os seus outros conselheiros, que sem custo o demoveram dos intentos bons.

«Não tardou que ouvissemos um grande rumor. Era o Infante que chegava a todo o galope, seguido de numerosa escolta. Pára no meio do pateo do paço; rodeia-o toda a officialidade; muitos se approximam d'elle; parece que lhes dá ordens. Não se percebe bem o que projecta; dizem uns que vai arrancar a mascara e fazer-se acclamar Regente; outros, que aproveita a reunião do Corpo diplomatico ali, e de outros subditos fieis, para deitar a mão ao Rei e aos seus principaes defensores. N'alguns rostos lê-se a perturbação; toda a gente chega ás janellas, calada, á escuta. Dá-se um movimento na tropa, vê-se desfilar e retirar-se. No mesmo instante el-Rei e a Infanta D. Isabel Maria apparecem n'uma

---

(1) O Tenente General Manuel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, Conde de Amarante e 1.º Marquez de Chaves. Falleceu em 1830.

J. de C.

(2) D. José Maria da Piedade de Lancastre da Silveira de Castello Branco de Almeida de Sá e Meneses, 4.º Marquez de Abrantes etc., pessoa então de 40 annos.

J. de C.

varanda; erguem-se de toda a parte brados de *Viva el-Rei!* Calam-se os officiaes, sôam alguns *vivas* ao Infante, promptamente abafados pelos fieis. Povo e tropa unidos dão bem a conhecer até que ponto el-Rei D. João VI é querido. Claro está que n'esse momento bem podia o Soberano mandar prender os conjurados, e até mesmo o Infante. Bastava-lhe uma palavra.

«Estivesse eu junto do Rei, ter-lhe-hia aconselhado a que chamasse o Infante, o destituisse do commando, e ordenasse logo a prisão dos chefes dos corpos, e de todo o estado maior do Infante.

«Ia-se restabelecendo a ordem; mas o Corpo diplomatico achava-se ás sacadas da sala do Throno, e el-Rei só tinha comsigo, na varanda grande, (1) a Infanta Isabel e Lord Beresford.

«Desde que a tropa acabou de desfilar, voltou el-Rei para o seu gabinete.

«Nós assentámos em não deixar el-Rei senão quando elle proprio nos affirmasse achar-se definitivamente liberto.

«E' notavel que n'essa occasião nos vieram convidar, da parte de Sua Majestade, para ficarmos com elle, e jantarmos no paço.

«El-Rei tornou pouco depois para a sala do Throno. Bastava ver-lhe o quebrantado do aspecto, para perceber o que lhe ia na alma. Todos o felicitavam pelo afastamento da tropa, e ninguem duvidava de que as suas ordens fossem d'ora avante obedecidas, e seu filho de todo submettido á auctoridade Real. Parecia que todos o encaminhavam a dizer-se, ou julgar-se, livre.

«Tinha eu presentido logo quanto essa situação ambígua podia tornar-se funesta para o Soberano, e aviltante para o Corpo diplomatico.

«Seguiu-se o jantar, presidido pelo Estribeiro mór. (2) O

---

(1) Devia ser a que fica sobre o portal da capella; as outras são todas uniformes.

J. de C.

(2) O Marquez de Loulé, Nuno José Severo de Mendoça Rolim de Moura Barreto, depois Duque. J. de C.

Corpo diplomatico tomou os seus logares, mais o Tenente General Leite, e o General Povoas (Francisco de Paula), ambos valídos de D. Miguel, e muitos Officiaes móres. Falou-se pouco; cada qual conversava com o vizinho; nada mais natural que um certo retrahimento, porque, verdade verdade, em todos os convivas não era egual a confiança.

«A etiqueta sobrelevou á urgencia, e perdeu-se tempo precioso só para não faltar a certas usanças de Côrte, como se o principal assumpto do paço fôsse então aquelle jantar.

«Bebeu-se á saude do Rei, e eu accrescentei: *e ao esquecimento, se possivel é, do funesto dia 30 de Abril.*

«Nenhuma utilidade me pareceu apresentar um protesto escrito, de que se falou; a nossa presença no paço era, a meu ver, o protesto mais solemne que podia lavrar o Corpo diplomatico perante a Europa. Vendo que o snr. Ministro de Inglaterra se inclinava a uma opinião contraria á minha, e não querendo, por minha parte, que o meu procedimento trouxesse a minima scisão entre nós, deixei de insistir; conviemos a final em ficar livre cada um para formular no seu fôro intimo todos os protestos e todas as reservas que parecessem uteis.

«Iamos retirar-nos, quando um Diplomata perguntou ao Conde da Povoa (1) quem era o funccionario a quem deviamos dirigir-nos para negocio emquanto jazesse encarcerado o Marquez de Palmella. Tão impolitica se me figurou a pergunta, que tive de dizer ao Conde da Povoa, no momento de ir este receber ordens d'el-Rei: *Peço-vos, senhor Conde, o favor de não perguntar isso em meu nome a el-Rei vosso Augusto Amo. Tanto que Sua Majestade se achar preso, como de facto o está, nenhumas relações tenciono manter com Ministro algum que el-Rei nomeie definitiva ou interinamente. Ministro dos Negocios estrangeiros, só reconheço o snr. Marquez de Palmella, e só me hei-de corresponder com elle, quer*

---

(1) Henrique Teixeira de Sampaio, 1.º Barão de Teixeira, e 1.º Conde da Povoa, Ministro da Fazenda d'el-Rei D. João VI. Tinha então 50 annos.

J. de C.

preso quer livre, emquanto o seu successor só pudér ser nomeado sob a influencia das baionetas.

«Levantei de proposito a voz, a fim de ser bem ouvido de duzentos militares, ou mais, que se apinhavam no proximo salão. Tinha a certeza de que as minhas palavras não tardariam em ser traduzidas, e conhecidas de todos.

«Bem sabia eu que se trabalhava junto de Sua Majestade para que nomeasse um Ministerio, e até para que o escolhesse d'entre os homens designados pelo Infante; transacção vergonhosa, que só desfecharia em difficuldades novas. O Rei, movido do instincto que o fazia encarar sempre bem as questões, resistia com força.

— «*Bem vedes vós* — dizia elle aos seus conselheiros — *que d'essa nomeação que me propondes nada resultaria, visto que os principaes membros do Corpo diplomatico, bem conhecedores de que estou coacto, não entabolariam relações com o Ministerio novo.* Voltou a nós o Conde da Povoa, e disse-nos da parte d'el-Rei que tinha pesado as minhas reflexões, que não estava resolvido a nomear Ministerio, e que podiamos corresponder-nos como até agora, com tanto que enviassemos as nossas notas para casa do Conde da Povoa.

«Se o Rei tivesse cedido, e tivesse annexado novos Ministros aos snrs. Leite e Povoa, auctores com Lord Beresford do Decreto de 3, é provavel que se não fôsse além d'essa transacção vergonhosa e repugnante, e que, logo depois, o Infante, certo de ficar impune, e continuando no commando das forças, tivesse consummado a revolução de 30 de Abril.

«Quiz Sua Majestade despedir-se do Corpo diplomatico, entrou, falou a cada um de nós com bondade, convidou-nos a voltarmos no dia seguinte a palacio.

«Logo que todos sahimos, tornei atraz, á sala do Throno para dizer a el-Rei estar o Conde de Subserra em minha casa. *Ah! velae bem por elle!* me disse Sua Majestade.»

*

No Diario da senhora Baroneza Hyde de Neuville damos com alguns factos interessantes relativos a estes agitados dias

«O Conde de Subserra, que tinhamos escondido na Embaixada desde sexta-feira 30, temia que alguma visita domiciliaria nos fôsse feita, contra o direito das gentes; querendo poupar-nos a esses sustos, e descançar a sua familia, resolveu-se a aproveitar os offerecimentos do Ministro de Inglaterra, e abalar para bordo da fragata «Lively», onde Sir Edward lhe tinha arranjado seguro asylo.

Meu marido, não querendo fiar de ninguem o cuidado de pessoa tão estimada, conduziu-o em pleno dia, e na sua propria carruagem, ao sitio do embarque, aonde os tinha precedido o snr. Gros, a fim de proteger a sahida, sendo preciso; mas não foi.

Tudo correu ás maravilhas; e meu marido, conhecedor de que a firmeza dá sempre optimo resultado, abriu a cortina da carruagem quando passaram defronte do corpo da guarda, afim de que o reconhecessem bem, pois ia de farda, e seguido do seu estribeiro. Com effeito foram-lhe apresentadas armas, e ninguem reparou no seu companheiro. Quando em casa, do alto do varandim do nosso mirante, onde nos tinhamos postado á espreita, avistámos o escaler a deslizar no Tejo, quando reconhecemos com o oculo o Conde entre os seus dois «ajudantes de campo,» adeus, sustos; acabou-se o penar da Condessa e de sua filha.

*

Tem outra vez a palavra o Embaixador.

«Pelas 9 horas da noite, retirou da Bemposta o Corpo diplomatico. No dia seguinte, á 1 hora, por pedido d'el-Rei, lá estavamos outra vez junto da Real Pessoa. Sua Majestade achava-se muito mais tranquillo; deu-nos parte da libertação do Marquez de Palmella, e falou de algumas providencias indispensaveis.

«Comtudo, continuavam as prisões; dos fidalgos tinha-se passado aos magistrados, e aos burguezes; nenhuma casta era immune. Vingança ou temor eram os moveis unicos dos mandados; e (coisa inaudita) familias houve, em que uns de seus membros eram presos, e outros ficavam livres, e na posse dos

empregos que usufruiam antes do dia 30. Assim succedeu, por exemplo, na casa do infeliz Marquez de Loulé, cujo assassinio foi o signal de tantos males: viu-se a filha d'essa victima (1) acompanhar ao carcere seu marido, ao passo que o filho do mesmo Marquez continuava Estribeiro-mór d'el-Rei.

«Os temores eram geraes; nenhum navio podia sahir do Tejo; as tropas estavam de prevenção nos quarteis; e todos sabiam terem-lhes sido designados dois pontos de reunir, onde haviam de correr armadas mal tocasse a rebate.

«No dia 2 de Maio mandei o snr. de Bellune, um dos meus Secretarios, a Cadix, afim de apressar a chegada ao Tejo do navio *Santi Petri*. (2) El-Rei estava ancioso de o cá ver; e eu desejava ardentemente que Sua Majestade embarcasse a bordo de um navio francez.

«No dia 3 correu na cidade o mesmo susto, e a mesma inacção da parte dos Ministros e d'el-Rei. Continuava o Infante a atulhar as prisões. O capellão da egreja de S. Luiz dos Francezes, e da nossa Embaixada, foi filado por ordem d'elle; mandei reconhecer por auto official essa prisão, e pôr sellos em S. Luiz, enviando as chaves para a Secretaria dos estrangeiros, acompanhadas de um protesto contra esse acto arbitrario, e reservando-me o direito de reclamação quando as circumstancias a permittissem.

«Cada dia se tornava mais medonha a situação do Monarcha. Apesar da vivissima pena que me causava a ausencia de um navio francez, em que Sua Majestade pudesse asylar-se, instei com el-Rei para embarcar, e accrescentei que na actual conjunctura o que antes de mais devia preoccupar-nos era a sua segurança; e que eu apesar de Embaixador de França não hesitaria em seguil-o para bordo de um navio inglez. Em tão criticas circumstancias todas as veleidades de ciumes internacionaes deviam caducar.

---

(1) Depois Duqueza da Terceira, irman do Marquez e Duque de Loulé.

J. de C.

(2) Navio francez de guerra.

J. de C.

«El-Rei pareceu-me socegar com o alvitre, e adoptou-o avidamente.

«Na manhan do dia 5 chegou o terror ao seu auge; toda a cidade tinha visto passar quarenta e sete seges, com a escolta de um regimento de cavallaria, levando presos para Peniche. Até se falava de os deportar para Africa.

«No mesmo dia, reuniu-se o Corpo diplomatico em minha casa, e deliberámos falar cada um de nós a Sua Majestade no projecto do seu embarque, como sendo o meio unico de elle salvar a ordem e retomar toda a sua auctoridade. N'essa occasião o Ministro de Inglaterra separou-se de Lord Beresford, accusando-o de perder o Monarcha pela tibieza do seu proceder, e principalmente por contrastar com a sua influencia a unica providencia que podia pôr travão na anarchia.

«El-Rei, contente por ver accordo unanime entre nós, determinou-se em embarcar no dia seguinte á noite, apesar da opinião do seu Conselho, e do Marechal, que lhe pintavam esse passo como o mais funesto que lhe podiam persuadir.

«Na manhan seguinte, fez-se de vella o paquete inglez. O Infante, tendo sabido que já o Conde de Subserra se não achava na Embaixada franceza, e suppondo-o a bordo do paquete, deu ordem á Torre de Belem para capturar o navio; mas a ordem chegou tarde, e já este se achava fora de alcance. Montou então a cavallo, e em vinte minutos appareceu na Torre de S. Julião, conseguindo ainda mandar disparar dezeseis tiros contra o paquete, o qual, não obstante, continuou a sua derrota e sahiu a barra. Não se sabe se a intenção do Infante era só prender o Conde, ou destruir a correspondencia que ia levar a todas as Côrtes europêas a noticia de tal revolução.

«Durante o dia, foi Palmella obrigado a esconder-se, porque havia novas ordens do Infante para a sua prisão; conseguiu homiziar-se em casa do Ministro de Inglaterra, e d'ahi para bordo de um navio inglez surto no Tejo.

«Não cessavam as prisões; o proprio Infante presidia a ellas; interrogava os presos, cujo numero se julgava subir já a mais de tresentos, e ia diariamente a Queluz, onde se achava a Rainha; é de suppôr que ia receber instrucções.

«Pela noite achava-se tudo a postos para o embarque d'el-Rei, e os escaleres inglezes no seu posto; aguardava a Sua Majestade o Ministro de Inglaterra na praça do Paço de baixo; mas el-Rei, ao avistar a Rainha passeando nos jardins d'esse paço, (1) não teve animo de se deter, e todos os preparos ficaram inuteis.

«Temia-se que algumas imprudencias houvessem desvendado o plano. O Encarregado de negocios da Hollanda tinha passado a noite a bordo da fragata ingleza; os da Russia e da Dinamarca tinham embarcado ao serão para bordo de um navio dinamarquez; além d'isso, se os olheiros que espionavam a Embaixada de França tinham cumprido o seu dever, haviam de ter podido fazer saber ao Infante que todos nos acolhêramos a bordo de um navio mercante francez; q e n'um dos seus bateis tinhamos ido até aos arredores da estação ingleza, e só muito a deshoras tinhamos posto pé na praia. Tornava-se urgente que el-Rei tomasse emfim uma resolução, e não se entregasse a maiores delongas. N'esse sentido lhe fui falar na mesma noite.

«A cada momento receavamos que o Infante embargasse todas as serventias c nducentes ao rio.

«O dia 8 foi tambem perdido. Demonstrei energicamente a Sua Majestade a urgencia de resolver, e sobretudo o perigo de ver descoberto o plano pela inepcia dos Inglezes; suppliquei que embarcasse em todo o caso no dia seguinte pela manhan, certo do bom exito do acto.

Descançae, senhor Embaixador — me respondeu el-Rei; — *amanhan, ás 11 horas, tudo ha de ficar concluido; só comvosco e com o sr. Thornton falo n'isto; mas já dispenso os seus escaleres. Vou dizer a todos os meus confidentes que renuncio á ideia de deixar Lisboa. Direi o mesmo aos outros membros do Corpo diplomatico, e amanhan, domingo, como*

---

(1) Conjecturamos que esse paço *de baixo* seria o de Belem, em contraposição ao *de cima*, que seria o da Ajuda. Pode alguem pensar que se trata do *Terreiro do Paço* mas ahi não havia então *paço;* e, que o houvesse, como o houve provisorio entre as ruas do Oiro e Augusta, não tinha *jardins*.

J. de C.

não ha operarios no Arsenal, lá me acharei. Muita vez ali vou embarcar com minhas filhas para ir á Outra banda; ficae certo de que não haverá quem se opponha ás minhas ordens.

«No dia seguinte, 9, tive a certeza de não haver sido tomada resolução alguma no Arsenal até ás 11 horas; nem sequer as galeotas se achavam a nado: e ao meio dia a mesma inercia. Finalmente, pela 1 hora embarcou el-Rei com as Infantas, a quem seu pae não tinha prevenido, com medo de as assustar; foram ouvir Missa a Belem costearam a praia, pretextando um passeio até uma quinta onde já desde a vespera se achava encommendado o jantar. Saltou el-Rei para a galeota Real, e abicou á nau *Windsor-Castle,* onde o aguardavam, e cujos escaleres cheios de marinhagem protegeram a travessia e a chegada.»

*

A Baroneza Hyde de Neuville nos seus apontamentos quotidianos acaba de fazer-nos conhecer o que se passou. Oiçâmol-a:

«*Um dos nossos creados, postado no mirante, tinha ordem de observar tudo desde o romper da alvorada; veiu avisar meu marido, apenas avistou o Estandarte Real, que é uso arvorar no mastro grande desde que Sua Majestade chega a algum vaso de guerra. O Barão deu logo ordem de sahida a toda a Embaixada. Na praia esperava um escaler preparado de antemão. A bom remar chegaram antes de mais ninguem.*

«*O Duque de Villa-Hermosa, que tinha vindo ouvir Missa comnosco, e tomado parte no almoço, em que aliás apenas tocámos, tanta era a geral preoccupação, fez-me signal de que sahisse da sala, onde deixámos o sr. Lemos* (1) *e sua mulher, acho que muito espantados do nosso desapparecimento subito.*

«*Descer á pressa a escada que desemboca na praia, atirar comnosco para o primeiro barco encontrado, e vogar para a «Windsor-Castle», não levou dez minutos.*

(1) Seria Joaquim Antonio de Seixas de Lemos Castello Branco?

J. de C.

«O Ministro e o Encarregado de negocios de Austria, e o da Dinamarca, tinham-se-nos juntado no caminho. Ainda chegámos a tempo de ver o feliz desembarque de Sua Majestade e das Infantas, e unimos os nossos sinceros parabens aos dos seus mais devotados servidores, e aos dos Diplomatas, que ou lá foram ter, ou tinham acompanhado as Pessoas Reaes.

«Estavam muito cuidadosas as Infantas por duas das suas Damas, que, por de nada saberem, tinham ficado na Bemposta. A Infanta Isabel Maria, principalmente, sentia-se afflicta por uma d'ellas, que a educou, e a quem é muito affeiçoada (1). *O snr. Gros, a quem devo chamar «o incançavel Gros», offereceu-se para as conduzir.*

«Abalou sem demora, e não tardou em conduzir para bordo essas Damas, mais a Condessa de Subserra, sua filha, e seu genro; tiveram a felicidade de se achar reunidas ao Conde, que logo sahiu da fragata, deixando o seu nome supposto de «Theodoro Martin» para se atirar aos pés do seu Soberano, e aos braços dos seus.

«Assignou o Rei ordem da soltura dos presos de Peniche e da Torre, e foi o Marquez de Loulé quem recebeu a agradavel missão de ir libertar o seu cunhado e sua irman (2).

«Tivemos mil louvores especiaes que tributar á constante bondade com que Sua Majestade e suas encantadoras Filhas nos distinguiram; e recebi d'essas senhoras um terno agradecimento pelo que chamavam o meu valoroso comportamento em me embarcar assim por ellas.

«N'essa occasião, a Infanta D. Isabel Maria tirou do braço uma pulseira, e pôl a no meu.

«O Marquez de Palmella achava-se refugiado a bordo da «Windsor»; quasi no mesmo instante para lá se dirigiram o Marechal e outras pessoas da Côrte.»

---

(1) Devia ser talvez a snr.ª D. Francisca Joanna do Vadre, Açafata.

J. de C.

(2) Os Condes de Villa Flor, ao deante Duques da Terceira.

J. de C.

*

Novo trecho dos relatorios do Barão Hyde de Neuville:

«Dois Decretos expediu el-Rei: o primeiro, datado da Bemposta, exonerava do Commando do Exercito ao Infante; o segundo ordenava-lhe que sem demora comparecesse na presença de seu pae. Manda a justiça que se diga uma coisa: o Infante já tinha partido a procurar el-Rei quando o primeiro Decreto lhe chegou.

«Mal se viu a bordo, lançou-se-lhe aos pés, exclamando: *«Ah! meu pae, ainda que eu estivesse no fim do mundo, teria corrido para junto de vós.*

«Retirou-se el-Rei sem dar resposta; o mesmo fizeram as Infantas; e o moço Principe ficou sosinho, lavado em lagrimas, e guardado á vista.

«Só a cabo de uma hora conseguiu que el-Rei o ouvisse; conveiu nas suas culpas, accusou os seus conselheiros pelo terem arrastado ao abysmo; e quando o Soberano lhe disse que o intuito dos conspiradores, favorecidos por elle, era desthronar o Monarcha, e talvez tirar-lhe a vida, respondeu o Principe cheio de commoção: *Meu pae, se uma tal desgraça tivesse acontecido, eu enterrava um punhal no coração.*

«Mandou logo Sua Majestade ordem a todos os chefes militares, para não obedecerem mais ao Infante, sob pena de serem havidos como rebeldes. Redigiu-se uma proclamação aos Portuguezes, para apparecer no dia seguinte, e obtive que o mandado de soltura a todos os presos fôsse expedido logo, contra o que se projectava, que era demoral-o uns dias.

«Tendo-se Palmella opposto á readmissão de Subserra no Ministerio, e quasi que á sua reapparição a el-Rei, deu-se na presença mesmo de Sua Majestade uma scena violentissima; tive de intervir, obtendo que tudo ficasse no *statu quo* de antes de 30 de Abril.

«Foi mantido no seu logar o Intendente da Policia nomeado por el-Rei, e teve de proceder sem delongas á arrestação do Marquez de Abrantes, e outras personagens, tidas e havidas como instigadoras do Infante.

«Subserra veiu pois á presença d'el-Rei, e retomou as suas funcções.

«Nem um momento se perturbou a tranquillidade publica.

«O brigue de guerra portuguez *Zebra* chegou de Cadix; tinha largado de lá a 7, sem saber dos acontecimentos. O Duque de Bellune, encarregado por mim, como disse, de certa missão, não tinha voltado ainda.

«O dia immediato foi de festa em Lisboa. Espalhada com profusão a proclamação de Sua Majestade, socegaram os animos, dissiparam-se muitas duvidas, e cessou o terror. Era abençoado de todos o Corpo diplomatico; e devo accrescentar, que, posto á sua frente, e dirigindo-o n'aquelles desgraçados dias, fui considerado salvador de Portugal.

«Testemunhou-me el-Rei o seu reconhecimento do modo mais lisonjeiro, convidando-me a ficar a seu lado, e outorgando-me o titulo de Conde da Bemposta, denominação tirada do nome da residencia Real aonde em 30 de Abril comparecêra o Corpo diplomatico para combater a torrente revolucionaria (1).

---

(1) Na *Gazeta de Lisboa* de 14 e 15 de maio de 1824 vem a lista das distincções conferidas por el-Rei; a saber:

ao Barão Hyde de Neuville, Embaixador de França, o titulo de Conde da Bemposta;

ao Duque de Villa-Hermosa, Embaixador de Hespanha, o titulo de Conde do Monte;

ao Cavalheiro Eduardo Thornton, Ministro de Inglaterra, o titulo de Conde de Cacilhas, e uma terra da Corôa em tres vidas;

ao Arcebispo de Nazianzo, Nuncio Apostolico, a Gran-Cruz da Conceição;

ao Barão de Binder, Ministro de Austria, idem;

a M. de Pflugel, Encarregado de Negocios da Prussia, a Commenda honoraria da Torre e Espada;

ao Cavalheiro Francisco de Borel, Encarregado de Negocios da Russia, o titulo de Barão de Palença;

ao Cavalheiro Dal Borgo di Primo, Encarregado de Negocios do Piemonte, a Commenda honoraria da Conceição; etc.

Diz-se mais, que, desejando el Rei conferir ao Duque de Villa Hermosa a mercê de Duque parente, o diplomata inclinando-se respeitosamente observou não ser necessaria, por elle descender em linha recta d'el-Rei D. Pedro o Justiceiro.

J. de C.

«Tendo Sua Majestade julgado conveniente afastar de si o Infante por algum tempo, manifestou-me o seu pesar pela não chegada do *Santi Petri*, pois Sua Alteza tinha consentido passar á França a bordo de um vaso francez, e recusado peremptoriamente uma fragata ingleza.

«A fragata portugueza *Perola* recebeu ordem de conduzir o Infante a Brest, e o Barão Gros teve a honra de o acompanhar, a pedido do Ministro portuguez.

«Terminada a crise, expedi o seguinte despacho ao snr. de Châteaubriand, meu Ministro dos Negocios Estrangeiros:

«Lisboa 10 de Maio de 1824.

«Senhor Visconde.

«Hontem, hoje mesmo, não tenho deixado de ser consultado ácêrca de todas as resoluções. Vejo inconvenientes na prisão da Rainha; e comtudo os Ministros, o Corpo diplomatico, todos os adeptos da legitimidade, julgam não poder el-Rei gosar de socego senão quando esta Princeza deixar de poder enredar tudo.

«Pelo que toca ao Infante, ha esperança de o regenerar; foi na presença do Corpo diplomatico que elle recebeu o perdão paterno. Confessa a enormidade da sua falta, reconhece haver sido enganado, e ter cedido a perfidas suggestões. Além de tudo, visto que prometteu comportar-se como filho submisso e respeitoso, não deixando comtudo de continuar a dar-se prisões; attendendo a que n'uma só noite elle tinha ousado arrestar mais de tresentas pessoas, mandando-as para Peniche, d'onde esses infelizes iam ser degredados para Africa, e como o proprio Corpo diplomatico deixava de ter immunidade, pois que esse juvenil alienado nada já respeita, V. Ex.ª facilmente perceberá que é impossivel deixar um tão infeliz mancebo exposto a novas tentações. Vae ser mandado viajar; irá talvez para França; esta noite é que isso será decidido.

«A tal respeito tive esta manhan uma conferencia com os Ministros; e vou breve para bordo com o Corpo diplomatico, afim de se tratar o melindroso assumpto. Tenho para mim ser impolitico azedar ou humilhar demasiado o joven Infante,

e quasi me convenço de que é possivel entregal-o ao seu destino.

«Eis o que esta noite será resolvido. Acceitará el-Rei a demissão do Ministerio todo. Os dois principaes Ministros julgam não poderem continuar membros da administração; direi os motivos. O Conde d'Oriola ficará nos Estrangeiros; o de Villa-Real na Guerra; e D. Miguel de Mello no Reino.

«O Conde de Subserra irá para Londres, e o Marquez de Palmella para Paris.

«Irá o Infante para França; e a Rainha receberá ordem de mais não apparecer na Côrte.

....

«O Infante largou a 13, ás 4 horas, a bordo da fragata *Perola*, comboiado pela fragata ingleza *Lively*, commandante Elliot, e pelo brigue portuguez *Zebra*.

«A bordo do brigue segue o Barão Gros.

«No mesmo dia 13, anniversario d'el-Rei, foram a bordo a Côrte e os funccionarios ao beija-mão de parabens. Devia Sua Majestade desembarcar á noite; e em Lisboa, illuminada desde o dia 9, achava se tudo preparado para o receber. No momento da nossa sahida de bordo, ainda o Marquez de Abrantes não tinha sido preso; julgava-se que estava homisiado em Queluz, no paço da Rainha.

«É dever meu observar quanto os Francezes domiciliados em Lisboa se mostraram zelosos e activos no Real serviço.

«Quanto á opinião geral, é contraria á Rainha, a quem accusa de fautora d'esta revolução; e, sem comtudo desculpar o Principe, não esquece o seu nobre comportamento em Maio de 1823; cada qual procura persuadir-se de que a mocidade d'elle, a sua inexperiencia, e a total carencia de educação, é que o tornaram facil instrumento dos ambiciosos designios da mãe.

«O Marquez de Abrantes, que devia ser preso e julgado em poucos dias, é tambem um dos agentes principaes que arrastaram o Infante. A similitude no gosto de montarias e toiradas tinham irmanado os dois; e a convivencia do Marquez exercia no Infante influencia perigosa.

«O Infante, que só annuira a embarcar se em navio por-

tuguez, ostentou muita dignidade n'esta conjunctura derradeira. Despediram-se d'elle el-Rei e as Infantas: e a ternura sobrelevou aos resentimentos na separação de pae offendido e filho penitente. El-Rei, que fazia annos, não quiz misturar as alegrias da sua tornada a Lisboa com aquella triste separação. Adiou para o dia seguinte, 14, o desembarque; mas não quiz demorar os seus signaes de gratidão ao Corpo diplomatico: distribuiu titulos, e habitos aos varios membros d'elle.

«Não me tendo sido possivel acompanhar em pessoa o Infante, julguei prestar a el-Rei bom serviço pondo junto do filho, pelo menos até Paris, um homem discreto, prudente, e talentoso; todo o elogio que eu d'elle faça a V. Ex.ª é pouco.

«Sua Majestade Fideiissima recommenda seu filho á paternal benevolencia do nosso Soberano, e ás bondades de toda a Familia Real; recommenda-o não menos a V. Ex.ª. Deseja que o vigiem bem, para não ter tentações de tornar tão cedo a Portugal. Com bons termos, e brandura, facilmente se conseguirá demoral-o em Paris.

. . . .

«Senhor Visconde, el-Rei entrou hontem ás 6 horas na sua Capital. Nunca houve alegria popular mais viva, mais enthusiastica, mais sentida.

«Tive com Sua Majestade demorada conferencia na Bemposta; confunde-me o ter de repetir o que lhe ouvi. Disse-me:

«*Escrevei ao vosso Soberano, affirmando-lhe que n'este paço foi o seu Embaixador quem me salvou; nunca o esquecerei, e todos os bons Portuguezes o recordarão como eu.*

«Este bom Rei, encarecendo demasiado tudo que fiz em seu favor, accrescentou: *Quiz que fosseis Conde da Bemposta, afim de melhor attestar o serviço que me prestastes, e o reconhecimento que vos devo.*

«Até que emfim o *Santi Petri*, tão desejado, tão esperado, e que ha oito dias tão util teria sido, fundeou no Tejo a 16 de Maio. Commandava a esquadra o Contralmirante Barão des Rotours.»

*

«Faltam-me os termos para testemunhar as minhas homenagens aos raros meritos do Barão des Rotours, cuja carreira naval é já tão conhecida, que dispensa elogios.

«O seu proceder em Cadix tinha-lhe conciliado todos os encomios. Desapercebido de tudo quanto se exige n'um cêrco demorado, com difficuldades relativas ao exercito de terra, no qual se queixavam das suas demoras, mereceu altos louvores pela sua prudencia rara em obviar a todos os contras da vizinhança da esquadra ingleza. A tudo proveu; e, com uma abnegação pouco levada em conta, teve parte, com o Almirante Hamelin, na gloria de uma victoria como a de Cadix. Bem mereceu que o nosso Rei ordenasse que o seu navio *Centauro* passasse a denominar-se *Santi-Petri,* titulo da fortaleza que primeiro cedeu aos esforços da nossa Marinha.

«Dediquei ao Almirante Des Rotours uma estima, que sempre correspondeu ás relações tão firmes e completas que mantivemos sem interrupção.

«Quiz Sua Majestade visitar este navio, para demonstrar que só a ausencia da esquadra franceza o tinha levado a pedir á Bandeira ingleza, no dia 30, a protecção que lhe seria grato receber das duas nações, ingleza e franceza.

«Tão benevolo para comigo, tão feliz de testemunhar a sua gratidão e sympathia á França se mostrou el-Rei n'essa occasião, que julguei corresponder ao seu desejo offerecendo-lhe uma festa a bordo do *Santi-Petri;* foi a 26 de Maio.

*

A Baroneza Hyde de Neuville assim descreve essa festa n'uma carta intima; eil-a:

«Talvez pensem que possuimos uma vara magica, por termos em quatro dias transformado o temivel «Santi Petri», que ainda a 22 á noite se via ouriçado de canhões, n'um luminoso palacio como os que nos descrevem os contos de fadas.

«Imagine-se aquelle bello navio todo por fora illuminado

de mais de duas mil lanternas, e egualmente cheio de luzes no interior; uma grande sala de baile forrada de branco, com as Armas de Portugal no tecto, e ornada em volta com grinaldas de açucenas, loiro, e rosas; todas as amuradas cheias de vasos de flores; um throno elegantemente pannejado correspondendo ao bello retrato de Sua Majestade Luiz XVIII, que ha pouco tempo nos chegou, e cuja inauguração não podia vir mais a proposito. Accrescentem-se a isto duas renques de banquetas guarnecidas de umas duzentas senhoras em trajo de gala; os homens, uns de farda, outros em veste de Côrte; emfim, throno e retrato rodeados de flores, e placas de luzes; tudo distribuido com gosto; eis ahi um fraco esboço d'aquella linda e imponente assembléa.

«*Mas não fiquemos na sala do baile; olhemos para lá do mastro grande, que nos furta á vista o esplendido retrato por Gérard; aos dois lados corrrem caramanchões de loiros e açucenas, perfeitamente illuminados com vidros corados, e levando a uma massa de luz composta das lettras iniciaes das duas Infantas, e das palavras VIVE JEAN VI.*

«*O Rei e as Infantas chegaram ás 7 horas. Sua Majestade, depois de ter saudado com agrado todos os presentes, retirou-se para uma sala, conversou muito tempo com o Embaixador, com o Almirante, e recebeu todos os membros do Corpo diplomatico. Depois sentou-se no Throno, onde recebeu, como é costume, os comprimentos dos seus subditos. Acabado o beijamão, principiou o baile, aberto pelo Embaixador de França com a Duqueza de Lafões.* (1)

«*A' meia noite foi a ceia do Rei. Foi Sua Majestade servido pelo Commandante do navio; a Infanta Isabel Maria e a Infanta Maria da Assumpção por um Capitão de fragata. O Embaixador e o Almirante sentavam-se á direita e á esquerda de Sua Majestade; em volta da mesa o Corpo diplomatico e a Côrte.*

«*A' ceia do Rei seguiu-se a das senhoras, presidida por mim. Bebeu-se á saude de Sua Majestade Fidelissima; e no*

(1) O original diz *Duchesse de Foens.*

J. de C.

mesmo instante uma salva de vinte e um tiros foi dada pelo navio inglez «Windsor-Castle,» porque o Commandante amavelmente tinha offerecido substituir n'essa demonstração o «Santi Petri,» impedido pela illuminação.

«Não posso esquecer aqui um particular engraçado: entre a ceia do Rei e a das senhoras, um foguete queimado fora de tempo fez acreditar no «Windsor-Castle,» que se estava brindando ao Rei; logo se ouviu a artilharia. Como ninguem estava prevenido, houve um certo espanto entre as senhoras; a Infanta Isabel, sobre todas, teve tal susto nervoso, que logo ficou curada de uma dor forte que a obrigava a trazer braço ao peito. E' o caso de dizer: ha males, que veem por bens.

«A ceia, onde se succederam mais de seiscentas pessoas, prolongou-se até de manhan.

«O Rei retirou depois das 4 horas; por todas as formas mostrou aquelle bom Principe quanto se sentia satisfeito; não posso expressar o quanto foi amavel com todos; as Infantas, essas encantadoras como sempre.

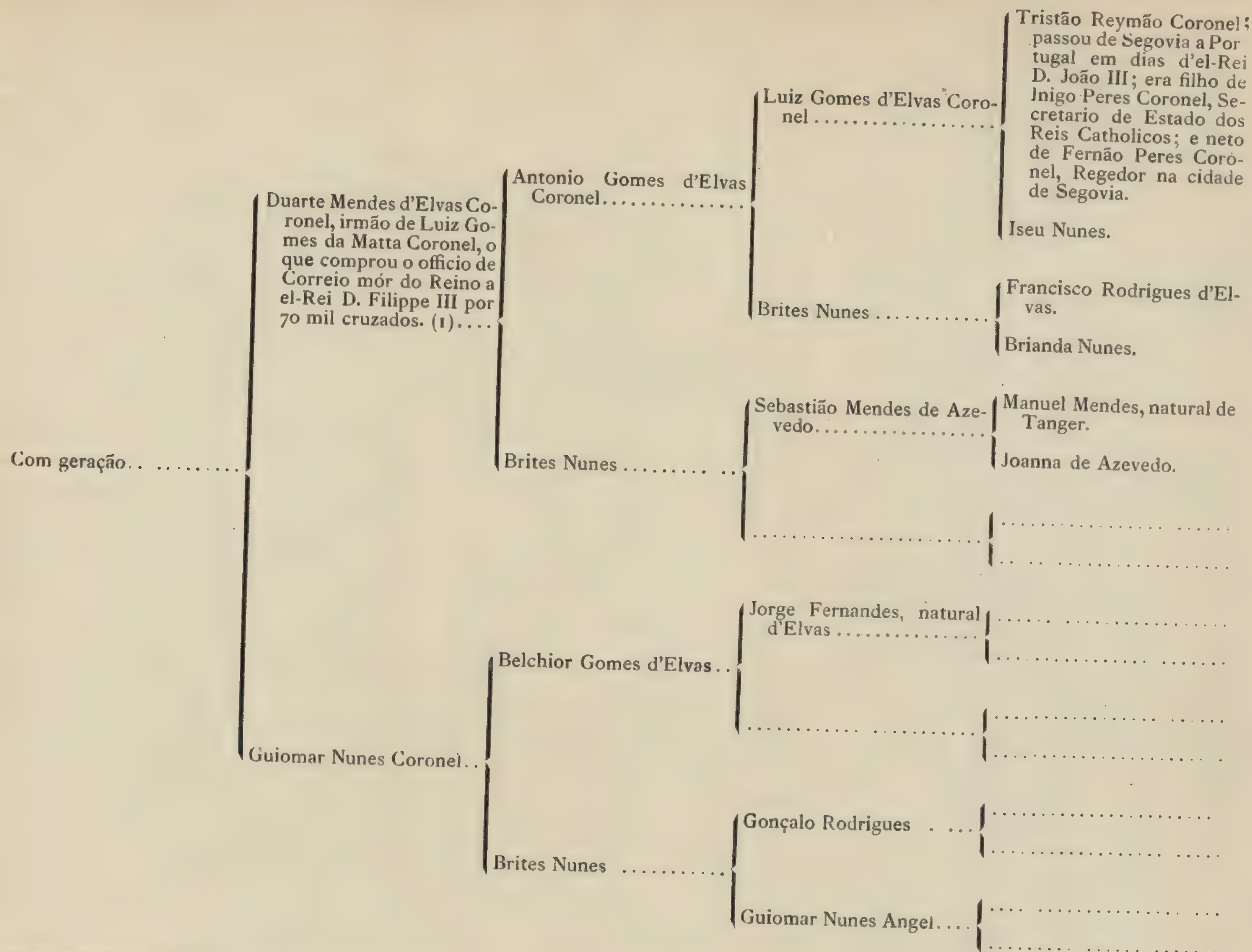
«As senhoras, penhoradissimas da finura dos nossos Officiaes de Marinha, receberam á chegada cada uma ramalhete; as honras das salas foram feitas a primor, tanto pela Marinha como pela Embaixada.

«Verdade é, que em toda a parte os Francezes mostram a mesma graça nacional, e o mesmo genio obsequiador.

«Emfim: tudo correu ainda melhor do que se esperava.

Accrescentarei que emquanto estavamos a bordo, tinhamos no palacio da Embaixada tresentos ou quatrocentos marinheiros para alliviar d'elles o «Santi Petri.» Dançaram e cearam no nosso jardim, por elles illuminado, e que de bordo fazia bom effeito.»

Nota III. — Pag. 177. — *Arvore da geração de Duarte Mendes d'Elvas Coronel.*



(1) Este Luiz Gomes teve por carta datada de Valladolid a 18 de Fevereiro de 1600, d'el Rei D. Filippe, Brasão de Armas do appellido *Matta* (V. de Sanches de Baêna, *Arch. her. gen.)*

NOTA IV. — Pag. 178. — *Arvore da descendencia de Francisco Carneiro de Crasto.*

- Diogo Ignacio de Brito Carneiro Mascarenhas, natural de Villa-viçosa, baptisado na parochial de S. Bartholomeu a 9 de Março de 1724 e Familiar do Santo Officio por carta de 21 d'Abril de 1755. Foi herdeiro do morgado de seu pae, e em 1755 era soldado do regimento de Dragões de Evora, cidade onde residia..................
  - Francisco de Brito Carneiro e Vasconcellos, senhor de um morgado, Tenente dos Dragões de Evora, irmão inteiro de D. Theresa Rosa Marcellina de Almeida Mascarenhas, habilitada para casar com o Familiar Jorge de Mesquita da Silva Avilez Mascarenhas.................
    - Diogo de Brito Carneiro de Vasconcellos, da freguesia de Sant'Anna de Lisboa.... ....
      - Francisco Carneiro de Crasto.
      - D. Anna de Sousa Pereira, que depois de viuva d'este marido foi 2.ª mulher de Manuel de Sousa Mascarenhas.
    - Joanna Baptista de Carvalho, do logar do Tojal, termo de Lisboa.... ..
      - ....
      - ....
  - D. Josefa Francisca Mascarenhas d'Almeida e Castro. Natural de Villa viçosa................
    - Leonardo Mendes de Almeida, natural da freguesia de Santa Caterina de Lisboa............
      - Lopo Vaz de Almeida, guarda roupa de D. João IV.
      - D. Maria Vangérbe.
    - D. Antonia Maria de Brito, natural de Villa Viçosa.................
      - Estevão Mascarenhas da Gama.
      - D. Maria Nunes Sanches.

Torre do Tombo — Familiares — Lettra D — Diogos — m. 13 — n.º 264.

NOTA V. — Pag. 179. — *Geração de Sousas Mascarenhas.*

1 — Ruy de Sousa. Foi o primeiro d'esta familia que se estabeleceu na Ilha da Madeira, onde casou com Constança Cabral e d'ella teve:

2 — Francisco de Sousa Borges, com quem se continua

2 — D. Joanna Cabral, mulher de Duarte de Brito Pestana, c. g.

2 — Francisco de Sousa Borges, serviu aos Reis D. Manuel e D. João III. Casou em Portugal com D. Isabel de Berredo, filha de Ruy Pereira de Berredo. Tiveram:

3 — Ruy de Sousa Pereira, que se segue

3 — D. Brites de Sousa, mulher de Antonio Lopes de Sequeira.

3 — Ruy de Sousa Pereira, viveu na Ilha da Madeira e n'ella fundou a egreja de Nossa Senhora da Estrella, por cima da Calheta. Casou na mesma Ilha, a 29 de Junho de 1556, com D. Briolanja Escorcia, filha de João Mialheiro e de Brigida Gonçalves. Tiveram:

4 — Francisco de Sousa Pereira, que se segue

4 — D. Maria Pereira, mulher de Luiz Furtado de Mendonça, c. g.

4 — Francisco de Sousa Pereira, serviu aos Reis D. Sebastião e aos Filippes 2.º e 3.º, foi Commendador dos Oitavos de Thomar e dos vinhos de Villa Franca de Xira, capitão em Pernambuco e em Mombaça, onde morreu. Casou em Portugal com D. Maria Mascarenhas, filha de Manuel Mascarenhas e de D. Maria Corrêa Teve, filho unico:

5 — Manuel de Sousa Mascarenhas, teve a Commenda de Santa Maria de Alcofra, na Ordem de Christo, serviu na restauração da Bahia, e depois nas armadas da costa e foi Governador da Ilha da Madeira. Morreu depois do anno de 1666. Casou duas vezes, a primeira com D. Martha de Mesquita, filha de Christovão da Fonseca, do Lumiar, e de D Margarida de Mesquita, da Charneca, e a 2.ª

vez com D. Anna de Sousa Pereira, já viuva de Francisco Carneiro de Crasto. (Vide Nota IV). Do 1.º matrimonio teve successão, do 2.º não teve filhos.

N. B. — Foi no referido apontamento que encontrei, em nota, chamar-se a 2.ª mulher de Manuel de Sousa Mascarenhas, D. Anna de Sousa Pereira e s. g.

(Apontamentos dados pelo Visconde de Sanches de Baêna ao autor da *Lisboa Antiga*.

Nota VI. — Pag. 188. — *Arvore de geração do Desembargador Alexandre Metello de Sousa e Meneses.*

Alexandre Metello de Sousa e Meneses, bapt. em S. Pedro de Marialva a 19 de Outubro de 1687, Familiar do Santo Officio em 11 de Agosto de 1719, Desembargador, etc. casado com D. Leonor Maria de Mattos e Vasconcellos depois de 1719................	Manuel Cardoso Metello, bapt. na freg. de S.to Estevam de Alfama a 2 de Julho de 1661; casado em S.to André de Pinhel a 13 de Janeiro de 1687 com..................	Gaspar Cardoso Metello, Tabellião de notas em Lisboa, e depois Escrivão dos orphãos e da Camara de Pinhel, bapt. em N.a S.a do Sorval a 11 de Fevereiro de 1624; casado com..........	Jorge Cardoso.
			Maria de Figueiredo.
		Maria dos Reis Moniz, bapt. em S.to Estevam de Alfama a 15 de Janeiro de 1643.................	Sebastião Machado, Tabellião de notas em Lisboa.
			Maria Moniz.
	D. Bernarda Feliciana Telles de Meneses, bapt. em S. Pedro de Marialva a 20 de Setembro de 1669; sua 2.a mulher. A 1.a foi Francisca Machado, que em 13 de Março de 1680 casou em Santo André de Pinhel com o dito Manuel Cardoso Metello. (1)...............	Christovam Ferreira de Sousa................	....
			....
		D. Maria Antonia........	Francisco Pereira.
			Maria Pacheco.

N. B. — A habilitação no Santo Officio, d'onde foi extrahida esta arvore, foi feita em 1718, as testemunhas depõem que o habilitando era *Lettrado formado,* e tinha estado em Madrid como Secretario do Embaixador portuguez.

Torre do Tombo — Habilitações — M. 3, n.os 41 a 48.

---

(1) D. Bernarda era irman do capitão mór de Marialva, Luiz de Sousa de Menezes, Fam. do S. O.

ADDITAMENTO Á NOTA IV DO VOLUME III

Um dos leitores mais assiduos e intelligentes da *Lisboa antiga*, o snr. Guilherme João Carlos Henriques, teve a bondade de me offerecer o traslado authentico do testamento do grande Francisco Bartolozzi. Apresso-me em o transmittir aos curiosos.

Como escritor historico incançavel, e que tantos serviços tem já prestado ás Lettras, entendeu o snr. Henriques collaborar nas pesquisas sobre o eminente Artista. Os meus agradecimentos cordeaes, e os dos leitores dos meus livros.

Eis o documento:

JOSÉ CARLOS RODRIGUES GRILLO, Notario n'esta cidade de Lisboa e sua comarca, e Perito em Paleographia por Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor Dom Carlos Primeiro a Quem Deus Guarde etctera.——————— ——————— CERTIFICO que no meu cartorio existe o livro de notas que tem o numero cento sessenta e oito no qual a folhas setenta e uma verso se acha exarado um testamento que se me pediu por certidão e é do teor seguinte: ——————— EM NOME DE DEOS; AMEN. ——————— ——————————————————— SAIBÃO quantos este instromento de testamento publico e ultima vontade virem; que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil, oitocentos, e treze, aos doze dias do mez de abril, na cidade de Lisboa em a rua Nova de São Bernardo, freguesia de Sancta Isabel, casas de morada de Francisco Bartolozzi, Cavalleiro na Ordem de Christo, abridor de estamparia no serviço de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, estando elle ahi prezente de pé, e sentado em huma cadeira, de bom acordo, e conhecimento intelectual, ao parecer de mim tabelliam, e testemunhas ao diante nomeadas, perante os quaes dise a mim tabelliam que na certeza da morte, e de sua avançada idade, como dos incertos fins davida, me rogava lhe fizesse nesta minha notta outro seu testamento publico da maneira seguinte. Primeira-

mente declara ser natural da cidade de Tirensi da Toscana cazado com Dona Lucia Bartolozzi, Veneziana, de quem tem hum unico filho chamado Caettano Bartolozzi, e que este hé o seu unico herdeiro nas duas partes dos bens, e acções d'elle testador seu pay e em qualquer parte competente, como tal assim o institue conforme o direitto; porem attendendo a que perziste ha annos na sua companhia Violante Thereza, que se acha cazada com Francisco Thomaz de Almeida, e que tem administrado a sua caza com todo o zello, e desvello, tratando d'elle testador com muito amor, e caridade; por isso em remuneração, e sem outra formalidade alguma de pagamento e que pertenda lhe deixa a sua terça de que hé livre dispôr declarando que quanto antes sendo devedor ao dito Francisco Thomaz de Almeida da quantia de seiscentos mil reis em dinheiro mettallico, em desconto d'esta divida lhe fizera venda de alguns moveis, quadros, e pessas de pratta, que consta de huma obrigaçam particular, por elle assignada, e por mim tabelliam reconhecida, no dia sette de dezembro do anno de mil, oittocentos, e onze, o que elle testador rattifica por este instromento, e assim o confeça para a sua observancia. E nesta forma tem concluido este seu testamento publico, e para este effeito, nomeia por seu testamenteiro ao dito Francisco Thomaz de Almeida, ficando á sua elleição toda a dispozição necessaria delle testador e para o seu enterro, funeral, e sufragios, por confiar muito do dito seu testamenteiro, não sendo porêm obrigado a prestar contas algumas em juizo compettente, e quando o seja, será bastante huma attestação sua jurada, e reconhecida verdadeira, em que declare ter cumprido independente de mais acto algum judicial, ou extrajudicial e nem ainda para identidade pessoas. Fm testemunho de verdade assim o outtorgou, e rogou a mim tabelliam lho fizesse n'esta minha notta, que depois lho li, e achou conforme que bem entendera; dizendo mais approvava e ratifficava por seu bom, e verdadeiro testamento, cedula, codecillo, qual mais em direitto valido seja para que revogava outros antes feittos, porque somente quer este se cumpra, e que esta hé a sua unica, e ultima vontade; a que forão testemunhas prezentes a todo

o referido, chamados e rogados Luiz da Costa Canteiro, relojoeiro, Francisco José de Oliveira, mestre alfaiate, e João Henriques, e Diogo Fernandes, ambos officiaes do dito officio, todos maiores digo todos moradores na rua de São Bento, da dita freguezia de Sancta Izabel, e Antonio Sebastião Coelho, compositor de lettras, e morador na rua da Porcisão, freguezia de Nossa Senhora das Mercêz, que nesta notta assignão com elle testador a quem conhecemos ser o proprio aqui contheudo. Izidoro Manoel de Passos Botelho e Alvim, tabellião proprietario o escrevi. = Francisco Bartolozzi = Luiz da Costa Canteiro = Francisco José de Oliveira = Antonio Sebastião Coelho = João Henriques, testemunha de cruz = Diogo Fernandes, testemunha de cruz. ——————————————————— POR ME SER requerida fiz extrahir a presente certidão que vae conforme ao original. Lisboa, vinte e um de setembro de mil novecentos e tres.

Em test.º de verd.ᵉ

José Carlos Rodrigues Grillo.

Notario

Logar de dois sellos: um de 90, o outro de 20 réis

Conta
Rasa. = 920
Busca = 400 = 1320
Mil trezentos e vinte reis
P. Sellado = 300 reis

RESENHA

DAS

ILLUSTRAÇÕES D'ESTE VOLUME

Pag. 11 — **Fac-simile da assignatura de Gabriel de Sartine** — Tirado de um antigo documento policial francez.

Pag. 50 — **Assignatura de Diogo Ignacio de Pina Manique** — Reproducção do autographo offerecido pelo snr. D. Francisco de Carvalho Daun e Lorena a J. de C.

Pag. 54 — **Soldado da Guarda Real da Policia no reinado do senhor D. Miguel.** — Aguarella por J. de C., segundo uma antiga lithographia coeva.

Pag. 59 — **Retrato de João Domingos Bomtempo** — Reproducção de uma gravura de 1813. Tem em baixo do lado esquerdo: *H. l'Evêque del.*[t] Do lado direito: *J. Vedramini sculp.*[t] Na parte extrema inferior: *London Publ.*[d] *March 1. 1813 by lhe Proprietor.*

Pag. 96 — **Planta do pateo do Conde de Soure na rua da Rosa** — Tal como era antes de ligar essa rua (como hoje liga) com a travessa do Conde de Soure; segundo antigos planos de propriedades pertencentes ao snr. Costa Trancoso. Aguarella por J. de C.

Pag. 98 — **Planta das immediações do pateo do Conde de Soure**, onde este se vê communicando já (como hoje) com a travessa do Conde. Extracto de antigos documentos de propriedades pertencentes ao snr. Costa Trancoso. Aguarella por J. de C.

Pag. 112 — **Esplendido cortejo da Rainha D. Catherina da Gran-Bertanha** — Tal como foi presenceado em Lisboa a 20 de Abril de 1662 *Brächtiger Durchzug der Königin Catharina von Gross Britanien so geschehen in Lisabona den 20 Abril A.º*

1662). — 1.ª Gravura alleman anonyma e rarissima. As chamadas da mesma gravura são as seguintes:

a — (No 1.º coche a contar da esquerda) *Die Königin Catharina von Gross Britanien* (A Rainha Catherina da Gran-Bretanha).

b — *Alphonsus König in Portugall* (D. Affonso VI Rei de Portugal).

c — *Don Pietro Infante* (O Infante D. Pedro).

d — *Der Graff Montagu als Konigl. Englischer Ambassador* (O Conde de Montague, Embaixador inglez).

e — *Der Hertzog Cardinal* (O Duque Cardeal).

f — *Die Kaysserl. Triumph Port* (Arco triumphal imperial).

g — *Die Triumph Port des Orives von Prata* (Arco triumphal dos ourives da prata).

h — *Die Triumph Port des St. Georgen* (Arco triumphal de S. Jorge).

2.ª GRAVURA

Embarque da Rainha Catherina da Gran-Bretanha na partida de Lisboa para Inglaterra realisada no anno 1662 *(Abbildung wie die Königin Catharina von Gross Britanien zuschiff von Lisabona nacher Engeland verreist Anno 1662)*.

As chamadas são as seguintes:

1 — *Die Königin von Engelandt* (A Rainha de Inglaterra).

2 — *Der König von Portugall und sein Bruder* (El-Rei de Portugal e seu irmão).

3 — *Der Graff Montagu* (O Conde de Montague).

4 — *Der Englische undt Portugesische Adell der Sie begleitete* (A Nobreza Ingleza e Portugueza).

5 — *Die Königl. Portugallische Parque* (A Armada Real Portugueza).

6 — *Die Königl... Englische Parque* (A Armada Real Ingleza).

7 — *Der Capitain von Portugall* (A Capitania Portugueza).

8 — *Der Englische Admiral* (A nau almirante Ingleza).

Pag. 116 — Retrato da Rainha de Inglaterra, D. Catherina de Bragança — Reproducção de gravura em cobre.

Pag. 119 — Reproducção phototypica de um opulento movel que servia de relicario — Doado pelo Papa á Rainha da Gran-Bretanha, D. Catherina de Bragança, por S. M. ao Conde de Castello Melhor, e no espolio dos descendentes d'este adquirido pelo snr. Marquez da Foz, que hoje o possue.

Pag. 125 — Paço Real da Bemposta — Reproducção de gravura em madeira.

Pag. 129 — A Santa da capella actual do paço da Bemposta.

Pag. 142 — Bilhete do antigo theatro do Salitre para a recita de 28 de Outubro de 1831 — Reproducção de um bilhete offerecido ao auctor pelo snr. Augusto Cardoso Pinto de Queiroz.

Pag. 158 — **Retrato do celebre poeta italiano Pedro Matastasio** — Reproducção de uma bella gravura em cobre na edição de Paris, 1780.

Pag. 213 — **Retrato de D. Luisa de Tavora no seu leito funerario, e em trajo de Carmelita** — Reproducção á penna por J. de C. de uma photographia tirada pelo snr. José Arthur Barcia segundo o retrato a oleo que ainda se conserva no côro alto da egreja do extincto convento das Carmelitas dos Cardeaes.

Pag. 221 — **Retrato de D. Ignez Antonia de Oliveira e Tavora** — Filha do fundadora do convento dos Cardaes; retrato ainda conservado mesmo convento. A figura está em trajo do seculo XVII, segurando um cordeirinho. Reproducção de photographia de José Arthur Barcia photographo amador.

Pag. 239 — *Copia do Verdadeiro e milagrôzo Retrato do Sr. S. Joze Espôzo da V. M.ª q se venera no Conv.*^{to} *da Con.*^{cam} *de Carm.*^{tas} *des.*^{cas} *em Lx.ª nos Cardaes.* Photogravura de uma lindissima gravura em cobre assignada *Freire Sculp. Lx.ª*

Pag. 258 — **Palacio da Embaixada de França em Lisboa em 1824**, na travessa de S. Francisco de Borja, onde é hoje, ha já muitos annos, a Legação de Inglaterra. Reproducção de photographia por José Arthur Barcia de um quadrinho a oleo pintado do natural pelo celebre diplomata francez Barão Gros, e datado de 1826, hoje em poder da senhora Marqueza de Rio Maior.

Pag. — **Retrato do Conde do Vimioso** — D. José Miguel João de Portugal, para o leitor intercalar a pag. 122 do vol. III. Reproducção de antiga gravura em cobre por *Jakobus Noubraken.*



O 6.º Conde do Vimioso
D. José Miguel João de Portugal

Para intercalar no T. II, pag. 102

INDICE

D'ESTE VOLUME IV

A

Abbade de Livry. Embaixador de França. Hospeda-se em 1724 no palacio Soure 135
—— Sai de Lisboa para França 135
Abrantes. Vide *Marquez de Abrantes.*
Abrilada. Essas tristes scenas politicas deram-se no palacio da Bemposta 129
—— Descripção minuciosa dos acontecimentos conhecidos pela denominação de Abrilada .... 246 e seg.
Academia de Musica na praça da Trindade (hoje largo da Abegoaria 143
Aca — Zacharias de — Menciona-se 8
Actores. Seu papel util e nobre na sociedade 151
Adro da capella da Bemposta. Obras n'elle 131
Aguiar Todi — Luisa de — Menção d'essa admiravel mulher 159
Ahmann — M.me — Lembram-se os notaveis concertos instrumentaes que regeu no Passeio Publico em 1879 150
Alexandrino — Pedro — Vide *Carvalho (Pedro Alexandrino de).*

Aljube. Havia n'este sitio recuo de carroagens......... 22
Almeida — Antonio de — Familiar do Santo Officio. Morava em 1621 á *Porta Nova*...................... 23
Almeida — Francisco Thomaz de — Testamenteiro do grande gravador Bartolozzi....................... 296
Almeida — José de — Esculptor, autor de duas estatuas na capella da Bemposta........................ 130
Almeida Negrão. Vide *Ponte de Almeida Negrão (Sebastião Duarte da)*.
Alorna. Vide *Marqueza de Fronteira e Alorna*.
Alves — Joaquim José — Quando vereador em 1879, propoz a remoção de certa lapide para o Museu do Carmo 26
Alves — Padre Manuel Antonio — Antigo Capellão das Carmelitas dos Cardaes.......................... 231
Amarante — Conde de — Vide *Marquez de Chaves*.
André — Rua de Santo — Havia ahi recuo de carroagens 24
Angeja. Vide *Marqueza de Angeja*.
Anjos — Maria dos — Viuva do marchante Manuel Francisco Mendes................................ 188
Antunes — Antonio Era carpinteiro de arcas, ou *caixeiro* na rua das Arcas em 1698....................... 23
Antunes — João Paulo — Lega varios bens a seu enteado Miguel Antonio Trancoso....................... 171
—— Toma em 1084 de aforamento á casa de Soure certos terrenos 170
Aragão D. Maria de — 3.ª mulher de D. João da Costa.. 82
Aragão Morato. Vide *Trigoso de Aragão Morato*.
Araujo. Vide *Ferreira de Araujo (Francisco Zacharias)*.
Arcas — Rua das — Havia ahi recuo de carroagens..... 22
Arcebispo de Nazianzo. Nuncio Apostolico. Recebe em 1824 a Gran Cruz da Conceição.................. 280
Armeiros móres. São Costas; sahiram do mesmo tronco d'onde provieram os Condes de Soure............ 74
Associação de Nossa Senhora Consoladora dos afflictos. Menciona-se essa admiravel instituição....... 230 e seg.
Asylo das cegas dos Cardaes. Sua historia........ 203 e seg.
Avila. Vide *Marqueza de Avila*.

B

Baêna. Vide *Visconde de Sanches de Baêna.*
Bairro-Alto. O seu Corregedor tinha obrigação de morada.. 29
—— Vide *Theatro do Bairro-Alto.*
Bairros. Vide *Silva Bairros (João da).*
Bairros para os Juizes criminaes. Providencias no assumpto.. 17
Barão de Binder. Ministro de Austria em Lisboa em 1824.. 247
—— Recebe a Gran Cruz da Conceição.............. 280
Barão Gros. Secretario da Embaixada de França em Lisboa em 1824........................ 250 passim.
—— Auctor de um quadro que n'este livro se reproduz.. 258
Barão Hyde de Neuville. Embaixador de França em 1824. Conta os tumultos da Abrilada.............. 246
—— Sua energica attitude nos tumultos da Abrilada. 249 e seg.
—— É creado Conde da Bemposta.................. 280
Barão de Mossamedes. Compra o palacio do Metello ao Principal Camara em 1789........................ 201
Barão de Palença. Titulo dado a Francisco de Borel... 280
Barão do Pomarinho. Possuiu uma quinta em Sacavem. 178
Barão de Rendnffe. Intendente geral da Policia em 1824 253
Barbosa Machado — Diogo — Cita-se................. 83
Bardonnet. Vide *Viscondessa de Bardonnet*
Baroneza Hyde de Neuville. Embaixatriz de França em Lisboa. Extrato de cartas suas................ 247 e seg.
Barracas de madeira pela cidade. Foram banidas, de 1760 a 1809.. 28
Barros — André — de — Familiar do Santo Officio. Morava em 1658 á *Porta Nova*........................ 23
Barros. Vide *Oliveira Leite de Barros (José Antonio de).*
Barros e Castro — D. Maria José de — Antiga pupilla do mosteiro dos Cardaes........................ 225
Barros Laborão — Joaquim José de — Concluiu duas es-

tatuas começadas por J. de Almeida na capella da Bemposta.................................. 130
Bartolozzi — Caetano — Filho unico de Francisco Bartolozzi.................................. 296
Bartolozzi — Francisco — Traslado authentico do seu testamento.................................. 293
Bartolozzi — Lucia — Mulher do grande gravador...... 296
Basto. Vide *Conde do Basto.*
Beethoven. Cita-se esse grande musico................ 65
Belfort. Vide *Gomes da Silva Belfort.*
Bellune. *Duque de Bellune.*
Bemposta — Paço Real e Capella da — Alguns traços descriptivos.................................. 121 e seg.
Bemposta. Demolem-se os dois arcos ou portões do antigo couto.................................. 129
Bemposta. Vide *Capella* da *Bemposta — Conde da Bemposta.*
Bempostinha. — Origem supposta d'essa denominação.. 124
Beresford — Lord — Mencionado como conviva de um jantar em 1824.................................. 247
Bertin — Henrique Leonardo — Chefe da antiga Policia de França..................................
Binder. Vide *Barão de Binder.*
Boccherini. Cita-se esse eminente musico............. 65
Bomtempo. Compositor italiano do seculo XVII......... 57
Bomtempo — Fernando — Filho do grande compositor e pianista portuguez.................................. 70
—— Sua certidão de Baptismo........................ 245
Bomtempo — João Domingos — A proposito do palacio dos Ludovices esboça-se rapidamente a biographia do illustre artista portuguez..................... 55
—— Nomeado professor da Rainha em 1834, Commendador de Christo, e Director do Conservatorio..... 67
—— Falleceu em 1842.................................. 68
—— Restaurador da Musica nacional, como Garrett o foi do Theatro.................................. 67
—— Enumeram-se algumas apreciações de estrangeiros a seu respeito.................................. 69

Bonifrates *(Marionnettes)*. Theatrinho d'elles no palacio Soure 136
Borba. Vide *Marquez de Borba*.
Borel — Francisco de — Encarregado de Negocios da Russia em 1824.................................. 257
—— Recebe o titulo de Barão de Palença........... 280
Borges — Manoel Innocencio — Construiu um predio em parte do pateo do Conde do Soure............. 172
Borgo di Primo — O Cavalheiro dal — Recebe a Commenda da Conceição.......................... 280
Braamcamp — Anselmo José — Construiu um predio no sitio do antigo palacio Soure 238
Braamcamp Freire — Anselmo — Esclarecimentos que dá ao autor 229
Bragança. Vide *Duque de Bragança (D. Pedro)*.
Brandão — D. Maria Emilia — Recebe o autor em visita ao mosteiro dos Cardaes 238
Brito. Vide *Gomes de Brito*.
Brito Mousinho — Manuel de — Tenente General, amigo do senhor Infante D. Miguel em 1824.............. 255
Bruschy. Vide *Silva Bruschy*.
Bugio — Beco do — Havia ahi recuo de carroagens..... 22
Bulla. Vide *Officina da impressão da Bulla*.
Busby — Thomaz — Cita-se a sua Historia da musica .. 56

C

Cacilhas. Vide *Conde de Cacilhas*.
Cadaval. Vide *Duque do Cadaval*.
Calçada de S. Vicente. Havia ahi recuo de carroagens .. 21
Camara Coutinho. Vide *Gonçalves da Camara Coutinho (Lourenço)*.
Camara Municipal. Deve mandar assignalar as casas onde nasceu e morreu o grande Bomtempo 68
—— Demole os dois arcos que formavam o *couto* da Bemposta.................................. 129
—— O Codigo incumbe-lhe a abertura, conservação,

denominação, e limpeza das ruas, e a numeração dos predios 53
Camara Municipal. Quanto mal faz com a immotivada substituição de nomes antigos de ruas e praças 171
Canarios sabios. Houve-os no Corpo Santo em 1834 . . . 156
Capella da Bemposta. Estudos rapidos a seu respeito . . 129
Capellão de S. Luiz dos Francezes. E' filado em 1824 . . 274
Cardaes. Vide *Egreja*, e *Mosteiro dos*.
Cardoso Pinto de Queiroz — Augusto — Offerece ao autor um bilhete do antigo Theatro do Salitre 142
Carlos III, Rei de Hespanha, e Archiduque de Austria. Visita em 1704 a Rainha D. Catherina no paço da Bemposta 124
Carlos Magno. Parece ter dado impulso á organisação policial antiga 9
Carmelitas descalças dos Cardaes de Jesus. — Historia do seu mosteiro . . . . 203 e seg.
—— Regimen interno das suas varias casas claustraes . . . . 206 e seg.
Carneiro de Crasto — Francisco — 1.º marido de D. Guiomar Coronel 178
Carvalho — João — Servidor d'el-Rei D. Sebastião 101
Carvalho — Lourenço Pires de — Arcediago de Santarem. Algumas suas noticias biographicas 101
—— Onde jaz; seu epitaphio 104
Carvalho — Pedro Alexandrino de — Celebre pintor; não deu nome (como se julgava) á antiga travessa *do Pintor* 123
Carvalho da Costa — Antonio — Cita-se a sua *Chorographia* 228
Carvalho Patalim. Antiga familia. Quatro noções genealogicas . . . . 100 e seg.
Carvalhos. Como entrou a sua linha na Casa de Soure. 105
Casa-pia de Lisboa. Sua creação e estabelecimento 44
—— Esteve primeiro no Castello; depois no Desterro; e hoje em Belem 47
Casa seiscentista. Lista da mobilia de uma. Seu custo . . . . 181 e seg.

Castello Branco — Camillo — Cita-se 136
Castello Branco. Vide *Seixas de Lemos Castello Branco.*
Castello Melhor. Vide *Marquez de Castello Melhor.*
Castiçaes astuciosamente roubados a Manique por um gatuno 40
Castilho — Antonio Feliciano de — Allude-se á sua nota *Policia* no drama *Camões* 15
Castro — D. Margarida de — Mulher de D. Antonio da Costa 80
Castro. Vide *Barros e Castro.*
Catherina — (D.) — Rainha da Gran Bretanha. Seu cortejo nupcial em Lisboa, e seu embarque. Gravuras curiosas e raras 112
—— Itabita no Calvario, em Santa Martha, e passa d'ahi para o Moinho de vento 113
—— Volta de Inglaterra a Portugal em 1693 113
—— Em 1699 vai de jornada a Villa Viçosa 116
—— Noticias a seu respeito colhidas em certo livro inglez de 1699 117
—— Descreve-se um sumptuoso movel que lhe pertenceu 118
—— Morreu em 1705 127
—— Seu retrato..... 116
Cavalhariças e cocheiras. Prohibidas nas ruas *nobres* em 1760 28
Cavalleiros (Rua dos) — Havia ahi recuo de carroagens 24
Châteaubriand. Vide *Visconde de Châteaubriand.*
Chaves. Vide *Marquez de Chaves.*
Cherubini. Cita-se esse grande musico................ 65
Clementi. Cita-se esse notavel musico 69
Coculim. Vide *Conde de Coculim.*
Codices pertencentes ao extincto mosteiro dos Cardaes. Examinam-se .... 214 e seg.
Coelho. Vide *Neves Coelho (Antonio das).*
Coelho. Vide *Ramos-Coelho..*
Coelho de Figueiredo — Francisco — Citam-se os seus commentarios ao *Theatro* de seu irmão Manuel.... 52
—— Cita-se outra vez................................ 154

Collecção de providencias. depois de 1755. Cita-se esse importante volume........................... 27
Collegio dos Nobres. Ahi esteve a Escola do Exercito.. 132
Conde de Amarante. Vide *Marquez de Chaves.*
Conde do Basto. José Antonio de Oliveira Leite de Barros habitou á Penha de França.................. 111
—— Foi grande sequaz do senhor Infante D. Miguel desde 1824..................................... 255
Conde da Bemposta. Titulo dado por el-Rei D. João em 1824 ao Barão Hyde de Neuville.................. 280
Conde de Cacilhas. Titulo dado a Sir Eduardo Thornton em 1824.. 280
Conde de Coculim. D. Francisco Mascarenhas. Introductor do Embaixador de França Abbade de Sivry.... 135
Conde da Ericeira. Cita-se o seu *Portugal restaurado.* 94
Conde da Lapa. Herda o palacio do Metello, que d'elle passa a seu filho o Conde de Mossamedes... 202
Conde de Lebzeltern. Assiste a um jantar diplomatico em 1824.. 247
Conde de Lumiares. Enthusiasta de J. D. Bomtempo... 64
Conde do Monte. Titulo dado em 1824 ao Duque de Villa Hermosa.. 280
Conde de Mesquitella. D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo, representante actual dos Costas Armeiros-móres 74
Conde de Mossamedes. Herda o palacio do Metello, e vende-o á senhora Marqueza de Pomares.......... 202
Conde de Murça. No seu palacio dos Capuchos esteve a Escola do exercito............................ 132
Conde da Povoa. Henrique Teixeira de Sampayo, 1.º Barão da Teixeira.................................. 271
Conde Raczynski. Quadros que viu na Bemposta....... 130
Conde de Soure. Historia minuciosa do seu antigo palacio da rua da Rosa........................... 73 e seg.
Conde (2.º) de Soure. D. Gil Eannes da Costa.......... 99
Conde (3.º) de Soure. D. José da Costa................ 99
—— Foi o senhorio da Rainha da Gran Bretanha...... 116
Conde de Soure. Em 1818 deu de aforamento varios terrenos á Patriarchal............................ 169

Conde de Subserra e sua mulher foram enthusiastas de J. D. Bomtempo.................................. 65
—— Ameaçado de ser prezo em 1824................ 248
Conde (2.º) de Subserra. Fradique Lopes de Sousa de Alvim e Lemos.................................. 248
Conde de Villa Franca. Esclarecimentos que deu ao autor..... 111
Condes de Soure. Moraram muito tempo em Monte agudo 110
Condessa de Rio-Maior. D. Isabel de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos. Seu admiravel papel na gerencia da Ass. consol. dos Afflict.................... 232 e seg.
Condessa de Subserra. Seu comportamento heroico em 1824 254
—— Quem era, e com quem casou. Assiste em 1824 a um baile na Legação ingleza.................. 248
Contas do theatro do Bairro-alto; mss. da Bibliotheca publica.. 148
Convento das Carmelitas descalças dos Cardaes. Sua historia.................................. 203 e seg.
Cordeiro. Vide *Costa Cordeiro.*
Coronel. Vide *Gomes de Elvas Coronel — Gomes da Matta Coronel — Mendes de Elvas Coronel — Nunes Coronel.*
Correaria. N'esse sitio havia recuo de carroagens...... 22
Corregedor de Bairro. Cada um tinha ás suas ordens meirinhos e homens da vara........................ 29
Costa. Genealogia d'essa familia desde D. Alvaro da Costa .... 74 e seg.
Costa — Alvaro da — Teve o titulo de *Dom* para si e seus descendentes.............................. 74
Costa — D. Gil Eannes da — Marido de Maria do Outeiro, 1.ª mulher.................................. 75
—— De D. Joanna da Silva, 2.ª mulher................ 77
—— De D. Margarida de Noronha, 3.ª mulher......... 77
Costa — D. Gil Eannes da — Filho de D. João da Costa (o velho).................................. 89
Costa — D. João da — Commendador na Ordem de Aviz. Casou quatro vezes.................... 80

Costa — D. João da — General muito notavel no seculo XVII. Sua vida 91
Costa. Vide *Carvalho da Costa (Antonio) — Coutinho da Costa (D. Vasco Luiz).*
Costa Cordeiro — P.e Antonio da — Autor do Elogio funebre da senhora Condessa de Rio-Maior.......... 236
Costa Trancoso — Antonio da — Faculta ao autor os titulos de propriedades suas........ 98
Coutinho. Vide *Gonçalves da Camara Coutinho — Sousa Coutinho.*
Coutinho da Costa — D. Vasco Luiz — Governador da India........ 79
Crasto. Vide *Carneiro de Crasto.*
Crosne. Vide *Thiroux de Crosne (Luiz).*
Cruz de Santa Helena. Havia ahi recuo de carroagens.. 21
Cunha — José Anastacio da — Pae do pintor Lourenço da Cunha........ 140
Cunha — Lourenço da — Pintor scenographo do theatro do Bairro-alto........ 140
—— Soneto bombastico, em que se allude a esse artista 141

D

Diccionario. dos musicos portuguezes. Cita-se........ 56
Doiradores — Rua dos — A antiga; onde ficava este arruamento dos doiradores........ 25
Duarte — José — Emprezario dramatico antigo........ 147
Duarte — Silverio — Socio da empreza do theatro do Bairro alto........ 248
Duque de Bellune. Secretario de França em Lisboa (1824) 259
—— Vai a Cadix em missão........ 274
Duque de Bragança D. Pedro. Acolhe amigavelmente o grande Bomtempo em 1833........ 67
Duque do Cadaval. Enthusiasta de J. D. Bomtempo.... 64
Duque de Lafões. Apreciador do merito de Bomptempo 64
Duque de Palmella. No seu palacio do Calhariz esteve a Escola do Exercito........ 132
—— O Duque D. Pedro é obrigado a esconder se em 1824 275

Duque de Villa-Hermosa. Embaixador de Hespanha em Lisboa em 1824.......................... 257
—— È creado Conde do Monte.......................... 280
Duqueza de Lafões, D. Luisa. Casa com o senhnr D. Miguel.......................... 134
Duqueza da Terceira. Acompanha ao carcere seu marido.......................... 274

E

Egreja de Santa Luzia. Havia junto d'ella recuo de carroagens.......................... 2
Egreja do mosteiro dos Cardaes. Descreve-se...... 218 e seg.
Egreja de S. Roque. Faz esquina para a antiga rua *da Torre de S. Roque*.......................... 7
Egreja de S. Thomé. Junto d'ella havia recuo de carroagens.......................... 21 21
Elvas. Vide *Gomes de Elvas*
Embaixador de familia. O que significa em linguagem diplomatica.......................... 266
Ericeira. Vide *Conde da Ericeira.*
Ermida de N.ª S.ª da Palma, arruinada em 1755........ 25
Escola. E' a doutrina.......................... 49
Escola do Exercito. Estabeleceu-se em 1850 no paço da Bemposta.......................... 132
—— Varios outros sitios onde esteve.......................... 132
Escolas Geraes. Havia ahi recuo de carroagens..... 20, 21
Exercito. Vide *Escola do Exercito.*

F

Faria — Balthazar de — Instituidor de um morgado que entrou na casa dos Camaras.......................... 200
Faria — D. Joanna de — 1.ª mulher dc D. João da Costa 81
Fernandes de Sousa — José — Livreiro lisbonense. Sua generosidade.......................... 232
Fernandes-Thomaz — Annibal — Offerece ao autor um curioso soneto antigo.......................... 141

Fernandes de Vasconcellos — D. Luiz — Celebre militar. Compendio da sua vida 82
Fernando I — El-Rei D. — Já tinha *quadrilheiros* para a Policia de Lisboa.............................. 14
—— Ordenou que tivessem armas ás portas 15
Fernando II — El Rei D. — Foi padrinho de Baptismo de Fernando Bomtempo 70
Ferreira — D^os^ Antonio — Cita-se um verso d'elle...... 83
Ferreira de Araujo — Francisco Zacharias — Major da antiga Guarda Real da Policia. Informação que deu ao autor..................................... 8
Ferreira Galhardo — Antonio — Capitão em 1824, Ajudante de ordens do Conde de Subserra 253
Figueiredo. Vide *Coelho de Figueiredo.*
Filippe II — El-Rei D. — Ordenou a divisão de Lisboa em dez bairros 16
Filippe III — El-Rei D. — Suas providencias no regimen policial de Lisboa 16
Pilippinos. Houve muitos muito sinceros e muito leaes 76
Flavigny. Vide *Visconde de Flavigny — Viscondessa de Flavigny.*
Fontes Pereira de Mello — Conselheiro Antonio Maria de — Onde e quando falleceu esse talentoso estadista 174
Foz. Vide *Marquez da Foz.*
Francisco de Assis — D. Maria de S. — Antiga pupilla do mosteiro dos Cardaes.......................... 225
Freiras do convento das Carmelitas descalças dos Cardaes. Mencionam-se algumas................... 214 e seg.
Freire — D. Margarida Josepha — Sua campa nos Cardaes. 223
Freire. Vide *Braamcamp Freire (Anselmo).*
Freitas — José Valentim de — Apontamentos seus sobre a capella da Bemposta.......................... 129
Fronteira e Alorna. Vide *Marqueza de Fronteira e Alorna.*

G

Galhardo. Vide *Ferreira Galhardo.*
Garrett. Vide *Visconde de Almeida Garrett.*

Gomes de Brito. Provou que o nome da *travessa do Pintor* não provém de Pedro Alexandrino 123
Gomes de Elvas — Belchior — Casado com Brites Nunes. Quem foi sua filha 177
Gomes de Elvas Coronel — Antonio — Marido de Brites Nunes 177
Gomes da Matta Coronel — Luiz — Correio mór 177
Gomes da Silva Belfort — Joaquim — Sequaz do senhor Infante D. Miguel em 1824......................... 255
Gomes Varella — João — Emprezario theatral no palacio Soure 139
Gonçalves — André — Pintou os quadros da sacristia da capella da Bemposta............................ 130
Gonçalves da Camara Coutinho — Lourenço — Compra em 1771 o palacio do largo do Metello............. 199
Gonçalves Zarco — João — Progenitor dos Camaras.... 200
Gros. Vide *Barão Gros*.
Guarda Real da Policia. Estava em 1830 aquartelada no palacio Ludovice............................. 8
—— Foi creada em 1801 .... 29 e 30
—— Figurino de um soldado d'ella por 1830.......... 54
Guimarães. Vide *Ribeiro Guimarães*.

H

Haydn — Cita-se esse notabilissimo musico 65
Henriques — Guilherme João Carlos — Offerece ao autor o traslado authentico do testamento de Bartolozzi 293
Herault — René de — Chefe da antiga Policia em França. 10
Holbein — João — Havia um quadro sacro seu na Bemposta 130
Hummel. Grande musico allemão. Cita-se............ 65
Hyde de Neuville. Vide *Barão Hyde de Neuville — Baroneza Hyde de Neuville — Viscondessa de Bardonnet*.

I

Illuminação publica. Era primitivamente feita em Lisboa pelos nichos dos Santos allumiados........... 12
Irmandade do Senhor Jesus dos Perdões. Contrato que celebra com o Desembargador Metello............ 193
Ivanoff de Razewitch — Carlos — Consul da Russia em Lisboa. Protege J. D. Bomtempo............... 65, 66

J

João IV — El-Rei D. — Suas providencias energicas no policiamento de Lisboa......................... 17
João V — El-Rei D. — Dôa o paço da Bemposta a seu irmão D. Francisco.............................. 128
João VI — El-Rei D. — Protegeu J. D. Bomtempo...... 63
—— Habitou na Bemposta.......................... 128
—— Seu papel nos tumultos da Abrilada em 1824. 249 e seg.
João da Praça — Rua de S. — D'ahi para S. Pedro havia recuo de carroagens........................... 23
Jorge III — El-Rei de Inglaterra — Caso acontecido entre S. M. e Bomtempo.......................... 60
José — O senhor D. — e seu irmão o senhor D. Miguel, filhos d'el-Rei D. Pedro II, habitam o palacio Soure 133
José Milagroso — S. — Quadro no mosteiro dos Cardaes 239
Juromenha. Vide *Visconde de Juromenha*.

K

Krammer. Cita-se esse notavel musico................ 69

L

Laborão. Vide *Barros Laborão*.
Lafões. Vide *Duque de Lafões — Duqueza de Lafões*.
Lapa. Vide *Conde da Lapa*.
La Rue de Villaret — Henry Armand de — Irmão do Marquez da Bemposta Subserra.................. 259

Leão Vide *Nunes do Leão.*
Lebzeltern. Vide *Conde de Lebzeltern.*
Lefèvre — Monsieur — Francez domiciliado em Lisboa. Seu bom comportamento em 1824 256
Lei. E' o castigo 49
Leite — Francisco de Paula — General em 1824 255
Lemos. Era a varonia de D. Alvaro da Costa, progenitor das Casas da Mesquitella e de Soure... 74
Lemos de Castello Branco. Vide *Seixas de Lemos de Castello Branco.*
Letreiros celebres. Cita-se esse curioso opusculo...... 52
Lima — D. Maria de — Mulher de Alvaro Pires de Tavora 213
Limoeiro. Havia ahi recuo de carroagens.............. 22
Lisboa em 1742 era repartida por doze ministros criminaes 27
Livro velho das linhagens. Menciona-se............. 8
Livry. Vide *Abbade de Livry.*
Loulé. Vide *Marquez de Loulé.*
Ludovice. Architecto celebre do mosteiro de Mafra.... 7
—— Vide *Palacio Ludovice.*
Luiz XIV de França. Amigo e protector do Senhor de la Reinie.................................... 9
Luiz — Francisco — Pedreiro, associado com João Gomes Varella.................................... 140
Lumiares. Vide *Conde de Lumiares*
Luz Soriano — Simão José da — Foi alumno da Real Casa Pia.................................... 46
—— Morou no Lumiar.................................... 46

M

Mabuse — João — Pintor (*Molbodius*)................. 119
Macario — Baptista Manuel — Pintou as flores dos quadros do tecto da capella da Bemposta............. 130
Macedo — Irman Maria de S. Thomaz de Aquino de — Superiora do Azylo das cegas dos Cardaes......... 238
Malta. Vide *Privilegiados de Malta.*

Manique. Vide *Pina Manique*.
Manuel — El-Rei D. — Ordenou que os officiaes mecanicos tivessem um croque para caçar os ladrões. Outras suas providencias no assumpto policial..... 15, 16
Margiochi. Vide *Simões Margiochi*.
Maria I — Rainha D. — Visita em 1782 á Casa Pia do Castello.. 47
Maria II — Rainha D. — Foi madrinha de Baptismo de Fernando Bomtempo........... 70
Maria Anna — Rainha D. — Em 1725 apparece no jardim da Bemposta............................ 128
Marquez de Abrantes. Amigo e companheiro do senhor Infante D. Miguel em 1824...................... 255
Marquez de Borba. O avô do actual era enthusiasta de J. D. Bomtempo................................. 64
Marquez de Borba. O actual franqueou ao autor os seus cartorios 74
——— É elle o representante das Casas de Borba e Soure 74
——— Possue na quinta do Bomjardim a Imagem da Senhora de Monteagudo.......................... 111
Marquez de Castello Melhor. Enthusiasta de Bomtempo............. 64
Marquez de Chaves. Tenente General Manuel da Silveira 269
Marquez dã Foz. Actual possuidor de um sumptuoso movel que pertenceu á Rainha da Gran-Bretanha... 118
Marquez de Loulé (depois Duque). Em 1824 era Estribeiro mór.. 270
Marquez e Marqueza de Palmella. Enthusiastas de J. D. Bomtempo.. 65
Marquez de Palmella (depois Duque). Seu papel de victima nos tumultos da Abrilada............... 252 e seg.
Marquez de Pombal. Quanto elle se empenhou em misturar as classes.................................. 149
Marquez de Torres Novas. D. Alvaro de Noronha, Mordomo-mór d'el-Rei D. João VI em 1824............. 263
Marquez de Vallada — D. José — Protesta contra a apropriação do convento dos Cardaes pelo Governo .. . 226

Marqueza de Angeja (da casa de Bellas). Recolhida no mosteiro dos Cardaes 217
Marqueza de Avila, D. Leonor de Mascarenhas. Recebe o autor em visita ao mosteiro dos Cardaes 238
Marqueza de Fronteira e Alorna. Recebe o autor em visita ao mosteiro dos Cardaes 238
Marqueza de Pomares, D. Maria Manuela de Brito. Compra o palacio do Metello em 1900 202
Marqueza de Rio Maior. D. Maria Isabel de Lemos e Roxas de Carvalho e Meneses de Saint-Léger. Faculta preciosos documentos ao autor 212
—— Diligenceia a venda de uma livraria em favor do Asylo das cegas 233
—— Recebe o autor em visita ao mosteiro dos Cardaes 238
—— Nasceu no palacete da estrada do Arco do cego .. 254
Mascarenhas — D. Fernando de — Governador de Arzilla. Marido de D. Filippa da Silva 77
Mescarenhas — D. João de — Marido de D. Maria da Costa 80
Mascarenhas. Vide *Sousa de Mascarenhas.*
Mello — Mauuel de — Em 1686 era Grão Prior do Crato 21
Mello. Vide *Fontes Pereira de Mello.*
Mendel e Reissmann. O seu Lexicon musical elogia J. D. Bomtempo 69
Mandes — Manuel Francisco — Marchante d'el-Rei. Compra umas casas no Campo do Curral 180
Mendes de Elvas Coronel — Duarte — Irmão do Correio mór..................................... 177, 178
Mendoça — D. Magdalena de — Mulher de D. Antonio da Costa.. 78
Meneses — D. Anna de — Mulher de D. Antonio da Costa 79
Meneses — D. Antonia de — 2.ª mulher de D. João da Costa. 81
Meneses — D. Maria de — Dama Camarista da S. M. A Rainha. Empresta ao autor valiosos documentos .. 177
Meneses. Vide *Metello de Sousa e Meneses (Alexandre — Sousa e Meneses.*
Mercadores estrangeiros domiciliados em Lisboa...... 149

Mercier. Cita-se o seu livro *Tableau de Paris* 51
Mesquitella. Vide *Conde de Mesquitella*.
Metastasio — Pedro — grande poeta. Enumeram-se obras suas 144
—— Um brado em louvor d'esse peregrino engenho... 158
Metello — Largo do — Estuda-se o sitio............... 176
Metello de Sousa e Meneses — Alexandre — Quem era, e cargos que exerceu........................... 188 e seg.
—— Compra um palacete no Campo do curral........ 191
—— Contrato que celebra com a Irmandade do Senhor Jesus dos Perdões 193
—— Lavra testamento em 8 de Junho de 1759........ 196
—— Fallece em Lisboa no 1.º de Setembro de 1766... 194
Miguel — O Senhor D. — e seu irmão o Senhor D. José, filhos d'El-Rei D. Pedro II, habitam o palacio Soure.. 133
—— O senhor D. Miguel casa com a Duqueza de Lafões 134
Miguel — O Senhor Infante D. — Seu papel nos tumultos de Abrilada em 1724........................... 250 e seg.
—— Sobe ao throno em 1828 65
Ministra — O que era nos antigos conventos.......... 235
Miranda. Vide *Oliveira e Miranda (Luiz Francisco de)*.
Mobilia seiscentista. Curiosissimo inventario authentico. 181
Modernos (Os) imaginam que só nós temos razão em tudo, e que os Antigos eram uns mentecaptos...... 42
Molbodius. Vide *Mabuse*.
Mõnte. Vide *Conde do Monte*.
Monte-agudo — Capella e palacio á Penha de França.. 101 e seg.
—— N'esse palacio não habitou (como se julga) a Rainha D. Catherina................................ 113
Monteiro. Vide *Sousa Monteiro*.
Monteiro Paim — Roque — Acompanha a Rainha da Gran-Bretanha em 1699 a Villa-Viçosa.................. 117
Montemór. Ahi se achava el-Rei D. Sebastião em 1569. 16
Morato. Vide *Trigoso de Aragão Morato*.
Moreira — Antonio — alcunhado *o das beatas*. Mestre das obras do Asylo das cegas dos Cardaes............. 234

Mossamedes. Vide *Barão de Mossamedes — Conde de Mossamedes.*
Mosteiro dos Cardaes. Descreve se a sua linda egreja. 218 e seg.
Mousinho. Vide *Brito Mousinho.*
Mozart. Cita-se esse grandissimo genio.............. 65
Murça. Vide *Conde de Murça.*

N

Nazianzo. Vide *Arcebispo de Nazianzo.*
Negrão. Vide *Ponte de Almeida Negrão (Sebastião Duarte da).*
Neuville. Vide *Barão Hyde de Neuville.*
Neves Coelho — Antonio das — Possuia em 1800 uma fabrica de fitas á Patriarchal 169
Nichos de Santos. As suas lanternas devotas eram a illuminação de outr'ora 12
Nobiliario do Conde D. Pedro — Menciona-se.......... 8
Nogueira — José Maria Antonio — Uma asserção d'esse applicado ínvestigador.............................. 137
Nomes de ruas. Começaram a fixar-se em Paris em 1728.................................... 51
Noronha — D. Fernando de — Mordomo-mór d'el-Rei D. Manuel, e marido de D. Anna da Costa......... 75
Noronha — D. Francisca de — Condessa de Soure pelo seu casamento 93
Noronha — D. Maria de — Mulher de D. José da Costa.. 78
Noronha — D. Thomaz de — Marido de D. Joanna da Silva 77
Nova da Palma — Rua — E' antiga; nada tinha com a actual 25
Numeração — dos predios. — Editaes no assumpto.. 52 e 53
—— Começou ao tempo de Manique................. 51
Nunes — Simão Caetano — Scenógrapho do theatro do Bairro Alto 148
Nunes Coronel — D. Guiomar — Sua filiação e suas allianças..................................... 177
Nunes do Leão — Duarte — Cita-se o seu *Repertorio de Leis extravagantes*. 15

O

Officina da impressão da Bulla. Esteve em 1820 no palacio Ludovice 8
Oliveira — Ignacio de — Pintou o tecto da capella da Bemposta 130
Oliveira — Rua da — Enumeram-se muitas ruas com essa denominação 24
Oliveira Leite de Barros — José Antonio de — (depois Conde do Basto). Amigo e sequaz do senhor Infante D. Miguel em 1824 255
Oliveira e Miranda — Luiz Francisco de — Morgado de Oliveira, marido de D. Luisa de Tavora 213
Oliveira e Tavora — D. Ignez Antonia de — Seu retrato a oleo 221
Oort — I. Van — Pintor dos azulejos da egreja dos Cardaes 220
Ordenações do Reino. Explicam as attribuições dos quadrilheiros 14
Osti — José — Insigne fogueteiro 155
Ourives do Oiro — Rua dos — Onde era a antiga rua assim chamada 25
Outeiro — João do — Rua que toma nome de um antigo argentario lisbonense 76
Outeiro — Maria do — Mulher de D. Gil Eannes da Costa. Quem era ella 76

P

Paço de baixo. Conjectura o autor que essa denominação se referisse ao paço de Belem 276
Paço da Bemposta. Vista d'elle 125
—— Meio desamparado em 1796 128
Paço do Ramalhão. Os seus quadros foram para o da Bemposta 129
Paim. Vide *Monteiro Paim*.
Paiva Rsposo. D'esse appellido eram dois sequazes do senhor Infante D. Miguel em 1824 255

Palacio do Conde de Soure. Descripções aproximadas do seu antigo estado.......................... 97, 115
—— Ahi moraram os senhores D. Miguel e D. José, filhos d'el-Rei D. Pedro II.......... 133
—— Padece incendio parcial em 1730............... 135
—— Installam-se n'elle emprezas theatraes por 1733... 136
—— Arruina-se em parte pelo terremoto de 1755...... 138
—— Hospeda-se ahi um Embaixador de França. Vide *Abbade de Livry.*
Palacio Ludovice — E' na actual rua de S. Pedro de Alcantara.................................... 7
—— Conhecido entre o Publico por *Palacio do Frederico*.................................... 8
—— Edificado em 1747.......................... 8
Palença. Vide *Barão de Palença.*
Palma. Vide *Nova da Palma (Rua).*
Palmella. Vide *Duqueza de Palmella — Marquez e Marqueza de Palmella.*
Pasteleiro. Sitio na freguezia de Santos.............. 23
—— Sitio chamado á Porta Nova, freguezia da Conceição.................................... 23
—— Sitio em S. João da Praça..................... 23
—— Sitio na freguezia do Sacramento.............. 23
Pateadas e apupadas em S. Carlos. Como deu cabo d'ellas Pina Manique.............................. 39
Pateo do Pimenta. Ahi esteve a Escola do Exercito.... 132
Patrulhas. Como esses pacificos agentes policiaes causavam grande susto a certa senhora.............. 36
Pedro II — El-Rei D. — Menciona-se uma sua carta relativa á capella da Bemposta..................... 127
—— filhos illegitimos D. Miguel e D. José habitam no pelacio Soure. Morte de um d'elles........... 133, 134
Pedro de Alcantara (S.) — Denominação da antiga *rua da Torre*, e do *largo de S. Pedro*, desde 1859...... 7
Peralvilhos. Costumavam apupar os serventes do palco. Intervem Manique.................. 39
Peereira de Mello. Vide *Fontes Pereira de Mello.*
Pereira Pinto — D. Maria Miquelina — fundadora e pre-

sidenta da Associação de Nª S.ª Consoladora dos afflictos.. 236
Pflugel — O senhor de — Recebe a Commenda da Torre e Espada em 1824.................................. 280
Piano mudo. Teclado de que se servia Bomtempo...... 58
Pichelaria. Antiga rua na freguezia de S. Nicolau...... 25
Picheleiros. Vide *Pichelaria*.
Pimenta. Vide *Pateo do Pimenta*.
Pimentel — Alberto — Cita-se um trecho de certo livro do notavel escriptor................................ 160
Pimentel — D. Magdalena — Mulher de D. Alvaro da Costa.. 79
Pina Manique — Diogo Ignacio de — Trata-se d'esse importante homem publico...................... 32 e seg.
—— Atacado por certo autor anonymo............ »
—— Anedoctas curiosas e authenticas da sua vida.. 38 e seg.
—— Varios cargos que exerceu........................ 43
Pinto. Vide *Pereira Pinto*.
Pinto de Queiroz. Vide *Cardoso Pinto de Queiroz*.
Pleyel. Cita-se esse grande musico.................... 65
Poiaes. Prohibe-os um alvará de 1759................. 28
Policia — Corpo de — Finta para o seu estabelecimento em 1801.. 29
—— Eoi o verdadeiro instaurador da Policia em Portugal Pina Manique.................................. 47
—— Considerações sobre a sua utilidade n'uma cidade grande.. 47 e seg.
—— E' a ordem e a prevenção.... 49
Policia civil. Corpos creados em Lisboa, Porto, etc. em 1867.. 53
Policia franceza. Apontamentos para a sua historia.. 8 e seg.
Policia em Portugal. Vide *Guarda Real da Policia*.
Pomares. Vide *Marqueza de Pomares*.
Pomarinho. Vide *Barão do Pomarinho*.
Pombal. Vide *Marquez de Pombal*.
Ponte de Almeida Negrão — Sebastião Duarte da — Capitão mór de Albufeira em 1824...................... 255
Porta Nova. Sitio de Lisboa já mencionado em 1552.... 23

—— Havia ahi recuo de carruagens.................. 23
Portas da Cruz. Havia ahi recuo de carruagens......... 23
Povoa. Vide *Conde da Povoa.*
Prefeitura da Policia. Cria-se em França em 1800...... 11
Prior do Crato. Em 1686 era Manuel de Mello......... 21
Privilegiados de Malta — Real Corpo dos — D'elle foi Tenente Coronel Miguel Antonio Trancoso........ 171

Q

Quadrilheiros da Policia de Lisboa. Já existiam no tempo d'el-Rei D. Fernando I.......................... 14
Queiroz. Vide *Cardoso Pinto de Queiroz — Augusto.*
Quinta dos Leões na Ameixoeira. D'onde lhe vem o nome 171

R

Raczynski. Vide *Conde de Raczynski.*
Ramalhão. Vide *Paco do Ramalhão.*
Ramos-Coelho — José — Communica ao autor uma preciosa noticia.................................. 200
Razewitch. Vide *Ivanoff de Razewitch.*
Recuo de carroagens. Providencias policiaes no assumpto.................................... 19 e seg.
—— Sitios determinados para isso............... 20 e seg.
Reinie — Gabriel Nicolau de la — Antigo *Lieutenaut général de Police*................................ 9
Reis — Maximo Paulino dos — Pintor e desenhador, anantigo alumno da Casa Pia...................... 46
Renduffe Vide *Barão de Renduffe.*
Ribeiro Guimarães — José — Cita se esse laborioso pesquisador.. 145
Ribeiro de Sampayo — Ignacio — Marido de D. Margagarida Josepha Freire.......................... 223
Rider — John — No seculo XVII afora certo terreno ao Bairro-alto.................................... 174
Riemann — Hugo — O seu Diccionario elogia o compositor portuguez J. D. Bomtempo.............. ... 69

Rilhafolles. N'esse convento esteve a Escola do Exercito 132
Rio-Maior. Vide *Condessa de Rio-Maior.* — *Marqueza de Rio-Maior.*
Rocio. No palacio da Regencia esteve a Escola do Exer-
Roque — Rua larga de S. — No predio n.º 92 ou 100 nasceu João Domingos Bomtempo.................. 56
Roque (S.) Vide *Egreja de S. Raque*
Ròxa — Joaquim Manuel da — Possue o autor dois desenhos d'elle, copias de Vieira Lusitano............ 140
Ruas. Suas denominações eram variaveis antes de Manique 51
—— A numeração não existia........................ 51

S

Sabios. Vivem inteiramente alheios ao mundo frivolo que os cerca.................................. 225
Saldanha — Antonio de — Marido de D. Joanna de Vilhena.. 80
Saldanha de Oliveira e Sousa D. — Thereza de — Recebe o autor em visita ao mosteiro dos Cardaes......... 238
Salitre. Vide *Theatro do Salitre.*
Salvador — Mosteiro do — Junto d'elle havia recuo de carroagens.. 20
Sampayo — D. Bernarda de — Mulher de D. Luiz da Costa 79
Sampayo. Vide *Ribeiro de Sampayo.*
Sanches de Baêna. Vide *Visconde de Sanches de Baêna.*
Sartine—Antonio Raymundo João Gualberto Gabriel de— Chefe da antiga Policia de França. Sua assignatura 11
Sebastião — El-Rei D. — Providencias suas no assumpto policial.. 16
—— Achava-se em Outubro de 1569 em Montemór ... 16
Seide. Assassino fanatico entre os Arabes 251
Seixas de Lemos de Castello-Branco — Joaquim Antonio de.. 277

Senhora (Nossa) Consoladora dos afflictos. Vide *Associação de Nossa Senhora.*

Sequeira — Domingos Antonio de — Cita-se o retrato que elle pintou de Pina Manique 38

—— Foi alumno da Casa pia 46

Setaro — Miguel — Seu comportamento na Abrilada de 1824 258

Silva — Agostinho da — Emprezario do theatro do Bairro-Alto em 1764 148

Silva — Antonio José da — O celebre e infelicissimo dramaturgo. Peças suas 137

Silva — Carlos Bento da — Sendo Ministro, concede o edificio do extincto mosteiro dos Cardaes á Associação consoladora dos afflictos 231

Silva — Innocencio Francisco da — Palavras suas a respeito de J. D. Bomtempo 70

Silva — Luiz da — Senhor de Vagos, marido de D. Catherina da Costa 77

Silva. Vide *Vieira da Silva (Augusto).*

Silva Bairros — João da — Associado com o boticario João Gomes Varella 130

Silva Belfort. Vide *Gomes da Silva Belfort.*

Silva Bruschy — Manuel Maria da — Particular d'el-Rei D. João VI em 1824 253

Simões Margiochi — Francisco — Cita-se um seu bellissimo Relatorio sobre a Casa pia 44

Sociedade Philarmonica fundada em Lisboa pelo grande Bomtempo 62

Soriano Vide *Luz Soriano.*

Soure. Vide *Conde de Soure.*

Soures. São representados pelo actual Marquez de Borba 74

—— São Costas 73

Sousa — D. Anna de — Recebe de sua tia Guiomar Coronel umas casas no Campo do Curral 180

Sousa — D. Joanna de — Possuidora de uma quinta em Sacavem no seculo XVII 178

Sousa — D. Manuel de — Senhor de Miranda, marido de D. Isabel da Costa 75

Sousa — Manuel Caetano de — Traçou a moderna capella da Bemposta 130
Sousa — D. Rodrigo de — Senhor do predio ao Moinho de Vento que ao depois entrou na posse da Casa de Soure 87
Sousa Coutinho — D. Rodrigo de — Creou a Guarda Real da Policia 29, 30
Sousa Mascarenhas — Manuel de — 2.º marido de D. Guiomar Coronel 178, 179
—— Ascendencia d'elle 291
Sousa e Meneses — Alexandre Luiz de — Parece ter sido o herdeiro do vinculo do Desembargador Metello. Dados biographicos 197
Sousa e Meneses. Vide *Metello de Sousa e Meneses.*
Sousa Monteiro — José de — Esclarecimentos que dá ao autor 65
Sousa. Vide *Fernandes de Sousa — Conde (2.º) de Subserra — Saldanha Oliveira e Sousa.*
Stoppani — Antonio — Bolonhez emprezario do theatro do Bairro-alto 148
Subserra. Vide *Conde de Subserra.*

T

Tavares — João Pedro — Emprezario dramatico antigo. 147
Tavora — Alvaro Pires de — Marido de D. Maria de Lima e pae de D. Luiza de Tavora 213
—— De quem era filho 313
Tavora — D. Luiza de — Seu retrato a oleo 221
—— Fundadora do mosteiro dos Cardaes 213
Tavora. Vide *Oliveira e Tavora.*
Teixeira. Vide *Barão de Teixeira.*
Terceira. Vide *Duqueza da Terceira.*
Theatro do Bairro-alto. Estuda-se minuciosamente 136 e seg.
Theatro do Salitre. Fac-simile de um bilhete d'esse antigo theatro 142
Theresa — Santa — Quatro traços do seu retrato biographico 204

Thiroux de Crosne — Luiz — Intendente da antiga Policia em França 11
Thomé — Rua de S. — Hoje do Infante D. Henrique.... 25
Thornton — Sir Edward — Ministro de Inglaterra em Lisboa em 1824. Onde morava.................... 247
—— E' creado Conde de Cacilhas 280
Titeres. Theatrinho d'elles installado no palacio dos Condes de Soure............................. 136
Todi. *Aguiar Todi.*
Torre da Murta. Vide *Visconde da Torre da Murta.*
Torres Novas. Vide *Marquez de Torres Novas.*
Trancoso — Miguel Antonio — Herda varios bens no Bairro-alto.................................... 171
Trancoso Antonio — Filho do antecedente, e possuidor de grandes terrenos no Bairro-alto............ 171, 172
Trigoso de Aragão Morato — Francisco Manuel — Cita-se a sua *Memoria* sobre o theatro portuguez.......... 153

V

Vadre — D. Francisca Joanna do — Dama de uma das senhoras Infantas em 1824 278
Valentim. Escultor, autor da estatua da Senhora Mãe dos homens na Bemposta 130
Vallada. Vide *Marquez de Vallada.*
Varella. Vide *Gomes Varella.*
Vasconcellos — D. Joanna de — 4.ª mulher de D. João da Costa 82
—— Antes de casar com elle tinha sido mulher de D. Rodrigo de Sousa 82
Vasconcellos. Vide *Fernandes de Vasconcellos.*
Vendramini. Cita-se uma sua bella gravura de 1813.... 59
Vieira — Ernesto — Cita-se a sua biographia de Bomtempo.. 55
Vieira Lusitano. Possue o autor duas copias de desenhos d'elle por Joaquim Manuel da Róxa 140
Vieira da Silva — Augusto — Cita-se o seu notavel livro *As muralhas da ribeira de Lisboa*.............. 22, 25

Villa-Hermosa. Vide *Duque de Villa-Hermosa.*
Villa Nova da Rainha. Vide *Visconde de Villa Nova da Rainha.*
Villaret. Vide *La-Rue de Villaret.*
Visconde de Almeida Garrett. Restaurador do Theatro portuguez, como Bomtempo o foi da musica nacional 67
Visconde de Châteaubriand. A elle dirige um despacho o Embaixador de França acerca da Abrilada 281
Visconde de Flavigny. Addido á Embaixada de França em 1824. 250
Visconde (1.º) de Juromenha. Uma sua filha casou com o Duque de Bellune 259
Visconde de Sanches de Baêna. Allude-se á sua genealogia da familia Ludovice 8
Visconde da Torre da Murta. Communicação sua ao autor em 1903 .... 26 nota
Visconde de Villa Nova da Rainha. Em 1824 era Ajudante de ordens do senhor Infante D. Miguel 262
Viscondessa de Bardonnet. Paulida Hyde de Neuville, coordenadora e editora do livro de seu tio *Mémoires du Baron Hyde de Neuville* 246
Viscondessa de Flavigny. Autora de livros piedosos .. 250

W

Waxel — Platão de — Na sua *Historia da Musica portugueza* refere-se com elogio a Bomtempo........... 69
Wolkmar Machado — Cyrillo — Cita-se........ 148

Z

Zarco. Vide *Gonçalves Zarco.*

Ao leitor

O volume V e ultimo do **Bairro Alto** conterá os seguintes assumptos:

Praça do Principe Real — O Erario — O Collegio dos Nobres — O Pombal — A Imprensa Nacional — A Egreja de S. Mamede — O palacio Palmella — A Fabrica das sedas — O Rato — Os antigos vendeiros e vendeiras — A illuminação publica — A limpeza das ruas, etc., e um longo capitulo de conclusões.


GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 7192